

EDITORIA ABRIL - EDIÇÃO 1485
ANO 30 - Nº 9 - R\$ 3,80
5 DE MARÇO DE 1997

EXCLUSIVO

• ABERTA A CAIXA-PRETA DO FOKKER DA TAM
• O DIÁLOGO FINAL NA CABINE

veja

ISSN 0100-7122



**REPARTE DE
TRABALHO**

A REVOLUÇÃO DE

DOLLY

Já é possível clonar o ser humano

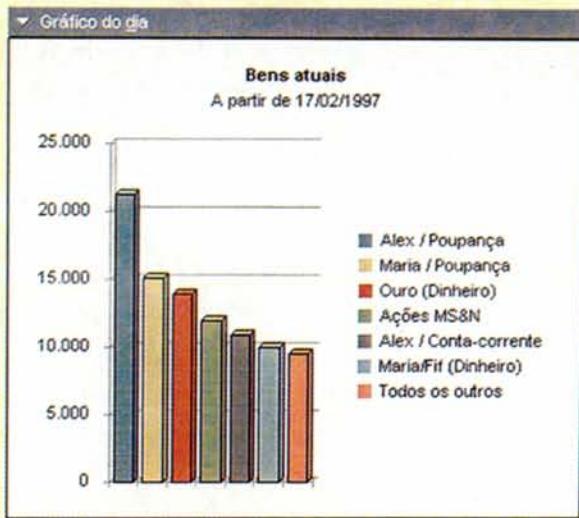
Conteúdo

Microsoft Money

Ir para

Voltar

Conteúdo



Dica do dia

Para obter ajuda em qualquer área em que estiver trabalhando, clique no ponto de interrogação do canto direito superior da tela.



Iniciar

EXEMPLO - Microso...

Microsoft PowerPoint

Microsoft Word - Folheto ...

17:04

RESET

COLOR

GEOM

SIZE CENTER

POWER SAVING





Internet Banking agora integrado ao Microsoft Money 97.

(versão em português)

É como um Gerente
tomando conta dos seus
negócios, via Internet.

"O Bradesco é o primeiro Banco da América Latina a integrar o Microsoft Money 97 com a Internet". Quem diz isso é Steve Ballmer, vice-presidente da Microsoft Corporation. E quem ganha com isso é o Cliente Bradesco, que passa a contar com o mais moderno gerenciador financeiro do mercado. Com o Money 97, você controla suas contas, despesas e rendimentos, obtém informações sobre seus investimentos, faz previsão de orçamentos etc. Enfim, organiza toda a sua vida financeira. Esta é apenas uma das vantagens de ser Cliente Bradesco. Se você ainda não é cliente, venha conhecer as outras e abra uma conta com a gente.

*Adquira o seu Microsoft Money 97 pelo telefone 0800-158788, ou se preferir pelo e-mail: bradesco@bradesco.com.br, ou ainda nas Agências Bradesco.

* DISPONÍVEL A PARTIR DE 10.03.97.

Bradesco. Cada vez mais Serviços. Cada vez mais Banco.

BRADESCO



APG AMANA

O Programa de Atualização de Executivos que Efetivamente Faz Acontecer.

- Programa classe mundial focado no estratégico, no humano e no fazer acontecer.
- Dirigido exclusivamente a executivos de diretoria e de alta gerência.
- Mais de 2.000 executivos já fizeram o APG e a avaliação é unânime: "...surpreendente e fora de série...", "...know-how de ponta...", "...gera mudanças efetivas...", "...faz evoluir o profissional e o pessoal...", "...excelência de nível internacional...".
- Ligue o quanto antes para marcar a entrevista de seleção.

PRÓXIMAS TURMAS 97:

- 17 a 27/03, em São Paulo
- 08 a 18/04, em São Paulo

Informe-se também sobre o ACS, o APG para o nível intermediário.

Ligue: (011) 3741-4567

AMANA-KEY

IDÉIAS AVANÇADAS EM GESTÃO PARA CRIAR UM FUTURO MELHOR PARA TODOS

Editora Abril

Fundador

Victor Civita

(1907 - 1990)

Presidente e Editor: Roberto Civita

Vice-Presidente e Diretor Editorial: Thomaz Souto Corrêa

Vice-Presidente Executivo: Luiz Gabriel Rico

Diretor de Desenvolvimento Editorial: Celso Nucci Filho

Diretor de Recursos Humanos: Egberto da Medeiros

Secretário Editorial: Eugênio Bucci

Diretor de Operações: Gilberto Fischer

Diretor de Serviços Editoriais: Henrique Kobata

Diretor de Controle de Gestão: Hong Yuh Ching

Diretor de Publicidade: Orlando Marques

veja

Diretor de Redação: Mario Sergio Conti

Diretor Adjunto: Tales Alvarenga

Redator Chef: Paulo Moreira Leite

Editores Executivos: Eduardo Oineque, Laurentino Gomes, Maria Cecília Marra [arte], Vilma Gryzinski

Editor: Antenor Nascimento Neto, Jaime Klimtowitz, João Gabriel Santana de Lima, Lúcia Capriglione, Manoel Francisco Britto,

Maria do Carmo Tylia [arte], Mário Sabino, Maurício Cardoso, Olíkky de Souza

Subeditores: Angela Pacheco Pimenta, Arlete Salvador, Celso Masson, David Friedlander, Eliana Simonet, Ernesto Bernardo, Fernanda Scalzo, Flavia Varella, Izalco Sardenberg, Joaquim de Carvalho, Karina Pastore, Marco Chiaretti, Monique Kachani, Neusa Sanchez, Ricardo Valladares, Roger Ferreira, Thomas Traumann

Editores Assistentes: Darlene Menconi, Eduardo Junqueira, João Soriano Neto, Ricardo Grinbaum

Editores Especiais: Dorrit Harazim, Gerald Mayrine, Marcos Silvano Corrêa, Roberto Pompeu de Toledo, Silvio Frazza

REPORTAGEM

São Paulo - Secretário de Redação: Julio Cesar de Barros; Reporteres: Andréa Barros, Angélica Santa Cruz, Daniel Nunes Gonçalves, Glenda Mezarroba, Valéria Franchi - Belo Horizonte - Chefe: Estrela Paiva - Brasília - Chefe: André Petry; Editor Especial: Expedito Filho; Editor: Polícarpo Jr.; Subeditores: Leonel Rocha, Mônica Bergamo; Editores Assistentes: Heloésa Patrício, Sandra Brasil; Reporteres: Gerson Camarotti, Vladimir Netto - Curitiba - Chefe: Franco Caires - Rio de Janeiro - Chefe: Ancelmo Gois; Editora: Mara Luquet; Editores Assistentes: Altair Thury Filho, Virgínia Leite; Reporteres: Marcondes Gonçalves Carmacho, Paula Alvaran, Raquel Almeida, Roberta Feres Paixão

Porto Alegre - Chefe: João Fabio Caminoto Recliffe - Chefe: Silvana Dal Bosco
Salvador - Chefe: Manoel Fernandes - Nova York - Europeus Alcântara

Colaboradores: Diogo Mainardi e Jô Soares

FOTOGRAFIA

Checkadores: Adam Sun [chefes]: Clara Ywata, Maria Margarida Negro, Rosana Agrella Silveira
São Paulo - Fotógrafos: Antonio Milena, Claudio Rossi, Egberto Nogueira, Frederic Jean Laouenan. Coordenação: Gilda Castral
Rio de Janeiro - Fotógrafos: Oscar Cabral, Paulo Junes - Fotógrafos: Ana Araújo, Orlando Brito

ARTE

Diagramação: Cristiano Tadeu Faé Rosa, Mario José Carvalho, Reinaldo Antunes de Moura, Sérgio dos Santos,

Wander Luiz Silva; Edição de Imagens: Roberto Elio Nejme, Infografia: Andreia Caires, David Premero, Norton Mattos; Capas: Rodrigo Andrade

Produção Editorial - Gerente: Roberto Gerosa; Supervisores: Clara Baldriati, Marcos Prestes [edição/revisão]; Danilo A. Ferreira [tratamento de imagem]

APOIO EDITORIAL

Depto. de Documentação: Susana Camargo; Abril Press: José Carlos Augusto; Nova York: Grace de Souza; Paris: Pedro de Souza;
Rio de Janeiro: Christiane Fleury. Serviços Internacionais: Associated Press/Agence France Presse/Reuters/Materias internacionais via Varig

Diretor Comercial: Orlando Marques

ADMINISTRAÇÃO: Diretor de Planejamento e Controle Operacional: Maurício Dabul

Diretor de Vendas de Assinaturas: William Pereira

CIRCULAÇÃO: Diretor: Mauro Calliani

Diretor de Atendimento e Operações de Assinaturas: Paulo Vasconcelos

PUBLICIDADE: Diretor: Márcio M. Martinelli

Vendas São Paulo: Executivos de Negócios: Evandro A. Audi, João Paulo Pizzaro, Maria Lucia V. Strobek, Mariane Ortiz, Paulo Cassis, Selma F. Souto. - Gerentes de Publicidade: Marcos P. Gomes, Robson do Monte - Executivos de Contatos: Ana Paula Teixeira, André Luis de Almeida, Cris Costa Moreira, Denise Mortatti, Fábio Vioia, Irene Vergilio, Luciano de Almeida, Luiza H. Pantaica, Regina Scansani, Rogério Oliveira Silva, Tatiana Dallalalla, Wlamir Lino Gonçalves - Gerente de Classificados: Mônica Arruda

Vendas Rio de Janeiro: Gerentes de Publicidade: Edson Mello, Paulo Renato Simões

Executivos de Contatos: Alize Cunha, Andreia Veiga, Beatriz Ottino, Leda Costa, Zemirli Mamede

MARKETING: Diretora: Martha Serra Negra Cajado

Gerente de Marketing Pubbliar: Eduardo Paschoa

Diretor Escritório Brasília: Luiz Edgar P. Tostes

Diretor Escritórios Regionais: Marcos Venturoso

Diretor Escritório Rio de Janeiro: Ricardo Canella

Representante em Portugal: Manuel José Telles

VEJA: Redação e Correspondência: av. Otaviano Alves de Lima, 4400, Freguesia do Ó, CEP 02909-900, tel.: (011) 877-1322, fax: (011) 877-1640.

Publicidade: c. Geraldo Flauzino Gomes, 61, Brooklyn, CEP 04573-900, tel.: (011) 534-5344, 0800-166676, fax: (011) 534-5638.

Administradora: av. Otaviano Alves de Lima, 4400, Freguesia do Ó, CEP 02909-900, tel.: (011) 877-1322, fax: (011) 877-1640.

Escrítores da Editora Abril: Belo Horizonte - Praia das Flores, 1122, 18^o and., Funcionários, CEP 30130/141; tel.: (031) 261-6104, fax: (031) 261-7114 - Brasília: SCN - Q. 1 Blo. Ed. Brasília Trade Center, CEP 70110-902, tel.: (061) 315-7575, fax: (061) 315-7539 - Campinas: c. Conceição, 233, 26^o and., cj. 2613/2614, CEP 13100-900, tel.: (019) 233-7125/234-4231, fax (019) 233-2795 - Campo Grande: c. Ametista, 85, Cooperação, CEP 99002-970, tel.: (067) 787-3685 - Cuiabá: c. G, casa 8, Setor Oeste, Morada do Ouro, CEP 78000-000, tel.: (065) 644-1539 - Curitiba: av. Clíndio de Abreu, 651, 12^o and., Centro Cívico, CEP 80530-000, tel.: (041) 352-2426, fax: ramal 2225 - Distrito Federal: CEP 74175-060, tel.: (062) 241-3756, fax: (062) 281-6148 - Porto Alegre: Rua Lemos, 57, 8^o and., sl. 802, Menino Deus, CEP 90850-000, tel.: (051) 231-4857 - Recife: av. Dantas Barreto, 1186, cj. 904, São José, CEP 50200-000, tel.: (081) 424-3333, fax: (081) 424-4216 - Rio de Janeiro: R. João Penteado, 164, Sumaré, CEP 20025-010, tel.: (016) 635-9630, fax: (016) 635-9233 - Rio de Janeiro: r. Passagem, 123, s/n, Botafogo, CEP 22290-030, tel.: (021) 546-8282, fax: (021) 275-9347 - Salvador: av. Tancredo Neves, 1283, sl. 303, Pituba, CEP 41829-900, tel.: (071) 341-4999, fax: (071) 341-5583 - Vitória: r. Eng. Fábio Ruschi, 42-A, Bento Ferreira, CEP 40900-670, fax: (027) 325-3329.

Escrítores no exterior: Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street, suite 3403, New York, NY, 10163/53403, tel.: (0121) 557-5990/5993, fax: 983-0972; telex (00) 237670 - Paris: 33, rue de Miromesnil, 75008 Paris, tel.: (033) 42-66.31.18, fax: 42-66.13.99, telex (004) 060731 ABRILPA - Portugal - Importação exclusiva e Comercialização: Abril-Controljornal-Editora Ltda., Largo da Lagoa, 15C, 2793 Linda-a-Velha, tel.: (00351) 416-8700, fax: (00351) 416-8701. Distribuidora: Delatpress-Sociedade Distribuidora de Publicações Ltda., Cana Rosa, Tapada Nova, Linhó, 2710 Sintra, tel.: (00351) 924-9940, fax (00351) 924-0429.

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL

Interesse Geral: VEJA • ALMANAQUE ABRIL • SUPERINTERESSANTE • INFORMÁTICA EXAME • VIP EXAME • HOMEPC

Economia e Negócios: EXAME

Automobilismo e Turismo: QUATRO RODAS • GUIA QUATRO RODAS

Esportes: PLAYBOY

Musical: PLAYBOY

Feminino: CLAUDIA • ELLE • NOVAEQUIM • FACIL-FACIL • CAPRICHO

Decoração e Arquitetura: CASA CLAUDIA • ARQUITETURA & CONSTRUÇÃO

VEJA | 485 (ISSN 0100-7122), ano 30^o, 9. Veja é publicada semanalmente, exceto no fim do ano, quando publica duas edições em uma. Assinatura: você pode interromper a assinatura a qualquer momento, sem sofrer nenhum ônus. mediante sua solicitação, você terá direito à devolução do valor correspondente aos exemplares a receber, devidamente corrigido de acordo com o índice oficial aplicável. Com sua assinatura, seu nome passa a ser incluído na lista de clientes preferenciais da Editora Abril, que poderá cedê-la a empresas idôneas para fins de divulgação e promoção de produtos de seu interesse. Caso não queira fazer parte dessa lista, escreva para Editora Abril — Assinaturas, Rua do Cutume, 769-Lapa - CEP 05066-900 - São Paulo - SP. Números atrasados (as doze últimas edições resoldidas, mediante disponibilidade de estoque); ao preço da última edição em banca, mais 30% para despesas de postagem nacionais e internacionais; para despachos de postagens internacionais consultar nossa central de atendimento, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor DINAP S/A - Carioca Post 2505, Onça - SP, fax: (011) 868-3018, tel.: (011) 868-3038, dinap.na@email.abril.com.br. O pagamento poderá ser feito através de cheque nominal ou pelos cartões Visa, Credicard e Diners. Todas as diretrizes de pagamento podem ser obtidas na página da Internet da Editora Abril S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.

Centro de Antendimento: endereço de seguida, sexta, das 8h às 18h.

Belo Horizonte (031) 261-7070, Brasília (061) 321-8855, Cuiabá (067) 352-3141,

Florianópolis (048) 224-7589, Porto Alegre (051) 321-4177, Recife (081) 424-1655.

Rio de Janeiro (021) 295-5544, Salvador (071) 341-5577, São Paulo (011) 823-9222.

Impressa na divisão gráfica da Editora Abril S.A.

INTERNATIONAL ADVERTISING SALES REPRESENTATIVES

COORDINATOR FOR INTERNATIONAL ADVERTISING: Global Advertising, Inc. 218 Olive Hill, Suite 1000, Woodside, California 94068, U.S.A. - UNITED STATES: World Media Inc. [concessões Brown], 21 East 50th Street Suite 900, New York, New York 10016, tel.: (212) 211-8380, fax: (212) 211-8380 - Canada: 1000 Yonge Street, Toronto, Ontario M5B 1E6, tel.: (416) 481-1000, fax: (416) 481-1000 - U.K.: 1000 London Avenue, London NW1 3AB, tel.: (0181) 480-4376 - JAPAN - IMI Corporation, Saika Lend Bldg, Ginza 4-chome, Chuo-ku, Tokyo 104, tel.: (03) 3546-2237, fax: (03) 3546-2237 - TAIWAN - Lewis Int'l Media Service Co. Ltd, Floor 13-14, No. 46, Sec. 2, Tien Hua South Road, Taipei, Tel.: (02) 707-5319, fax: (02) 707-5319.

VEJA is published weekly by EDITORA ABRIL S/A [Rua do Cutume, 769 - São Paulo, SP, CEP 05065-001 - Brazil]. A yearly subscription abroad costs US\$ 280.00. Single copies for US\$ 5.00. To subscribe call: (011) 823-9000, or write to: Rua do Cutume, 769 - CEP: 05065-001 - São Paulo, SP.

Grupo Abril

Presidente: Roberto Civita

Vice-Presidentes: Angelo Rossi, Claudio Dascal, Fatima Ali, José Augusto Pinto Moreira, José Wilson Armani Paschoal, Luiz Gabriel Rico, Plácido Lorriggio, Raul Rosenthal, Thomaz Souto Corrêa





Capa: Depois da ovelha Dolly, fica mais fácil clonar o ser humano.

Pág. 92



Especial: Como está o Peru enquanto terroristas mantêm os 72 reféns.

Pág. 34



Aviação: A conversa da tripulação do Fokker segundos antes do acidente.

Pág. 106

Carta ao leitor	7
Entrevista: José Celso de Mello Filho	9
Radar	12
Veja essa	14
Hipertexto	17
Opinião	18
Cartas	18

Brasil

CPI O tamanho do imbróglio	22
Governadores em apuros	24
Quem ganhou com os precatórios	27

Internacional

França Recuo na lei dos imigrantes	30
EUA A pensão de Bill Clinton	32
Notas internacionais	33
Especial O terceiro mês do seqüestro no Peru	34

Geral

História Mostra revela o fotógrafo da guerra	50
Lazer Risco e prazer nas corredeiras	61
Medicina Aumentam os testes de DNA	68
Drogas O absinto volta a Praga	69
Comunicação Os pagers com mensagens em viva voz	77
Perfil Oded Grajew	86
Família O suicídio assistido de um aidético	91
Ciência A revolução de Dolly	92
Moda As coleções de inverno	100
Justiça O fim do caso Claudia Liz	103
Gente	104
Aviação Dentro da cabine do Fokker da TAM	106
Como vivem as famílias das vítimas	110
Consumo O confuso lançamento da premium	114
Imigração Brasileiros no processo suíço	115
Datas	115

Economia e Negócios

Turismo Fica mais barato viajar no Brasil	116
Fortuna Os americanos mais ricos da História	117
Cotações	118

Artes e Espetáculos

Livros Autobiografia de Mia Farrow	119
Cultura O mito Evita	120
Televisão Câmara oculta do Fantástico	124
Fotografia Mapplethorpe no MAM	126
Ensaio Roberto Pompeu de Toledo	130

Capa foto: Reuters



1 ano de
Internet
GRÁTIS
(5 HORAS/MÊS)

IBM Direto

0800-111426

VOCÊ VAI FALAR COM QUEM ENTENDE. Ligue de segunda a sexta, das 8h30 às 20h. **RAMAL 1008**



Soluções para um mundo pequeno.



* Preços válidos para pessoas físicas, para os estados de SP, PE, DF, RS, RN e BA, com frete e impostos inclusos. Para outras localidades, consulte sobre os diferentes preços. ** Financiamento Multiplic em 24 parcelas, somente para pessoas físicas, com juros de 3,49% a.m. + I.O.F., sujeito a alterações. Quantidade ofertada dos produtos do dia 17/02 a 31/03/97 ou enquanto durar o estoque. O monitor, teclado e caixas de som podem não corresponder ao apresentado. Os softwares incluídos variam de acordo com o modelo do Aptiva. Garantia no balcão da Rede de Assistência Técnica Autorizada de 3 anos para CPU e 1 ano para monitor, teclado, mouse, microfone e caixas acústicas. * São 5 horas gratuitas por mês, com isenção de taxa de inscrição na Internet. Provedor: IBM. Atenção: ligações locais somente nas cidades de São Paulo, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Salvador e Fortaleza. É necessário possuir cartão de crédito para obter acesso.

Visite nossa Home Page: <http://www.ibmdirito.com.br> - IBM Direto - Rua Tutóia, 1.157 - 12º andar - São Paulo.

Se na hora da educação do seu filho você procura a melhor escola, compre um

IBM Aptiva.

Aptiva K21

(100 UNIDADES)

R\$ 2.399,00* à vista ou em

24 iguais de

R\$ 158,76**

Total a prazo: R\$ 3.810,26**

- Pentium 120 MHz
- 10 MB de RAM / 2 MB de memória de vídeo
- Flexible memory - Permite transferir 1 MB de memória de vídeo para RAM ou vice-versa
- HD de 1.2 GB
- Modem/Fax de 28.8/14.4 Kbps
- Monitor de 15"
- Mais de 30 softwares inclusos

Scanner Colorido IBM

(50 UNIDADES)

R\$ 499,00* à vista ou em

24 iguais de

R\$ 33,02**

Total a prazo: R\$ 792,54**

- Transfere imagens com resolução de até 1.200 dpi
- 16 milhões de cores
- Função de copiadora e fax
- Inclus software Recognita para reconhecimento de texto
- Software Iphotos Plus para edição de imagem e texto
- 1 ano de garantia no balcão da Rede de Assistência Técnica Autorizada

Carta ao leitor

Notícias e implicações éticas

Ética é a parte da filosofia que investiga o que é moralmente bom ou ruim, certo ou errado. O primeiro tratado profundo sobre o tema foi o livro *Ética a Nicômaco*, de Aristóteles. Ao estudar os costumes de sua sociedade, a Grécia do século IV antes de Cristo, o filósofo deduziu toda uma série de virtudes éticas: a firmeza, a generosidade, a temperança, a franqueza, o pudor etc. Se Aristóteles pudesse estudar a sociedade globalizada do final do segundo milênio depois de Cristo, teria material à beira para reflexão. O desenvolvimento tecnológico e científico, por exemplo, fez com que surgissem a fotografia, a televisão e a engenharia genética. São invenções que, num plano absoluto, têm uma finalidade ética tal como enunciada por Aristóteles: visar o bem, e o maior dos bens, a felicidade humana.

Mas, em muitas situações, em desenvolvimentos bastante concretos, o uso que se faz dos bens criados pela ciência e pela tecnologia faz surgir dilemas éticos. Tome-se esta edição de VEJA. Há uma reportagem que fala do fotógrafo russo que adultera uma foto para que ela resuma um momento da História. Outra a respeito do programa de televisão que, empregando uma câmera escondida, flagra pessoas sem avisá-las de que suas imagens e falas estão



Aristóteles: virtudes num tempo sem clonagem

sendo gravadas. E a reportagem de capa investiga a possibilidade concreta de clonar um ser humano. Numa época como a nossa, de mudanças aceleradas, de certezas milenares que caem por terra, é muito difícil querer deduzir comportamentos éticos fixos e imutáveis, como no tempo de Aristóteles. Naquela época não havia fotografia nem manipulação fotográfica, televisão nem câmaras ocultas, microbiologia nem clonagem genética. Sabia-se pouco sobre natureza e também sobre o que hoje se entende como ciência. VEJA não pretende ter respostas definitivas sobre as questões éticas embutidas nessas reportagens. O que a revista quer é informar o leitor sobre os fatos, o contexto em que se deram e quais as suas implicações.

Dia 8 é
stern
o dia
estrela
internacional
étoile
da sua
stella
mulher.
star

Linha Lola. Anéis em ouro três cores 18K com pavés de diamantes brancos, amarelos e rosés. Preços a partir de R\$ 2.240,00 à vista ou em três vezes iguais sem juros, válidos até 15/03/97. Total de peças: 18. Peças ampliadas para mostrar detalhes. Compre também por telefone e receba sua jóia em casa. (0800-22-7442) VE 003



CHEGOU O CONSÓRCIO ASSOASIA.



Topic Passageiros



Towner Truck



Towner Passageiros



Topic Furgão



Towner Furgão

A partir de R\$ **213,81** por mês.*

* Valor da parcela correspondente ao modelo Towner Truck, em plano de 60 meses, com base no câmbio de R\$ 1,0437 (comercial venda), do dia 27/01/97, reajustáveis de acordo com a variação cambial no dia da Assembléia. Frete não incluso.



ASIA
ASIA MOTORS
Administração:



ESSE FALA A SUA LÍNGUA.

Procure uma das concessionárias Asia Motors em qualquer parte do Brasil ou ligue para Central de Atendimento: **0800-553611**.

A lei é o limite

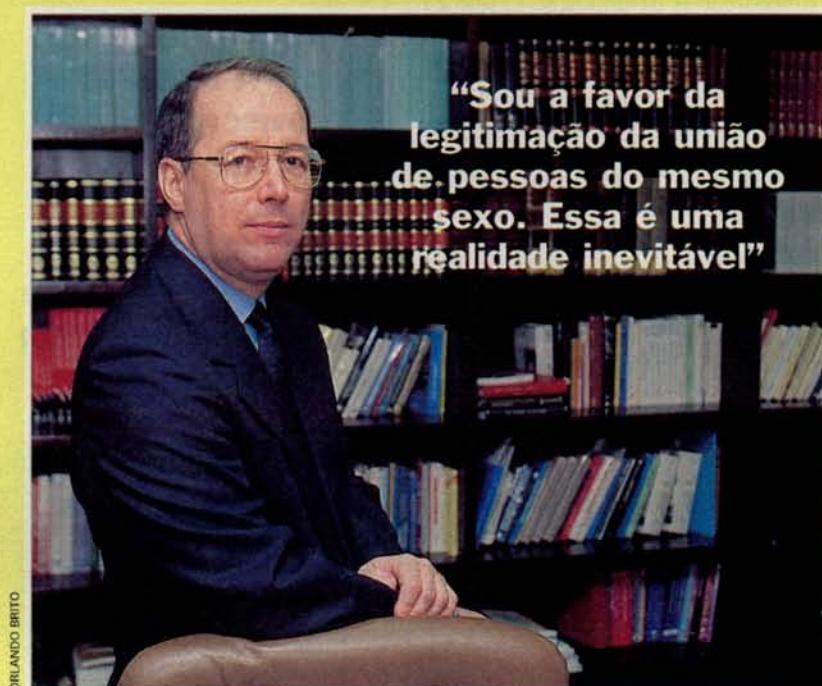
O futuro presidente do STF critica o uso abusivo das medidas provisórias e diz que os governantes devem ajustar-se à Constituição

Policarpo Junior

O ministro José Celso de Mello Filho, 51 anos, será a partir de maio o novo presidente do Supremo Tribunal Federal. É o mais alto cargo de uma Justiça célebre pela lentidão e inoperância: em todo o Brasil, há mais de 6 milhões de processos nas prateleiras e menos de 9 000 juízes para julgá-los. Mello assumirá o posto no meio de um tiroteio entre a Justiça e o Palácio do Planalto. Há duas semanas, quando o Supremo deu aumento salarial de 28% a um grupo de funcionários públicos, o presidente Fernando Henrique Cardoso acusou os ministros do STF de não pensarem no Brasil. Dias depois, 27 presidentes dos tribunais de Justiça se reuniram em Macapá e, encerrado o encontro, lançaram uma carta contundente acusando o governo de concentrar tanto poder que já representa uma ameaça à democracia. "Existe um evidente ensaio de expansão dos poderes do Executivo", diz o ministro Mello. "Na democracia, não é possível que se crie uma instância hegemônica de poder."

Veja — *Tendo a Justiça brasileira tantos defeitos, não é um acinte ver juízes fazendo passeata por melhores condições de trabalho?*

Mello — Os magistrados são cidadãos. Têm o direito de pensar e analisar a situação institucional. Essas manifestações são válidas, desde que não sejam acompanhadas de paralisação. Isso, se vier a ocorrer, além de grave, colocaria em risco o direito das pessoas. O magistrado é um delegado do



"Sou a favor da legitimação da união de pessoas do mesmo sexo. Essa é uma realidade inevitável"

povo que, em nome do povo, administra a Justiça. Não tem sentido que pense apenas em si próprio.

Veja — *O que o senhor achou do encontro de Macapá, no qual os presidentes de 27 tribunais de Justiça acusaram o governo federal de ameaçar a democracia?*

Mello — Entendo que a magistratura está preocupada com o respeito à Constituição por parte de quem exerce o poder. Trata-se de uma manifestação legítima que tem por fundamento a liberdade de expressão. Mas entendo que os compromissos do presidente da República com a preservação da ordem democrática são reais e verdadeiros.

Veja — *Por que estão ocorrendo atritos entre o Palácio do Planalto e o Judiciário?*

Mello — Vivemos sob um regime constitucional no qual o que prevalece é a vontade da Constituição, e não a vontade pessoal dos governantes. Houve uma fricção entre o Executivo e o Judiciário,

que considero até normal. Mas acho que precisamos extrair a lição correta do episódio: os governantes devem ajustar seus projetos à Constituição, e nunca o contrário. A Constituição é o parâmetro de toda atividade estatal e não pode degradar-se à condição de peça subalterna a ser manipulada irresponsavelmente pelos governantes. Respeitado esse limite, toda atividade estatal é válida e é legítima. Mas, no momento em que o limite é ultrapassado, é essencial que o Judiciário reaja. Não importa de que parte do Estado provenha o ato unconstitutional.

Veja — *O governo está violando a Constituição?*

Mello — Há um evidente ensaio de expansão dos poderes do Executivo. Não é possível que se crie, num regime democrático, uma instância hegemônica de poder. A harmonia é uma necessidade básica para o funcionamento das instituições. Um exemplo claro dessa expansão é o avanço do governo sobre as funções legislativas

do Congresso Nacional, por meio do abusivo uso das medidas provisórias.

Veja — *O senhor é contra as medidas provisórias?*

Mello — É preciso dotar o Estado de mecanismos ágeis para situações extraordinárias de urgência. O que eu questiono é a transformação desse excepcional poder numa prática habitual e ordinária de legislar, que pertence ao Parlamento. Como cidadão, preocupa-me essa crescente apropriação institucional pelo presidente da República do mais expressivo poder que a Constituição garante ao Congresso. Não se pode ignorar que a medida provisória tem um componente autoritário indiscutível. Ela traduz a manifestação unilateral do governante. É a vontade unipessoal do princípio que se impõe sobre toda a coletividade sem prévio debate parlamentar. Ela é impositiva e, dessa forma, permite ao presidente da República que dite sua vontade. Nem mesmo a Constituição outorgada pela ditadura militar conferiu em matéria de decreto-lei tantos poderes ao presidente. O presidente pode virtualmente tudo, e isso não é aceitável num regime democrático.

Veja — *O que deveria ser feito?*

Mello — O uso abusivo das medidas provisórias deveria caracterizar, nos termos de lei a ser editada, crime de responsabilidade do presidente da República. Com isso se legitimaria a instauração do processo de impeachment, para permitir a sua destituição constitucional do poder. É preciso ter presente que a medida provisória, bem ou mal, é um mecanismo que deve ser exercido com parcimônia dentro dos limites da Constituição.

Veja — *Por que há a impressão generalizada de que a Justiça não funciona?*

Mello — O Brasil tem ótimos magistrados. Mas o Judiciário ressentente-se a todo momento e em todos os níveis de falta de recursos materiais. A questão crônica da morosidade revela-se grave e impõe a adoção de meios para superá-la, embora a lentidão não seja um problema exclusivo da Justiça brasileira. Tem conotação universal. Agora, é fundamental deixar claro que nenhuma proposta de transformação do Judiciá-

rio pode suprimir o direito de acesso à Justiça e o direito ao exercício pleno da garantia de defesa. É necessário reconhecer que existe uma multiplicidade de demandas provocadas por leis de duvidosa qualidade constitucional. Outra questão importante é que muitos

“A medida provisória tem um componente autoritário. É a vontade do princípio que se impõe sobre a coletividade. Nem a Constituição outorgada pela ditadura militar conferiu tantos poderes ao presidente da República”

magistrados têm resistências culturais que dificultam o pleno exercício da Justiça. São juízes dotados de boas convicções, mas extremamente conservadores quanto à aplicação da lei.

Veja — *O que isso significa?*

Mello — Esses magistrados se recusam a aceitar inovações e transformações ditadas pela realidade social. Usam o rigor do que está escrito na lei e deixam de buscar os caminhos mais amplos que as leis oferecem para fazer justiça. Um exemplo é a questão da relação de pessoas não casadas. Processos se arrastaram nos tribunais antes que se criasse jurisprudência reconhecendo o concubinato. Foi a criação inovadora dos tribunais que permitiu, num primeiro momento, que se reconhecessem determinados direitos às pessoas não casadas. Mais tarde, os legisladores regularam a matéria. Mas os magistrados têm dificuldades em romper algumas barreiras.

Veja — *O reconhecimento da união entre homossexuais é uma delas?*

Mello — Sim. Sou a favor da legitimação da união de pessoas do mesmo sexo. Essa é uma realidade inevitável e que deve ser objeto de adequada normatização. O Poder Judiciário já reconheceu que a formação de um patrimônio comum, a partir do esforço de ambos os consortes, impõe a divisão dos bens na hora da separação. É o princípio da justiça. Mesmo porque nada existe em nosso sistema jurídico que impeça esse tratamento no caso de uma união homossexual. Nada impede que o magistrado construa interpretações próprias a partir da necessidade de realizar os fins sociais a que se dirige a lei. O problema é que, muitas vezes, essa visão é condicionada por uma abordagem conservadora que, ignorando o espírito do tempo, restringe o alcance da lei.

Veja — *É isso que cria nas pessoas uma sensação de injustiça?*

Mello — A injustiça deve ser procurada fora do Poder Judiciário. Ela decorre da extrema desigualdade social e da falta estarrecedora de políticas públicas para promover os direitos básicos da pessoa humana. Situações de injustiça, portanto, se criam devido à ausência do Estado e do aparelho governamental. Por exemplo, quando o Estado paga 30 reais por mês a um professor é indiscutível que estará criando situações marginais que, em geral, provocam lesões gravíssimas à dignidade das pessoas. O Poder Judiciário nem sempre dispõe de meios para resolver esses gravíssimos problemas.

Veja — *O governo está preocupado com essa situação?*

Mello — Vejo empenho do governo em abordar algumas questões. A intenção é importante, a disposição é fundamental, mas a realização é essencial. Eu tenho visto intenção e disposição, mas a implementação me parece limitada. São necessários compromissos que limpem a mancha do desemprego e da miséria. Há também um descaso cruel por pessoas que buscam o direito à saúde. Isso gera situações de tremenda injustiça que nem sempre o Judiciário tem meios para corrigir.

Veja — *O senhor já se sentiu frustrado em não conseguir fazer justiça?*

Mello — Já. Lamento que uma decisão minha, certa vez, tenha prejudicado alguns aposentados. Estava em discussão um artigo da Constituição que impede os aposentados do INSS de receber menos que um salário mínimo. Muitos aposentados tentaram conseguir esse direito, mas o fizeram fora do prazo. Eles tinham o direito, mas, por uma questão formal, perderam a causa. É frustrante, porque o pedido era justo.

Veja — *Foi também devido a questões formais que o ex-presidente Fernando Collor foi absolvido no Supremo?*

Mello — O Judiciário não pode julgar pressionado pelo clamor das ruas. O julgamento deve ser sempre sereno e imparcial. Todo réu tem direito a um processo legal. Um julgamento deve considerar apenas aquilo que conste do processo. Sob esse aspecto, é de grande importância, e de grave responsabilidade, a função do Ministério Público, pois ele é o autor da acusação penal e deve provar a responsabilidade do acusado. No caso do ex-presidente, as acusações não estavam devidamente comprovadas. Embora seja difícil para a maioria das pessoas compreender, o magistrado só pode formar sua convicção a partir das provas lícitas existentes no processo.

Veja — *Alguém então falhou?*

Mello — É difícil para o magistrado avaliar isso. Mas é bom lembrar que o processo criminal começa pela polícia, passa pelo Ministério Público e termina com a sentença do juiz. A atuação policial merece uma grave reflexão por parte daqueles que desejam uma polícia respeitadora dos seus limites constitucionais. Uma polícia que pauta seu comportamento pelo respeito à ordem constitucional é uma polícia que pode representar um papel da maior importância num processo de investigação penal. Mas, infelizmente, não é isso que sempre acontece. A polícia, em muitas ocasiões, trabalha mal e emprega meios ilícitos de investigação, como a tortura. Além de intolerável, isso não tem valor nenhum. A tortura é a negação irracional, imoral, criminosa e arbitrária dos direitos da pessoa humana.

Certa vez, libertei um traficante de drogas. É duro colocar um traficante na rua, mas temos de respeitar a lei. Naquela ocasião, a polícia elucidou o caso do traficante com escuta telefônica clandestina. Se esse comportamento fosse tolerado, o regime das

rio. Na minha opinião, a mulher tem o direito sobre o seu corpo. Daí por que sou favorável ao aborto com alguns limites. A Suprema Corte americana reconheceu isso há mais de vinte anos.

Veja — *Como o sistema penitenciário brasileiro trata seus presos como animais, um juiz se sente confortável, praticando justiça, ao mandar alguém à prisão?*

Mello — Não. A organização penitenciária brasileira é um instrumento de degradante ofensa às pessoas sentenciadas. O condenado é exposto a penas que não estão no Código Penal, geradas pela promiscuidade e pela violência. O sistema penitenciário subverte as funções da pena. Assim, deixa de cumprir sua meta básica, que é a de ressocialização. Mas, mesmo ante a hipótese de melhorar o sistema penitenciário, precisamos discutir quais crimes devem ser punidos com pena privativa da liberdade. Não tem cabimento condenar à prisão alguém que cometeu um pequeno furto. Conheço o caso exemplar de um servente de pedreiro, de 22 anos, que foi condenado a um ano e meio de prisão pelo furto de três canários belgas. Isso é uma concepção atrasada. Acho que existem crimes para os quais deveríamos ter outras punições. Há uma tendência mundial de aplicação das chamadas penas alternativas. Pode-se punir com a prestação de serviço à comunidade, por exemplo.

Veja — *O crime compensa?*

Mello — De modo nenhum. O crime não pode e não deve compensar. O crime é uma conduta que transgride valores éticos e jurídicos fundamentais. Deve, por isso, constituir objeto de repressão.

Veja — *Mas nas penitenciárias brasileiras não há corruptos nem sonegadores. Ou não existe esse tipo de criminoso por aqui ou, para eles, o crime compensa...*

Mello — Essas situações anômalas não podem persistir. Lamentavelmente, para os chamados delitos do colarinho-branco, o crime parece que ainda compensa. Não compensará quando o aparelho de Estado agir com severidade na repulsa e punição a esses delitos. ■

“Num Estado leigo, nem juízes, nem governantes, nem legisladores podem proferir decisões baseadas em princípios religiosos. Na minha opinião, a mulher tem direito sobre o seu corpo. Por isso, sou favorável ao aborto com alguns limites”

franquias individuais se tornaria um conceito vazio e inútil.

Veja — *Uma atuação conjunta entre o Ministério Público e a polícia não poderia melhorar esse quadro?*

Mello — Devemos refletir sobre essa idéia. Parece-me importante que haja uma coordenação entre esses dois organismos, que são importantes para a repressão penal. Os dois já trabalham juntos em países como a Itália e a França. A primeira coisa a fazer, no entanto, é a unificação das polícias. Num Estado democrático, não há mais lugar para uma polícia militar. A atividade policial é essencialmente civil.

Veja — *É justo proibir o aborto?*

Mello — O problema dessa discussão é que ela vem impregnada de razões de ordem religiosa. Nem juízes, nem legisladores, nem governantes têm o direito, num Estado leigo, de proferir decisões com base em convicções pessoais fundadas em princípios religiosos. Isso gera um comportamento discriminatório.

Ancelmo Gois

Lima fisgado pelo Fisco

Os auditores que investigaram as declarações de renda do deputado Paulo Lima e de suas empresas estão perplexos. Eles não entendem por que diabos o parlamentar do PFL anda dizendo que o presidente Fernando Henrique Cardoso aliviou a pressão da Receita sobre seus negócios, a começar pela Universidade do Oeste Paulista, de propriedade da família do deputado. Considerando que Paulo Lima e seus sócios pagaram cerca de 30 milhões de reais em multas à Receita, os homens do Fisco não vêem motivo para que o deputado esteja feliz da vida com a Receita — a não ser que tenha escondido algo.



CHICO CARUSO/AG. O GLOBO

— Volta, Rex!

Reforma limitada

O presidente Fernando Henrique vai tentar levar na lábia essa coisa da reforma ministerial. Para ele, o que sobra mesmo são dois ministérios para o PMDB: Justiça e Transportes. A gula maior dos pemedebistas é com a pasta dos Transportes. Lá rolam muito dinheiro e obras. Já a Justiça dá muito trabalho, principalmente para cuidar de índios e sem-terra. Com todo o racionamento de dinheiro, o Ministério dos Transportes tem neste ano para gastar 5,2 bilhões de reais, contra modestos 1,8 bilhão da Pasta da Justiça.

Buraco quente

Já chega a 800 milhões de dólares o buraco da Baesa, a empresa que engarrafou a Pepsi-Cola no Brasil e na Argentina. A batata quente nas mãos dos bancos brasileiros supera a casa dos 200 milhões.

Carga pesada

Somente em três semanas o tributo a Adib Jatene (CPMF) rendeu para o Ministério da Saúde 365 milhões de reais. Até dezembro, a arrecadação

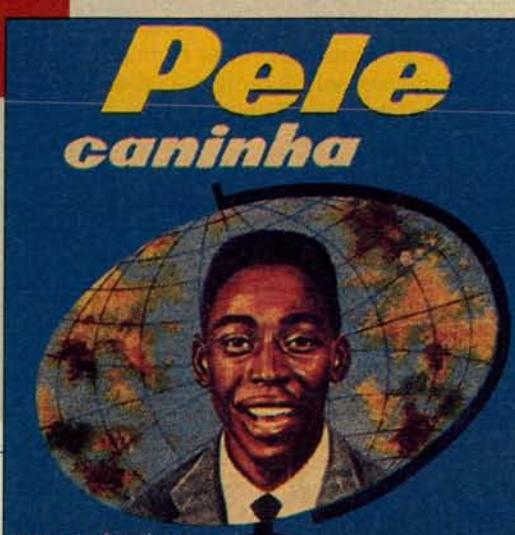
deve beirar a casa dos 5 bilhões, um número acima do esperado pelos autores da trolha. Mas, ao contrário do que amedrontava a turma do mercado financeiro que combatia a CPMF, o imposto não prejudicou os negócios na



Sete cruzeirinhos.

Se arrependimento matasse...

- O ministro extraordinário dos Esportes, Pelé, que não faz propaganda de cigarro ou bebida, arrepende-se amargamente de ter emprestado seu nome a uma marca de cachaça, no começo de carreira



- Gerson, o canhotinha de ouro, fuma, mas tem muita dor de cabeça até hoje por ter feito o comercial do cigarro Vila Rica, cujo slogan "Gosto de levar vantagem" o marcou de forma negativa

Um proer no petróleo

Não se faz mais liberais como antigamente. Ao quebrar o monopólio do petróleo, os neoliberais venderam a idéia de que a Petrobrás tinha de viver daqui para frente sem nenhuma muleta do governo. Ótimo. Só que, no relatório do projeto que regulamenta a quebra

Mascarenhas: conta para o contribuinte pagar até 2002

ANA ARAÚJO
bolsa nem chamou a inflação de volta. Era puro terror.

Novo jornal

Terá circulação nacional o jornal diário, especializado em esportes, que o empresário carioca Walter Mattos (*O Dia*) lança neste ano em parceria com os grupos financeiros Icatu, Bozano, Simonsen e Dynamo.

O rei e a Ave Maria

O cantor Roberto Carlos deverá assinar contrato nos próximos dias para gravar o disco mais ambicioso de sua carreira. O CD reunirá uma dúzia de seus sucessos, interpretados pela Orquestra Sinfônica de Londres e por um punhado de cantores famosos, entre eles um grande tenor, Luciano Pavarotti ou Plácido Domingo.

• Xuxa ganhou fama e dinheiro como Rainha dos Baixinhos, por isso tentou proibir a reexibição do filme *Amor, Estranho Amor*, que mostra a loirinha nua e em cenas sensuais com um garoto

do monopólio, o deputado Eliseu Resende (PFL-MG) incluiu um artigo pelo qual o contribuinte brasileiro vai continuar amparando até o ano 2002 as duas únicas refinarias privadas (Ipiranga e Manguinhos). É uma dinheirama que custa atualmente ao país cerca de 100 milhões de reais por ano. O ex-ministro acatou proposta nesse sentido do deputado Eduardo Mascarenhas (PSDB-RJ). Em tempo: a campanha do dublê de deputado e psicanalista em 1994 foi lubrificada por uma doação de 40 000 reais do Grupo Ipiranga, um dos prováveis beneficiários.

Altair Thury

O próprio Roberto cantará apenas uma faixa especial: a *Ave Maria*, de Gounod.

Banqueiro no azul

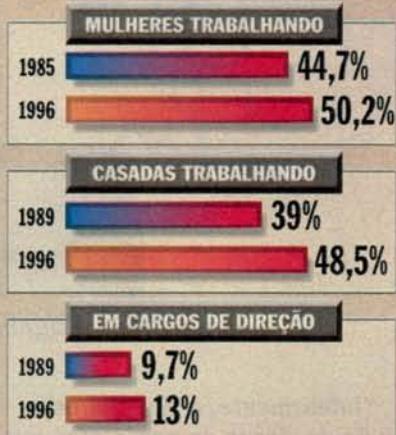
Depois de deixar a presidência da Bienal de São Paulo, o banqueiro Edemar Cid Ferreira já está de olho no século XXI. Ele agora ajuda o Ministério da Cultura e o Itamaraty a juntar 9 milhões de reais para montar uma megaexposição de arte que, no ano 2000, comemorará os 500 anos do descobrimento do país. Desse montante, 5 milhões deverão vir da iniciativa privada, através da Lei Rouanet. Ferreira, que se confessa um neófito nas artes visuais, em matéria de Lei Rouanet é Ph.D.: a última Bienal, comandada por ele, deu um lucro de 1,5 milhão de reais.



• Em 1992, a atriz Paula Burlamaqui fez cenas picantes numa versão de *A História de Ó* que não deveria ser exibida no Brasil. Arrependeu-se, em 1996, quando as fitas apareceram em locadoras cariocas

Duro no batente

Pesquisa do Seade a ser divulgada nesta semana mostra que a participação feminina no mercado de trabalho na Grande São Paulo está no patamar dos países do Primeiro Mundo, onde chega a 55% das mulheres



A. CAIRES

curtas

■ Depois do Banco Garantia e da Brahma, agora é a vez de as Lojas Americanas mudarem sua sede do Rio de Janeiro para São Paulo. O comandante do grupo, Jorge Paulo Lehman, continuará viajando para o Rio para os fins de semana em Angra dos Reis.

■ Artur Falk estava tentando na sexta-feira suspender a intervenção branca da Susep no Papatudo. Era o prazo final para ele promover modificações na carteira de aplicações. Falk agora procura um sócio.

■ O Conselho Pontifício para a Família divulgou um documento na semana passada recomendando que os divorciados, caso não consigam a anulação de seus matrimônios anteriores, se abstêm de fazer sexo. O documento leva todo o jeito de ser o menos cumprido em toda a história da Igreja.

Colaboraram Angela Pimenta, Julio Cesar de Barros, Paulo Jares, Roger Ferreira e Okky de Souza



Estilos



Ronaldinho, Zagallo e Romário

"Como já disse dom Pedro Casaldáliga, Fernando Henrique era melhor quando era ateu."

Dom Moacyr Grechi, bispo de Rio Branco, criticando as intervenções do presidente em assuntos da Igreja no encontro com o papa

"Se os brasileiros acreditam que não podem viver sem Fernando Henrique Cardoso, deveriam pedir aos cientistas escoceses que fizessem um clone dele."

Thomas Skidmore, brasiliasta, criticando o continuísmo

"Naquele dia, puseram ecstasy na minha taça de champanhe. Sei que parece desculpa esfarrapada, mas é verdade."

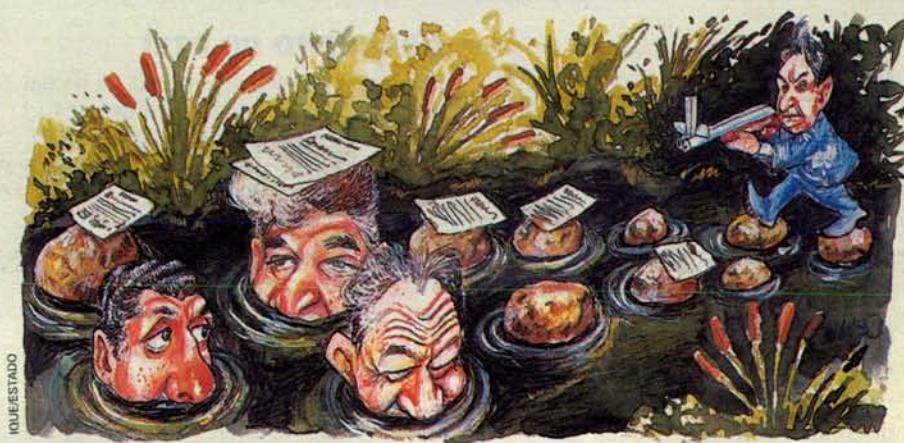
Daniel Ducruet, ex-marido da princesa Stéphanie de Mônaco, sobre o movimentado encontro amoroso que motivou seu divórcio

"Infelizmente, a História está cheia de visões de novas eras que provam ser miragens."

Alan Greenspan, presidente do Federal Reserve Bank, o banco central americano, em nova crítica à euforia no mercado de ações, que derrubou as bolsas em todo o mundo

"Explodimos com o prostíbulo. Acabou-se a farra."

Senador Esperidião Amin (PPB-SC), sobre as investigações da CPI dos precatórios



DAVID CATTON/COPLEY NEWS SERVICE

"A senhora é um dinossauro."

Deputado Roberto Campos (PPB-RJ), para a colega Maria da Conceição Tavares (PT-RJ), em discussão sobre a emenda do petróleo

"Mas sou informada, e o senhor parece uma lagartixa."

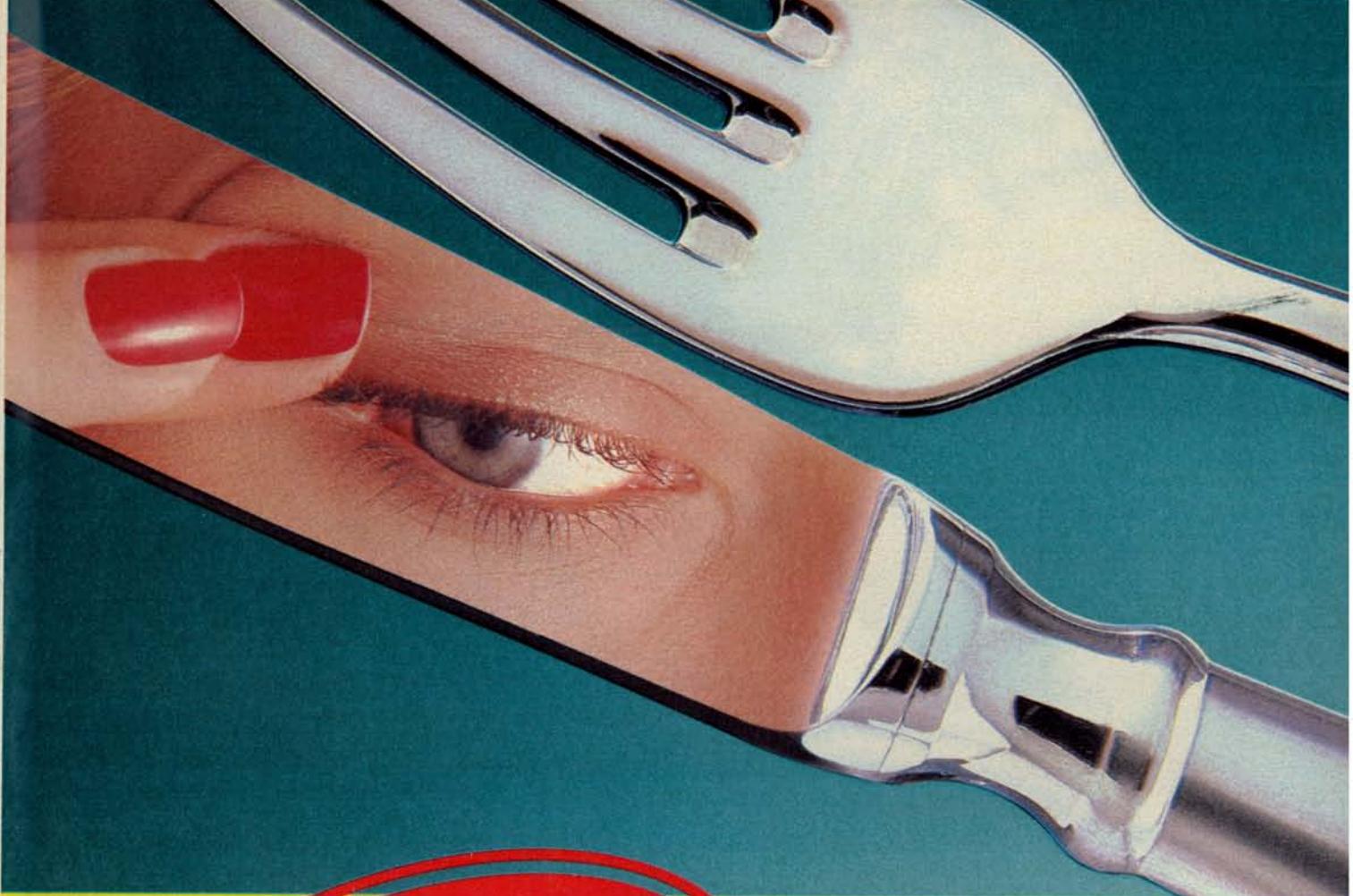
Maria da Conceição, em resposta

"Talvez, se a União Soviética jogasse suas bombas e matasse todos os chineses com mais de 30 anos, isso resolvesse o problema."

Mao Tsé-tung, em conversa com o então secretário de Estado Henry Kissinger, reconhecendo implicitamente o fracasso da Revolução Cultural

"Você, eu não sei, mas eu já estou me sentindo um disco de vinil."

Luis Fernando Veríssimo, escritor e humorista, sobre a obsolescência masculina em face da experiência da ovelha clonada



**Use Bom Bril.
E tenha mais tempo
para brilhar.**



Bom Bril tira
qualquer tipo de
sujeira muito mais
rápido: da cozinha até
o banheiro, fica tudo
limpinho. E você fica
com tempo de sobra
para mil e uma coisas
mais importantes.



COMO VOCÊ ANDA TRATANDO A SUA IMAGEM?

A Lexmark é a maior especialista em soluções e equipamentos de impressão. E acaba de lançar no Brasil a Color Jetprinter 2050. Uma impressora colorida a jato de tinta, ideal para casa ou escritório, que pode fazer muito pela sua imagem. E ainda conta com um CD grátis com 6 aplicativos diferentes para imprimir até estampas de camisetas. Color Jetprinter 2050. Preço de impressora jato de tinta com qualidade de laser. Se você procura uma impressora rápida, com impressão de alta qualidade, conheça a Jetprinter 2050 e a linha Lexmark. Para maiores informações, ligue para 0800-554555 ou visite nosso site na Internet <http://www.lexmark.com>

PRINT LEXMARK™

Distribuidores: SP: ATN 0800-156002, Print 0800-142242, Sisco 0800-138877, SSI-Supriserv (011) 811-5911, MG: Doors (031) 292-7222,
PE: Moura Informática (081) 445-2444, BA: Digimática (071) 248-6434, CE: (085) 272-3611, RN: Work Informática (084) 211-6508.



Impressora jato de tinta. 2 cartuchos (1 preto resistente à água, 1 colorido). Velocidade 5 págs. por minuto. Resolução 600 X 600 dpi. Compatível com Windows 3.1, 3.11 e 95. Operação simplificada com driver interativo. Opera com todos os tipos de papel (transparências, envelopes, etiquetas, cartões, transfer para camisetas e papéis especiais). Garantia de 1 ano. Vem com CD para operações especiais (trabalhar imagens fotográficas, criar certificados, cartões e muito mais) e uma amostra de papéis especiais.



A cabine do A-10, no *Silent Thunder*: com o novo joystick, o jogador vai fazer força para pilotar

gistrar impactos de tiros ou batidas contra obstáculos. Sua tecnologia, conhecida como *force feedback*, despertou o interesse de outras empresas. A Logitech, a Thrustmaster e a Microsoft terão, em breve, suas versões do produto. Todos com preço abaixo dos 200 dólares.

Sensibilidade em tempo real

O grau de realismo dos jogos de simulação para computadores caseiros, apesar de sua qualidade gráfica e sonora, sempre esteve comprometido pelos joysticks disponíveis no mercado. Eles são ótimos para comandar ações, mas deixam a desejar quando se trata de passar, pelo tato, sensações produzidas pelo jogo. A CH Products (www.chproducts.com), um dos maiores fabricantes de periféricos para jogos de simulação, garante que seu novo joystick, o Force FX, acaba com o problema. Com ele plugado na máquina, o jogador vai sentir nos dedos a diferença entre pilotar um tosco triplano Fokker, da I Guerra Mundial, e uma espaçonave dos jogos da série *Guerra nas Estrelas*. O Force FX também é capaz de re-

A sensibilidade do Force FX só funciona com programas preparados para usufruir a tecnologia. Por enquanto, não chegam a uma dezena. Entre eles estão alguns dos títulos mais populares, como *Descent II*, *Silent Thunder* e *Jet Fighter III*.



Professores estranham computador

O sindicato nacional dos professores dos Estados Unidos abriu fogo contra o programa de informatização das escolas públicas, que prevê sua ligação em rede pela Internet. Os professores alegam que o dinheiro alocado para tocar o projeto, 4 bilhões de dólares, poderia ser mais bem em-

pregado na reforma de prédios de escolas e na compra de equipamentos básicos. Reclamam também que faltam projetos específicos sobre como usar as máquinas no processo educacional. Os professores temem acabar ensinando apenas como ligar um computador na tomada.



No Brasil, o Ministério da Educação pretende iniciar, no final deste mês, o processo de licitação para a compra de 100 000 computadores para as escolas públicas. O custo será de 480 milhões de dólares.

Computador na escola: sem unanimidade

Animation

A Pixar, produtora de *Toy Story*, e os estúdios Disney assinaram contrato para produzir, nos próximos cinco anos, cinco novos filmes de animação gerada por computador. A disputa nesse mercado promete. A DreamWorks SKG, estúdio fundado por Steven Spielberg, vai fazer um filme com tecnologia da Microsoft.



Os heróis de *Toy Story*: sucesso no cinema

Anti-roubo

Os carros produzidos pela Ford americana estão saindo da fábrica com uma chave de ignição **eletônica** com código exclusivo, que só pode ser reconhecido pelo motor que ela faz funcionar. Qualquer tentativa de ligar um carro sem a chave é detectada por um chip que desliga o motor automaticamente.

As estatísticas mostram que a chave funciona. O Instituto Nacional de Seguros diz que o roubo de Mustang, nos Estados Unidos, caiu 77% no último ano. A tecnologia permite fazer 72 quatrilhões de códigos diferentes.





Marcos Sá Corrêa

Apanhado em flagrante

Opinião

Na foto abaixo, tirada numa delegacia do Rio, há um suspeito de abuso sexual — e um criminoso comprovado

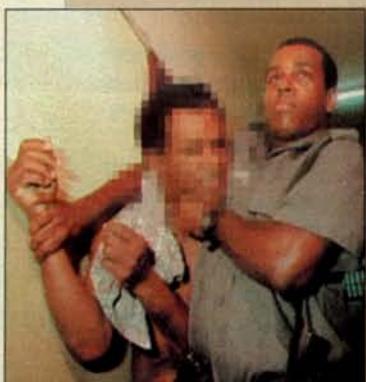
Justiça e sob investigação pela 12ª Delegacia Policial de Copacabana.

Há países onde a imprensa, nessas circunstâncias, não teria sequer o direito de publicar o nome do suspeito. Mas, no Brasil, alguns policiais e jornalistas acham que suspeito, réu ou condenado é tudo mais ou menos a mesma coisa. E se, além de preso, ainda por cima ele incidir nas agravantes de ser preto e pobre, tem de emprestar a cabeça para os fotógrafos. Nem que seja à força. E só pode ser à força, porque a Constituição considera invioláveis a honra e a imagem das pessoas.

Não é bem assim que se apuram responsabilidades em outras instâncias sociais. Na CPI dos títulos públicos, por exemplo, há sessões secretas. Só nas delegacias é praxe. Se insiste tanto nesse método de investigar os pés-rapados, a polícia parece considerar que as fotografias são instrumentos indispensáveis à elucidação ou à prevenção de delitos. Que nada. No dia em que se tirava esse instantâneo do trabalho em sua jurisdição, o titular da 12ª DP foi à Corregedoria de Polícia para responder a denúncias de que seu preso fora torturado. Para que incomodar o delegado com perguntas nesse caso? A corregedoria poderia se contentar com a foto. Está ali tudo o que ela precisa saber para tomar providências.

A foto é o crime e a prova. Mostra em primeiro plano o suspeito. Com os dedos da autoridade no gasganete, aguarda as investigações. Atrás dele, há um culpado. Veste farda da PM e posa de bom grado para os autos de um inquérito. Chega a ser uma desconsideração ignorar-lhe o esforço para montar o flagrante que o incrimina. Sendo um homem que evidentemente acredita no valor comprobatório de uma foto, fez tudo para ser preso. E merece ser atendido.

Em São Paulo, açoitado pela OAB, o secretário de Segurança Pública, José Afonso da Silva, proibiu recentemente a PM de fazer ponta nos telejornais que apresentam o crime como espetáculo. Alegou que essas figurações eram um convite à arbitrariedade nas revistas e nos interrogatórios. O Rio pode fazer coisa melhor. Tem a chance de consagrar essas fotografias como caso de cadeia. É só encanar os carcereiros.



MARCELO ARAUJO/AGÊNCIA JF

Stress

A medicina pode curar as doenças desencadeadas pelo stress, mas só a psicologia é capaz de curar as causas, pois leva o paciente a mudar seus pensamentos estressantes e seu estilo de vida. Essa reportagem vai ajudar centenas de pessoas. Parabéns ("À beira de um ataque de nervos", 26 de fevereiro).

Marilda Novaes Lipp

Centro Psicológico de Controle do Stress de Campinas
Campinas, SP

Lena Lavinas

A senhora Lena Lavinas pretende sugerir políticas para o século XXI, mas utiliza todos os ultrapassados paradigmas dos desenvolvimentistas dos anos 50. Não é o governo federal, com sua eternamente malucedida política de industrialização ou de transferência regional de renda, o agente capaz de minimizar as diferenças econômicas (Amarelas, 26 de fevereiro).

Fábio Nogueira
São Paulo, SP

Funcionalismo

A reportagem "Capilés para os barnabés" (26 de fevereiro) foi clara, imparcial e objetiva, mostrando à opinião pública que os funcionários federais não são tão privilegiados, com altos salários, como dizem as autoridades do país.

Maria Marlene T. Freire
Belo Horizonte, MG

José Ignacio López de Arriortúa

A Cubiertas y M.Z.O.V. S.A. - Cia. Geral de Construcciones vem manifestar sua estranheza quanto às insinuações contidas na reportagem "Rede corrupta" (26 de fevereiro), uma vez que, no tocante à concorrência para as obras de construção da fábrica da Volkswagen em Resende, o consórcio formado pela Cubiertas, além de trazer know how internacional para essa espécie de empreendimento, também propôs o menor preço total dentre todos os participantes e firmou compromisso de concluir o prédio até 30 de outubro de 1996, um exíguo prazo de 150 dias.

Juan Manuel Blanco Paris
São Paulo, SP

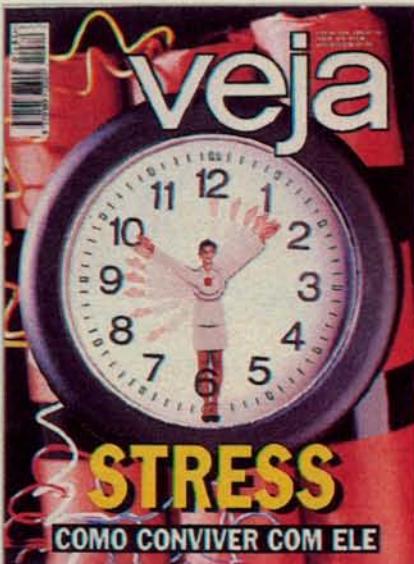
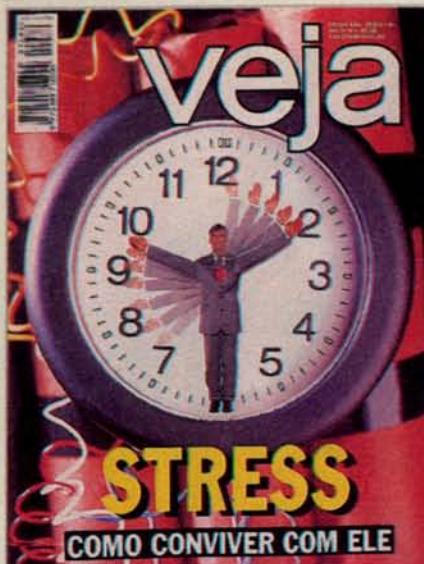
Radar

A batina papal, cheia de merchandising, foi a esculhambação mais hilariante dos últimos tempos. Parabéns pelo layout ("O papa e o marketing", Radar, 26 de fevereiro).

Fernanda Garibello Anders
Belo Horizonte, MG

Paulo Francis

Como advogados do falecido jornalista Paulo Francis esclarecemos que, um dia antes de sua morte, conversamos sobre o caso e ele estava muitíssimo otimista



Duas versões de uma mesma capa

Na semana passada, VEJA saiu com duas capas diferentes. Numa versão aparecia um homem e na outra, uma mulher com os braços abertos no lugar dos ponteiros de um relógio. Como VEJA é lida quase na mesma proporção por homens (48%) e mulheres (52%), metade do 1 222 271 exemplares da edição passada foi impressa na versão masculina e metade na feminina.

quanto à sua rápida e favorável resolução. O caso já havia sido retirado da Corte Federal e nossa petição à Corte Estadual ainda não foi respondida pelos advogados adversários. De fato, ele nos afirmou repetidamente que não estava preocupado com o caso. Casos extremamente complicados, como fraudes bancárias internacionais, são resolvidos pelas cortes americanas em prazos muito menores. Nossa escritório havia calculado entre doze e dezoito meses o tempo entre o começo da ação e o final do julgamento. Há uma grande diferença entre honorários e custo do processo. Havia informado ao senhor Paulo Francis que, se precisássemos trazer testemunhas do Brasil para depoimentos e contratar experts em economia e finanças para rever a documentação produzida do "discovery", então o custo poderia subir consideravelmente. No entanto, neste estágio da ação, seria impossível prever o que iríamos precisar para o futuro ("Terminou a polêmica", 12 de fevereiro).

Deborah R. Srour

Barry R. Fischer & Associates
New York, EUA

Miguel Pereira Neto Lacaz Martins,
Halembek, Pereira Neto & Schoueri
São Paulo, SP

Romeu Tuma

Nas edições 1482 e 1484, duas reportagens envolvem meu nome, para vinculá-lo à elei-

ção do novo presidente do Senado e ao arquivamento do processo contra o ex-delegado da Polícia Federal no Rio doutor Edson de Oliveira. Na eleição do presidente do Senado, não marquei o meu voto de forma alguma, assim como não tenho notícia de que qualquer senador tenha diferenciado o seu. Quanto à segunda reportagem, esclareço que foi exatamente através dela que eu soube do arquivamento do processo. Não acompanhei, influenciei ou participei de nenhuma fase das apurações, mesmo porque, além de ser inimigo do tráfico de influência, não mantengo relacionamento político nem com o ministro da Justiça nem com os auxiliares incumbidos das investigações.

Romeu Tuma
Senador
Brasília, DF

China

Que Deng Xiaoping pague por suas atrocidades nas profundezas do inferno ("O pequeno imperador", 26 de fevereiro).

Wanderley da Cunha Peixoto
Jequitinhonha, MG

Cartas para: Diretor de Redação VEJA. Caixa Postal 14110, CEP 02909-900, São Paulo, SP; Telex (011) 22115; Fax (011) 877-1640. ■ Por motivos de espaço ou de clareza, as cartas poderão ser publicadas resumidamente. ■ As cartas devem ser assinadas e nelas devem constar o endereço, o número da cédula de identidade do autor e um número de telefone para contato. Só poderão ser publicadas na edição imediatamente seguinte as cartas que chegarem à redação até quarta-feira de cada semana.



A tecnologia dos Correios
está fazendo as distâncias
ficarem cada dia menores.



Annecy Paris limitas

...só eu em conformidade com o PROCON/CE. Foto para fins publicitários. Clio RL a partir de R\$ 14.500,00 - tabela Jan/97

J.A.S.P.

Jovem, autêntico, surpreendente
e preparado procura alma gêmea
para relacionamento imediato.

Renault Clio, o carro compacto que vai corresponder a todas as suas expectativas. Motor 1.6, nas versões RL (3 portas) e RT (5 portas). Ar-condicionado, rádio toca-fitas digital com comando satélite na direção, vidros, travas e espelhos elétricos e direção eletro-hidráulica (RT). Renault Clio. O carro mais vendido na França pelo sexto ano consecutivo.



VOCÊ ACABA DE SER CORRESPONDIDO.

Clio 1.6
VOCÊ CONHECE O SEU ESPAÇO.



RENAULT

Número alto em lama profunda

Na CPI dos precatórios, quem quer saber o que houve só precisa olhar para as comissões: são astronômicas

Mara Luquet e Felipe Patury



Convém prestar atenção a um depoimento na CPI dos precatórios, nesta semana. A maioria absoluta dos empresários e corretores envolvidos no escândalo caiu na clandestinidade. Tem gente que até mudou de ramo, e também quem manda dizer que foi descansar no Pantanal (veja reportagem na pág. 27). Já o corretor carioca Fabio Nahoun, do Banco Vetor, que as investigações localizaram no coração do esquema, resolveu se explicar. Na semana passada, Nahoun deu dois depoimentos ao jornalista Luís Nassif em que fazia sua defesa. Em companhia de Ronaldo Ganon, um dos sócios do banco, Nahoun também deu uma entrevista de duas horas a VEJA, na quinta-feira. Apurando um rombo estimado em meio bilhão de reais, que já feriu três governadores de Estado — Paulo Afonso Vieira, de Santa Catarina, Divaldo Surugay, de Alagoas, e Miguel Arraes, de Pernambuco — e persegue o prefeito de São Paulo, Celso Pitta, provocando também a liquidação de quinze bancos e corretores, a CPI ainda não conseguiu apresentar provas para deslindar duas questões cruciais. Para ambas, o depoimento de Fabio Nahoun pode oferecer pistas.

Primeira questão: trata-se de um caso de crime comum, em que uma quadrilha de empresários e altos funcionários públicos fazia acertos por baixo do pano na

ciranda financeira e escondia seus ganhos em empresas de fachada? Segunda: ou se está diante de uma rede de tráfico de influência e verbas clandestinas que envolve governadores de Estados e prefeitos, possivelmente para levantar verbas para a campanha municipal do ano passado, como se crê em Brasília? Para respondê-las, deve-se prestar atenção ao volume das comissões embolsadas pelos bancos e corretores envolvidos no negócio. É normal a cobrança de comissão pela compra e venda de títulos. A suspeita surge quando se ganha um preço anormal pelo negócio. O que se acredita, afi, é que num preço superfaturado fique embutida uma propina a ser paga à autoridade que emitiu o título, outra para os políticos encarregados de autorizar a operação, no Senado, e assim por diante. O raciocínio envolve uma rima: para ter corrupção, é preciso comissão.

Micos encalhados — O Banco Vetor embolsou 22 milhões de dólares para lançar títulos com base em precatórios de Pernambuco. Também levantou 33 milhões em Santa Catarina. O Vetor não ficou com tudo isso sozinho, e apenas para a corretora Perfil, do notável diretor da Dívida Pública de São Paulo, Wagner Baptista Ramos, demitido na semana passada, repassou perto de 26 milhões de reais. O Vetor e a Perfil ganharam em poucas horas um dinheiro que muito empresário honesto, trabalhador e zeloso com seus empregados, jamais irá ganhar na vida inteira. Mas a questão não é essa, pois no mercado



FABIO NAHOUN E RONALDO GANON, do Banco Vetor: comissão de 22 milhões de reais em Pernambuco pelo critério da "notória especialização" e de 33 milhões em Santa Catarina, onde pudera concorrer sozinhos porque o Diário Oficial com o edital de credenciamento saiu atrasado

financeiro se ganha muito e também se perde muito dinheiro no mesmo dia.

O empresário Nahoun sustenta que seu preço foi bom. Lembrando que seu primeiro parceiro no negócio dos precatórios foi o governo de Pernambuco, ele diz: "As alternativas que eles tinham eram piores". Quebrado, o governo de Pernambuco poderia pagar 5% ao Bradesco para tentar levantar dinheiro com debêntures,



ROBSON DE FREITAS

mas teria de dar em garantia ações de sua empresa de energia, a Celpe — ou seja, poderia acabar perdendo patrimônio. Outra chance era pagar 8% se fizesse uma antecipação de receita. Morreu com 5,5% de comissão para levantar 402 milhões de reais em títulos precatórios. Nahoun diz que a comissão é baixa porque é um bom vendedor. O governo de Miguel Arraes não fez sequer uma tomada de preço para saber se seria capaz de encontrar uma comissão mais barata com os concorrentes. Tomada de preço é sempre útil. Na privatização da Vale do Rio Doce, o BNDES pagaria 3,1% sobre o valor final do negócio se tivesse fechado com a Goldman Sachs. Fez tomada de preço, e a privatização ficou com a Merrill Lynch, que cobra 1,9%. Outro dado é que, se o Pernambuco de Miguel Arraes pagou 5,5% de comissão, a Santa Catarina de Paulo Afonso Vieira, cujas finanças sempre tiveram melhor saúde, poderia ter conseguido um preço menor. Mas Paulo Afonso fez questão de pagar a mesma

coisa. Por quê? O banqueiro Nahoun diz que a culpa não é sua. "O governador falou que queria tudo igual e ficamos assim", diz ele. Estranho que um governo queira pagar mais quando pode pagar menos, não?

Para além das aparências, a comissão de Nahoun é altíssima. "Aí tem coisa", diz um diretor do Banco Central. Para lançar títulos do Estado do Rio Grande do Sul, o banco BBA cobrou 1,5%, por exemplo. Para fazer a operação de venda da Sadia, o Banco Garantia levou 2,2 milhões de reais, ou 1% sobre o valor total da operação. Uma comissão de 5,5% seria até aceitável no mercado, caso o Vetor tivesse assumido riscos bancando, por exemplo, a parcela de títulos lançados e não vendidos. Mas não foi assim. As vendas foram um fiasco e só ganhou dinheiro, ali, quem recebeu comissão do governo — o Vetor — e quem teve direito a comprar o título pelo preço mais baixo — o Vetor, de novo.

Segundo levantamento do Banco Central em Santa Catarina, quase uma

semana depois da data marcada para as ofertas públicas, quando o mercado não dava o menor sinal de interesse, o Vetor entrou em campo. Comprou um lote de 10 000 títulos, pagando 907,94 reais cada um. Com uma agilidade incrível, o lote saiu do Vetor e, depois de passar por cinco intermediários, caiu nos braços da Telos, o fundo dos funcionários da Embratel, que pagou 1 016,34 reais — uma valorização de 11,9% em apenas seis horas de pregão. Outro lote foi comprado também pelo Vetor e, depois de passar também por cinco intermediários — possivelmente por coincidência —, valorizou-se 16,6%, quando então foi comprado pela Petros, o fundo de pensão dos funcionários da Petrobrás.

"Está na cara que quem fez a primeira compra já tinha acertado com o comprador final", afirma um banqueiro paulista. "Ninguém compra título ruim sem saber que irá se livrar do mico." Quatro meses depois do leilão, 48% desses micos estão encalhados no banco estadual, o BESC.

Outra instituição que, além dos fundos de pensão, armazenou uma boa quantidade desses títulos, pagando um preço mais alto porque adquiridos mais tarde, foi o Bradesco. Esses fatos intrigam os senadores da CPI, que se perguntam por que uma instituição da categoria do Bradesco acabou pagando mais por um papel que poderia ter comprado por menos. Nesta semana, a CPI pretende ouvir três outros bancos grandes, além do Bradesco, em busca de esclarecimento. "Nossa única opção é fazer um trabalho racional", avisa o senador Vilson Kleinübing. Na semana passada, Kleinübing estava convencido de que tanto os fundos de pensão como o Bradesco podem ter sido vítimas de leilões de cartas marcadas, em que os títulos só poderiam ser adquiridos por quem estivesse no esquema.

Sem concorrência — O método usado para a escolha do Votor para receber 22 milhões de reais do governo de Pernambuco e 33 milhões do de Santa Catarina impressiona pela cordialidade. Como se estivesse falando de entregar seu computador para passar por exames na oficina de Bill Gates, o secretário da Fazenda de Pernambuco, Eduardo Campos, alega que o banco Votor foi premiado em função do critério de "notória especialização". Embora esses lucros pareçam mesmo coisa de artista, é difícil achar que uma operação de lançamento de títulos precatórios seja tão misteriosa assim. "É coisa simples, que um governador bem assessorado executa sem nenhum problema", afirma o ex-prefeito César Maia. Antes do Real, os precatórios traziam uma dificuldade extra, a correção monetária. Fazia-se um título, mas, como a aprovação demorava, era preciso calcular um reajuste, que sempre complicava a operação. "Agora, nem esse problema existe mais", explica Maia. Em Santa Catarina, o Votor foi escolhido por um método mais curioso. Fez-se até um processo de credenciamento, com edital de qualificação dos interessados. No dia 12 de junho do ano passado, o *Diário Oficial* com essas regras foi escrito. Mas, por uma grande coincidência, a publicação do jornal ficou atrasada oito dias. Apenas no dia 20 de junho o *Diário Oficial* seria impresso e publicado. Por felicidade, era o último dia para o credenciamento. Nessa data, apenas o banco Votor estava em Florianópolis para concorrer, sozinho, a uma comissão de 33 milhões de dólares. São essas estranhezas que Nahoun terá de explicar na CPI.

Internados na UTI

Com títulos demais e explicações de menos, dois governadores com o mandato em risco

Marcos Gusmão e Vladimir Netto



O escândalo dos títulos públicos colocou dois governadores na UTI, mas nem por isso eles se abalam. Ouça-se o governador de Santa Catarina, Paulo Afonso Vieira, enrolado em 605 milhões de reais em precatórios:

— Estou tranquilo. Meu projeto de ser candidato à reeleição não apenas se mantém como se fortalece com tudo isso.

Ouça-se o governador Divaldo Surugay, de Alagoas, onde o funcionalismo está com salários atrasados há oito meses e o único setor bem tratado é a Assembléia, cujo orçamento dobrou em três anos:

— Estou tranquilo. Renúncia, impeachment, isso tudo é uma fantasia. Só saio do governo quando equilibrar as finanças.

Eles podem até concluir seus mandatos em janeiro de 1998, mas ao menos por enquanto perderam uma condição básica para governar: ninguém acredita no que dizem. Em Maceió, nesta semana, será votado o pedido de impeachment do governador Surugay, do PMDB. Como é capaz até de patrocinar a estada festiva de um grupo de deputados num hotel cinco estrelas de Natal, só para livrá-los do assédio da oposição, ninguém apostaria um único título público na aprovação do seu impeachment. Com 27 deputados na Assembléia, Surugay só não controla o voto de dez, o suficiente para barrar o que quiser no plenário. Mas está tão moído politicamente que até aliados já pedem, por favor, que o governador renuncie ao cargo.

Desmascarado — Em Florianópolis, o governador Paulo Afonso Vieira, também do PMDB, está destroçado. Até em sua assessoria há quem duvide de suas explicações, tanto que a debandada já começou. A CPI da Assembléia catarinense que apura o escândalo só termina em abril, mas o placar não é bom para ele. Num plenário de quarenta deputa-

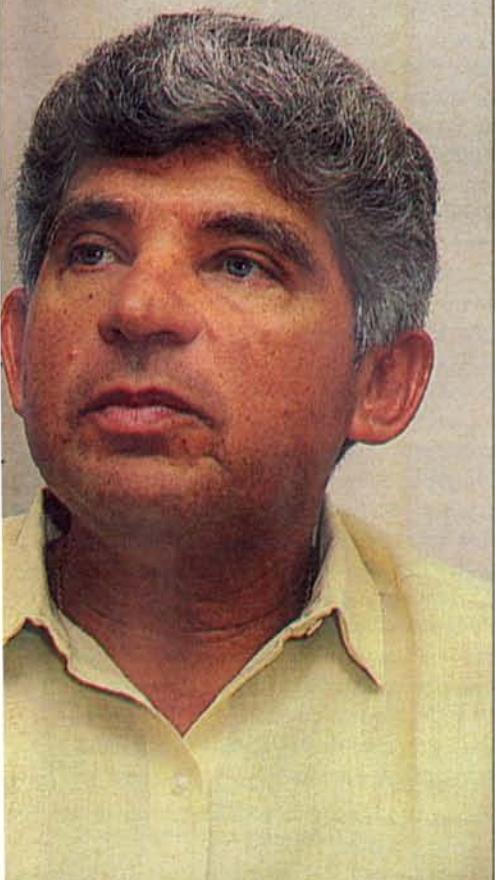
dos, 29 são de oposição — dois a mais do que o necessário para aprovar o impeachment. Nessa canoa estão os oito votos do PFL, que, até anteontem, eram aliados do governador e, agora, pularam para o outro lado. "A situação é crítica", afirma a presidente da CPI, Ideli Salvatti, do PT. "Não sabemos o que vamos descobrir aí pela frente, mas o governador já anda visivelmente inseguro e preocupado",

PAULO AFONSO VIEIRA, de Santa Catarina: tinha 2,6 milhões em precatórios para pagar, mas emitiu 605 milhões. O PFL acaba de passar para a oposição e, agora, dos quarenta deputados, 29 são contra o governador — bastam 27 para afastá-lo do cargo



ANA ARAUJO

◆ **DIVALDO SURUGAY, de Alagoas:** pagou comissão de 14 milhões de reais para banco que lançou 301 milhões em títulos, acertou a vida de empreiteiros pagando 27 milhões por uma dívida de 140 000 reais. Na CPI de Maceió, paga até férias para deputados — e apenas dez parlamentares lhe fazem oposição



SERGIO DUTTI

garante o presidente da Assembléia, o tucano Francisco Küster.

Paulo Afonso emitiu 605 milhões de reais em títulos, mas embolsou, de fato, apenas 485 milhões, em função de um deságio de 87 milhões. Também pagou uma comissão de 33 milhões de reais, para o Banco Votor, encarregado de fazer a operação no mercado. Mas o governador não explica nem o destino dos 485 milhões de reais que recebeu. Diz a Constituição que esse dinheiro só pode ter um destino: o de pagar precatórios emitidos até 5 de outubro de 1988. Na semana passada, um levantamento do Tribunal de Contas do Estado desmascarou Paulo Afonso ao provar que o Estado

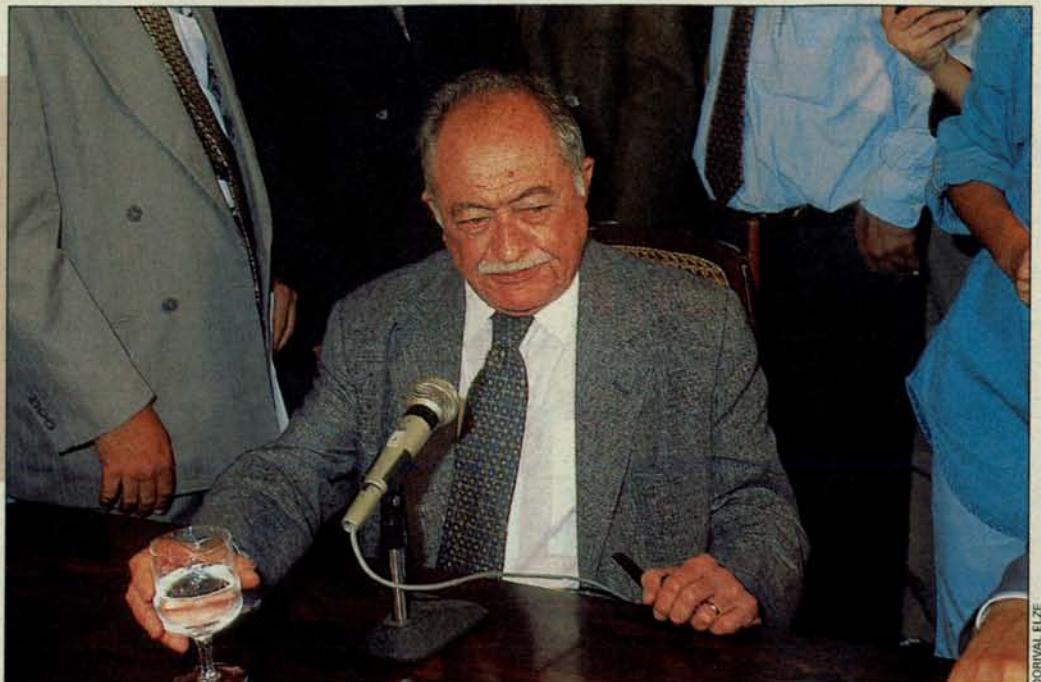
tinha só 2,6 milhões de reais de precatórios para saldar. Ou seja: a dívida era 232 vezes menor do que o governador dizia.

Diante da evidência matemática de que os 485 milhões não foram para onde deveriam ir — os precatórios —, o governador tem outra explicação. Já admite que gastou parte do dinheiro em despesas cotidianas da administração. Admite, até, que pagou empreiteiras, uma categoria de fornecedores que costuma retribuir de maneira generosa os pagamentos que recebe do Estado. "Nosso problema era ter dinheiro em caixa no curto prazo", afirma Paulo Paraíso, o secretário da Fazenda. O apetite de Paulo Afonso pelos precatórios foi tamanho que deixou a suspeita de ter falsificado documento para poder emitir-los. Ele teria de apresentar uma portaria que, segundo a Constituição, deveria ter sido publicada no *Diário Oficial* até abril de 1989. Até hoje Paulo Afonso não conseguiu mostrar como divulgou a portaria — pois no *Diário Oficial* ela não apareceu. Também não conseguiu apresentar o original do documento. Só tem uma cópia, que é imprestável para que se examine a idade do documento. A portaria tem assinatura do secretário da Fazenda do Estado em abril de 1989. Era o próprio Paulo Afonso Vieira.

A situação do governador Divaldo Surugay é tão ou mais tenebrosa. Ele patrocinou a emissão de 301 milhões de reais em títulos, concedeu um belíssimo deságio de 69 milhões e pagou uma comissão de mais de 14 milhões para o banco Divisa, que fez a operação. A relação de precatórios não chega nem perto dos 301 milhões de reais. O Tribunal de Justiça de Alagoas apurou que o Estado tem só cinco precatórios anteriores a outubro de 1988, que somam um total de 44 milhões de reais. Nessa relação falsa, Surugay listou 32 usinas e destilarias como credoras do governo, quando, na verdade, são devedoras de ICMS desde 1988. Como já sabia que não havia precatórios de 301 milhões para pagar, Surugay até tomou o cuidado de baixar um decreto para tentar legalizar sua trambicagem. O decreto é uma piada. Diz que o governador está desobrigado de pagar precatórios com o dinheiro dos títulos e fica autorizado a pagar o que quiser — numa afronta ao artigo 33 da Constituição.

Com base no decreto-piada, Surugay destinou o dinheiro dos títulos para quem bem entendeu. Chegou até mesmo a superfaturar dívidas, como no caso da empreiteira Sérvia. Responsável pela

MIGUEL ARRAES, de Pernambuco: enrolado numa operação de 402 milhões de reais, produziu uma lista de precatórios falsos, inclusive dívidas trabalhistas pagas há quase dez anos



DORIVAL ELZE

construção de um papódromo, palanque que o papa João Paulo II usou na sua visita a Maceió em 1991, a Sérvia tinha para receber do Estado 140 000 reais. Mas Suruagy, depois de encher o cofre com os 301 milhões dos títulos, foi generoso com a Sérvia: em vez de 140 000 reais, pagou-lhe 192 vezes mais: 27 milhões de reais. "É óbvio que isso é um acordo", garante o procurador de Justiça em Maceió Luis Carnaúba. A exemplo de seu colega Paulo Afonso, Suruagy também está com o pé na lama da falsificação de papéis. A portaria que lhe deu o direito de pleitear a emissão de títulos é falsificada. Tem a assinatura do ex-governador Fernando Collor, que diz nunca tê-la assinada.

Com dois governadores flechados no coração, o escândalo dos títulos pode produzir um morticínio ainda maior. O governador Miguel Arraes, de Pernambuco,

também fez uma operação enrolada de 402 milhões de reais. Arraes anda cada vez mais calado, embora não seja por seus conhecidos problemas de dicção. Numa lista de precatórios falsos incluiu até dívidas que já haviam sido pagas. Um dos supostos precatórios seria para pagar um funcionário público, Anésio Batista Mota, que pediu indenização trabalhista ao Estado junto com um grupo de 390 funcionários. "Anésio já morreu. Eu recebi esse pagamento por ele em 1987. Na época, dava para comprar um apartamento de dois quartos", diz a viúva Alzira Mota. Mas, no caso de Arraes, quem está na mira é seu neto, Eduardo Campos, atual secretário da Fazenda e governador de fato. Na semana passada, depois que Campos deu na CPI no Senado, Arraes ficou tão abalado com as suspeitas em torno do neto que estava aos prantos quando con-

versou ao telefone com um amigo no Rio de Janeiro.

Outro que, a cada dia que passa, aparece em situação mais incômoda é o prefeito de São Paulo, Celso Pitta. É da sua gestão na Secretaria de Finanças o primeiro título público que apareceu no escândalo. Pitta fez uma negociação em que deu um prejuízo de 1,7 milhão de reais aos cofres num único dia. Na semana passada, o prefeito demitiu o seu coordenador da dívida pública, Wagner Baptista Ramos, depois que se descobriu a derrama de dinheiro que caía nas mãos do assessor por conta de suas operações com títulos em outros Estados. Na prefeitura, tem-se como certo que Wagner Ramos trabalhava para corretoras privadas com o conhecimento do seu chefe, Celso Pitta. Ele mesmo disse isso à CPI, também. Junto com Wagner, trabalhava um amigo de Pitta, Pedro Neiva Filho, operador do mercado financeiro que o prefeito fez questão de trazer do Rio de Janeiro. O amigo Pedro Neiva Filho demitiu-se por conta própria na quinta-feira, aliviando o amigo Pitta de novo constrangimento. O prefeito de São Paulo gosta de repetir que está tranquilo, e é possível que não tenha mesmo com o que se preocupar. Mas demorou uma semana para livrar-se de um auxiliar que, rompendo o estatuto do funcionalismo público, assinara um contrato de assessoria com uma empresa privada. No fim de semana, a CPI debatia a proposta de convocar Celso Pitta a prestar depoimento.



GLADSTONE CAMPOS

CELSO PITTA, prefeito de São Paulo: demorou para demitir auxiliar que rompera regimento do funcionalismo ao fazer consultoria

Vips sob suspeita

A investigação da CPI associa figurões da praça financeira ao escândalo dos títulos

**Althair Thury Filho e
David Friedlander**

 Três dos principais suspeitos da CPI dos precatórios têm um hobby de príncipes — jogam polo. Um tem avião; outro, helicóptero. Um é parente de ministro. Outro, neto de governador. Entre os nomes que mais chocaram a praça financeira está o do banqueiro carioca Ronaldo Ganon, sócio do Votor, entalado até o pescoço na confusão. Ganon é cunhado do ministro das Relações Exteriores, Luiz Felipe Lampreia, e seu sócio na construção de um prédio de apartamentos no Rio de Janeiro. Outra das feras envolvidas é Enrico Picciotto, jovem ricaço paulista, dono da Split, uma corretora conectada a doleiros e empresas laranjas. Outra, ainda, é o neto do governador Miguel Arraes, secretário da Fazenda de Pernambuco, conhecido por Dudu Beleza. Sobre ele, pesa a acusação de ter forjado documentos para conseguir a emissão dos títulos. No meio desses figurões, um patinho feio, o funcionário público da prefeitura de São Paulo Wagner Baptista Ramos, apontado como o cérebro das operações fraudulentas.

Barnabé há dez anos, com contracheques de 4 800 reais, sobre Ramos já se disse de tudo. Que teria recebido 36 milhões de reais nas operações e teria ainda uma conta num banco em Miami, com 1,6 milhão de dólares aplicados. O banqueiro Fábio Nahoun, que o define como "gênio do direito administrativo", não fez por menos: disse que, na operação dos títulos públicos de Santa Cata-

rina, em que o banco Votor embolsou 33,2 milhões de reais, nada menos que 80% dos dividendos foram repassados para o funcionário público. Ramos nega tudo e tem a favor de sua versão um padrão de vida mais

modesto que o dos demais. Em seu nome, figuram apenas um sobrado geminado num bairro de classe média e uma casa de campo em Piracaia, no interior de São Paulo. Ele comprou ainda um flat para o filho Rodrigo, de 19 anos. No contrato de compra, consta que o valor do imóvel é de 40 000 reais. Além disso, existem dois imóveis em nome do pai, o torneiro-ferramentista aposentado Joaquim Baptista Ramos. Wagner Ramos tem um Tempra prata, ano 1994.

FAUSTO SOLANO PEREIRA
é o dono da Boasfra, a corretora que recebeu um cheque de 9,7 milhões de reais da empresa laranja IBF. É bem relacionado no mercado financeiro, mas saiu do mercado depois que a CPI foi instalada e mudou completamente de atividade: em Uberlândia comprou uma empresa que produz sêmen de boi



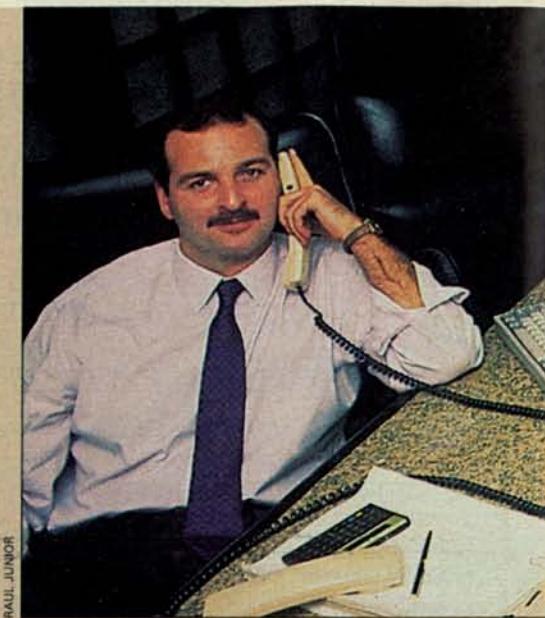
EUGÉNIO SAVIO

Aos 51 anos, o funcionário público não é um homem feliz. Está cego de um olho, já fez um transplante de rim, separou-se da mulher, Rose Marie, e esconde-se de todos. Seu filho Wagner Júnior informa que o pai está "em algum lugar do Pantanal". O gênio dos precatórios fez pós-graduação na Faculdade São Judas Tadeu, de São Paulo. Wagner Baptista Ramos era um ás na Secretaria das Finanças de São Paulo. Mesmo adversários políticos de Celso Pitta e Paulo Maluf o reconhecem. Durante a gestão de Luiza Erundina, ele era um dos homens de confiança do então secretário Amir Khair. Segundo Khair, a área de trabalho de seu subordinado era a mais organizada, com dados no computador, documentos e análises sobre quanto a prefeitura devia, como e para quem. Logo no início do governo petista, a Caixa Econômica Estadual cobrou uma dívida da prefeitura que se arrastava por dez anos. Era um desses casos de vida ou morte: sem um acerto com a Caixa, a prefeitura poderia acabar paralisada.

Novo-endinheirado — "Wagner foi fundamental para a renegociação daquela dívida. Ele tinha dados, informações, contratos. Estudou tudo, apresentou soluções, discutiu com técnicos quais seriam as melhores saídas. Enfim, colaborou de fato", lembra Khair. Na semana passada, submerso em denúncias, Baptista Ramos foi demitido pelo prefeito Celso Pitta, que se declarou "decepção" com o auxiliar.

Na roda financeira carioca, Nahoun e Ronaldo Ganon, "Roni" para os amigos, são homens de sucesso. Afinados nos negócios, possuem personalidade muito diferente. Enquanto Nahoun é discreto, Roni é um exibido. Adora falar das coisas que comprou — e ultimamente anda gastando à larga. Como diz um empresário bem situado, Roni tem cumprido à risca o papel de novo-endinheirado. "Ele comprou o kit número 1", ironiza. "Mansão, lancha e jatinho." Ronaldo está construindo uma casa de 1,5 milhão de dólares no belo condomínio Porto Galo, em Angra dos Reis, onde será vizinho de José Paulo Amaral, hoje na Messebla e ex-sócio de Pedro Paulo Lehman no grupo Garantia. Para acompanhar o progresso habitacional, Ganon, que já tem uma lancha de 36 pés, batizada com o nome de *Espertíssima*, está trocando-a por uma maior, em construção no esta-

EDUARDO CAMPOS é secretário da Fazenda de Pernambuco e herdeiro político do governador Miguel Arraes. O plano de Arraes é preparar "Dudu", como ele é conhecido, para chegar ao governo do Estado. Seu envolvimento no escândalo pode atrapalhar o projeto. Campos já admitiu que desviou irregularmente o dinheiro destinado ao pagamento de precatórios para o caixa do governo. Existe ainda a suspeita de que ele sabia que documentos haviam sido forjados para permitir a emissão de títulos públicos



leiro Intermarine de São Paulo. A nova embarcação é tão grande que o guindaste do condomínio não será capaz de rebocá-la. Como não tem problemas de caixa, Roni já avisou o administrador do condomínio de que irá providenciar um equipamento mais adequado. Há quatro meses, ele e o sócio Nahoun compraram seu primeiro jato executivo.

Ronaldo Ganon está ampliando seu patrimônio, mas rico ele já era. Mora num condomínio da Barra da Tijuca,

gosta de passar os feriados em Punta del Este e é um apaixonado pelo pólo. Tem um haras com campo próprio para a prática do esporte em Itaguaí, arredores do Rio, e um time próprio. Uma vez por ano, ele promove seu torneio particular de pólo, a Copa Votor.

Junto com o sócio Nahoun e o cunhado Lampreia, Ganon vai construir um edifício residencial de alto padrão com seis andares no bairro do Leblon, no Rio. O terreno foi comprado no mês

ENRICO PICCIOTTO é dono da Split, corretora ligada a doleiros e empresas fantasmas. É investigado desde 1995, quando o BC encontrou indícios de operações fraudulentas em sua empresa



RICARDO STUCKERTI

WAGNER RAMOS, funcionário da prefeitura de São Paulo, é apontado como um dos principais articuladores do esquema. Até ser demitido, na semana passada, seu salário era de 4.800 reais. Depois de depor na CPI, desapareceu no Pantanal

passado, um dia antes da liquidação do Votor pelo BC. Custou 800 000 reais, e Lampreia entrou com 150 000. O dono do Votor e seu cunhado chanceler são muito amigos. Costumam passar o fim de semana na casa de Ganon, onde cozinham ou fazem churrasco. Em julho, Lampreia usou seu posto no governo para dar uma mãozinha ao cunhado, sócio de Nahoun. Nahoun precisava falar com o presidente do Banco Central, Gustavo Loyola, para se defender de um processo sobre fraudes cambiais. Lampreia pediu, e Nahoun conseguiu a conversa que desejava.

Entre os figurões que a CPI acredita ter pilhado em São Paulo, os mais nobres são os empresários Enrico Picciotto, 33 anos, e Fausto Solano Perei-

ra. Picciotto, da corretora Split, a lavanderia usada para limpar o dinheiro das operações suspeitas, é considerado um operador muito astuto. É rico, com apartamento em Punta del Este. Picciotto freqüentou um grupo de jovens empresários judeus de São Paulo que

costumava reunir-se todas as quintas-feiras, com solidéu na cabeça, para um almoço em companhia de um rabino.

Sêmen de boi — Filho de um empresário do ramo têxtil, o nome de Enrico Picciotto estava no purgatório do Banco Central desde 1995, quando se descobriram operações fraudulentas com títulos públicos. Além de sua participação no submundo dos precatórios, Picciotto tem outra ligação com a prefeitura de São Paulo. Ele é dono da Engebrás, a empresa que produz os radares fotográficos comprados por Paulo Maluf para pescar infrações de trânsito. A licitação para a aquisição desses equipamentos pela prefeitura é objeto de uma ação na Justiça. Pesa sobre ela a acusação de fraude.

Fausto Solano Pereira, da Corretora Boasafrá, a empresa que recebeu um cheque de 9,7 milhões de reais da IBF — a lavanderia de dinheiro sujo —, é outro peixe graúdo. “Ele pode ser a chave mais importante que a CPI tem para desvendar a malandragem dos precatórios”, diz um diretor do BC. Ao lado dos colegas cariocas, Solano forma o trio mais requintado da turma. Freqüenta Punta del Este, tem casa em Angra dos Reis e adora pólo. Tem uma chácara, um campo e um time de pólo para se divertir em Helvetia, um condomínio chique do interior de São Paulo. O dono da Boasafrá não tem jatinho, mas é dono de um helicóptero, que o leva e traz de Helvetia toda vez que vai ao condomínio apenas para disputar uma partida.

A Boasafrá é uma corretora de pequeno porte, mas já participou de negócios de peso ao lado de bancos importantes como Bradesco, Unibanco ou Garantia. Entre todos os suspeitos da CPI, talvez ele seja o mais agitado. Tem negócios em diversas áreas — uma fazenda no Uruguai, duas pequenas fábricas de cimento e uma empresa de marketing. Também já teve banco.

Ele foi vendido anos atrás ao bispo Edir Macedo e se transformou no Banco Crédito Metropolitano, da Igreja Universal do Reino de Deus. Essa instituição, contam pessoas que conhecem Solano Pereira, foi vendida numa fase em que quase faliu.

Até janeiro, Solano Pereira era conselheiro da Bolsa de Mercadorias & Futuros, a BM&F. É um cargo importante. A BM&F tem doze conselheiros, eleitos para um mandato de três anos. Solano Pereira abandonou essa área completamente. Renunciou ao cargo de conselheiro um ano antes do prazo. Ele mudou de ramo, talvez por coincidência, no mesmo ritmo das descobertas da CPI dos precatórios. A CPI foi instalada em outubro. Em novembro, ele comprou uma empresa do Bradesco, chamada Pecplan. Em janeiro, vendeu o seu título de operador na BM&F. Atualmente, o interesse de Solano Pereira migrou para sêmen de boi, pois é essa a especialidade da Pecplan. Essa empresa custou 7,5 milhões de reais. Solano Pereira tem uma participação de 60% no negócio, mas são os sócios americanos que tocam o dia-a-dia. Na semana passada, segundo seus amigos, Solano Pereira estava nos Estados Unidos, preparando sua defesa.

A CPI dos precatórios está de olho também nos secretários estaduais e municipais que lançaram os títulos públicos. Eduardo Campos, 31 anos, o “Dudu Beleza”, secretário da Fazenda pernambucano e neto do ex-governador Miguel Arraes, é acusado de forjar documentos para poder emitir papéis. Dudu, com seus olhos verdes e porte atlético, faz suspirar as moçoilas do Estado. Considerado o herdeiro político do trono estadual, já que é nele que o avô deposita toda a confiança, o projeto de Dudu é chegar à chefia do governo nas eleições de 2002. No interior de Pernambuco, corre o mito de que o “primeiro-neto” tenha um computador em que recebe dados de delegados e da Receita Federal. Serviria para controlar amigos e adversários. Quando Dudu foi depor na CPI, na semana passada, um séquito de vinte bajuladores fez questão de acompanhá-lo a Brasília. Não faltou nem mesmo o diretor do Detran, que, de precatórios, não deveria saber nem precisaria saber nada.

Com reportagem de Andréa Barros

Intelectuais voltam às barricadas

Protesto de gente famosa obriga governo francês a rever rigor de nova lei contra a imigração

Izalco Sardenberg

Em muitos lugares do mundo, quando artistas e intelectuais resolvem fazer uma manifestação política, pode-se esperar muita badalação, muita falação — e poucos resultados. Na França, um país onde filósofos recebem tratamento reservado às estrelas do show business, a coisa é diferente. O mais recente surto de agitação política a sacudir o país nasceu de uma iniciativa de jovens cineastas — morram de inveja, colegas brasileiros —, ganhou dimensões enormes e, mais espantoso, produziu algum efeito. No sábado 22, mais de 100 000 manifestantes, tendo à frente *la crème de la crème* dos intelectuais e artistas, saíram às ruas de Paris para protestar contra uma nova legislação antiimigratória, a Lei Debré, assim chamada em homenagem ao ministro do Interior, Jean-Louis Debré. Na quinta-feira, quando finalmente aprovou, a Assembléia Nacional, onde a direita é majoritária, tomou o cuidado de amputar seu dispositivo mais polêmico: a obrigação de que toda pessoa que rece-

ba estrangeiros em sua casa informe às autoridades sobre a partida de seus hóspedes. Na nova versão, cabe ao próprio estrangeiro informar à prefeitura local que está indo embora.

A Lei Debré, com seu cheiro sórdido de delação, foi a gota d'água que fez transbordar a maré dos protestos, contra o pano de fundo de mais uma crise de auto-análise dos franceses, movida por duas perguntas fundamentais — quem somos e que tipo de país queremos ter. O texto lembra demais a legislação do regime colaboracionista de Vichy que mandava informar à polícia sobre a presença de hóspedes judeus. Quando se soma ao crescimento da Frente Nacional, o partido de extrema direita e discurso racista que há duas semanas ganhou sua quarta prefeitura, é natural que tantos franceses

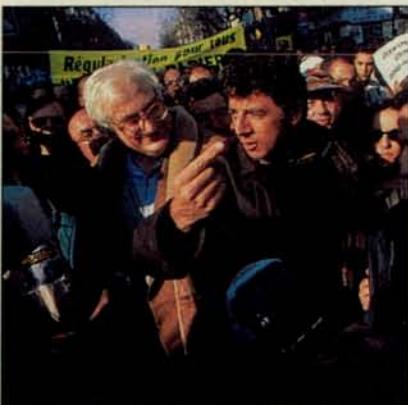
temam estar assistindo a uma reedição do vergonhoso passado fascista. “O governo passou dos limites”, diz Alain Touraine, sociólogo e amigo de Fernando Henrique Cardoso desde o tempo do exílio na Sorbonne. “Já não se trata de controlar a imigração clandestina, mas de suprimir os direitos de cada cidadão, convocado a fazer trabalho de polícia.”

Passeata da fama — A explosão de protestos começou com um apelo de 59 cineastas por uma campanha de desobediência civil à lei “desumana e inaceitável”. Uma particularidade da tradição dos protestos políticos franceses é o papel proeminente dos intelectuais, agindo como consciência moral da nação. No sábado, podia-se encontrar entre os manifestantes Bertrand Tavernier, a maior b

ilheteria do país com o filme *Capitaine Conan*, o filósofo Bernard-Henri Lévy e as atrizes Jeanne Moreau, Catherine Deneuve e a belíssima Emmanuelle Béart.

Os narizes torcidos contra a “esquerda caviar”, equivalente à antiga esquerda festiva no Brasil, não funcionaram. Sindicatos, a oposição socialista (para não fazer pape-

FOTOS: B. BISSON / SYGMA



O cineasta Bertrand Tavernier e a atriz Emmanuelle Béart: a “esquerda caviar” se manifesta, mas a dureza continua





Protesto dos 100 000 nas ruas de Paris e pancadaria no Quartier Latin: "Cidadão convocado a fazer trabalho de polícia"

AFP

lão, depois de hesitar o quanto pôde) e cidadãos em geral, descontentes com o governo do primeiro-ministro Alain Juppé, foram aderindo. Temendo uma "explosão social", Juppé recomendou mudanças no projeto de lei. Mesmo com as concessões, o pacote permanece. Os dispositivos que passaram intactos autorizam a polícia a reter documentos dos suspeitos de imigração ilegal, revistar ônibus e caminhões numa faixa de 20 quilômetros a partir das fronteiras e deter um suspeito por até 48 horas sem comunicar a prisão a um juiz.

É extraordinário que manifestações lideradas por intelectuais consigam tamanha adesão, e ainda mais quando não são em defesa de salários ou benefícios sociais, mas sim em favor de imigrantes, geralmente relegados ao último degrau da escala social. O fato, no entanto, é que o país está dividido. De um lado, as pesquisas de opinião pública mostram que metade da população simpatiza com o esforço dos intelectuais para honrar a tradição humanitária e libertária da nação. De outro, indicam que a maioria dos franceses concorda que o governo precisa fechar as portas aos imigrantes. A reação aos es-

trangeiros, na maioria vindos das ex-colônias francesas no norte da África, não é coisa nova, mas se torna mais alarmante quanto se traduz no crescimento da Frente Nacional.

Mazelas francesas — Com uma taxa de desemprego em torno dos 13% e uma economia que cresceu apenas 1% no ano passado, a França vive uma situação típica dos países ricos. Como outras economias maduras, falta-lhe espaço para expansão e uma parte da força de trabalho precisa ser sustentada pela Previdência Social. Mesmo na esquerda, não falta quem concorde que o "modelo francês" requer mudanças, sob risco de desmoronamento. Como cortar despesas sem afetar o notável padrão de vida atingido pelos franceses é realmente uma tarefa de arrepiar, muitas vezes pare-

ce mais fácil botar a culpa nos imigrantes, acusando-os de tumultuar o mercado de trabalho. Não é bem assim. O último censo mostra que o número de estrangeiros — 3,6 milhões, numa população de 58 milhões — é o mesmo há vinte anos. Quanto ao total de ilegais, estima-se que possa chegar a 300 000.

Enquanto a direita tradicional aperta os parafusos, a extrema direita crava os dentes. A bordo de uma ideologia de pureza racial, a Frente Nacional quer reservar os empregos para os nativos, rever todas as naturalizações desde 1974 e expulsar 3 milhões de estrangeiros. Seu eleitorado cresce entre os franceses mais pobres — e são esses os votos cobiçados pelos grandes partidos. Vitrolles, cuja prefeitura será ocupada por Catherine Méret, mulher de Bruno Méret, o segundo da Frente

Nacional, representante da nova face, mais chique e perigosa, da extrema direita, é apenas um lugarejo nos arredores de Marselha. O que deixa os intelectuais horrorizados é a demonstração de que a filosofia racista está ganhando respeitabilidade no país. E que, quando se trata de imigração, o governo está falando uma linguagem cada vez mais parecida com a da extrema direita. ■

Catherine Méret e seu marido: a nova face da extrema direita



ERIC TSCHAEN/SIPA PRESS

Com reportagem de Rosely Forganés, em Paris



Quarto de Lincoln, na Casa Branca: acesso a 938 amigos preferenciais do presidente de aluguel

Internacional EUA

Cama de campanha

Doar dinheiro para eleger Clinton dava direito a uma noite na Casa Branca, com café da manhã

Lizia Bydlowski

Quando a perdulária mulher de Abraham Lincoln, Mary Todd, comprou a enorme cama que hoje enfeita o Quarto de Lincoln, na Casa Branca, foi repreendida pelo marido: "Isso vai cheirar mal para os americanos". Nem imaginava quanto. Na semana passada, o atual presidente, Bill Clinton, estava em apuros para convencer o país de que foi perfeitamente natural ter convidado, em seu primeiro mandato, 938 pessoas para passar uma noite no Quarto de Lincoln — pessoas que, na maioria, deram dinheiro para sua reeleição, no ano passado.

"Não vendi o Quarto de Lincoln", defendeu-se Clinton. Vendeu, sim, e caro, admitiram diversos convidados que passaram uma noite, com direito a café da manhã, na cobiçada cama de pau-rosa, que na verdade foi do filho de Lincoln. Na reta final da campanha, o quarto era reservado aos "amigos" que contribuíram com 50 000 a 100 000 dólares. O arranjo é confirmado por um

bilhete do próprio punho de Clinton, divulgado na semana passada. Juntos, os hóspedes da Casa Branca doaram 3,1 milhões de dólares para a campanha, uma semana antes ou depois da noitada.

Negócio da China — Usar o peso do cargo para fazer caixa de campanha pode não ser ético, mas não é ilegal nos Estados Unidos. É contra a lei, no entanto, fazer isso dentro da Casa Branca ou aceitar dinheiro de estrangeiros, sobretudo quando há indícios de lobby. Johnny Chung, um empresário sino-americano que já esteve 49 vezes na Casa Branca, confirmou que pagou para que cinco fun-

cionários de estatais chinesas apertassem a mão de Clinton na Casa Branca, em 11 de março de 1995; no dia 17, Chung doou 50 000 dólares à campanha. Dinheiro seu, garante. Saído do bolso dos chineses constituiria crime eleitoral.

Político é louco por dinheiro de campanha em qualquer lugar do mundo, mas a fissura dos democratas americanos que transformou Clinton num presidente de aluguel tem explicação adicional. Dick Morris, guru da campanha de Clinton até ser pego compartilhando segredos do cliente com uma prostituta, conta em livro recém-lançado que os democratas, depois de perder a maioria do Congresso em 1994, se puseram a gastar a rodo para recuperar o campo perdido. Só em anúncios na reta final da campanha, Clinton torrou 85 milhões de dólares, mais do dobro de 1992. Duas comissões do Congresso e uma do Departamento de Justiça investigam agora de onde veio o dinheiro para pagar tudo isso. ■

Cordão dos sicolofantes

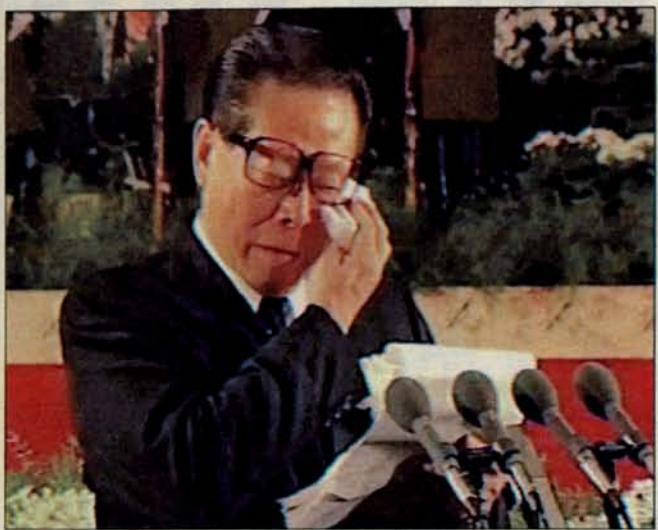
A ficha do marido está cada vez mais suja, e a própria primeira-dama Hillary Clinton pode-se enroscar nas novas maracutaias. O cordão dos sicolofantes, porém, continua firme. De longo de cetim verde e renda dourada, Hillary subiu ao palco na semana passada para receber um prêmio improvável para quem se define como

"totalmente desafinada": um Grammy, o Oscar da música americana. A obra que lhe valeu o prêmio não tem uma única nota musical — trata-se da versão gravada de seu livro, *It Takes a Village*, sobre educação infantil. Hillary compartilhou o Grammy com Eric Clapton, Tony Bennett, Babyface e Enrique Iglesias, entre outros.



Hillary: prêmio desafinado

Notas internacionais



Jiang Zemin: lágrimas pelo padrinho

Bombas na despedida de Deng

Não, não foram lágrimas de crocodilo. O presidente da China, Jiang Zemin, tinha bons motivos para chorar na cerimônia fúnebre de Deng Xiaoping — sem o padrinho, que mesmo agonizante mantinha a autoridade moral, a briga de foice pelo poder fica bem mais difícil. Enquanto o presidente chorava, três bombas explodiram em Urumqi, capital de Xinjiang, matando cinco pessoas. Os suspeitos são separatistas muçulmanos, que querem fazer da província o Turquestão Oriental.



Diana: renda doada

Brechó de luxo

Nunca um lote de roupa usada fez tanto furor. No dia 25 de junho, a Christie's de Nova York leiloa oitenta vestidos doados por Diana, a princesa-modelo. A renda do leilão benéfico irá para o tratamento de câncer e Aids.



Casa da Dinda nos pampas

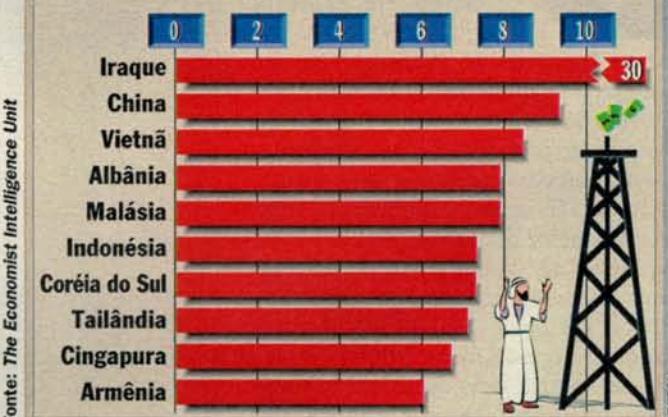
O presidente Carlos Menem, da Argentina, já tem um cantinho para a velhice: a casa de 700 metros quadrados, com quadra de tênis e lago artificial, que está construindo — a 800 metros de um aeroporto novinho em folha — em sua cidade natal, Anillaco, de 855 habitantes. Casa, aeroporto e empreiteiros *muy amigos* foram tema do programa de TV *Sem Limites*, quase engavetado pela emissora América TV. Os produtores puseram a boca no mundo e o programa foi exibido quinta-feira.



O refúgio de Menem: na TV

Economias com anabolizante

Os Tigres Asiáticos continuarão crescendo acima de 6%, mas país algum vai superar o Iraque, com aumento de 30% no PIB, devido à retomada das exportações de petróleo. Veja o ranking de crescimento previsto para este ano, segundo a revista inglesa *The Economist* (visão de crescimento do PIB para 1997 em % sobre o ano anterior)



A FESTA QUE NUNCA FIMOU

O seqüestro que se arrasta desde dezembro conduz o Peru a uma situação absurda

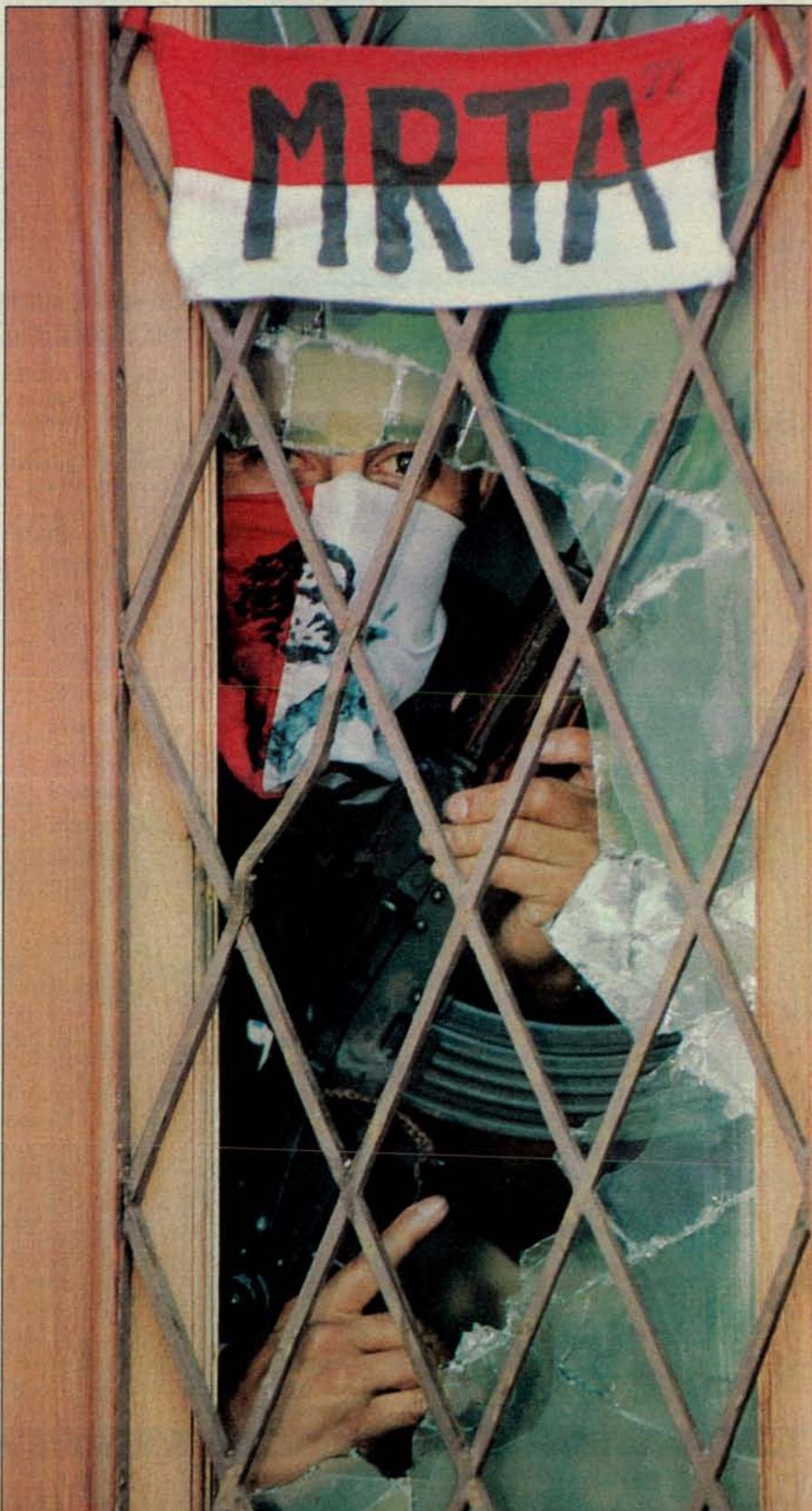
Roberto Pompeu de Toledo, de Lima

Duas perguntas atormentam a alma dos peruanos:

- E se ele estivesse lá?
- E se eles, daqui a seis meses, ainda estiverem lá?

O "ele" da primeira pergunta é o cidadão Alberto Fujimori, de 58 anos, filho de imigrantes japoneses, divorciado, presidente do Peru desde 1990 e figura tão dominante no país que a política peruana até parece o enredo de um personagem só. E se ele estivesse na festa abruptamente perturbada pela chegada, sem convite, de um grupo de associados do empreendimento terrorista conhecido como Movimento Revolucionário Tupac Amaru, MRTA? Haveria nesse caso uma operação de força para libertá-lo? Quantas vítimas daí não resultariam? E se ele próprio morresse? Ao contrário, se não houvesse operação de força, ele estaria preso até agora? E que seria do governo, nesse caso? Do Estado, do país? As hipóteses não são tão fantasiosas. Fujimori também estava convidado para a recepção na residência do embaixador japonês que, no dia 17 de dezembro, comemorava o aniversário do imperador do Japão. Ele não foi, mas foram sua mãe, uma irmã — libertadas, como todas as mulheres, na própria noite do seqüestro — e um irmão, Pedro, que continua lá até hoje.

O "eles" da segunda pergunta refere-se aos 72 reféns que, passados dois meses e tanto, continuam cativos, hóspedes da mais longa e tenebrosa festa a que já compareceram na vida. E se daqui a seis meses continuarem lá, ou



CA ACABA



de fora fica a polícia e, mais longe, mantidos a um par de quarteirões de distância por barreiras improvisadas com cordas, cavaletes e fileiras de policiais, mantêm-se multidões de jornalistas, numa espera infinita. "O governo não pode conviver longamente com isso", diz o general Edgardo Mercado Jarrín, um dos próceres do regime militar que durou de 1968 a 1980. "Isso lhe tira a liberdade de ação." Entre os reféns há duas dezenas de japoneses, a começar pelo dono da casa, o embaixador Morihisa Aoki, e continuando com outros diplomatas e representantes de grandes corporações, como Sony, Mitsubishi e Panasonic. Também há um boliviano, o embaixador Jorge Gumucio — cativo ainda porque a Bolívia mantém quatro membros do MRTA em suas prisões —, e os restantes são peruanos, todos peixes gordos, inclusive dois ministros (Relações Exteriores e Agricultura), altas autoridades do Judiciário, comandantes militares e da polícia. Entre os terroristas, a estrela máxima é Nestor Cerpa Cartolini, o "comandante Evaristo", ou "Huerta", como se apresentou ao início da operação. Antigo líder sindical de 43 anos, ele é o chefe do bando de desajustados da vida e perdidos da História, alguns adolescentes, que, assim como outrora se conquistaram países, inclusive o Peru, conquistaram a esquina da Barcelona com a Tomas Edison.

mesmo quatro, ou dez meses, ou dois anos? Qual seja, e se a atual situação, já de si absurda, e suficientemente longa, ficar ainda mais longa, e, quanto mais longa, mais absurda e cruel? A atual situação, para os peruanos em geral, e o governo em particular, já representa um embaraço e tanto. É como conviver com um cadáver na sala. Para o presidente Fujimori, antes tão cheio de si, tão embriagado pelos êxitos no combate à inflação e ao terrorismo que diziam o Peru na década de 80, foi como se, como o personagem de Kafka, um dia acordasse de seus sonhos transformado numa espécie monstruosa de inseto. Ou, então, como se um dia entrasse em seu gabinete no Palácio do Governo, situado na bonita Plaza de Armas, no centro de Lima, hoje restaurada e devolvida ao antigo esplendor por um prefeito empreendedor, e fosse surpreendido por uma lhamas que lhe saltasse ao ombro e dali não mais saísse. Como tocar os negócios correntes, nessas condições? Fujimori viaja, participa de eventos, fala de outros assuntos. Finge que toca a vida

em frente. Mas os peruanos, e o mundo, vêem que ele tem uma inamovível lhamas no ombro. E, se já é assim agora, ficará muito pior se a situação se prolongar indefinidamente.

As duas perguntas têm em comum aventar possibilidades que, uma voltada para o passado e outra para o futuro, ampliam até o limite o presente embaraço. O Peru vive hoje em torno do que se passa na esquina prestigiosa das ruas Barcelona e Tomas Edison, no bairro de San Isidro, tão elegante e arborizado como o Jardim América, em São Paulo, onde se ergue uma casa que, à semelhança de dezenas de outras, pelo mundo afora, imita o casarão do filme ...E o Vento Levou. E o que se passa lá? Nada, ou quase nada — desesperadamente nada. Do lado de dentro da casa, que, construída por um milionário peruano, depois passou a abrigar a residência do embaixador japonês, estão trancados os 72 reféns e os cerca de vinte terroristas — até hoje, não se chegou à conta exata. Do lado

"Quem faz terrorismo hoje são grupos completamente isolados. E isolados não só social e politicamente, mas fisicamente."

Julio Cotler, sociólogo

Até há pouco, o que acontecia de mais emocionante no local eram as operações da Cruz Vermelha destinadas a prover a casa dos gêneros mais necessários à sobrevivência dos habitantes. Quando se completaram nove semanas do seqüestro, a Agência France Presse contabilizou, junto à Cruz Vermelha, o resultado dessas operações, até então. Havia sido entregues 12 368 refeições, sendo 4 348 compostas de pratos japoneses. Também foram entregues 3 300 bananas, 2 720 maçãs e 1 320 laranjas, frutas necessárias nas circunstâncias, precisava a agência, porque, ricas em potássio, especialmente as bananas, contribuem para uma dieta adequada ao processo di-

Um terrorista na porta e a casa capturada: uma situação que combina vários filmes diferentes

gestivo e à função caridáca. Com informações assim iam os jornalistas espantando o tédio da vigília sem fim. No dia 11 de fevereiro, ocorreu algo de mais eletrizante. Negociações, afinal! Sob os auspícios de uma comissão formada pelo representante da Cruz

Vermelha, Michel Minnig, pelo arcebispo de Ayacucho, Juan Luis Cipriani, e pelo embaixador do Canadá, Anthony Vincent, reuniram-se os interlocutores do governo e do MRTA. Como o governo não enviou seu número 1, e sim o ministro da Educação, Domingo Palermo, o MRTA a princípio também não se fez representar por seu número 1 — não é assim que agem as potências? Em lugar de Cerpa Cartolini, adentrou a ribalta o ex-vendedor ambulante e ex-cobrador de ônibus Rolly Rojas Fernandes, dito "El Árabe", de 34 anos, recrutado para o terrorismo quando tentava estudar sociologia na Universidade San Martín de Porres. Rojas ganhou o apelido de Árabe por causa da mania de enrolar a camisa na cabeça, à maneira do turbante árabe. Ele diz que pegou esse hábito no Estádio Nacional, para proteger-se do sol, enquanto assistia às partidas do seu time, o Universitário de Lima. E que tinha o Árabe a oferecer, na mesa de negociações? O mesmo que Palermo, seu contraparte do governo: nada. Nos últimos dias, o próprio Cerpa passou a negociar com Palermo. Até onde se sabe, no entanto, as duas partes não arredaram pé das exigências iniciais. O MRTA quer a libertação de todos os cerca de 440 membros da organização encarcerados nos presídios peruanos. O governo garante que não solta prisioneiro algum, e tudo o que oferece é um salvo-conduto para os terroristas viajarem a algum país estrangeiro.

Por que no Peru subsiste uma coisa tão anacrônica como o terrorismo, quando não existe mais Muro de Berlim nem Guerra Fria? Por que existiriam ali organizações que se atribuem a condição de "maoístas" ou "castristas", quando o maoísmo já está morto e enterrado na China e até o próprio Fidel Castro, se pudesse começar tudo de novo, talvez hesitasse em abraçar o "castrismo"? "Sempre fomos paradoxais", responde

**O embaixador Aoki
continuou a
comportar-se como
anfitrião mesmo
depois que Cerpa
Cartolini lhe roubara
irremediavelmente
a festa**

Mercado Jarrín. "Nos anos 60, enquanto os militares em toda a América Latina fundavam regimes de direita, fizemos um de esquerda. Nos anos 80, quando já se sentia a onda neoliberal, o Peru elegeu um governo da Apra, o tradicional partido social-

democrata do país. E quando a democracia parecia vitoriosa no mundo, em particular na América Latina, Fujimori encabeçou um golpe de Estado para ampliar seus poderes, em 1992."

Na verdade, a fase pior do terrorismo ficou para trás. "Estes são os últimos sacolejões do terrorismo dos anos 80", diz o sociólogo Julio Cotler, diretor do Instituto de Estudos Peruanos. Do início da década de 80 até o início da de 90, o Peru viveu o pesadelo dos *coche-bombas* (carros-bombas) que estouravam nas esquinas, dos seqüestros, dos atentados a instituições públicas e privadas. Foi o reinado do Sendero Luminoso, a organização "maoísta" que, na América Latina, se converteu no parente mais próximo dos carniceiros de Pol Pot no Camboja. Nos primeiros anos de seu governo, graças a uma série de medidas duras, Fujimori foi domando o terrorismo. Sua proeza maior foi a captura do líder máximo do Sendero, Abimael Guzman, em setembro de 1992. Hoje, as organizações terroristas não parecem capazes de atuar na frequência e magnitude de antes.

"São grupos completamente isolados", diz Cotler, sobre o terrorismo que resta. "E isolados não só social e politicamente, mas também fisicamente." Isolados internacionalmente eles sempre foram, segundo Cotler, e também isolados do senso de realidade. O Sendero se considerava o centro da revolução mundial. "Eles achavam que estavam destinados a retomar a Revolução Cultural", afirma Cotler. Uma vez, na década passada, quando ensinava na Universidade de San Marcos, a mais antiga das Américas, transformada nas últimas décadas em centro do pensamento radical esquerdista, Cotler ouviu de um aluno simpatizante do Sendero a explicação de



que tudo o que ocorria na União Soviética decorria do fato de um traidor, Mikhail Gorbachev, ter-se apoderado do comando. "Eles explicam tudo assim", diz Cotler. "Gorbachev é traidor, Deng Xiaoping é traidor. A História se explica por uma série de traições. Eu lhes perguntava: E vocês ainda se consideram marxistas?" Ao Sendero maoísta contrapôs-se, no mercado das soluções radicais da década de 80, o Tupac Amaru castris-



"Comandante"
Nestor Cerpa
Cartolini,
o chefe da
operação, na
casa do
embaixador
japonês e em
foto anterior

CHARLIE VARLEY/SIPA PRESS

mento e o de Abimael Guzman, a quem considera um inimigo tão inconciliável como Fujimori. Não há dúvida de que o Sendero é responsável pelo grosso dos conflitos que, desde a década passada, deixaram 30 000 mortes. Mas o MRTA tem também em seu passivo assassinatos e outras indelicadezas contra suas vítimas.

Outro ponto que distingue as duas organizações, segundo os especialistas, é a origem social e geográfica de seus membros. O Peru é um país dividido em três nítidas faixas verticais — a costa, a "serra", como é chamada a região andina, e a selva, constituída pela parte que lhe cabe da Amazônia. O Sendero Luminoso nasceu, prosperou e recrutou o grosso de seus quadros na serra, região de índios e mestizos e economia rural primitiva. Já o MRTA nasce entre o proletariado e a classe média baixa das regiões urbanizadas da costa, Lima principalmente, e vai reforçar-se com militantes, refúgios e recursos que só a selva lhe poderia oferecer. A própria história de Cerpa Cartolini ilustra o casamento entre costa e selva de que se alimenta o movimento. Cerpa, urbano e proletário, radicaliza-se a partir do momento em que, em 1979, como líder da fábrica têxtil onde trabalhava em Lima, a Cromotex, participa de uma greve que termina com uma brutal repressão policial e a morte de seis



trabalhadores, inclusive seu querido camarada Hemigdio Huerta — o "Huerta" que homenageava ao apresentar-se com esse nome na festa do embaixador japonês. Em 1983, vamos encontrá-lo nas selvas da região de San Martín, no nordeste do país, à procura de dois elementos vitais para o movimento que vinha tomando forma — militantes e cocaína. Ou melhor, militantes e campesinos produtores de coca, aos quais o MRTA venderia proteção, a eles e aos narcotraficantes, em troca de comissões nos negócios. Não se deve esquecer que o Peru é o maior produtor mundial de coca. A Colômbia a industrializa e comercializa, mas a maior produção está no Peru. Em ambas as tarefas, Cerpa foi bem-sucedido. Com os narcotraficantes, ele e os demais dirigentes do MRTA consolidaram uma aliança que lhes permite uma fonte de financiamento permanente. Quanto a militantes, acabou recrutando até aquela que viria a ser sua mulher, Nancy Gilvônio, então uma adolescente. O casal acabaria por se transformar numa ilustração viva da aliança cidade-selva.

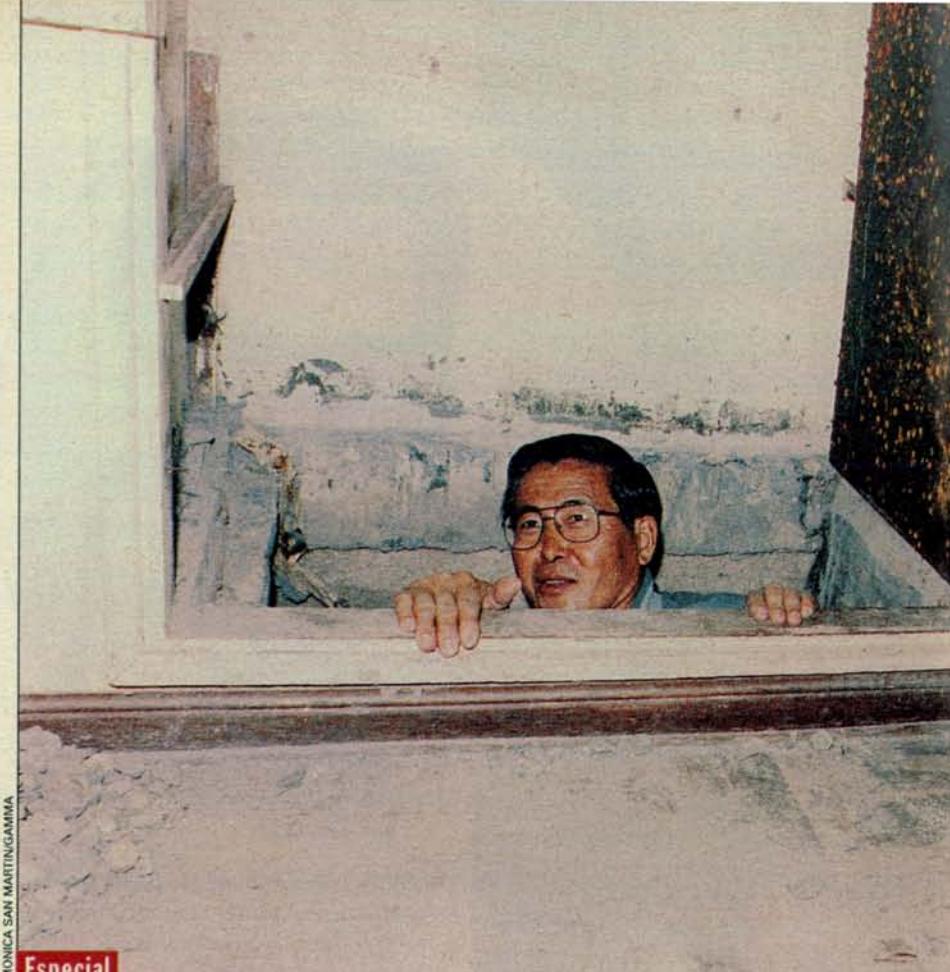
Nos anos Fujimori, o MRTA, como o Sendero Luminoso, conheceria derrota após derrota. Victor Polay, o líder máximo, está preso desde 1993. Igual sorte cabe a três outros altos dirigentes. "Ninguém tem dúvida no Peru de que o MRTA será derrotado neste ano", dizia Fujimori, naqueles idos de 1993. Nancy Gilvônio foi presa no final de 1995 com mais 21 companheiros que ocupavam uma casa em Lima onde preparavam, segundo a polícia, uma operação de tomada do Congresso Nacional. A casa estava alugada em nome de uma jovem americana, Lori Berenson, que trocou o conforto de Manhattan, onde nasceu e foi criada, e um curso de antropologia no Massachusetts Institute of Technology pelas tropelias latino-americanas. A americana também foi presa. Ao assaltar a festa do embaixador japonês, o MRTA, qual Lásaro, ressurgiu graciosamente do túmulo. O ex-presidente Fernando Belaunde Terry, em cujo período (1980-1985) o terrorismo nasceu e tomou impulso, e é tão criticado por isso, conhece agora uma pequena vingança. "Este governo tem

ta, cujo nome vem do inca que, no século XVIII, liderou uma revolta contra o domínio espanhol. Fundado por Victor Polay Campos, um descendente de chineses cujo nome originalmente era Po Lay, o MRTA gosta de apresentar-se como moderado e humano, quase doce e terno, em contraste com os sanguinários do Sendero. Em suas preleções aos reféns, Cerpa Cartolini tem como tema predileto traçar as diferenças entre seu movi-

uma atitude triunfalista que resulta artificial", diz.

Acredita-se que Cerpa seja hoje o mais graduado militante do MRTA em liberdade — se é que se pode considerar em liberdade alguém cuja última grande decisão foi trancar-se numa mansão limenha. De repente, naquela festa a que, por sorte, Fujimori não foi, lá estava ele a comandar uma operação que substituía o alegre bailado dos garçons oferecendo sushi e saquê pelo movimento das metralhadoras brandidas no ar. "Todos deitados no chão. E silêncio." Em vez da visão apaziguadora dos arranjos florais, ressaltava agora o pano vermelho e branco com que aqueles intrusos — entre os quais, duas mulheres — cobriam o rosto. "Parecia um filme", lembra uma senhora presente à festa. Pareciam vários filmes, na realidade. ...E o Vento Levou, para começar, pelo cenário. Todos os filmes de sangue-sangue, em seguida. Também, inevitavelmente, O Anjo Exterminador, do espanhol Luis Buñuel, cujo tema é uma festa da qual os convidados não conseguem sair. E Bananas, de Woody Allen, por causa daqueles seres uniformizados de revolucionários para lembrar-nos de que, *hombre!*, estamos na América Latina.

O embaixador Aoki, à maneira surrealista de Buñuel, continuou a comportar-se como anfitrião mesmo depois que Cerpa Cartolini lhe roubara irremediavelmente a festa. "Não senhor, estou em minha casa e preciso conversar com todos os convidados", disse a um terrorista que tentava impedir-lo de circular. Ele emprestou tudo o que tinha, de roupas a escova de dente, e a cada um pedia desculpas pelo incômodo, não se cansava de pedi-las. No estilo Woody Allen, um seqüestrador controlava o movimento intenso do banheiro e exigia que sempre se deixasse a porta aberta. Uma hora, vendo que acabara de entrar uma das mulheres do comando terrorista, um refém discretamente encostou a porta. "Porta aberta", reclamou o terrorista. "Mas está lá dentro a companheira", disse o refém. "Ah, sim, desculpe", disse o terrorista. A festa acabara de se transformar numa celebração ao delírio latino-americano. Todos os habitantes deste triste continente estavam lá, brasileiros inclusive, como se tentaria demonstrar adiante.



MONICA SAN MARTIN/GAMMA

Especial

A VISITA DA REA

Para Fujimori, o seqüestro veio interromper o sonho de virar Tigre Asiático

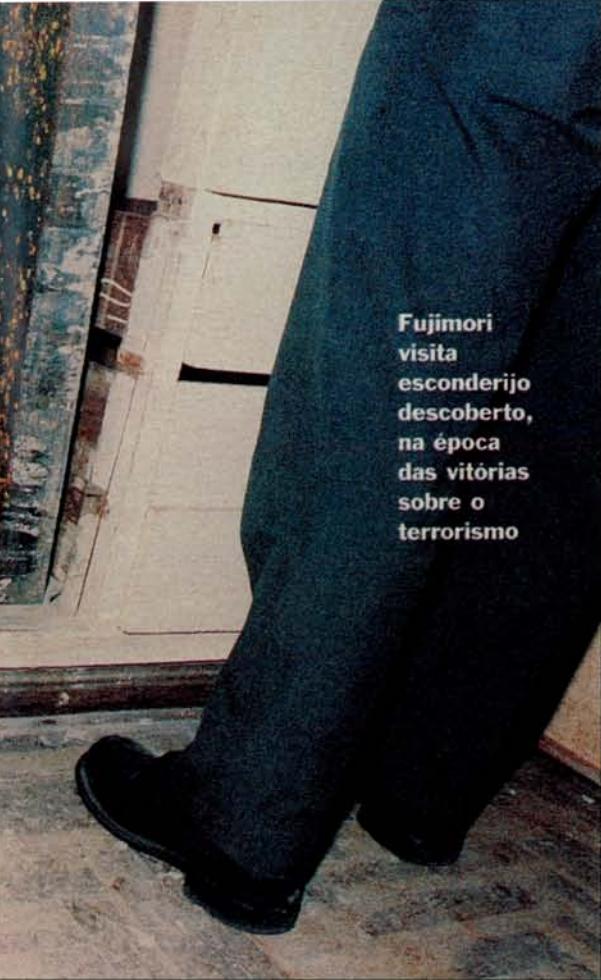
Roberto Pompeu de Toledo, de Lima

Duas perguntas assaltam o espírito de quem visita Lima, nestes dias:

- Pode-se ingressar no Primeiro Mundo buzinando desse jeito?
- Caso se esgota nos 72 contabilizados a lista dos reféns na residência do embaixador do Japão?

O Peru conheceu um período de progresso, na primeira metade da presente década. Em 1990, último ano do governo Alan García, a inflação fechou a 7 650%. "Mais de 7 000% e sem

indexação", enfatiza Julio Cotler, do Instituto de Estudos Peruanos. As pessoas que tinham emprego regular em Lima — de "carteira assinada", se diria no Brasil — perfaziam 60% da população econômica ativa da capital, em 1987. Três anos depois, eram apenas 16%. Submetido a um choque ortodoxo-liberal sob o comando de Fujimori, ou "fondomonetarista", segundo expressão do próprio presidente, o país retomou o prumo. A inflação desceu gradualmente até chegar a 10% em 1995 e 12% em 1996. O crescimento do PIB foi de 6% em 1993 e chegou a 12,7% em 1995. Fujimorista de primeira linha, o economista Fernando González Vigil, professor da Universidade do Pacífico, de Lima, e até há pouco vice-ministro das Relações Exteriores, vê um profundo significado na eleição de 1990, quando Fujimori foi eleito presidente. Foram derrotados a um tempo, segundo González Vigil, pri-



Fujimori visita esconderijo descoberto, na época das vitórias sobre o terrorismo

LIDADE

meiro a oligarquia, representada a seu ver pelo escritor Mario Vargas Llosa, o principal adversário de Fujimori; segundo a Apra, o mais tradicional partido peruano, de coloração social-democrata, que teve seu acesso ao poder bloqueado, legal ou ilegalmente, por mais de cinquenta anos, até desmoralizar-se quando enfim se personificou no desastroso governo de Alan García; e terceiro o terrorismo, o qual, tanto pela voz do Sendero Luminoso quanto pela do Tupac Amaru, pregava o voto nulo. O povo teve a sabedoria, segundo o economista, não só de descartar uma a uma as opções mais óbvias como de ir buscar, entre as que restavam, a de maior potencial transformador. "Os próprios peruanos ainda não têm idéia da revolução que foi a eleição de 1990", diz González Vigil.

Animado por seus sucessos, Fujimori não só promoveu o chamado "autogolpe" de 1992, quando fechou o

Congresso, desmantelou o Judiciário e impôs uma Constituição ao seu feitio. Não só introduziu o direito à reeleição e ganhou-a facilmente, com 64% dos votos, em 1995, garantindo a permanência no cargo até 2000. Também sonhou que estava à frente de um Tigre Asiático. Se já tinha um presidente de olhos puxados, por que o Peru não conseguiria os outros atributos que fazem uma Coréia ou uma Taiwan? O assalto terrorista de 17 de dezembro veio interpor o mau gosto da realidade a esse quadro de sonho. Terrorismo é basicamente um atributo de países pobres e esfarrapados, embora tenha havido surtos terroristas na Itália, na Alemanha e no Japão — e o Peru ainda é um país dramaticamente pobre. Mais do que pobre, assim como o presidente Fernando Henrique Cardoso costuma dizer do Brasil, é um país injusto, com grandes diferenças de renda, educação e estilo de vida. Como o Brasil, o Peru conheceu migrações internas que duplicaram a miséria nos centros urbanos, nas últimas décadas. Lima é hoje uma metrópole de quase 8 milhões de habitantes. Ali se concentra um terço da população do país. E como se buzina, em Lima!

O Peru resume o que tem sido a aventura humana neste lado do mundo chamado América. Sob o ponto de vista histórico, como nenhum outro, à exceção do México, representa o que foi o brutal encontro de dois mundos, o europeu e o índio. Sob o ponto de vista da população, apresenta uma mistura de cores e traços faciais que não se encontra na Europa, Ásia ou África — é caracteristicamente americana. Nessa mistura estaria uma das razões da difícil convivência no interior de suas fronteiras. O padre Felipe McGregor, veterano propugnador dos direitos humanos, no país, ou da "cultura da paz", como costuma dizer,

autor de dezessete livros sobre o assunto e animador de diferentes iniciativas com esse fim, defende que o germe da violência tem origem na cabeça das pessoas. "Quando alguém é educado na depreciação do negro, ou do indígena, ou do cholo (mistura de índio com branco), ou dos diversos matizes que resultam da mestiçagem, facilmente pode cair na violência contra aquele que não tem a mesma cor de pele ou traços raciais", diz ele. O Peru é um país racista, então? Não é assim tão simples. Quem tem *la plata*, o dinheiro, vira branco, lembra Julio Cotler. "O que há", acrescenta Cotler, "é uma associação de certas características fenotípicas com pobreza."

Está-se falando do Peru ou do Brasil? Lá como cá, há e não há racismo, há discriminação, mas o dinheiro lava a cor morena e arredonda os olhos ameríndios. Mais lá do que cá, no entanto, o assunto é base de especulação — e manipulação — política. Fujimori disse uma vez que seu governo representa a bancarrota da oligarquia branca, graças a uma aliança entre *chinitos* (diminutivo de *chino*, como todo oriental é chamado no país) e *cholitos*. A afirmação vale decerto o mesmo que dizer que, com a vitória do prefeito Celso Pitta, em São Paulo, os negros ascenderam ao poder, mas remexe em sentimentos profundos. "Manda aqui quem é branco, de origem européia, e tem traços o mais longe possível dos índios", diz González Vigil. "Sempre foi assim, e a classe média tem comportamento dúvida. Critica esse tipo de manejo do poder, mas está sempre desesperada para ser reconhecida pelos que o manejam, ou ser reconhecida como um deles. Quem não é branco quer ser *blancón*." Vargas Llosa, que apesar de derrotado na eleição ainda não deixou de ser um dos mais inteligentes peruanos, e o de maior prestígio internacional, escreve, em seu último livro (*A Utopia Arcaica*

— José María Arguedas e as Ficções do Indigenismo), recém-publicado na Espanha: "Salvo em um sentido administrativo e simbólico — quer dizer, o mais precário possível —, o peruano não existe. Só existem os peruanos, um leque de raças, culturas, línguas,

"Manda aqui quem é branco, de origem européia, e tem traços o mais longe possível dos índios. Quem não é branco quer ser *blancón*."

Fernando González Vigil, economista

níveis de vida, usos e costumes, mais distintos que parecidos entre si, cujo denominador comum se resume, na maioria dos casos, a viver no mesmo território e submetidos à mesma autoridade".

O controle, por Fujimori, desse retalho de gentes e geografias chamado Peru começou com uma guerra ao terrorismo travada com o recurso às mais drásticas medidas. Estabeleceu-se no país uma lei do "arrependimento" pela qual o terrorista que delata os colegas goza de vantagens que podem ir até a anistia, mas isso não é nada — a Itália também adotou esse procedimento. Também se instituiu a Corte Marcial secreta e o "juiz sem rosto", e aqui as coisas começam a ficar mais peculiares. O julgamento de um terrorista é feito a portas fechadas. E o juiz aparece com o rosto coberto, para que o réu não venha a articular alguma vingança contra ele no futuro. Os julgamentos são sumários, e não é de estranhar que, nesse contexto, se cometam injustiças. Tanto se insistiu nesse ponto, nacional e internacionalmente, que o governo concordou em criar uma comissão de reexame das condenações por terrorismo eventualmente injustas. Entre a data de sua instalação, 20 de agosto do ano passado, e o fim do mesmo ano, a comissão recebeu 1 776 pedidos de revisão de pena. Desse total, examinou 400 processos e concedeu ganho de causa — indulto — a 110 condenados. Segundo o congressista (deputado à Câmara única peruana) José Barba Cavallero, deve haver pelo menos mais 300 inocentes. Outro congressista, Anel Townsend, ao examinar a lista das 110 pessoas beneficiadas, verificou que 34% eram camponeses, 12% analfabetas e 32% estiveram presas injustamente entre três e quatro anos.

O sistema penitenciário que acolhe os terroristas é um capítulo à parte dessa história. Os prisioneiros não podem receber visitas enquanto cumprem o primeiro ano de pena. Depois disso, ganham o direito a uma visita de quinze minutos a cada mês.

*"...os peruanos
(são) um leque de
raças, culturas,
línguas, níveis de
vida, usos e
costumes, mais
distintos que
parecidos entre si..."*

Mario Vargas Llosa

**Uma
peruana
na pobreza
de sempre
e o trânsito
de Lima,
selvagem
e barulhento**

BRUNO BARBERO/DAF



Victor Polay, o chefe máximo do MRTA, assim como Abimael Guzman, seu contraparte do Sendero, e outros chefões do terrorismo estão presos no cárcere de segurança máxima da Base Naval de El Callao, ao lado de Lima. A cela de Polay tem 4 metros quadrados, com uma porta de ferro e uma pequena abertura para a entrega da comida. A mãe do terrorista, Otilia, diz que o filho emagreceu 30 quilos e dá sinais de distúrbio mental. A mulher de Cerpa Cartonini, Nancy Gilvonio, e a americana Lori Berenson, detida com ela, estão na prisão de Yanamayo, construída especialmente para abrigar terroristas e sinistra como o morro dos ventos uivantes. Yanamayo fica em Puno, perto do Lago Titicaca, a 840 quilômetros de Lima e 3 800 metros de altitude. A prisão foi erguida em cima de um pico de impossível acesso, como um Pão de Açúcar sem bondinho. Faz muito frio na região, e as celas não são aquecidas. Os pais de Lori Berenson, ambos professores universitários em Nova York, conseguiram visitá-la, por trinta minutos, no final do ano passado. Contaram depois ao correspondente do *New York Times* Calvin Sims que, por

causa da altitude e do frio, a filha sofre de tonturas e problemas circulatórios, que resultam em rachaduras na pele, inchaço e manchas nos dedos. Também por causa da altitude, ela não consegue digerir certos alimentos, principalmente legumes, a mais importante fonte de proteína no presídio, e tem dor de garganta e laringite crônicas.

Tenha-se esse quadro em mente, e começam a tomar forma duas conclusões. A primeira é a de que um afrouxamento das condições carcerárias, ou uma promessa de revisão de penas, nos moldes da comissão já existente para esse fim, pode fornecer alguma margem de negociação entre as posições do governo e dos seqüestradores da casa do embaixador japonês, em vez de ficar um exigindo a libertação total dos presos e o outro negando. O cientista político mexicano Jorge Castañeda defende a tese de que, ao contrário de endurecimento, o episódio peruano revela o amolecimento das pretensões da esquerda latino-americana, e mesmo da esquerda terrorista — pois o que o MRTA pretende não passaria da libertação dos companheiros, ou da atenuação das condições de prisão. Escreveu Castañeda na revista *Newsweek*: "O que está em jogo na corrente crise são as abomináveis condições em que estão presos os guerrilheiros do Tupac Amaru, e não quem governa o país. (...) Não apenas eles (os grupos esquerdi-



"combis assassinas" — lotações de não mais de doze ou quinze lugares, geralmente caindo aos pedaços, e com a peculiaridade de manter um funcionário que, pendurado à porta, vai apreendendo o itinerário a cada esquina. O itinerário pode ser mudado caso se perceba uma demanda forte nesse ou naquele sentido, e a combi pode recolher passageiros em qualquer lugar. O sistema é uma ilustração viva de como há casos de desregulamentação que conduzem não à Inglaterra de Thatcher, mas à selva. Quanto ao pregoeiro do itinerário, sempre muito novinho, quase adolescente, e não de uniforme, mas de pobres roupas maltrapilhas, fica-se pensando que, se não estivesse no setor dos transportes, como um dia esteve El Árabe, quem sabe optasse pelo terrorismo. Inversamente, um terrorista pode muito bem amanhã estar em outro setor. Uma pessoa que esteve cativa na casa do embaixador japonês conta que um dos integrantes do comando, um rapaz imberbe, lhe perguntou se não queria dar aulas de computador, aproveitando que havia um na casa. O jovem devia estar pensando no futuro, se esse negócio de terrorismo der errado.

Se o problema fosse só as combis, nas ruas de Lima, seria pequeno. Há ainda as buzinas. O trânsito não é só uma metáfora de uma sociedade, é também seu espelho. Em Lima a faixa de pedestres é tão decorativa quanto nas cidades brasileiras, e em outros aspectos a selvageria é pior. E assim chegamos à conclusão, quanto à primeira das indagações formuladas ao início, de que a resposta é não. Ninguém chega ao Primeiro Mundo buzinando desse jeito. Fala-se em democracia, em mercado livre etc., e nenhum cientista social fala em buzina. No entanto, não há exemplo de país onde se buzine tanto que tenha dado certo. Quanto à segunda pergunta, a relação não se esgota nos 72 porque, simbolicamente, toda a América Latina é refém naquela casa. O continente atravessa uma fase de democracia e estabilidade econômica, mas o caso da festa interrompida, ou da festa que não acabou, é um lembrete de que, *hombre*, estamos na América Latina, e percursos assim, trazendo subitamente de volta as crônicas doenças do passado, são algo a que qualquer de nossos países está sujeito.

tas) não desejam empreender uma revolução por meios revolucionários, como não têm mais a revolução em sua agenda, e ponto final". A outra conclusão é a de que Fujimori, tão novo e moderno, segundo seus admiradores, visto de outro ângulo parece tão velho quanto o mais velho dos caudilhos latino-americano. "Ele é autoritário e messiânico", diz o padre McGregor. Que fez Fujimori? O que os militares queriam. Depois de uma década de hesitações e escrúpulos no combate ao terrorismo, ele entregou-lhes os meios que reclamavam. Com isso, como em geral acontece, foi um pedaço da alma. O regime peruano não exclui as operações nas sombras, os comandos militares ou paramilitares que, a pretexto de combater o terrorismo, o praticam eles próprios, e, segundo denúncias nacionais e internacionais, a tortura. Escreveu Vargas Llosa, num artigo, que Fujimori, para combater os terroristas, "tomou de empréstimo deles seus métodos e generalizou o emprego da tortura, dos desaparecimentos ou assassinatos sem disfarce". Ora, "quando o Estado faz seus os métodos dos terroristas para combater

o terrorismo", segundo o escritor, "são estes últimos os ganhadores, pois conseguiram impor sua lógica e ferir profundamente as instituições".

Instituições? Pode-se falar em instituições no Peru? "Este é um governo arbitrário. Age por decreto. Não existem formas institucionais para canalizar as demandas", diz Julio Cotler. A começar pelo "autogolpe" de 1992, e a continuar pela moldagem das estruturas o mais dóceis possível à sua vontade, no Legislativo como no Judiciário e no Ministério Público, Fujimori destruiu o que havia de instituições independentes no país. Como bom líder personalista, criou um vazio a seu redor, e ofereceu aos peruanos o dilema habitual dos salvadores da pátria: eu ou o caos. Eu ou o vazio. Ou melhor: eu ou os militares. Ou, melhor ainda: eu e os militares. Quem opera o Peru hoje é a parceria Fujimori-militares. Pode haver algo mais antigo, mais latino-americano? Pode. O trânsito de Lima. Uma recente desregulamentação do transporte público inundou as ruas de "combis", como são chamadas no país, ou

Você sabe o que quer.

Nós sabemos como realizar.

Impressora

Jato de tinta colorida
800 dpi de resolução
À vista ou em 4X



Computador

Processador 200 MHz
16 MB de RAM, 1.5 Gb de hard disk
À vista ou em 4X



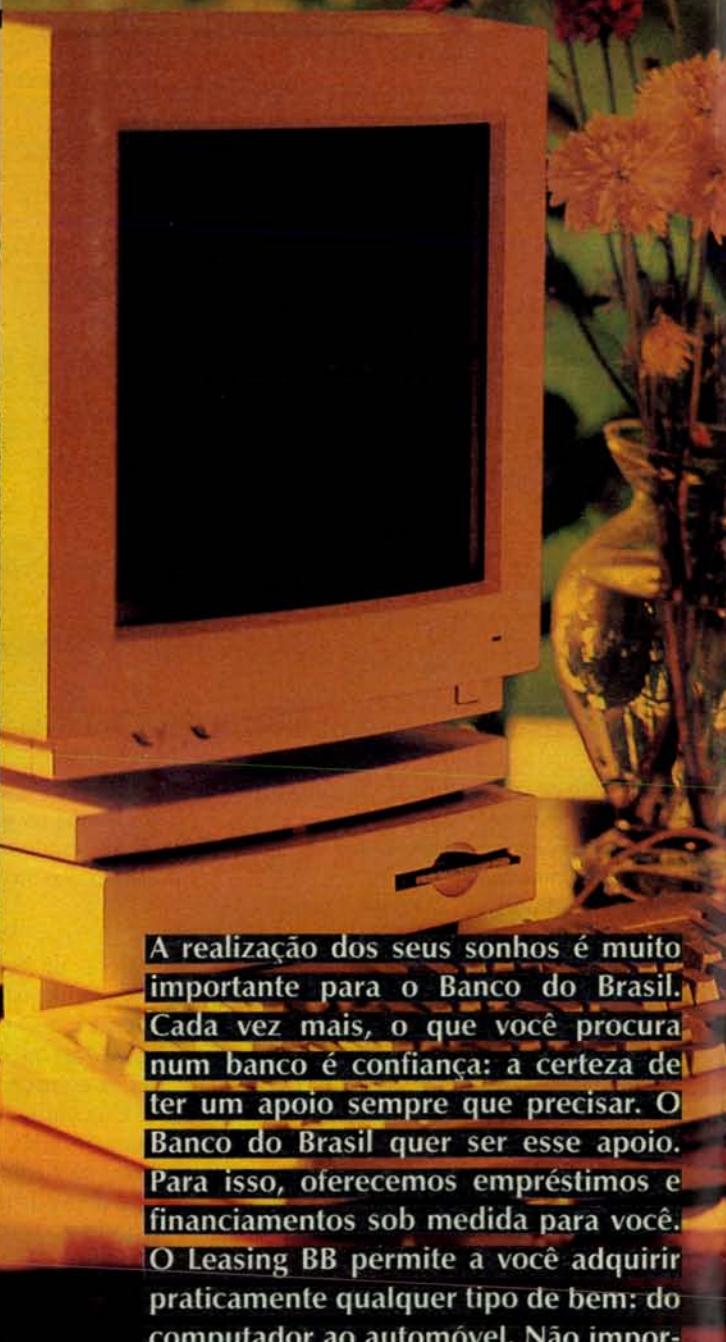
FAX

Fax/telefone
Cortador automático de papel
À vista ou em 4X



Scanner

2400 dpi de resolução
16 milhões de cores
À vista ou em 4X



A realização dos seus sonhos é muito importante para o Banco do Brasil. Cada vez mais, o que você procura num banco é confiança: a certeza de ter um apoio sempre que precisar. O Banco do Brasil quer ser esse apoio. Para isso, oferecemos empréstimos e financiamentos sob medida para você. O Leasing BB permite a você adquirir praticamente qualquer tipo de bem: do computador ao automóvel. Não importa o tamanho de seu sonho. O que importa é a sua vontade de fazer. Venha falar com a gente. Você sabe o que quer. Nós sabemos como realizar.



1994

**Ganhou a primeira vez:
Sorte!**



ÍNDICES DE PONTUALIDADE 94

VASP	93%
VARIG	89%
TRANSBRASIL	85%

1995

**Ganhou a segunda vez:
Coincidência!**



ÍNDICES DE PONTUALIDADE 95

VASP	95%
VARIG	85%
TRANSBRASIL	80%

1996

**Ganhou a terceira vez:
Pode acreditar na VASP!**

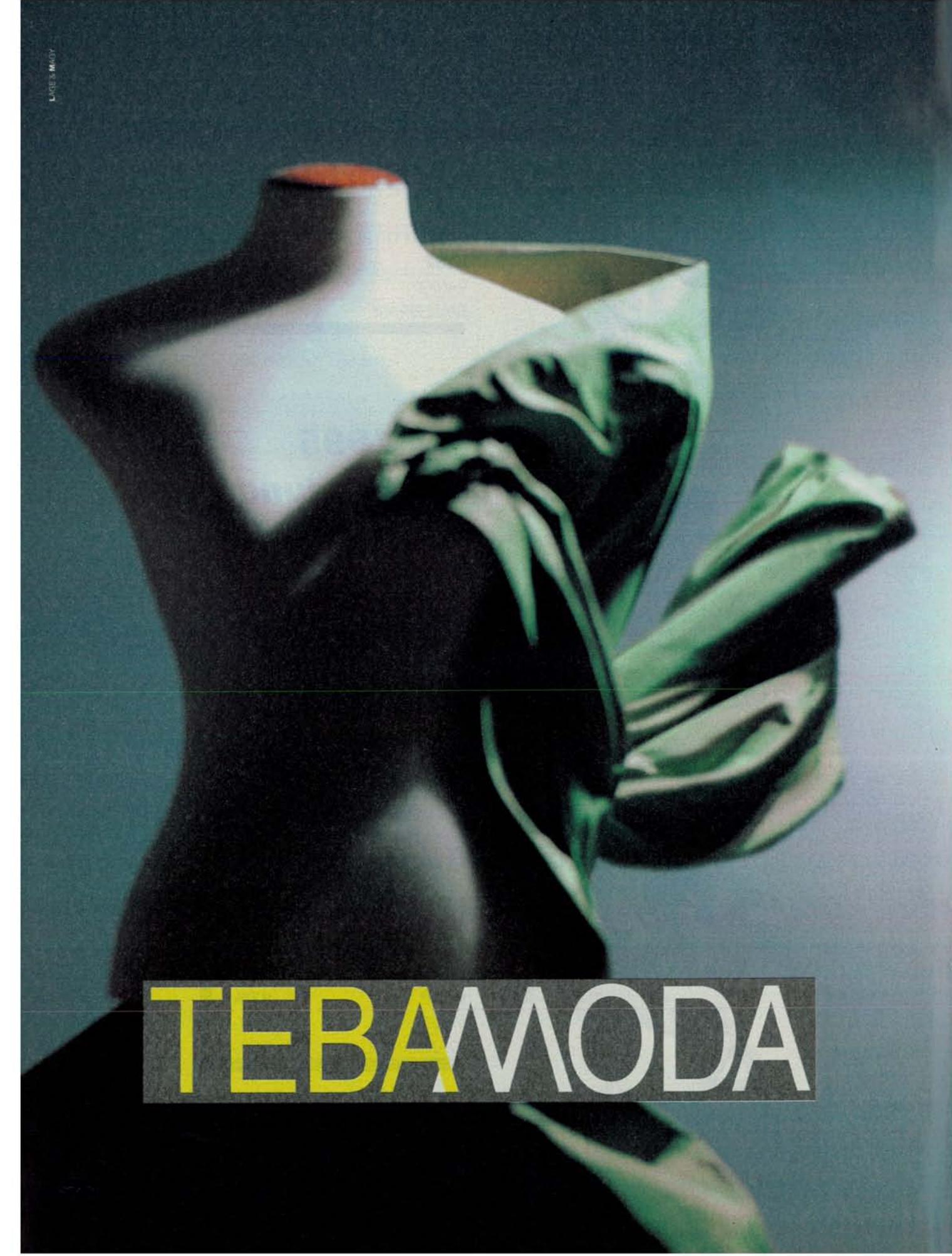


ÍNDICES DE PONTUALIDADE 96

VASP	97%
VARIG	94%
TRANSBRASIL	85%

Estes dados representam a média anual para
vôos domésticos e foram fornecidos pelo D.A.C.

 **VASP**
TRI-CAMPEÃ EM PONTUALIDADE



TEBA MODA

A moda tem muitas etiquetas. Os tecidos da moda uma só.

A Teba apresenta a Teba Moda. Agora, além da melhor qualidade em linhos, a Teba também oferece a última moda em todos os tipos de tecido. São mais de 200 padrões, selecionados exclusivamente por sua excelente qualidade. Linho com algodão, linho com viscose, tricoline lisa, tricoline com fio tinto, microfibra, o exclusivo modal, lãs frias, forro de acetato, tecidos de camisaria em linho e algodão em fio tinto, sarjas de algodão. São novos fios, novas texturas, novas tecnologias, novas cores. Combinações inéditas, com caimento impecável e inúmeras possibilidades de uso. A Teba Moda tem tudo que você precisa para criar, inovar e inventar moda.



50 ANOS



TEBAMODA

A moda tem muitas etiquetas. Os tecidos da moda uma só.

A Teba apresenta a Teba Moda. Agora, além da melhor qualidade em linhos, a Teba também oferece a última moda em todos os tipos de tecido. São mais de 200 padrões, selecionados exclusivamente por sua excelente qualidade. Linho com algodão, linho com viscose, tricoline lisa, tricoline com fio tinto, microfibra, o exclusivo modal, lãs frias, forro de acetato, tecidos de camisaria em linho e algodão em fio tinto, sarjas de algodão. São novos fios, novas texturas, novas tecnologias, novas cores. Combinações inéditas, com caimento impecável e inúmeras possibilidades de uso. A Teba Moda tem tudo que você precisa para criar, inovar e inventar moda.

50 ANOS



Ele tem um Itaú de vantagens.



Quando você quer
conquistar alguém
você também não
insiste?

Itaucard. O único cartão de crédito que tem milhares de Caixas Eletrônicos, Itaú Bankfone, Itaú Bankline e um Itaú de vantagens especiais. Fale com seu Gerente Itaú.



Pronto para o futuro.

De volta ao foco

Exposição encerra cinquenta anos de anonimato do maior fotógrafo soviético na II Guerra

Lizia Bydlowski

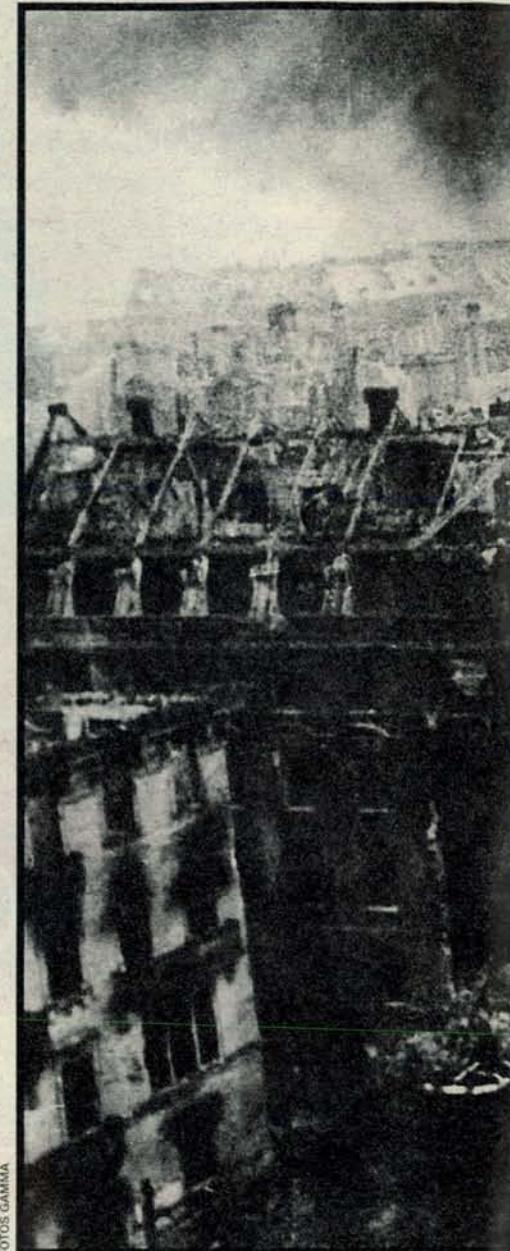
Com uma idéia na cabeça, uma câmara em uma das mãos e uma arma na outra, o jovem tenente-fotógrafo Ievgeni Khaldei chegou a Berlim em 1945, nos últimos momentos da batalha em que o Exército soviético acabava de derrotar Hitler. Tinha equipamento precário e filme racionado, mas achou meios de produzir a imagem monumental de um momento da História — o hasteamento da bandeira da União Soviética no alto do Reichstag, o Parlamento alemão, talvez a foto mais importante do século XX. Foi o ponto alto dos mais de quatro anos em que retratou a guerra nas diversas frentes de combate por onde andou. Durante décadas, seu trabalho permaneceu quase desconhecido e sem assinatura, louvado apenas pelos especialistas que, fora da Rússia, admiravam suas imagens notáveis. Agora, aos 79 anos, aparentando mal, Khaldei pisou pela primeira vez nos Estados Unidos para inaugurar *Testemunha da História: Ievgeni Khaldei, Fotojornalista Soviético*, uma retrospectiva de suas fotos exibida no Museu Judaico de Nova York e de San Francisco.

Franco, desacostumado a homenagens e saudoso do comunismo, o próprio Khaldei reconstituiu, detalhe por detalhe, como montou — literalmente —

o cenário para sua foto mais famosa, *Hasteamento da Bandeira Vermelha sobre o Reichstag, 2 de Maio de 1945*. A inspiração veio de outro ícone: a foto da tomada da Ilha de Iwo Jima, no Japão, pelas tropas americanas, ocorrida três meses antes, igualmente montada (veja quadro na pág. 52). Khaldei gostou da idéia e planejou sua foto com cuidado, tanto que já chegou a Berlim munido de uma bandeira vermelha na bagagem — na verdade, uma toalha de mesa à qual pedira a um tio alfaiate em Moscou que aplicasse a foice, o martelo e a estrela.

Consumada a vitória, chamou um grupo de soldados soviéticos, armou a cena da bandeira dominando a cidade bombardeada e disparou um filme inteiro. No laboratório, ainda teve de fazer dois retoques nas fotos selecionadas para divulgação: mudou a direção das chamas sobre Berlim destruída, para dar mais impacto dramático, e apagou um relógio do pulso de um soldado. O segundo retoque foi ordem de Stalin — o soldado tinha dois relógios, um em cada pulso, provável produto dos saques, comportamento incompatível com um combatente do Exército Vermelho, embora amplamente exibido na prática.

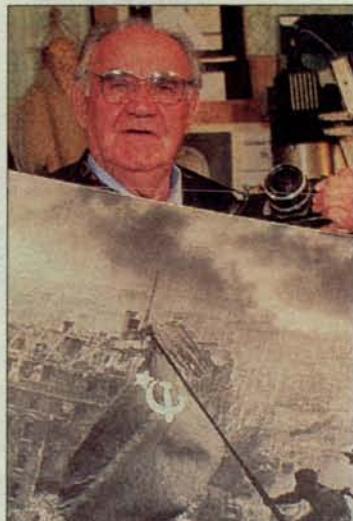
Na mesma Berlim, Khaldei, sempre com uma Leica de prontidão, flagraria ou-



Hasteamento da Bandeira Vermelha...

tras cenas — estas sem preparação — daquele fim de guerra, como a dos berlineses na calçada assistindo à chegada dos tanques soviéticos sem saber direito o que acontecia. Ele conta que uma mulher, que aparece na foto com os sapatos na mão, lhe perguntou de onde eram aqueles tanques. "Disse que eram soviéticos, mas ela não acreditou", conta Khaldei. "Não podem ser soviéticos, porque Goebbels garantiu que os russos nunca entrariam em Berlim", retorquiu a mulher. Ao que ele respondeu: "E o que você acha que eu sou?"

Khaldei cobriu a guerra — como tenente da Marinha e fotógrafo da agência oficial Tass — desde a invasão alemã da URSS, em 1941, quando partiu para a



SHONE

Khaldei de uniforme, na guerra, e hoje: obra sem crédito



...sobre o Reichstag, 2 de Maio de 1945: cena montada com retoques na fumaça e relógio apagado por ordem de Stalin

frente de combate com apenas 50 metros de filme, porque seu editor calculava que a batalha não ia durar mais que duas semanas. Durou quatro anos e, na União Soviética, matou 20 milhões de pessoas, incluindo o pai e as irmãs do fotógrafo. Nesse período, Khaldei fez fotos de combate e do movimento de tropas, mas sua especialidade desde cedo foram as ruas e os personagens da guerra. Em uma delas, um casal de judeus, estrelas amarelas ainda pregadas no casaco, acaba de ser libertado do gueto de Budapeste, em janeiro de 1945. "Eles olhavam para mim como se esperassem que fosse matá-los", relembra Khaldei.

Também esteve em Viena, onde fotografou um oficial nazista que matou a

família e se suicidou na cidade recém-liberada, e em Sebastopol, livre mas em ruínas, onde fez uma foto que mostra oficiais soviéticos de alta patente e suas famílias tomando sol na praia semideserta pelos bombardeios. "Khaldei se concentrou no lado humano da guerra, principalmente em seu impacto sobre os civis", diz Susan Goodman, curadora da exposição em Nova York. "Tinha uma sensibilidade meio inexplicável de perceber cenas acontecidas antes de ele chegar ao local e lhes dar vida."

De volta a Moscou, fotografou o épico desfile da vitória, em que soldados soviéticos depuseram bandeiras e despojos nazistas aos pés de Stalin e de outros figurões do regime. Também foi manda-

do para Nuremberg, onde sua câmera flagrou, no meio do ambiente tenso e formal do julgamento dos chefes nazistas capturados no fim da guerra, os prisioneiros em situações mais reveladoras, como a foto em que Hermann Goering conversa com seu advogado através de uma tela de arame.

Sem crédito — Muitas dessas fotografias viraram páginas dos livros de História soviéticos, sem que jamais constasse delas o nome de Khaldei. A da tomada do Reichstag — símbolo da derrota do nazismo e, ao mesmo tempo, da ascensão do comunismo — correu mundo, sempre sem crédito ao autor. Primeiro, porque nunca foi hábito na



Tanques soviéticos em Berlim e despojos nazistas em Moscou: cenas de rua

URSS dar crédito aos autores de fotos, atividade considerada menor. Depois, pelo fato de ele ser judeu, condição que o levou a enfrentar perseguições e sofrimento na URSS desde que nasceu, em 1917, o ano da Revolução Russa. Com menos de 1 ano, estava no colo da mãe quando os dois foram atingidos por uma mesma bala, durante um *pogrom* na Ucrânia. Ele ficou gravemente ferido; ela morreu na hora.

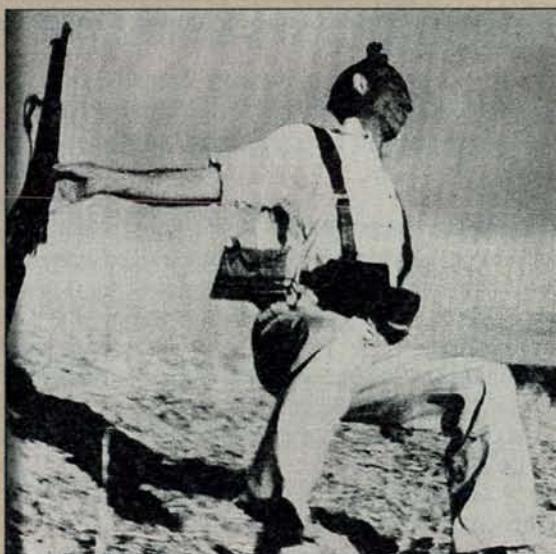
Três anos depois de voltar da guerra, em 1948, Khaldei foi demitido da Tass, vítima de uma das periódicas ondas de

anti-semitismo que varriam os órgãos oficiais soviéticos. Passado um tempo, entrou para o *Pravda*, o jornal do Partido Comunista, para ser novamente despedido, outra vez por ser judeu, em 1972. De lá para cá, sobreviveu como pôde — mas sempre fotografando —, até 1991, quando afinal se aposentou, já na Rússia pós-comunismo. Khaldei vive hoje em um apartamento no 6º andar de um prédio simples, em Moscou, em que um único

cômodo serve de sala, quarto, escritório, laboratório e arquivo de negativos de sessenta anos de fotografia. Nos Estados Unidos, onde posou com seus óculos de lentes grossas e com as medalhas que ganhou na guerra, ele evitou falar sobre as mudanças na Rússia, mas confessou que, "hoje em dia, nada acontece que valha a pena ser fotografado". E reclamou: "Os aposentados não recebem desde abril". ■

Maquilagem em fotos célebres

Robert Capa focou o soldado pulando a trincheira, na Guerra Civil Espanhola, e clic — ele morreu com um tiro na cabeça. Joe Rosenthal falou com um colega, viu e clic — fuzileiros fincaram a bandeira americana em Iwo Jima, na II Guerra. Sorte ou oportunismo? Capa estava sozinho quando fez sua foto, e há quem diga que o soldado nem levou tiro algum. Rosenthal, atrasado, teria convencido o grupo a voltar e refazer a cena.



AP/JOE ROSENTHAL

A ITAUTECH VOLTA ÀS AULAS:



15%
DE DESCONTO PARA
ESTUDANTES NA
COMPRA DE UM
INFOWAY.

Hoje em dia, não dá mais para imaginar a vida de estudante sem o computador. Por isso, a Itautec está com



pentium®
PROCESSOR

uma promoção que vai resolver o problema de vários alunos que estão voltando às aulas.

A fórmula é simples: traga uma cópia do seu comprovante de matrícula na compra de um

Infoway até o dia 15/3 e ganhe um desconto de

15%. São 5.000 Infoways*

que estão reservados para

aqueles estudantes que não querem ficar

atrasados. Então não perca mais tempo para não perder esta chamada.

*Sendo 1.000 RTV, 3.000 Multimídia e 1.000 Desktop. Todos com Processador Pentium® Intel de 133 a 200MHz.

**PROMOÇÃO VÁLIDA TAMBÉM PARA TODA A REDE DE REVENDAS ITAUTECH.
ASSISTÊNCIA TÉCNICA E SUPORTE EM TODO O BRASIL.**

ARAPUÃ
0800-111211

BRASIMAC
(todas as lojas)

CAMBIAL
(051) 800-2155

COLOMBO
(054) 800-2122

DADOS
(079) 211-9296

DISAPEL
0800-413232

ELETRO MAGAZINES
0800-142640

EXTRA HIPERMERCADOS
(todas as lojas)

G. ARONSON
0800-114988

INFOTEC
(082) 326-1820

J.P.S.
(098) 235-3595

LEAL
(071) 336-6688

LOJAS ARNO
(054) 800-2155

MAPPIN
(011) 866-9595

MODELO
(085) 268-2608

MOURÃO MÓVEIS
(061) 562-6333

MULTISIS
(085) 268-2000

MUSISOM
(051) 339-4444

OBINO
(053) 800-4000

PERNAMBUCANAS
0800-155755

PLUG & USE
(011) 865-2030

PONTO Frio
(021) 471-5055

PROHARD
(041) 264-3421

T.C.I.
(051) 338-1866

ULTRALAR
(021) 391-2010

VÍDEO FOTOMANIA
(084) 202-3060

ZARTY ELETRONICS
0800-112789

Itautec Shop
TELEVENDAS
0800-121444



Este desconto é válido sobre o preço de lista, e não é cumulativo com outras promoções que qualquer um dos distribuidores citados esteja praticando. O logotipo Intel Inside Pentium Processor é uma marca registrada da Intel Corporation.

O CARRO MAIS VENDIDO NO MUNDO

É UM TOYOTA.

O CARRO APONTADO

COMO O QUE MAIS SATISFAZ

SEUS PROPRIETÁRIOS É UM TOYOTA.

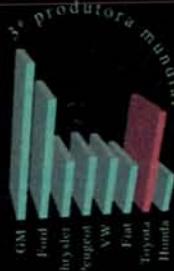
O MOTOR APONTADO COMO O MELHOR

DOS ESTADOS UNIDOS É UM TOYOTA.

MAS NÓS AINDA NÃO ESTAMOS CONTENTES

COM O TEMPO DE ACIONAMENTO

DO ACENDEDOR DE CIGARROS.



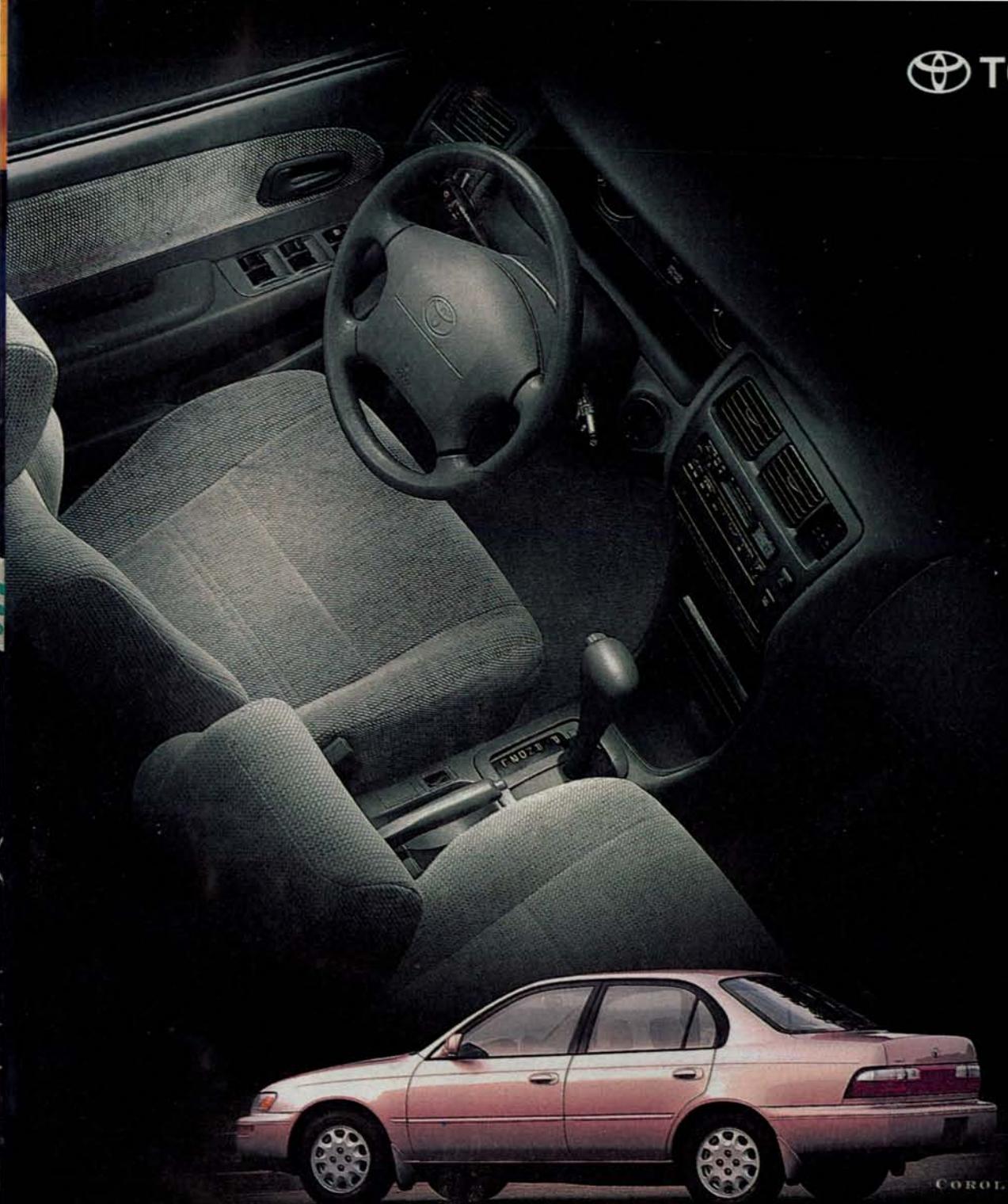
Todo funcionário da Toyota, em qualquer lugar do mundo, recebe no primeiro dia de trabalho um "bem-vindo" e um livro da filosofia Kaizen, que ensina que o aperfeiçoamento deve ser constante, e que não vale a pena voltar para casa sem ter melhorado em algum ponto o seu trabalho.



Foi trabalhando desta forma que a Toyota cresceu tanto e se tornou a terceira maior fabricante de carros do mundo. Foi seguindo esta filosofia que a Toyota conquistou 31% do mercado japonês, um dos mais exigentes e competitivos do planeta. O dobro da segunda marca. Foi transmitindo esta ideia que a Toyota assegurou a seus carros

fabricados em todo o mundo a





COROLLA

Presente em 170 países, com a mesma qualidade dos fabricados no Japão.

Em um tempo em que há cada vez mais escolhas, os consumidores de 170 países escolhem

Toyota porque sabem que esta é a marca que pensa nos detalhes, que persegue a perfeição. As pessoas preferem um Toyota pelo que nós temos de mais exclusivo na indústria de automóveis: nós somos obsessivos.

SÓ UM TOYOTA É MADE IN TOYOTA.



DE UMA

FIQUE

Quando um carro Toyota chega a uma concessionária, ele já passou por diversos círculos de controle de qualidade, já foi checado

incessantemente por computadores, operários, supervisores, diretores e muitas vezes pelo presidente da

empresa em pessoa. Mas como a perfeição ainda não

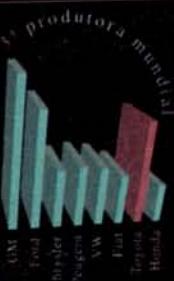
existe, se por acaso você precisar, pode contar com a Tripla Garantia Toyota. A primeira garantia é a das concessionárias autorizadas Toyota, onde você encontra técnicos treinados na fábrica e completo estoque

de peças de reposição. A segunda é da Toyota do Brasil, que

fábrica, importa e distribui produtos Toyota no país há

39 anos. Uma empresa que

conhece as necessidades do





SÓ TOYOTA TEM TRIPLA GARANTIA.

ISTO SIGNIFICA QUE SE

HIPOTETICAMENTE O SEU TOYOTA

TIVER UM PROBLEMA,

NA REMOTA POSSIBILIDADE

COISA ABSURDA DESSAS ACONTECER,

O QUE CONVENHAMOS

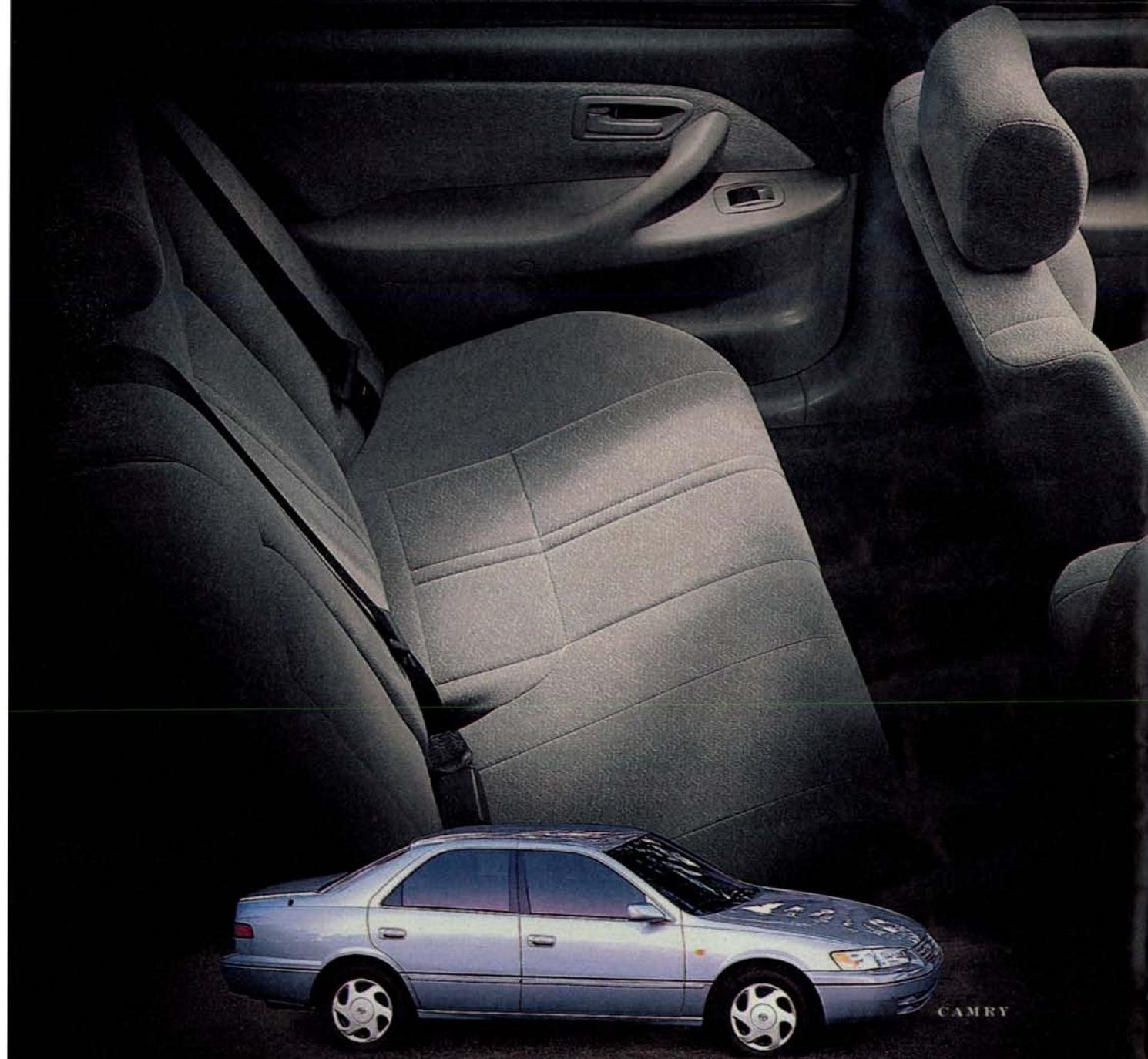
É EXTREMAMENTE IMPROVÁVEL,

TRANQÜILO.

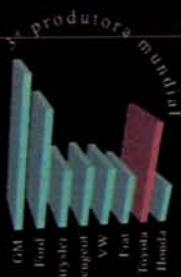
 Presente em 170 países, o consumidor brasileiro e sempre apostou no desenvolvimento do país. A terceira é a garantia da Toyota Motor Corporation (Japão), que já produziu 90 milhões de carros e é a terceira maior fabricante de automóveis do mundo. A Tripla Garantia Toyota simboliza o compromisso da empresa com a satisfação de seus clientes. No Brasil, como nos outros 169 países em que a Toyota está presente, você compra um carro e recebe a Toyota inteira junto com ele.

SÓ UM TOYOTA É MADE IN TOYOTA.





CAMRY



Na Toyota, todas as pessoas são responsáveis pelo produto final da empresa. Toda a hierarquia de uma grande companhia com atuação em 170 países e mais de 80 mil funcionários desaparece quando o assunto é a busca da qualidade.

Para você ter uma idéia, qualquer funcionário, em



qualquer fábrica da Toyota no mundo, pode paralisar a produção com um simples apertar de botão, caso constate qualquer mínima falha. Desde um operário até o presidente. Tudo é checado,

corrigido, e a produção volta ao normal.

Foi trabalhando desta forma que a Toyota cresceu tanto e se tornou a terceira maior



Tripla Garantia Toyota
GGG
tranquilidade total para você.



DE TEMPOS EM TEMPOS,

O PRESIDENTE DA TOYOTA

ESCOLHE UM CARRO ALEATORIAMENTE

NO PÁTIO DA FÁBRICA

E FICA COM ELE POR UMA SEMANA.

SE HOUVER ALGUM DEFEITO,

ALGUÉM SERÁ

SEVERAMENTE ADVERTIDO:

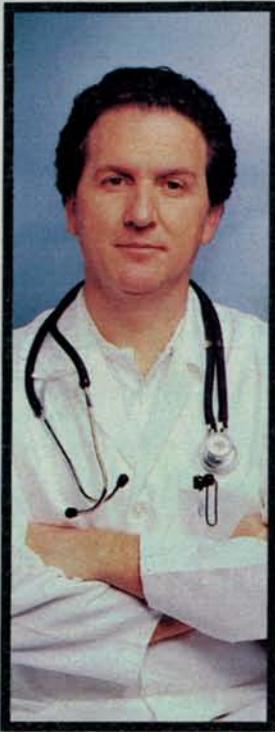
ELE.

Presente em 170 países, fabricante de carros do mundo.

Foi seguindo esta filosofia que a Toyota conquistou 31% do mercado japonês, o dobro da segunda marca. E é assim que nós vamos ter certeza que o seu carro Toyota só vai trazer satisfações e alegrias. E que o nosso presidente vai voltar para casa com a sensação do dever cumprido.

SÓ UM TOYOTA É MADE IN TOYOTA.





Com **DataListas**, as ações de marketing e comunicação de sua empresa vão fidelizar clientes, maximizar os esforços criativos e atingir em cheio seu objetivo de mercado.

O Brasil tem 150 milhões de consumidores e certamente muitos deles querem comprar da sua empresa. E, para você falar com quem interessa, o Grupo Abril criou **DataListas**, a primeira empresa a oferecer produtos e serviços completos em database marketing no Brasil.

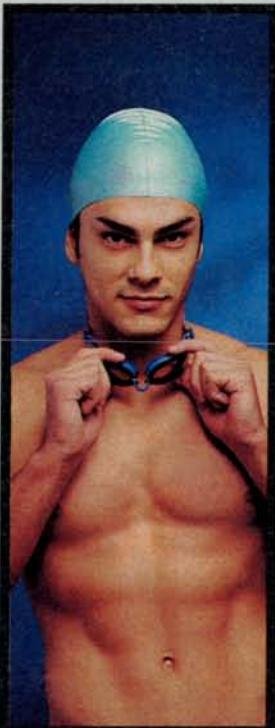
DataListas soma toda a liderança e experiência em comunicação e informação de um dos maiores grupos empresariais do País: o Grupo Abril. **DataListas** tem **mais de 9 milhões de consumidores**, classificados em **22 segmentos específicos**

de estilo de vida. Assim, você aluga listas dirigidas ao seu target, com **altíssima precisão**.

DataListas não é apenas mais um fornecedor de mailing lists. É a **mídia do futuro**.

Seus diferenciais são a qualificação de dados e a completa assessoria no gerenciamento do database marketing, na indicação de fornecedores de fulfillment, supervisão de projetos e avaliações de retorno.

Em sua próxima ação de comunicação dirigida, consulte a **DataListas**. Você vai falar diretamente com os seus clientes e dar um grande impulso aos seus negócios.

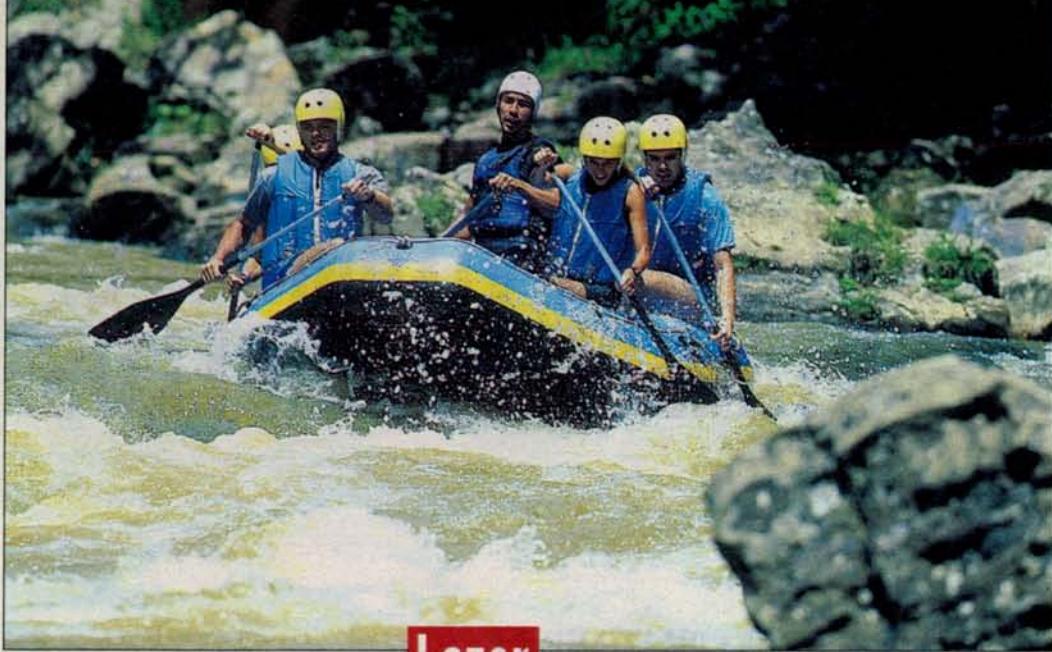


**DATA
LISTAS**
Uma Empresa do Grupo ABRIL

LIGUE E RECEBA A VISITA DE UM GERENTE DE CONTAS.

7295-7888

E-mail: datalistas@email.abril.com.br



Bote no Rio Juquiá:
descida em rodopio e
adrenalina sem riscos

salva-vidas. Sentados na borda do bote e tentando manter os pés firmes no chão, os passageiros seguem as orientações do guia sobre a direção a remar e com que intensidade. Quando o trecho é de corredeira, o ritmo se acelera intensamente. É a parte mais emocionante. O guia manda que as pessoas posicionadas de um lado remem para a frente e as outras, para trás. Resultado: o barco despencava pela queda-d'água rodopiando.

Lazer

Perigo bem dosado

A descida de rios em botes infláveis atrai também quem não gosta de se arriscar

Glenda Mezarobba

Adrenalina de todos a bordo dispara. Os braços, que ao final da experiência estarão em frangalhos, começam a explodir. Os gritos são lancinantes. A descida de corredeiras em botes infláveis inclui várias das emoções e dos sacrifícios de um esporte radical, mas não é necessariamente extremista em risco ou dificuldade. Justamente por isso, o número de praticantes de rafting no Brasil tem crescido em ritmo acelerado. Os primeiros botes apareceram no país em 1982. Hoje, há cerca de 20 000 praticantes. Empresas turísticas que no verão passado levavam cerca de cinqüenta pessoas por fim de semana para descer os rios neste ano estão atendendo mais de 200. Existem os esportistas que treinam, estudam a melhor técnica e procuram rios cada vez mais difíceis, mas a maioria do público atual de rafting é formada por profissionais stressados, jovens em busca de novidade e crianças que só querem diversão.

"O interesse vem crescendo porque qualquer pessoa pode descer um rio

remando. Ao contrário de outros esportes radicais, como alpinismo e mergulho, por exemplo, neste não é preciso fazer curso algum", explica Massimo Desiati, diretor de rafting da Confederação Brasileira de Canoagem. A descida é feita em botes com capacidade para até doze pessoas. Todos têm de estar equipados com capacete e colete

Alguns rios já recebem até 250 praticantes de rafting por final de semana. Veja onde ficam os mais procurados



- ① Rio Paraibuna
- ② Rio do Peixe
- ③ Rio Paraibuna
- ④ Rio Juquiá
- ⑤ Rio Iapó
- ⑥ Rio Itajai
- ⑦ Rio Paranhana

Cooperação — O rio ideal para a prática do rafting é o que tem corredeiras e poucos trechos de remanso. Entre os iniciantes, o mais procurado é o Rio Juquiá, perto de São Paulo, que atrai 30% de todos os praticantes de rafting do país. Mas existem outras boas opções em vários Estados das regiões Sul e Sudeste, onde a geografia favorece a ocorrência de rios com as características exigidas. Os rios para onde as empresas turísticas levam os praticantes são classificados em seis níveis, de acordo com a dificuldade de percorrerlos. Em geral, o rafting de passeio, feito em rios mais tranquilos, dura duas horas, e os preços variam em torno de 40 reais.

O medo, que inicialmente toma conta de alguns participantes, vai por água abaixo logo no início da descida. "Cheguei a pensar em desistir, mas acabei curtindo muito", diz a empresária paulista Marcia Franco, de 37 anos. "Funciona muito bem como atividade anti-stress", acredita. A descida de rios em bote também é apreciada por causa do espírito de cooperação essencial à sua prática. Ao reunir as pessoas em torno de um mesmo objetivo, descer o rio da forma mais harmônica e divertida possível, o esporte acaba integrando todos os participantes. "É o tipo de atividade boa para unir as pessoas", endossa o executivo paulista Manoel Carlos Novaes, de 49 anos.

Com reportagem de Enio Vieira

NOVO KOLESTON TINTURA CREME COM VITAMINA C. VITALIZA E FORTALECE OS CABELOS.

NOVA FORMULAÇÃO EXCLUSIVA E APRIMORADA COM VITAMINA C

O novo Koleston Tintura Creme com Vitamina C possui ingredientes de tratamento que, associados à vitamina C, atuam na fibra capilar como um agente antioxidante, protegendo os cabelos das agressões externas. O resultado é uma cor intensa, cabelos saudáveis, mais macios e com cores radiantes.

FÁCIL DE APLICAR

O kit do novo Koleston Tintura Creme com Vitamina C vem com frasco aplicador, o que torna a aplicação muito mais simples. Pincel, só mesmo se você preferir, porque ele agora é desnecessário.

UM COMPLETO SISTEMA DE COLORAÇÃO

Além da ação da vitamina C da Tintura Creme, o kit do novo Koleston Tintura Creme traz ainda um sachê de Koleston Condicionador com D-Panthenol, isto é, vitamina B5 pura. A vitamina B5 penetra nos fios e, através de sua ação umectante, reequilibra a estrutura dos cabelos. A finalização com Koleston Condicionador com D-Panthenol é indispensável, pois é ele que vai garantir um perfeito resultado de cor.



ESCOLHA A SUA NUANCE

O novo Koleston tem 25 nuances maravilhosas. No verso da embalagem, além de todas as informações necessárias, você também encontrará uma tabela de referências de cor que demonstra para que tons naturais de cabelos aquela determinada nuance é indicada.

NOVO



KOLESTON



**Tintura Creme
com Vitamina C**

O sucesso de um medicamento é como uma recompensa,

pelos anos de pesquisa e trabalho em cima de sua fórmula.

Na Knoll, por exemplo, Neosalidina® é motivo de

orgulho. Um medicamento que, pelo seu alto índice de

eficiência, virou uma espécie de símbolo de remédio

contra dor de cabeça e é um dos líderes de venda em seu

segmento. Com o respaldo tecnológico do Grupo BASF,

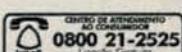
a Knoll vem se especializando em eficiência. São 70

anos de Brasil, inteiramente voltados para o futuro,

sempre colocando no mercado medicamentos, como

Neosalidina®, que conquistaram a inteira confiança

do público. Valeu a pena o esforço.



CENTRO DE ATENDIMENTO
0800 21-2525
Ligação Grátis

DEU MUITA DOR
DE CABEÇA
ENCONTRAR A
FÓRMULA CERTA.

MAS VALEU A PENA.



BASF Pharma

UM NOME POR TRÁS DE
GRANDES MEDICAMENTOS.





Berg

**FAÇA COMO
PAULO HENRIQUE AMORIM:
TROQUE DE CANAL.**

**NOVO JORNAL DA BAND.
DE SEGUNDA A SÁBADO, ÀS 20H.**



COMPROMISSO COM A VERDADE.

O SURF AINDA
NEM VIROU
ESPORTE
OLÍMPICO
E O BRASIL
JÁ LEVOU
UM OURO.

PELA SEGUNDA VEZ, A FLUIR
FOI ELEITA A MELHOR REVISTA
DE SURF DO MUNDO PELA
ASP, ASSOCIAÇÃO DOS
SURFISTAS PROFISSIONAIS.
UM PRÊMIO MAIS QUE
JUSTO PARA UM PAÍS
QUE TEM ONDAS PERFEITAS
E AS MULHERES MAIS
BONITAS DO PLANETA.
AGORA, MAIS DO QUE NUNCA,
SURF É FLUIR.

FLUIR.
ELEITA
A MELHOR
REVISTA
DE SURF
DO MUNDO.



FLUIR
SURF É FLUIR

Genes delatores

Cresce número de homens que fazem teste de DNA

Um velho ditado diz que a maternidade é uma certeza, enquanto a paternidade, uma mera probabilidade. Com a invenção do teste de DNA, que determina com 99,99% de certeza quem é o pai de uma criança, a ciência conseguiu eliminar essa imprecisão. E, atormentados pela dúvida ancestral, cada vez mais brasileiros correm aos laboratórios para fazer o exame. O número de testes realizados no país cresceu dez vezes entre 1989 e 1996, embora se trate de um exame caro, que não sai por menos de 1.400 reais e não é coberto pela maioria dos convênios médicos.

Nos últimos anos, testes de DNA atribuíram paternidades célebres e direito a herança a filhos ilegítimos de Pelé, Roberto Carlos e Orestes Quêrcia. Mas o perfil dos examinados se democratiza. "No início, quase todos os exames que fazíamos eram realizados por determinação judicial, envolvendo questões de



CLAUDIO ROSSI

Laboratório em São Paulo: dez vezes mais exames

direito de herança. Esse perfil está mudando", conta Manoel Benevides, sócio-proprietário do laboratório Genomic. Ele conta que, no ano passado, 66% da clientela que se submeteu ao exame foi por livre e espontânea vontade.

O DNA é a informação genética presente nas células de todos os seres vivos. O método para analisá-lo e identificá-lo está disponível em apenas uma dúzia de laboratórios no país. Mas a demanda vai além do Oiapoque ao Chuí. O Genomic, por exemplo, recebe amostras de sangue de 530 clínicas da América do Sul que não possuem o equipamento necessário para fazer o exame. A procura cresceu tanto que a clínica Barsanti, de São Paulo,

lhem amostras de sangue ao mesmo tempo — precaução tomada para evitar confusões com troca de frascos.

Desde a invenção do teste, descobriu-se que 10% das crianças nascidas ao redor do globo não foram geradas por seus presumidos pais. Para evitar esse tipo de dúvida, o engenheiro T.L., 54 anos, sugeriu que sua filha solteira e grávida, de 23 anos, fizesse o exame. "Queria saber se devíamos colocar o nome do namorado na certidão de nascimento da criança", conta. Quinze dias depois, o resultado do teste confirmou o fato. ■

Daniel Nunes Gonçalves

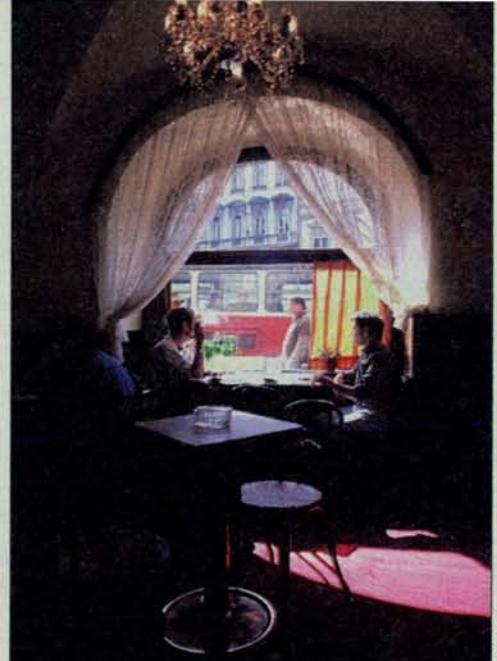
Chega uma fase na vida
em que você precisa
de dois bancos:
um para gastar
e outro para ganhar
dinheiro.

Sabor antigo

Proibido em toda parte, o absinto é moda em Praga

Na virada do século, uma beberragem tomou conta da Europa: o absinto. No que ficou conhecido como "a grande farra coletiva", a bebida, além de consumida em grande escala — em 1912, a França produziu 220 milhões de litros —, foi exaltada em prosa, verso e quadros. Aí, a festa acabou. Acusado de provocar alucinações, demência, cegueira e, por tabela, assassinatos, suicídios e mutilações (Van Gogh teria cortado fora a orelha embalado por umas doses a mais), o absinto foi proibido quase no mundo todo. Na Europa, até recentemente só era encontrado na minúscula Andorra. Agora, volta à moda nos bares de Praga, a capital da República Checa, e atrai turistas de toda a Europa.

Comenta-se que o presidente Vaclav Havel, notório bom copo, encomendou uma caixa para comemorar seus 60 anos, em outubro, antes de ser operado de câncer no pulmão. "Soubemos que



EXPLORER

Café Velryba: doses incendiárias

fez muito sucesso", diz Hona Musialova, filha de Radomil Hill, dono da destilaria checa que produz absinto desde 1990. Enquanto as autoridades checas, que querem distância de proibições que evocuem o autoritarismo comunista, fazem vista grossa, o absinto corre solto nos elegantes cafés de Praga, como o Velryba, freqüentado por filósofos,

jogadores de xadrez e muitos turistas. Lá, o barman avisa: "Cuidado. Essa coisa é perigosa".

Fogo no copo — Inventado em 1792 por um químico francês como fortificante, o absinto — um líquido esverdeado, com gosto de xarope — tem em sua composição várias ervas destiladas em álcool, entre elas anis (que lhe dá gosto) e o grande vilão, o absinto, antigo vermicílico e, supostamente, um forte alucinógeno. Mas as visões e os desvãos dos consumidores também são creditados aos 70% a 80% de teor alcoólico da bebida. Absinto é quase álcool puro — o que, além de devastador para a saúde, carrega outros riscos. Em vez de diluir a bebida em água e açúcar, como antigamente, a moda nos bares de Praga é encher uma colher de açúcar, embebê-la em absinto, acender a mistura e deixar que gotas incandescentes pinguem lentamente no copo. Às vezes, o copo de bebida pega fogo, e um garçom tem de correr para apagar o incêndio. ■

L.B.

Seu banco oferece cartão de crédito? Cheque especial? Crédito pré-aprovado? Financiamentos diversos? Débito automático em conta? Caixa 24 horas? Agências para atender você onde você estiver?

Ótimo. Você já tem um excelente banco para ajudar a gastar seu dinheiro.

Agora, chegou a hora de você ter um outro banco, um banco diferente, especializado em ajudar você a ganhar mais dinheiro.

Um banco como o Matrix, por exemplo.

No Matrix, não trabalham bancários, só analistas de investimentos. O tempo, a energia e o talento que os bancos comuns gastam para facilitar seu dia-a-dia, o Matrix gasta para fazer seu dinheiro crescer.

Nossa equipe é especializada em encontrar bons negócios para o seu dinheiro. Aqui e no exterior. É porque nós fazemos isso todo dia, o dia todo, que conseguimos fazer melhor.

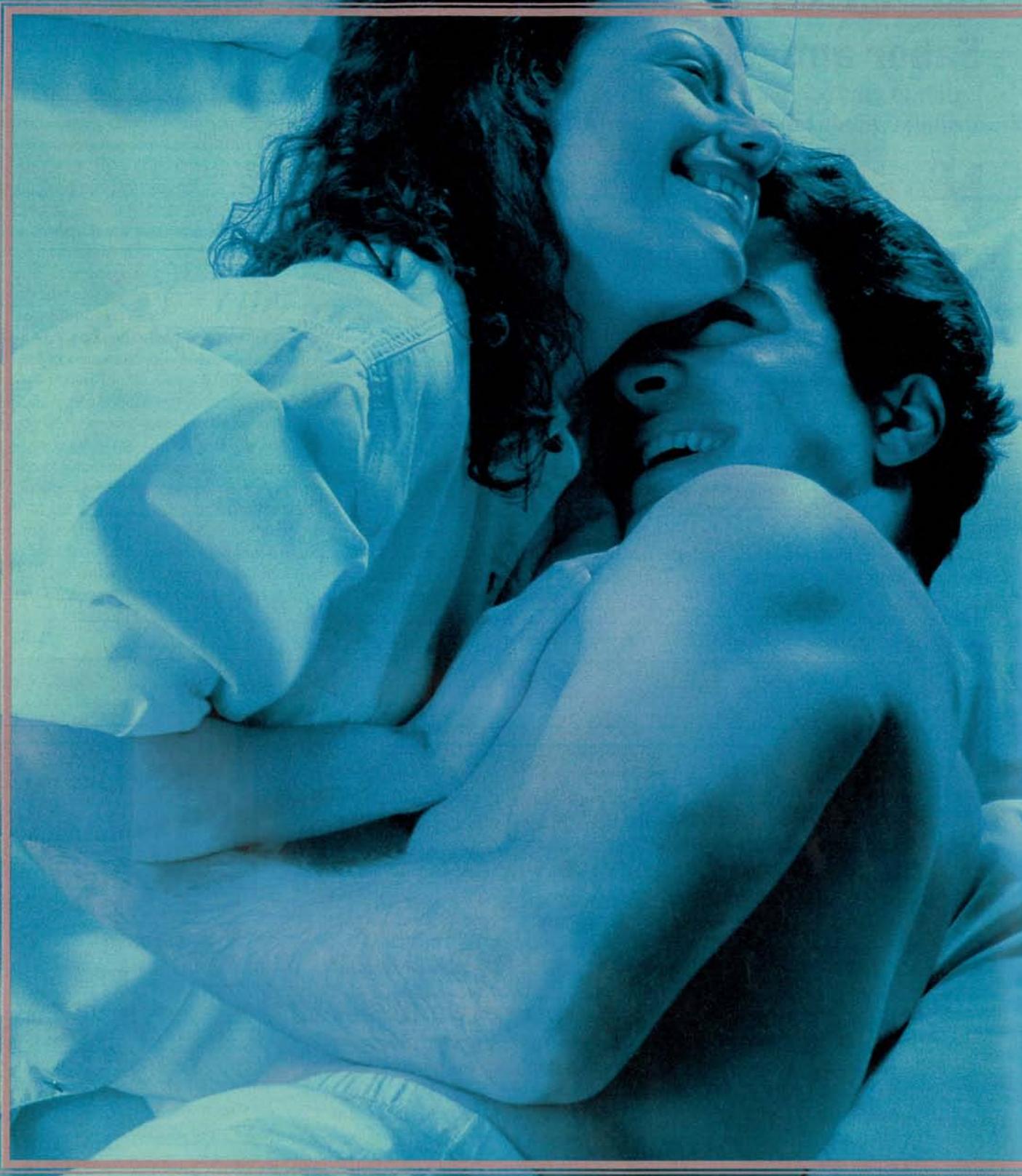
Os grandes investidores já descobriram a tranquilidade de trabalhar com os especialistas do Matrix. Tanto que administramos hoje, entre fundos no Brasil e no exterior, cerca de US\$ 2 bilhões.

A partir de agora, mesmo não sendo um grande investidor, você também pode ter este time jogando a seu favor. Com R\$ 20 mil ou mais para investir, você já pode ser nosso cliente. E conseguir para seu dinheiro taxas de remuneração tão boas quanto as que os grandes investidores conseguem.

Ligue para nosso novo telefone,
3048-9400, e procure
pela Daniella
Vasconcellos, ou pela
Gabriela Montoro, ou
pela Luciana Leite.
Se preferir, passe um
fax: (011) 3048-9500.
Para informações
sobre valor de quotas
e saldos disque:
0800-110108.

B12





PROBLEMAS ÍNTIMOS PRECISAM SER RESOLVIDOS A DOIS.

O exercício da sexualidade está muito além dos limites do seu corpo. Procure logo um médico assim que começarem a aparecer sintomas como corrimento, acompanhado ou não de coceira e mau cheiro, ardor ao urinar e dor durante as relações sexuais. O descaso e a não observação desses sinais poderão trazer danos irreparáveis à sua fertilidade e saúde. Lembre-se: a prática sexual saudável é responsabilidade do casal. E, hoje em dia, o tratamento da mulher e do parceiro, mesmo que ele não apresente sintomas, é uma prática natural, eficaz e bastante simplificada. Só assim o casal pode evitar a abstinência e ter sua intimidade preservada.

Não se auto-medique, procure sempre seu médico.



Federação Brasileira de
Ginecologia e Obstetrícia

B R A S

C A P I T A L D O D E S E

**O centro nacional
das decisões políticas agora
é um centro de oportunidades
para sua empresa.**

Por que investir em Brasília:

Amplo programa de apoio à instalação de
indústrias não poluentes.

E ainda:

- A maior renda per capita do País
- O 3º aeroporto mais movimentado
- Centro geográfico do Mercosul
- Completa infra-estrutura de serviços
- Excelente qualidade de vida
- Facilidades de escoamento do
Porto Seco (em implantação)
- Próxima aos centros de decisão política

Faça como estas empresas - Grupo Brascan,
Rede Inter-Continental de Hotéis, Wet'n Wild, Eliane S/A -
Brasília Chicken, EMSA - Empresa Sul Americana de
Montagens, responsáveis, entre outras, por um
investimento superior a 300 milhões de dólares.

Informações pelo telefone (061) 325-5188
Fax: 325-5176

Í L I A N V O L V I M E N T O

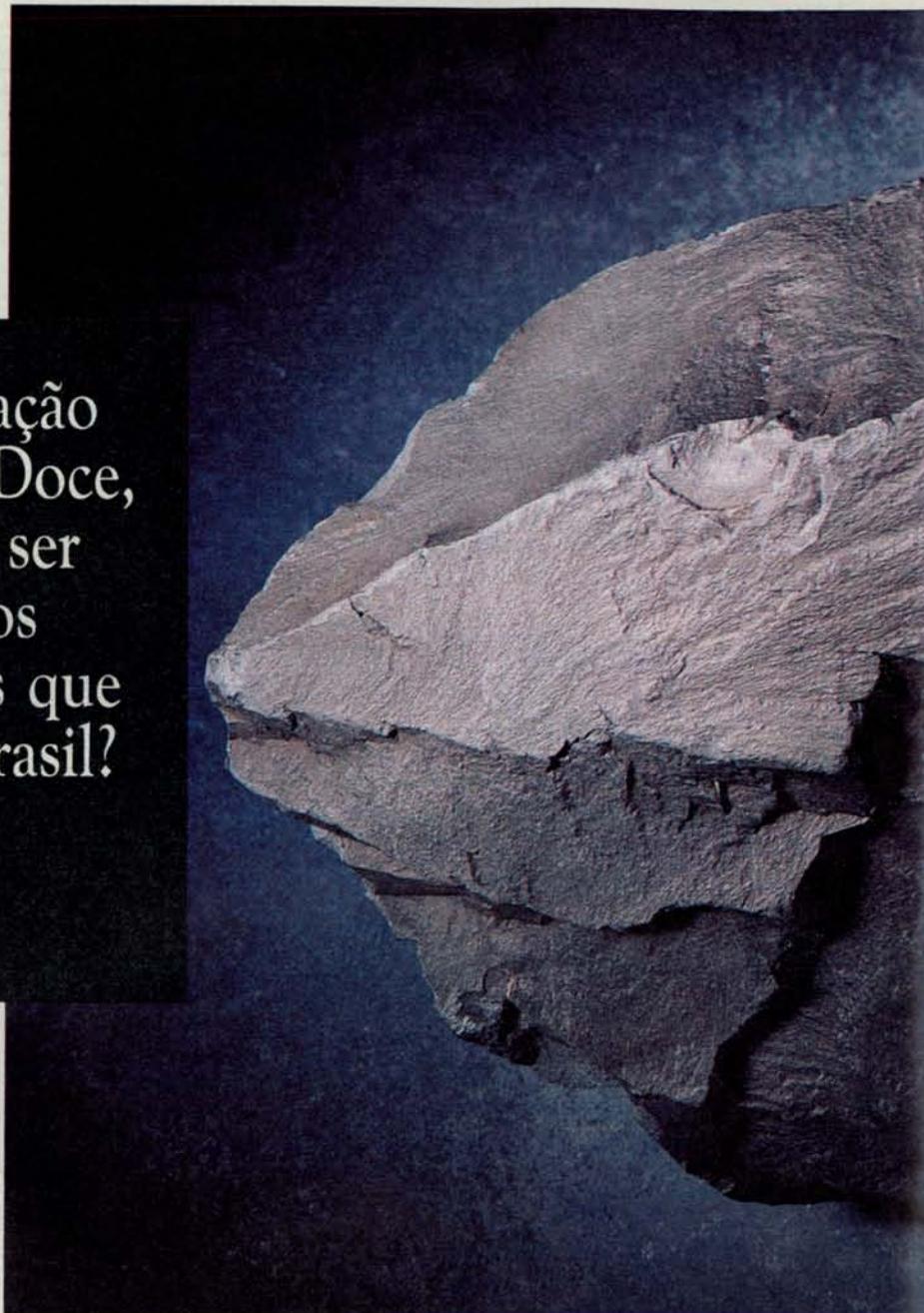


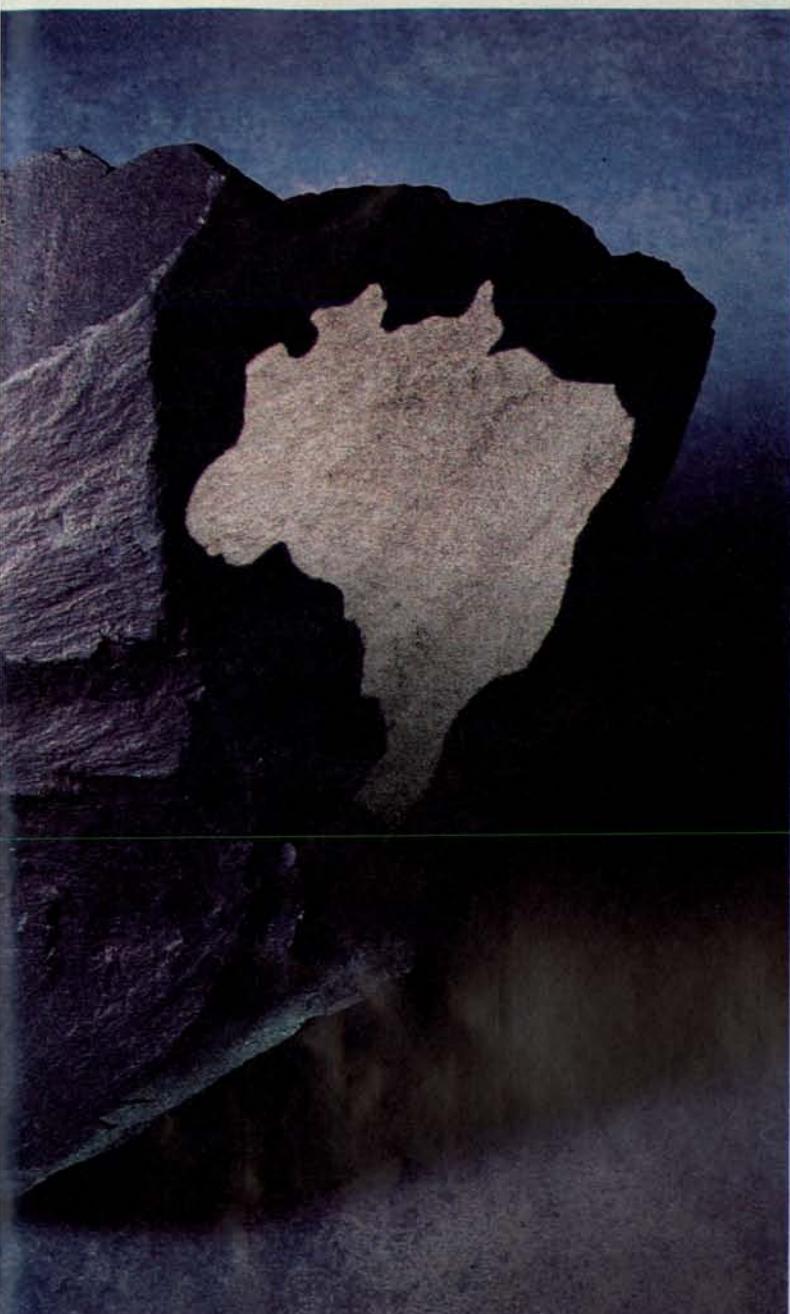
Seu melhor
investimento ho...

Com a privatização
da Vale do Rio Doce,
sabe quem vai ser
dono de todos
aqueles minérios que
pertencem ao Brasil?

O Brasil.

Privatização
O Estado no





da Vale.
lugar certo.

Tem muita gente que pensa que a Vale do Rio Doce é dona de todas aquelas jazidas minerais que ela explora. E, por essa razão, muitos andam perdendo o sono de preocupação, achando que, com a privatização da Vale, nossas riquezas minerais vão mudar de dono.

Se você é uma dessas pessoas, pode dormir tranqüilo. Na verdade, todos os recursos minerais que existem no subsolo brasileiro pertencem e vão continuar pertencendo ao Brasil. O que é garantido pela nossa Constituição.

Empresas de mineração, como a Vale do Rio Doce e outras que operam no País, recebem apenas o direito de exploração desses recursos, concedido pelo Governo. E pagam royalties pela exploração.

Além disso, outro ponto deve ser esclarecido: quando a Vale estiver privatizada, os recursos minerais que ainda não estão sendo explorados, os que estão em fase de pesquisa, ou mesmo aqueles que ainda vierem a ser descobertos vão representar receita para o Brasil.

Para minérios localizados em áreas nas quais a Vale ainda não começou a produção e naquelas onde ela já iniciou as pesquisas ou detém o direito de pesquisar, será criado um título, denominado debênture, cuja remuneração será um percentual da receita líquida proveniente da produção dessas novas jazidas.

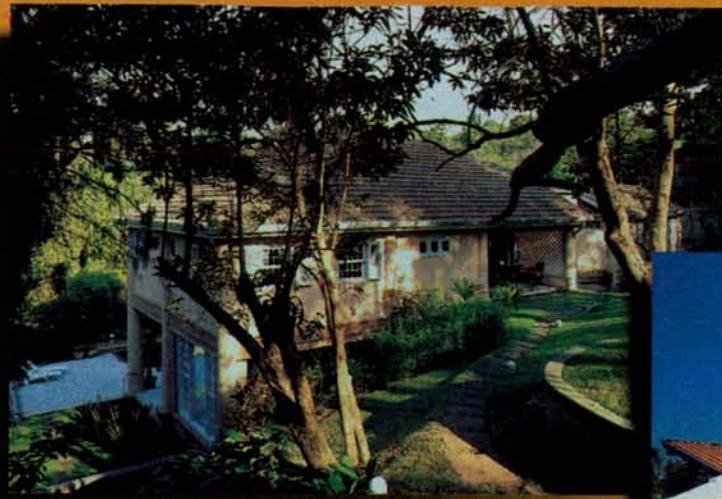
Para as áreas promissoras da região de Carajás que apresentam alto potencial de recursos minerais, será feito um contrato de risco entre a Vale e a União, esta representada pelo BNDES.

Com isso, mesmo depois da privatização, o Governo e o País terão assegurada a sua participação no potencial de geração de riquezas da Vale.

Ou seja, se você andou perdendo o sono por causa disso, relaxe. Mesmo que a Vale não seja mais do Governo, o patrimônio mineral que existe no subsolo deste País continua sendo nosso.



*É possível viver assim
em São Paulo.*



*Tem 156 m² e custou
apenas R\$ 50 mil.*



*Recife: o Colonial
de cara nova.*



*Conheça a casa de um bahiano
notável em Salvador.*

ARQUITETURA & CONSTRUÇÃO
A revista para construir ou reformar sua casa

VOCE QUER
SEGURANÇA? MAIS LUXO
NOS AMBIENTES?
ENCOSTA À
PRAIA CENTRAL.
SEU MÓVEIS
DE MADEIRA?

PARA ENHESIZAR
SUA FACHADA:
• GESSOS DE JACOBIN
• VITRÍAS
• CALHAS DE CONCRETO

PARA CUIDAR DE
SEU DÍMERO:
SAIBA QUEM
FAZ MELHOR
CONTRA RÔMEO
E JULIETTE
DESDE A FASE
DA OBRA

Acabamentos personalizam esta casa comprada durante a construção

*Você precisa ler
Arquitetura & Construção
deste mês.*

Revista

ARQUITETURA & CONSTRUÇÃO

Ao pé do ouvido

Novos pagers vão dispensar intermediários e passarão a receber mensagens em viva voz

Darlene Menconi

Talvez só os surdos não gostem da mais recente novidade em matéria de pager, o aparelhinho em cuja tela de cristal líquido piscam mensagens para os 800 000 brasileiros que o usam atualmente. Em breve, eles poderão receber recados em viva voz. Na semana passada, a Motorola anunciou que está pronta para iniciar a fabricação no Brasil do pager falante, que tem o mesmo tamanho de um pager convencional. A maquineta vem sem tela para recados

sempre difícil — com uma telefonista para passar um recado, o pager de voz dispensa intermediários. Isso porque cada usuário terá uma sequência numérica exclusiva que inclui, além do telefone da central, o código que direciona a chamada diretamente para o pager. Basta discá-lo, ouvir o bip e sair falando. Como o sistema de recebimento de mensagens é computadorizado, quem passou a mensagem recebe outro número para sua identificação. Com ele na mão, a pessoa pode verificar se seu recado chegou ao pager de destino e até se já foi ouvido pelo seu dono.

Mais novidades — Além disso, a voz dá um caráter mais pessoal ao recado. "Pelo seu tom, posso avaliar melhor a urgência da minha resposta", lembra Bohdan Pyskir, diretor da Motorola para a América Latina. O tráfego de mensagens do novo pager utiliza a mesma frequência por onde navegam os recados dos serviços atuais.

Mas, na verdade, sua tecnologia está mais para uma mistura de telefone celular com secretária eletrônica do que para o pager convencional. A central em que são deixados os recados fica enviando e recebendo sinais constantes de cada um dos pagers através de uma antena. Graças a esse mecanismo, os computadores da central sabem exatamente onde cada máquina está e podem despachar os recados com mais velocidade.

Ideal para quem gosta de texto: o Page Writer troca mensagens pela Internet

É por conta dessa sofisticação técnica que o serviço precisa ser regulamentado pelo Ministério das Comunicações. As 120 empresas que oferecem serviço de pager no Brasil só aguardam a regulamentação para iniciar sua venda. A PowerNet, com uma carteira de 95 000 clientes, já está em fase final de análise dos investimentos necessários para vender o serviço. "Só falta a definição do governo", explica Michel Levy, presidente da empresa. "A mensalidade não deve ficar abaixo de 60 reais no pager de voz", garante José Melo, gerente de marketing da Teletrim, uma das maiores operadoras do país, com 160 000 clientes. Hoje, as operadoras cobram entre 30 e 40 reais por mês para servir de intermediárias nos recados. No mercado americano, essas engenhocas tagarelas são vendidas por preços que variam entre 100 e 240 dólares. Aqui, deverão sair por 300 reais.

O crescimento do mercado de pagers no Brasil tem sido impressionante. Em 1995, havia 400 000 clientes. O contingente dobrou no ano passado. "Neste ano as operadoras devem atender 1,6 milhão de clientes", calcula Flávio Grynszpan, presidente da Motorola do Brasil. Os surdos, apesar dos pagers de voz, não devem sentir-se marginalizados. A mesma tecnologia que gerou o bip falante promete fazer maravilhas pela palavra escrita. Na semana passada, a Motorola também mostrou aquele que será seu primeiro pager capaz de receber

e enviar mensagens eletrônicas pela Internet. Equipado com um miniteclado, o Page Writer é uma mistura de pager, microcomputador e agenda eletrônica. Vem com agenda para guardar compromissos e telefones, bloco de anotações e tela de cristal líquido para receber recados de até dezesseis linhas. O novo aparelho, uma espécie de três em um portátil, só deve estar à venda no Brasil a partir do próximo ano.

FOTOS J. MIRANDA



e pode guardar na sua memória até quatro minutos de mensagens sonoras. Para ser colocado à disposição do público, o novo serviço só precisa de regulamentação do governo. Os empresários do setor acham que ela sai até o fim deste mês. Cauteloso, o secretário-executivo do Ministério das Comunicações, Renato Guerreiro, prefere apostar num prazo mais elástico. "Até junho, no máximo, vai estar tudo pronto", promete.

O novo pager não é apenas mais um fetiche tecnológico. Suas vantagens em relação aos bips convencionais são grandes. Para começo de conversa, todo o processo de passar e receber mensagens fica mais rápido e simples. Ao contrário dos atuais, que exigem extensos códigos e o contato — quase



Antena 1. 24 horas por dia transmitindo via satélite para todo o país.



Rede FM Antena 1. Uma cobertura impressionante, do tamanho do Brasil. São 32 emissoras em todo o país ligadas via satélite com som e transmissão impecáveis através dos melhores equipamentos e computadores do mundo. Tudo para unificar a qualidade, respeitar o ouvinte e facilitar a vida dos anunciantes. Por isso é que quando você liga na Antena 1 você não liga só na melhor música. Você liga na melhor tecnologia.

PROGRESSO

ANTENA 1
Música chata não entra. **1** Rede de FM via satélite.

Vendo Apto. supostamente
localizado no Morumbi
(Na verdade, é no Jardim Matilde)

Sofisticado sistema de segurança na portaria. Importantíssimo, já que o bairro anda meio barra-pesada. Sala com lareira (nunca acenda, porque enfumaça tudo). O vizinho do lado é excelente pessoa, principalmente se você também gostar de tuba. Visitas em qualquer dia e horário. Menos quinta de manhã, porque tem feira na rua.

Tratar com Jânio de Freitas. F.: 785-1422

Algumas pessoas
são tão sinceras
que só poderiam
escrever na Folha.

FOLHA DE S.PAULO

Não dá pra não ler.

Share não ac



eita desaforo.



TALENT

A MELHOR AGÊNCIA DE
PLANEJAMENTO DO BRASIL.

R. CAMPOS BICUDO, 98 - SP
TEL.: (011) 3067-1800

Romário está de volta à Seleção

■ Zagalo convoca hoje o artilheiro, que se diz motivado a voltar a defender o Brasil

Agora é para valer. O técnico Zagalo convoca a Seleção hoje, às 15h, na CBF e a grande novidade será a volta de Romário no jogo contra a Polônia, dia 26, em Goiás. O treinador chama 14 jogadores do Brasil para se juntarem aos oito estrangeiros que já foram convocados e as excelentes atuações do atacante do Flamengo neste início de temporada e o seu desejo de defender a Seleção mexeram com a cabeça do treinador.

Aos animados a ignorar pressões, Zagalo decidiu convocar Romário por conta própria. Acha que o seu momento é muito bom, e que pode ser um mais um trunfo para a Seleção. Apesar de dizer que só hoje é que forma a lista oficial, já há algum tempo decidiu dar uma nova chance ao artilheiro do Brasil na Copa de 94, quando foi eleito o melhor do Mundo pela Fifa. De lá para cá, ele não jogou mais pela Seleção.

Antes das Olímpiadas, todos queriam que Romário fosse convocado. Zagalo não se importou com o movimento por achar que estava bem servido com Bebeto e Sávio.

Um homem maduro

GILMAR FERREIRA

Romário não tem ato para falar de si próprio — parece forçado. Por isso, tem a jovem Danielle Favato, 20 anos, sua mulher, a melhor definição do momento que o craque atravessa. "Ele amadureceu muito e já não age mais como um garoto. É claro que gente de se divertir, só que hoje o Romário é um homem bem mais dedicado à família e próximo dos filhos. E isso está se refletindo no campo", revela a mulher que espera para agosar o terceiro filho do craque, muito provavelmente o primeiro a nascer em território brasileiro. Mônica, 7 anos, nasceu na Holanda, e Romário, 4 anos, na Espanha.

Otimismo tardio, em entrevista à jornalista Leda Nagle, no programa *Sem Censura*, da TV Educativa.

Jornal do Brasil, 18/2/97.

ESPORTES

Foto: Edson Tavares

Fluminense e Renato se entendem

Os dirigentes do Fluminense não têm mais nenhuma dúvida de que Renato quer permanecer no clube. A prova disso foi o comportamento do jogador, que resolveu adiar para hoje a definição da sua permanência no Fluminense, aumentando assim as chances de permanecer no clube carioca e descartar a proposta do São Paulo, que o espera hoje para apresentá-lo à torcida.

Ontem à noite, Renato esteve reunido por duas horas e meia com Edgar Hargraves, vice-presidente de futebol do Fluminense, e Pedro Bhering, conselheiro do clube. Diante de uma proposta concreta do tricolor carioca, Renato passou a ter a responsabilidade de tomar uma decisão hoje de manhã. Caso não fique no Fluminense, ele viaja hoje mesmo à tarde para São Paulo para apresentar ao clube paulista.

Um dos motivos para o atraso na definição sobre a permanência de Renato no Fluminense foi a busca dos dirigentes tricolores por dois patrocinadores para bancar os custos com o jogador. Um deles já está certo. O acordo com outro depende ainda de pequenos detalhes, mas tudo indica que haverá acordo.

Enquanto os dirigentes do Fluminense se empenham pela permanência de Renato, a diretoria do São Paulo mantinha ontem a confiança em ter o atacante para a temporada deste ano. O presidente Fernando Catal de Rez não

Na dúvida, leia o

"Romário está de volta à Seleção". "Atacante não será convocado hoje". Mais uma vez fica claro que o grande diferencial de um jornal está nas verdades que ele diz. E o Jornal do Brasil há 105 anos tem um compromisso inabalável com a verdade. Com a credibilidade da informação. A melhor equipe de jornalistas do País todo o dia entrando em campo para deixar o leitor cara a cara com a notícia. Quem

ESPORTES

Zagallo diz que Romário tem lobby

Atacante não será convocado hoje. Técnico perde Flávio Conceição e não libera Ronaldinho

Jorge Luiz Rodrigues

Romário vai ter de esperar. Ainda não será na convocação desta tarde que o melhor jogador da Copa de 1994 voltará à seleção brasileira. O técnico Zagallo anunciará a lista de 14 jogadores de clubes nacionais para o amistoso do próximo dia 26 contra a Polônia, em Goiânia, sem o artilheiro do Campeonato Carioca. Os 14 vão se juntar a Ronaldinho, Giovanni, Mauro Silva, Roberto Carlos, Aldair, Juninho e Leonardo — pré-convocados de times estrangeiros. Flávio Conceição, outro pré-selecionado, será cortado, hoje, por lesão muscular. Ontem, depois de um reunião da comissão técnica na sede da CBF, Zagallo não quis antecipar nomes, mas fez um comentário sintomático e em tom sério sobre a pressão para convocar Romário:

— O impressionante é o lobby que o Romário tem na imprensa. É difícil ter um dia em que não saia alguma coluna em que ele fale sobre a sua possível volta à seleção.

Zagallo disse que nem no condomínio onde mora, na Barra da Tijuca, está livre da pressão. O técnico até já sabe, pelo jeito da abordagem, quando um vizinho vai lhe perguntar sobre Romário:

— Eles vem me perguntar em tom de brincadeira e eu falo logo que já sei qual é pergunta para nem precisar continuar. As pessoas tem de entender que eu olho o Romário da mesma maneira que olho Ronaldinho, Giovanni, Mauro Silva... Só não olho o Bebeto porque ele não está jogando.

O técnico lembrou que Romário se recusou a servir à seleção depois da Copa, mas mudou de idéia. Considera isso louvável, mas disse que outros torcedores também fizeram o mesmo.

O técnico garantiu que não vai liberar Ronaldinho e Giovanni da lista de convocados como quer o Barcelona. O vice-líder do Campeonato Espanhol enfrentará o Atlético de Madrid pelas quartas-de-final da Copa do Rei da Espanha no mesmo dia em que a seleção brasileira jogará com a Polônia:

— Se eu liberar um, terrei que liberar todos. Não posso abrir mão do Ronaldinho, que é a peça mais importante do ataque brasileiro.

Hoje, o técnico deverá receber a confirmação de que Flávio Conceição está fora do amistoso do próximo dia 26. O apoiador sofreu uma rotura de fibra no músculo anterior da coxa direita na partida de anteontem, quando o La Coruña empalhou (0 a 0) com o Atlético de Madrid, na estreia do técnico Carlos Alberto Silva. Ontem, depois de uma ecografia, o jogador ouviu do médico César Covian que ficará de duas a três semanas inativo. De imediato, está fora dos dois próximos jogos do La Coruña: amanhã, contra o Hércules; e domingo, contra o Betis, em casa. No Rio, Zagallo parecia antever o problema. O técnico assistiu pela TV ao jogo em que Flávio Conceição se machucou e percebeu que o caso era grave.

— Flávio levou os malos à costa e foi substituído em seguida. Nesse caso, eu vi. E não haverá outro jeito a não ser cortá-lo, se for enviado um laudo confirmando a lesão — disse Zagallo.

O calendário do futebol brasileiro foi alvo de críticas do técnico. Ele reclamou que, contra a Polônia, não poderá convocar a seleção ideal. O treinador lembrou que o calendário de amistosos ficou pronto antes de a CBF e as federações divulgarem as datas dos estaduais e da Copa do Brasil. Mesmo assim, a Copa do Brasil terá jogos nos dias 25 e 27, enganando a seleção aerea no dia 26.



ROMÁRIO se concentra à espera de uma pergunta durante um programa de entrevistas na TV

Jornal do Brasil.

O Globo, 18/2/97.

leu o Jornal do Brasil no dia 18 de fevereiro, um dia antes da convocação, soube em primeira mão que o Romário estava de volta à Seleção. Porque o Jornal do Brasil é o jornal que mostra o que acontece. Como acontece. E por que aconteceu. Para que você possa saber o que vai acontecer. Uma história de 105 anos contando a História do Brasil. Que, não é por acaso, tem o mesmo nome do nosso Jornal.



JORNAL DO BRASIL

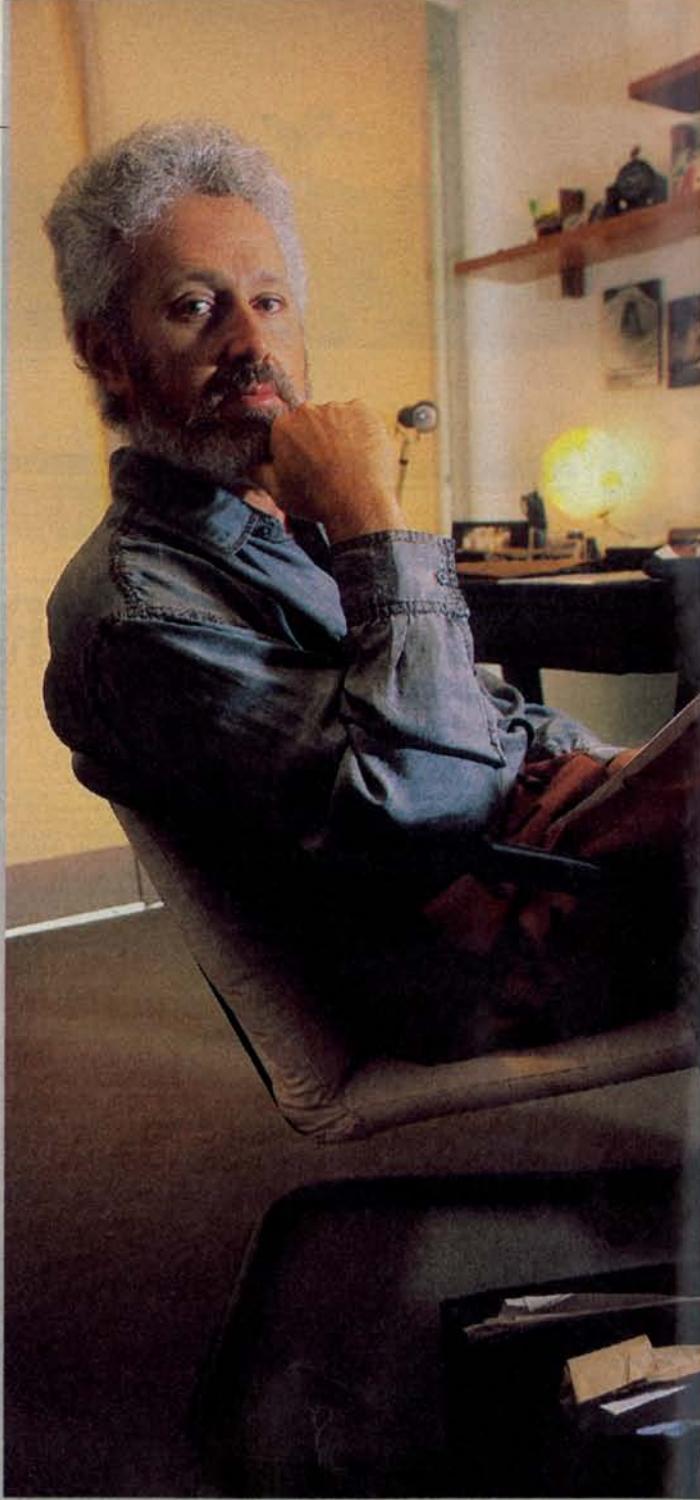
O chato que funciona

Metódico e persistente, Oded Grajew tira dinheiro dos empresários e ajuda crianças

Andréa Barros

O ded Grajew é um homem de causas boas. Ele coordena o Movimento pela Ética na Política, ajudou a criar a Associação de Empresários pela Cidadania, tem uma vaga na cátedra da Unesco para a Educação pela Paz, Tolerância e Direitos Humanos e também é o único integrante brasileiro do Conselho Internacional das Fundações Americanas — uma espécie de cofre-mãe das ONGs de todo o mundo. Mas Oded Grajew tem uma obra, que é a Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança, ligada à Associação Brasileira da Indústria de Brinquedos, que fundou há sete anos. Sua entidade recolhe dinheiro de milhares de empresas do país inteiro e o distribui a crianças carentes. São 11 291 beneficiadas em creches, escolas e instituições assistenciais, 12 000 que têm acesso às brinquedotecas, outras 12 867 às bibliotecas, 90 991 que estão em escolas públicas que têm projetos financiados pela fundação e mais 141 438 atendidas em projetos mais específicos.

É um trabalho louvável mas até pequeno, se comparado com o da Legião da Boa Vontade, a maior entidade filantrópica do país, que fatura 5,8 milhões de reais por mês e atende 1,8 milhão de pessoas por ano. Mas é mais fácil ouvir falar de Oded Grajew do que de Paiva Netto, o líder da LBV. É uma questão de charme social. Grajew é cidadão do mundo, gosta de fazer comentários sobre filmes, pode aparecer de repente num restaurante japonês e utilizar os dois pauzinhos com muita intimidade. Isso faz diferença. Com fala mansa, e conversa insistente, ele chegou a viajar com a primeira-dama Ruth Cardoso pelo interior de São Paulo. Queria que ela o ajudasse a convencer o presidente Fernando Henrique a assinar um documento contra o trabalho infantil, o que acabou acontecendo mais tarde. Grajew também insistiu para que o governo assumisse a mesma postura nas negociações das chamadas cláusulas sociais da Organização Mundial do Comércio. Seria um compromisso sério, com consequências políticas e diplomáticas. Dessa vez, ninguém lhe deu bola.



O empresário Mario Amato, seu inimigo desde 1986, quando Grajew foi um dos líderes de uma chapa de oposição na Fiesp, costuma defini-lo como um exibido. "Ele faz tudo para aparecer", diz Amato. Embora sempre possa dizer que faz tudo por uma boa causa, Grajew gosta mesmo de aparecer. Adora dar entrevistas. Quando não é convidado, oferece-se. Quando a oferta não é aceita, insiste. Se a insistência não funciona, tenta de novo. "Ele é muito insistente", diz a psicóloga Mara Cardeal, sua mulher. Na realidade, é um chato que funciona. Ele sustenta a Abrinq — trinta funcionários — e suas crianças com o dinheiro que levanta de 2 200 empresas.

Grajew tem 52 anos, não tem filhos e exibe uma memória boa como a de Paulo Maluf. Para ele, uma conversa nunca é



CLAUDIO ROSSI

perda de tempo, uma idéia nunca é só uma idéia e uma promessa será, obrigatoriamente, um fato consumado. Ele não marca encontros no final do expediente para evitar que o interlocutor exagere no uísque e desconverse no dia seguinte. Grava na memória as sugestões apresentadas e, uma semana depois, lá está ele de volta, como quem não quer nada, cobrando resultados. Também faz parte de sua estratégia aparecer sempre com projetos concretos e telefonar, mesmo num domingo, ou às 11 da noite, para contar um novo plano.

Grajew fala com quatro empresários por telefone ao dia e tem em média cinco reuniões por semana. No trato com os funcionários é exigente. A toda hora está checando se eles estão realmente fazendo o que foi pedido — cinco minutos depois de ter passado as ordens. Sua luta contra o trabalho infantil rendeu elogios do Unicef. Foi uma batalha longa, na qual conseguiu vitórias bem-intencionadas e até alguns resultados práticos. Convenceu estatais e também empresas como Volkswagen, GM, Scania, Volvo, Mercedes-Benz, Ford, os exportadores de suco de laranja e os calçadistas de Franca a ameaçar fornecedores, avisando que não comprariam suas mercadorias se fossem feitas por mão-de-obra infantil. Em determinadas empresas, surgiram até entidades para cuidar de crianças.

Sócio da Grow, uma indústria de jogos para adolescentes que ficou famosa com o War, aquele jogo de guerra que foi moda nos anos 80, Grajew deixou as funções executivas da empresa em 1988. "Queria ter mais tempo para mim", explica. Em 1994, ele vendeu sua parte na empresa ao sócio Valdir Rovai. É com a renda desse dinheiro — estimado em alguns milhões de reais — que Grajew vive. Ele mora num apartamento de 250 metros quadrados em Perdizes, bairro de classe média de São Paulo, e tem orçamento folgado. Todos os outros cargos que ocupa não lhe valem um centavo a mais no bolso. "Faço isso porque me sinto realizado", explica. Ele também se realiza numa rotina folgada. Sem a obrigação de trabalhar, caminha ou joga tênis quase todas as manhãs. Assiste a quatro filmes por semana. Vez por outra, lê o *I Ching*. Suas férias anuais são de,

no mínimo, 45 dias — sem contar temporadas maiores no exterior. Em abril, por exemplo, vai passar três meses nos Estados Unidos. "Preciso parar para pensar", explica.

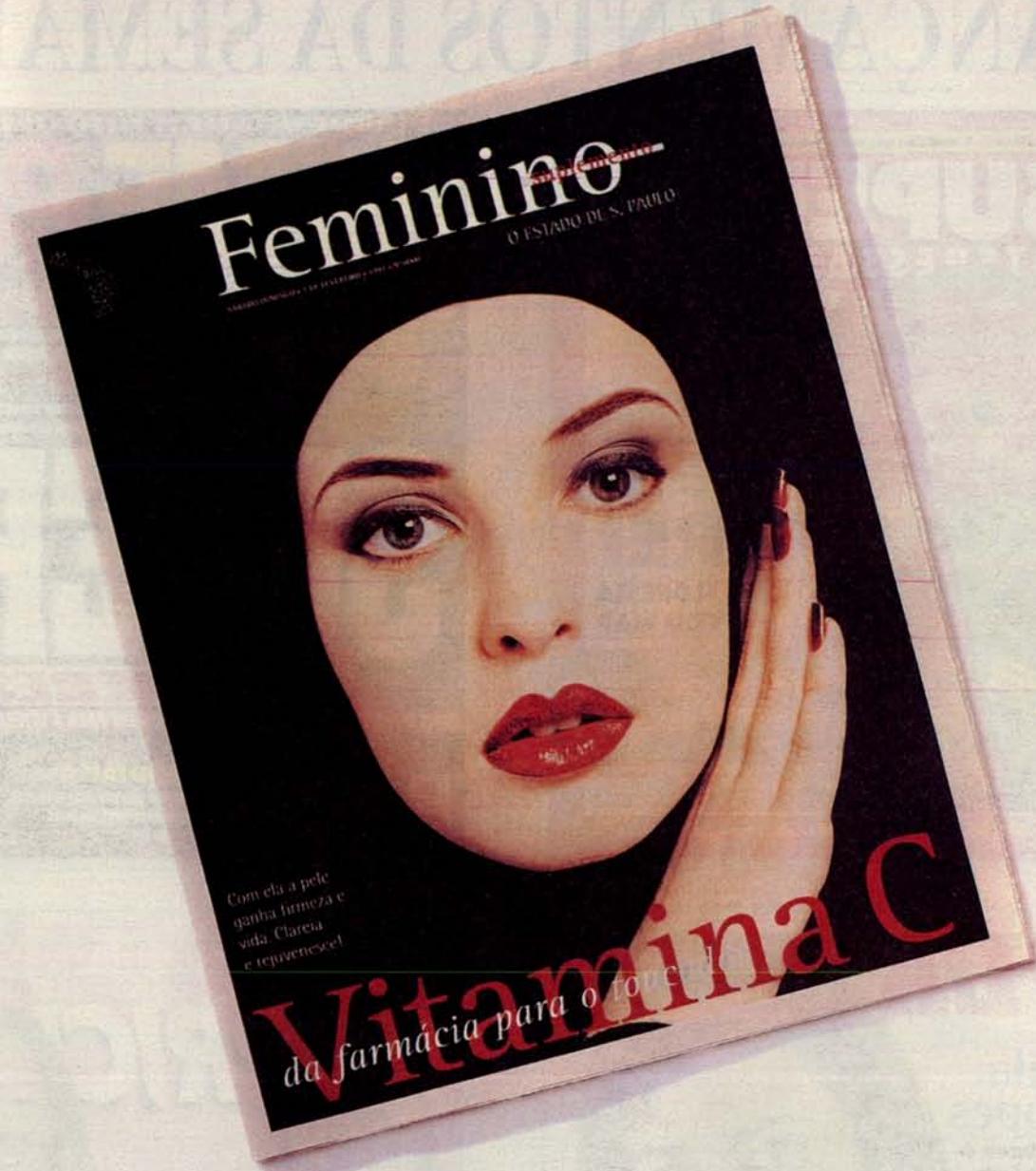
Petista do círculo mais próximo do cacique Luís Inácio Lula da Silva, Grajew tem uma meia dúzia de amigos que já estão acostumados com seu assédio. Guilherme Leal, vice-presidente da Natura, é um deles. Em 1989, foi convencido a participar de duas reuniões com Lula, mas não deu dinheiro. Em 1994, Grajew convidou-o para ajudar na campanha do PT, e mais uma vez ele não topou. Acabou ajudando na campanha de Luiza Erundina para o Senado. "Eu votei no Serra, mas queria que ela conseguisse a segunda cadeira", explica. Horácio Piva, da Klabin, é a quem Grajew recorre vez por outra para pedir papel para fazer o jornal da fundação. Os empresários até gostam do seu assédio. "A vantagem é que em nenhum momento me sinto conversando com um padre", explica Amaury Rosenberg, presidente da Adidas. "Ele faz um trabalho quixotesco, tem uma calma budista e é absolutamente zen", define Piva.

Quando o pai morreu, pagou os estudos como vendedor de enciclopédias e até títulos de clube de porta em porta. Enriqueceu e hoje vive de rendas

com os pais e o irmão mais novo, Jakow, para Paris, aos 11 anos. Seu pai, que era representante comercial de relógios suíços, acabou transferido para o Brasil. A vida nômade da família continuaria, não fosse a morte do pai, às vésperas de outra mudança, agora para a Espanha. Foi o colapso. A mãe e os dois filhos mudaram-se do Rio de Janeiro para São Paulo, onde ela abriu uma loja de roupas. Aos 17 anos, Grajew ajudava em casa vendendo enciclopédias de porta em porta e até títulos de clube. Estudante de engenharia na Politécnica da USP, quando se formou trabalhou na General Electric, na Cesp e em dois bancos até fundar a Grow com três colegas de faculdade. No início da Grow, ele escalou o irmão Jakow para dividir o serviço. Seduziu-o com a idéia de que ele começaria "como gerente". A parceria durou pouco mais de um ano. "Nós morávamos numa casa na Barra Funda e dormíamos no mesmo quarto. Era cobrança 24 horas por dia. Às 6 da manhã ele já começava a perguntar: já fez isso? Já fez aquilo?", explica Jakow.

Pontual, minucioso, Grajew tem uma proposta fantasiosa para resolver o problema da criança brasileira. Bastaria, segundo ele, fazer uma lei em que todos os ministros, deputados, governadores, prefeitos e juízes fossem obrigados a matricular seus filhos em escolas públicas e a frequentar hospitais do SUS. "Garanto que o dinheiro apareceria", diz ele. É uma idéia que tem lógica, mas difícil de ser aplicada mesmo no PT. Quando teve apendicite, o amigo Lula internou-se num hospital privado para se submeter a uma cirurgia. Além disso, também mandou os filhos para escolas particulares. ■

As
mulheres
mudaram.
Anota aí o
endereço.



Novo Suplemento Feminino do Estadão. Melhorando com você.

Afinal, o que pensam as mulheres? As respostas para esta e outras perguntas só poderiam mesmo ser dadas por uma mulher. Ou por várias. É por isso que o Suplemento Feminino é feito de mulher para mulher. Toda semana, o Suplemento Feminino vai abordar os mais variados assuntos. Da moda à política, numa visão feminina do que acontece no mundo. E agora o Suplemento Feminino do Estadão também está com novo visual.

Seu projeto gráfico foi totalmente reformulado. Está muito mais moderno, bonito, com novas seções, novas articulistas, mais fotos e muito mais cor. Conheça agora algumas das principais seções.

Trabalho: Temas que abordam a postura feminina nas relações de trabalho, dentro e fora de casa. **Saúde da Mulher:** Como viver de forma saudável em todas as idades. **Variedades:** Assuntos que deixam

a mulher em sintonia com tudo o que é atual e que está na moda.

Comportamento: Matérias sobre hábitos e comportamentos da vida moderna. **Entrevista:** Mulheres e homens famosos falam sobre diversos assuntos. **Economia:** O fato econômico do momento é explicado e suas repercussões na vida cotidiana da leitora são analisadas, com dicas de interesse. **Visão Política:** Nessa seção os assuntos políticos mais importantes também são interpretados.

• **Perfil:** Matérias e entrevistas com mulheres bem-sucedidas (famosas ou não). **Estado de Choque:** Relatos de dramas vividos por mulheres e como foram superados. Tudo isso e mais as seções de Moda, Decoração, Culinária, Beleza e Trabalhos Manuais que ficaram muito mais diversificadas e interessantes. Viu só? A mulher e o Suplemento Feminino do Estadão estão mudando ao mesmo tempo. E não é por uma incrível coincidência.

LANÇAMENTOS DA SEMANA



SOLTE A IMAGINAÇÃO COM OS PROGRAMAS GRÁFICOS

HOME PC

EFICIENTE!
Monte seu escritório em casa: dos softwares e equipamentos a organização do espaço

PRÁTICO!
Aprenda passo a passo a aumentar a memória do computador e a trocar de modem sem traumas

SUPER PODERES

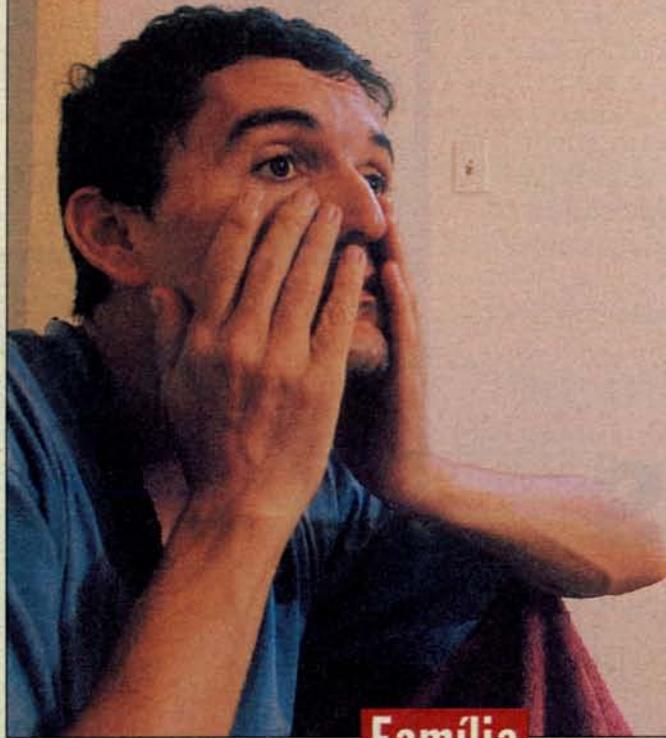
PARA O SEU BROWSER COM OS NOVOS PLUG-INS PARA A INTERNET!

MULTIMÍDIA!
Descubra por que sua próxima máquina vai usar o novo chip MMX da Intel

Diversão no Micro: os games quentes que estão chegando às lojas



Nas bancas



**“Matei o meu irmão
porque ele não
ligava para a vida.
Se eu estiver certo,
Deus vai me perdoar.
Se estiver errado,
infelizmente,
vou pagar por isso.”**

Dirceu José de Souza

EGBERTO NOGUEIRA

Família

Feita sua vontade

Irmão que agonizava com Aids pede e o caçula obedece: mata-o com golpes sucessivos

Eduardo Junqueira

“O que você faria se estivesse no meu lugar?” Dirceu José de Souza, de 32 anos, passou a semana passada repetindo essa pergunta para todos que lhe dirigiam a palavra. Não era uma indagação aleatória, mas uma tentativa de explicar por que ele se transformou de repente num assassino, autor de um crime em geral abominado pela humanidade, no alvo do próprio irmão. No começo da noite de 23 de fevereiro, Dirceu pegou um martelo pesado e deu uma pancada acima da orelha esquerda do irmão mais velho, João Roberto de Souza, de 38 anos. A parte superior da cabeça ficou estilhaçada. O corpo caiu no chão, vazando sangue. Apavorado, Dirceu viu que João continuava se debatendo. Pegou, então, um punhal de 20 centímetros e o cravou entre as costelas do irmão, na altura do abdome. João não gritou, mas ainda se mexia. Um saco plástico foi o

último recurso. Sufocado, o corpo de João ficou inerte três minutos depois.

João estava com Aids há quatro anos. Ao decidir matá-lo, Dirceu, pedreiro desempregado, não invocou discussões filosóficas sobre ética nem reflexões sobre o direito dos doentes terminais à eutanásia. Sua intenção, diz, era uma só, simples e direta: colocar um ponto final no inferno em que os dois irmãos viviam. Bissexual, João foi abandonado pelos outros seis irmãos logo que a doença se manifestou. Cego, tomado por três infecções oportunistas e com um início de demência causada pela ação do vírus, ele vivia pedindo para morrer. Em crises de fúria, batia a cabeça nas paredes do seu quarto, numa casa modesta em Assis, no interior de São Paulo. O submisso Dirceu tentava agradar-lhe preparando seus pratos prediletos e comprando latas de cerveja sem álcool. João não tinha coragem de se suicidar, mas confiava na fidelidade do irmão. “Eu só tenho uma solução. Se não me matar, você será um covarde”, dizia.

Na véspera do crime, João perguntou a Dirceu onde seria enterrado. No domingo, começou a longa morte. Foi o próprio João quem tomou a iniciativa. Pegou um toco de madeira e acertou três golpes na cabeça. A quarta pancada foi com um martelo. Caído sobre a cama, mandou o irmão desfechar mais um golpe. Rolou para o chão e de lá ordenou que Dirceu apanhasse o punhal na cozinha. Implorou que acabasse com o seu sofrimento. Dirceu obedeceu. Terminado o sacrifício sangrento, o pedreiro foi até o telefone público da esquina, ligou para a polícia e contou tudo. Deu o endereço e pediu que os policiais fossem até a sua casa. Por que tanta calma? Dirceu acha que fez o que fez por amor. “Gostávamos muito um do outro, mas infelizmente nos separamos”, diz. “Agora é tarde.”

Como confessou o crime, ele aguarda o julgamento em liberdade. O delegado Jarbas de Souza Júnior, que preside o inquérito, já tem opinião formada sobre o caso. “O Dirceu era o pai desse rapaz”, diz. “Cometeu o crime porque estava abalado emocionalmente.” O mais provável é que o fraticida seja condenado por homicídio privilegiado, quando a Justiça considera que o autor do crime foi movido por um motivo relevante de valor moral. Nesses casos, a pena máxima é de vinte anos de prisão, passível de apelação. Réu primário, tem boas chances de cumprir a sentença longe das grades. O que você faria no lugar dele? ■

Dolly, a revolução dos clones

Ian Wilmut abre uma polêmica sobre ética na pesquisa científica ao copiar uma ovelha em laboratório

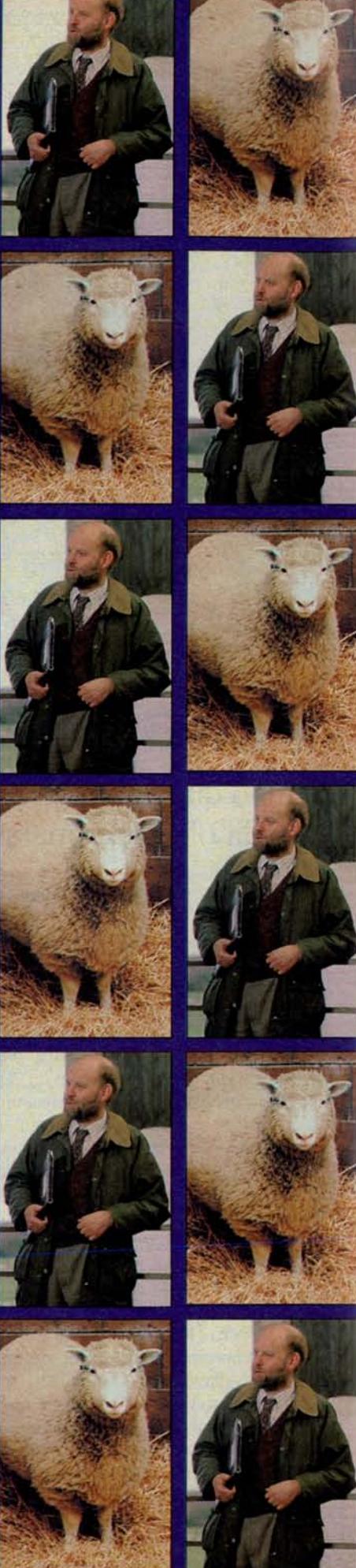
Eurípedes Alcântara, de Nova York

Para "Dolly" nascer foi preciso que um anjo torto, desses que andam de jaleco branco, a arrancasse inteira de dentro de outro animal. Como Eva no Velho Testamento, feita com uma das costelas de Adão, Dolly veio ao mundo como um pedaço de outro ser adulto. Dolly, a ovelha escocesa de cuja concepção extraordinária o mundo tomou conhecimento na semana passada, não tem pai nem mãe. Ela tem apenas origem, uma origem que não é divina. É humana. Dolly é o cordeiro dos homens. Mais exatamente, é o cordeiro de Ian Wilmut, 52 anos, embriologista do Instituto Roslin, instituição de pesquisa agropecuária nos arredores de Edimburgo, capital da Escócia, que até então vivia num tranqüilo anonimato. Dolly é o que a ciência chama de clone, palavra de origem grega que significa broto. Clone é a cópia idêntica de outro ser vivo produzida artificial e assexuadamente. Como teve origem numa célula da mama de sua mãe, a ovelha recebeu o seu nome em homenagem a Dolly Parton, a cantora caipira americana de seios enormes. Ela tem a compleição simpática da sua raça, a finn-dorset: focinho rosado, dócil e encantadoramente desajeitada. Por trás dessa aparente normalidade

esconde-se uma perturbadora revolução científica.

A ovelha, símbolo religioso da redenção dos homens, inaugurou abruptamente o século XXI, dando origem à era dos clones, período no qual os cientistas que brincam de Deus vão começar a colher os frutos de suas ousadias. O artigo de Wilmut explicando como Dolly foi feita foi publicado na quinta-feira na revista *Nature*, a prestigiosa publicação científica inglesa. A receita para construir um mamífero é assustadoramente simples. Os cientistas escoceses fundiram um óvulo não fecundado, de onde haviam retirado o miolo genético, com uma célula doada pela ovelha que queriam copiar. Depois implantaram o resultado da fusão no útero de uma terceira ovelha, onde Dolly foi gestada (veja quadro na pág. 94). Depois dos clones de ovelhas, virão os de outros animais tão ou mais úteis à humanidade, como as vacas e galinhas. Em seguida, serão copiados bichos ameaçados de extinção. Até o dia em que a inocência perdida com o anúncio da existência de Dolly deságüe no indizível, no impensável, na suprema arrogância dos mortais: a cópia de um ser humano em laboratório. "Não duvido que a clonagem de um ser humano não esteja sendo tentada em um canto escuro de alguma universidade desconhecida", diz o americano Bruce Hilton, pesquisador do Centro Nacional de Bioética.

FOTOS REUTERS

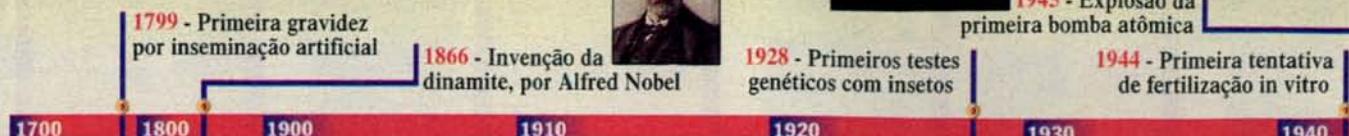




O embriologista Ian Wilmut e sua criação, a ovelha Dolly, primeira cópia genética de um animal adulto: o fruto da ousadia de cientistas que brincam de Deus

Quando a ciência assusta

Descobertas científicas sempre provocam discussões de natureza ética e moral



Ian Wilmut, barbudo, meio careca, com jeito de cientista de filme de Hollywood, quebrou uma barreira ética. "Pela primeira vez a humanidade está sendo colocada na posição de gerente principal da evolução animal e humana: podemos dizer, sem exagero, que seremos em breve senhores únicos de nosso destino biológico", diz Ronald Munson, médico especialista em ética da Universidade do Missouri. Estamos preparados para tanta responsabilidade? Numa gloriosa viagem evolutiva de 8 milhões de anos, o mamífero de cérebro avançado e mãos hábeis domou o planeta. Agora, Dolly coloca a espécie humana num novo patamar dessa formidável jornada natural: ele pode, teórica e praticamente, recriar a si mesmo, e aparentemente não existe força, terrestre ou divina, capaz de frear os cientistas e evitar a repetição da experiência de Dolly com um ser humano.

Os poderosos reagiram como quem vê seu poder lhe escapando das mãos. Bill Clinton, presidente dos Estados Unidos, criou uma comissão de sábios

para, no prazo de três meses, instruí-lo sobre como agir para impedir a clonagem de pessoas. O *Observatório Romano*, jornal oficial da Santa Sé católica, circulou na quarta-feira com um apelo dramático: "Não há mais tempo. Os governos precisam anunciar imediatamente o banimento legal e completo de quaisquer tentativas de clonagem humana". Tanto Clinton como o papa João Paulo II sabem que, a partir de agora, tal clonagem não é cara nem complexa. Tanto que Dolly foi produzida numa instituição de prestígio, mas bastante parecida com dezenas de outros laboratórios genéticos espalhados pelo mundo. "Doutores por doutores, instrumento por instrumento, recurso por recurso, iguais ao laboratório de Roslin existem muitos outros em dezenas de países", diz o pesquisador americano Steven Jones.

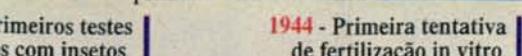
Suspeitas — Dadas as mesmas condições técnicas, a clonagem fica por conta da ousadia dos cientistas, ou do ambiente



1953 - Esperma humano é congelado para inseminação artificial



1945 - Explosão da primeira bomba atômica



1944 - Primeira tentativa de fertilização in vitro

te acadêmico em que atuem. Ninguém esperava, por exemplo, que o primeiro transplante de coração fosse feito no Groote Schuur Hospital, na África do Sul. Mas foi ali que, em 1967, o cirurgião Christian Barnard implantou um coração novo no peito de Louis Washkansky, que sobreviveu alguns dias. Barnard não era melhor que seus colegas de Boston, Cleveland ou Londres. Ele apenas contou com um ambiente eticamente mais liberal. Sua audácia não foi contida por regulamentos ou leis severas como as que existiam na Europa e nos Estados Unidos. "Se proibirmos experiências de clonagem humana aqui, elas serão feitas em outros países, não tenho dúvida disso", diz Steven Jones.

Como foi o experimento



Ovelha doadora de células



Células são retiradas da mama da ovelha a ser copiada



Ovelha doadora de óvulo



Da outra ovelha é colhido um óvulo não fertilizado

A novidade que põe fim a um dogma

Se algum dia o pesquisador britânico Ian Wilmut for lembrado para o Prêmio Nobel, a honraria será outorgada por ele ter destruído um dogma da ciência. Nos anos 70, grupos de embriologistas clonaram sapos adultos a partir de uma única célula. Ninguém se interessou pelo procedimento porque na maioria dos anfíbios a regeneração completa dos tecidos é uma característica natural. Corta-se o rabo de uma salamandra, por exemplo, e ele volta a crescer. A cópia de um mamífero adulto pelo mesmo processo, no entanto, era um feito considerado impossível. Wilmut mostrou que essa crença estava errada e que, teoricamente, todas as células do corpo contêm as informações necessárias para produzir um organismo inteiro.

O que o escocês fez foi pegar uma célula especializada, no caso uma

célula retirada da glândula mamária de uma ovelha de 6 anos de idade, e transformá-la numa semente biológica, a partir da qual se pode construir um animal completo. Wilmut fundiu a célula mamária com uma célula reprodutiva cujo miolo genético, o DNA, fora extraído. Dessa maneira, a célula reprodutiva cresceu normalmente — com a diferença que o DNA da célula da ovelha doadora comandou o processo. O que virá agora? De agora em diante, times de pesquisadores de todo o mundo buscarão a prova de que Wilmut clonou mesmo a ovelha. Como a mãe genética de Dolly, a ovelha doadora da célula mamária que originou o experimento, morreu logo depois, não se pode comparar seus códigos genéticos para provar que são idênticos. Se a ovelha-mãe estivesse viva, Wilmut teria como exibir a prova definitiva:

dois seres geneticamente idênticos, gêmeos, portanto, só que um deles com 7 meses e o outro com 7 anos de idade. Mesmo que a mãe de Dolly estivesse viva, os cientistas tentariam reproduzir o experimento com suas próprias ovelhas. Caso ninguém consiga, Wilmut ficará sob suspeita. É assim que a ciência caminha.

Na semana passada, no entanto, nenhum cientista desconfiava seria-

1952 - Clonagem de rãs a partir de células de girinos



1967 - Christian Barnard faz o primeiro transplante de coração

1954 - Comprovação da eficácia da pílula contraceptiva



1983 - Nasce o primeiro bebê de mãe de aluguel

1982 - Franceses anunciam a pílula do aborto

1978 - Nasce Louise Brown, o primeiro bebê de proveta

1970

1993 - Americanos fazem clonagem de embriões humanos

1987 - Sul-africana gera óvulos fecundados de sua filha

1995 - Cientistas implantam orelha humana em um rato

1950

1960

1980

1990

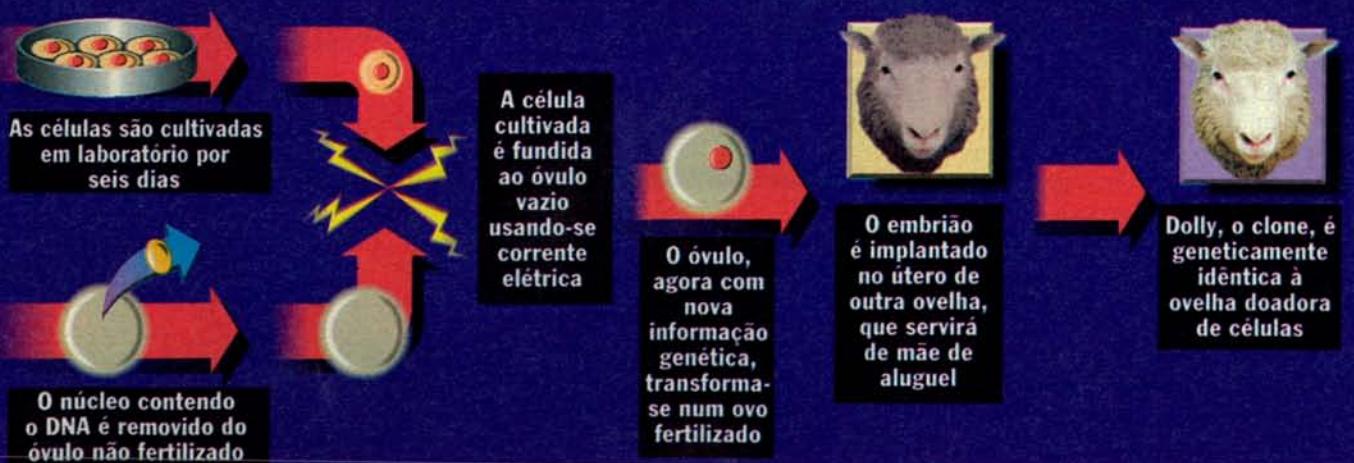
Pode parecer absurdo falar em clonagem de seres humanos quando tudo que a ciência apresentou até agora foi uma inocente ovelha de laboratório. Os envolvidos na experiência escocesa foram os primeiros a querer enfatizar que uma ovelha é apenas uma ovelha. "Levamos vinte anos para planejar e executar a criação de Dolly, e só acertamos na 277ª tentativa", diz Wilmut. "Se quiséssemos fazer a mesma coisa com um ser humano, o que absolutamente não é o caso, as dificuldades seriam abismalmente grandes." Mas, mesmo se tivesse dito que é impossível fabricar um clone humano, Wilmut não teria conseguido desanuviar as suspeitas. O consenso entre os cientistas

especializados no assunto é que a clonagem humana pode ser obtida com os mesmos procedimentos utilizados para trazer Dolly ao mundo natural. O exagero está em pensar que isso ocorrerá em questão de meses ou de um par de anos — ou que exércitos de clones humanos estarão, aos milhões, muito em breve se misturando aos demais mortais nas ruas.

Tabu — Novidades tecnológicas de implicações profundas sempre geram expectativas exageradas. A barreira do som foi quebrada, em 1947, pelo piloto Chuck Yeager, e hoje, meio século depois, pouquíssima gente se beneficiou desse avanço: o Concorde, único

avião supersônico de passageiros em operação no planeta, faz alguns poucos vôos semanais entre Europa e Estados Unidos. Quando o russo Yuri Gagarin entrou em órbita, em abril de 1961, se acreditou que a humanidade estava prestes a sair da Terra e colonizar a Via Láctea — mas, 36 anos depois, apenas três centenas de mortais podem contar que já voaram ao espaço. Dezenove anos depois de dominada a técnica dos bebês de proveta, existem pouco mais de 10 000 crianças nascidas por esse método em todo o mundo. O mesmo se passa com as grandes cirurgias do coração, os transplantes, as fabulosas drogas e os tratamentos da medicina de ponta. É nesse contexto que se deve

As etapas percorridas pelos cientistas escoceses para produzir a cópia genética de uma ovelha adulta



mente que ele pudesse ter falsificado dados e que Dolly fosse uma fraude. "O procedimento descrito por Wilmut é tão brilhante e convincente que, no fundo, nem precisaríamos da existência de Dolly para saber que ele fez a coisa certa", diz Curtis Young, professor de ciências animais da Universidade de Iowa, um dos centros de excelência da embriologia experimental dos Estados Unidos. Desconhecido do

grande público, Wilmut é há muito uma das maiores estrelas de sua especialidade. Os geneticistas que analisaram o artigo de Wilmut publicado pela revista *Nature*, e que colocaram Dolly na capa da edição da semana passada, consideram a abordagem dele genial. Talvez seja a mais engenhosa intervenção humana no processo de reprodução do DNA. O DNA é uma molécula orgânica capaz de

duplicar a si mesma produzindo cópias idênticas de seus componentes. O que abriu caminho para o sucesso da experiência foi o fato de Wilmut ter descoberto qual a fase correta em que o DNA deve ser enxertado na célula. "Se você enxerta o DNA na fase errada, ele mata a célula ou gera um monstro", explica Wilmut. "O que consegui foi acertar meu relógio com o da natureza."

entender a experiência escocesa e a possibilidade que ela abriu de fabricar clones humanos.

Ainda assim, a questão ética é real, premente e explosiva. Clonar um ser humano é um poderoso tabu. Há quatro anos, cientistas da Universidade George Washington, nos Estados Unidos, clonaram embriões humanos. Eles fizeram dezenas de cópias genéticas idênticas de um único embrião e, antes que o batalhão de gêmeos começasse a se desenvolver, suas sementes foram destruídas. Bastou o anúncio da experiência para que, em menos de uma semana, o governo americano colocasse na ilegalidade toda e qualquer experiência envolvendo embriões humanos. "Em vez de aplausos, provocamos uma onda de repulsa", lembra Robert Stillman, o embriologista pai da experiência da George Washington. "Na época, trabalhamos com um punhado de células microscópicas, copiando outras células de um ser de proveta que nunca nasceu. Não consigo sequer imaginar a reação popular e das autoridades quando e se alguém copiar um ser adulto, uma pessoa com nome, sobrenome, família, rosto, amigos, gostos e idéias."

Exasperado — Mas há gente que, por um motivo ou outro, acha a clonagem de um ser humano, se não desejável, pelo menos defensável. "Na prática, a clonagem significa que as mulheres no futuro poderão ter filhos sem a participação dos homens", diz a bióloga canadense Ursula Goodenough, feminista

MONTAGEM SOBRE FOTO DE NANI GOS

MONTAGEM SOBRE FOTO GAMMA



Para rir e chorar

A clonagem é o terreno comum de cientistas sérios, utopistas desvairados e autores de ficção. Cientistas sugeriram na semana passada que seria uma boa idéia clonar os gênios da humanidade ainda vivos. O jornal *Chicago Tribune* lembrou que podem existir ainda vestígios do sangue de Jesus Cristo no que restou da cruz em que foi martirizado e sugeriu que poderia ser uma boa idéia tentar clonar o filho de Deus. Outros candidatos indicados aqui e ali para o Oscar da ciência, a clonagem: Mozart, Albert Einstein, Elvis Presley e o ídolo do basquete Michael Jordan. No vôo alto da imaginação, esquece-se de que tudo que se tem em mãos é uma graciosa ovelhinha.



Os Meninos do Brasil, de Ira Levin: ninhada de novos Hitler



Starman — O Homem das Estrelas: um terráqueo clonado por ETs

Os autores clássicos de ficção desbravaram essa selva mais cedo. Eles produziram alguns momentos de alta tensão num mundo em que homens e mulheres não precisam do sexo para se reproduzir. As melhores obras, como o pioneiro *Admirável Mundo Novo*, escrito por Aldous Hux-

ley há 65 anos, usam o absurdo da clonagem para demonstrar que o humanismo, e não acrobacias de laboratório, é ainda nossa melhor aposta. No filme e no romance *Os Meninos do Brasil*, de 1976, Ira Levin cria neonazistas enlouquecidos que cloram uma ninhada de novos Hitler.

Bastante provável

• Rebanhos selecionados

Milhares de vacas capazes de produzir 60 litros de leite por dia, vinte vezes a média brasileira, podem se tornar realidade dentro de alguns anos. Já é possível modificar genes de vacas para que produzam leite de alta qualidade, com proteínas puríssimas e quase sem gordura.

- PROBLEMA: Num rebanho com vacas geneticamente idênticas, um determinado vírus passa automaticamente de um animal para outro. O risco de dizimação é maior que num rebanho natural.

Animais transgênicos

Já se tornou corriqueira a produção de certos medicamentos, como a insulina, por bactérias modificadas com o implante de genes humanos. O próximo passo é a implantação de porções de DNA humano em grandes mamíferos, para produção de compostos sanguíneos úteis. Ovelhas modificadas já produzem experimentalmente o fator de coagulação humano, usado para tratar hemofílicos.

- PROBLEMA: Como o DNA não é uma molécula estável, teme-se sua contaminação por genes animais.

• Salvar animais em extinção

Bichos cujos habitats foram destruídos pela ocupação humana ou desastres naturais devem ser clonados e perpetuados artificialmente em menos de cinco anos. Os primeiros candidatos à experiência são o tigre da Malásia, peixes que existiram no Lago Vitória, na África, e o rinoceronte branco. O zoológico de Londres já cedeu seus espécimes para a experiência.

- PROBLEMA: Caso a duplicação artificial de animais raros em cativeiro se torne corriqueira, o valor dos habitats decresce. Teme-se que isso estimule a depredação de florestas.

radical. Conhecido animador cultural no campo das ousadias científicas, o americano James Watson, co-autor com Francis Crick e Maurice Wilkins da descoberta da forma da molécula de DNA, que lhe valeu o Prêmio Nobel, aproveitou a deixa para defender seus colegas. "O cientista de ponta não pode pensar muito em custos sociais ou aspectos éticos, pois, se ele refletir muito, não avança", disse o lendário cientista. Outro ganhador do Nobel, o francês François Jacob, um homem mais reflexivo e filosófico, se disse "exasperado" pela experiência de clonagem da ovelha. "Há um bom tempo temos tentado obter prazer sexual sem gerar filhos. Com os bebês de proveta conseguimos filhos sem prazer. E, agora, estamos prestes a ter filhos sem prazer e sem espermatózóide", diz Jacob. "Evidentemente, a estrutura familiar num mundo de clones nunca mais será a mesma."

Um dos fascínios que a clonagem humana provoca é o de possibilitar a aferição de quanto uma pessoa é produto da genética ou do meio ambiente. Que tipos de pessoas se tornariam seres geneticamente idênticos, submetidos a condições distintas? Como se sairia um clone de Lula se tivesse sido criado na família de Fernando Henrique Cardoso? Um clone de Pelé criado nos Estados Unidos teria-se tornado um superatleta do basquete ou do futebol americano? Como seria uma luta de boxe entre dois clones de Muhammad Ali? Na ausência de clones, os melhores



Parque dos Dinossauros: DNA estocado na barriga de mosquitos



Eu, Minha Mulher e Minhas Cópias: tentativa de salvar o casamento

encontrados na barriga de mosquitos. Uma experiência desse tipo é teoricamente viável, mas os cientistas calculam que ela demorará pelo menos meio século para ser tentada. *Parque dos Dinossauros* é rocha sólida quando comparado ao pântano lisérgico de *Starman — O Homem das Estrelas*, filme em que o ator Jeff Bridges vive um terráqueo clonado por um alienígena. Os clones na ficção se saem melhor quando fazem rir. É o caso de *O Dorminhoco*, de 1973, em que Woody Allen seqüestra o nariz preservado de um ditador morto antes que se façam novos clones do opressor. Em *Eu, Minha Mulher e Minhas Cópias* (1996), o ator Michael Keaton tenta salvar seu casamento com a ajuda de um professor aloprado que produz diversas cópias dele.

Na confusão mais comum em obras desse tipo, esquece-se de que se pode clonar os genes de uma pessoa, mas não sua história pessoal ou o ambiente político, social e familiar que lhe moldou a personalidade. Os noventa Hitler criados pelos neonazistas no livro de Levin poderiam tor-

nar-se cidadãos pacatos, enfermeiros, bons garçons e maus pintores. Talvez alguns se tornassem filantropos.

A ficção freqüentemente atropela a ciência. Em *Parque dos Dinossauros*, de 1993, de Steven Spielberg, os clones são feitos a partir do DNA de bichos extintos

estudos sobre essa questão são feitos com gêmeos univitelinos, idênticos, separados ao nascer.

A Universidade de Minnesota lidera as pesquisas nessa área no mundo. Há vinte anos, os pesquisadores acompanham cerca de três centenas de gêmeos idênticos separados da família pelas mais diversas razões e criados em ambientes dispare nos Estados Unidos. Além de conclusões óbvias como as de que a habilidade atlética é 100% definida pela herança genética, o estudo sobre os gêmeos de Minnesota ofereceu algumas surpresas. A pesquisa sugere que certos comportamentos que se julga aprendidos ao longo da vida são fortemente influenciados pela genética. O conservadorismo político, por exemplo, é um traço que, segundo o estudo dos gêmeos idênticos, é uma tendência que se traz do berço. Os pesquisadores sugeriram também que pelo menos 70% das variações nos testes de QI podem ser atribuídas à genética. Ou seja, a inteligência seria, em grande parte, herdada.

Melhoria genética — A discussão sobre a ética de copiar seres humanos acabou obscurecendo a avaliação dos benefícios que o nascimento de Dolly vai trazer. Modificar a natureza está se tornando um negócio multimilionário. Mais de 700 empresas de biotecnologia europeias competem com 1 300 empresas americanas numa corrida para colocar animais e plantas tradicionais a serviço da medicina e da agropecuária. Cerca de 2,5 milhões de hectares de solo em todo o mundo já são ocupados com plantas modificadas em laboratórios. Calcula-se que, até o ano 2000, os produtos de animais e plantas transgênicas devem estar gerando negócios de 20 bilhões de dólares.

A clonagem é uma das áreas mais quentes da pesquisa agropecuária. Empresas como a PPL Therapeutics, que pagou a experiência de Ian Wilmut na Escócia e tem direitos totais sobre os rendimentos que ela gerar, apostam que em breve estarão produzindo em massa ovelhas e vacas dezenas de vezes mais produtivas do que os animais das fazendas atuais. Nos Estados Unidos, a Alexion está alterando a estrutura genética de porcos de modo que eles produzem coração, rins e fígado compatíveis com os órgãos humanos. Dentro de três anos,

MONTAGEM SOBRE FOTOS DE RICARDO CORRÊA E PISCO DEL GANCHO

MONTAGEM SOBRE FOTO STILLS



a primeira batelada de órgãos transgênicos produzidos pela Alexion estará pronta para transplante em seres humanos. Outras duas empresas, a Nextran Inc, de Nova Jersey, e a Novartis, da Suíça, também estão no negócio de produzir animais transgênicos produ-

res de órgãos implantáveis. Não faltam candidatos. Você pode ser um deles. Segundo cálculo do cardiologista americano John Wallwork, até o ano 2010, pelo menos 450 000 transplantes cardíacos serão realizados em todo o mundo.



Provável

Animais doadores

Cientistas acham teoricamente possível alterar embriões de porcos, ovelhas e macacos para produzir órgãos idênticos aos de humanos. Dessa forma, haveria um estoque inesgotável de órgãos para transplante. Uma experiência desse tipo será tentada nos próximos cinco anos.

- PROBLEMA: Incompatibilidade de proteínas de um órgão desse tipo parece aos olhos da ciência de hoje problema quase insuperável.

Diagnóstico pré-implante

Será possível diagnosticar defeitos genéticos num embrião humano quando ele ainda tiver apenas oito células, logo após a concepção. Muitas doenças e deficiências físicas poderão ser detectadas nesse estágio.

- PROBLEMA: O procedimento foi condenado recentemente por líderes religiosos católicos, judeus e muçulmanos.

Pouco provável

Clones humanos

A duplicação de um ser humano adulto é teoricamente possível, usando-se o mesmo processo adotado na Escócia para clonar "Dolly". Mesmo assim, será quase impossível que algum grupo de cientistas assuma publicamente um projeto desse tipo.

- PROBLEMA: Existem milhares de cientistas e laboratórios espalhados pelo mundo habilitados a tentar copiar artificialmente um ser humano, sem nenhum controle.

Improvável

Clones sem cérebro

Robert Edwards, médico inglês pioneiro dos bebês de proveta, sugere que um dos usos prováveis da clonagem humana no futuro será a produção de um irmão gêmeo de cada pessoa ao nascer. Esse gêmeo seria um clone, com DNA modificado, de modo que ele não desenvolva o cérebro. O clone seria mantido num estado vegetativo e serviria apenas de depositário de órgãos para eventuais transplantes no irmão normal.

- PROBLEMA: A ideia parece loucura agora e vai parecer assim por muito tempo. Mesmo sem cérebro, o clone teria de ser alimentado e crescer até por volta dos 15 anos para que seus órgãos tivessem serventia.

"Nosso clone abre uma fronteira na melhoria genética das raças animais", diz Wilmut. "Estamos no mercado de agropecuária, não no de filmes de terror." Wilmut amanheceu uma celebridade na Escócia. O jornal *The Scotsman*, de Edimburgo, estampou-o na pri-

meira página, vestido com o tradicional impermeável inglês Barbour, segurando um copo de boca larga com dois dedos de uísque puro malte The Balvenie, sua marca predileta. "Meu passatempo é o laboratório", informa Wilmut, um pesquisador obsessivo, capaz

de passar nove horas entretido com suas experiências e ainda levar trabalho para casa. Há 23 anos ele cumpre a mesma rotina de sair de casa e enfurnar-se no velho prédio do Instituto Roslin, onde fica seu laboratório. Wilmut tem três filhos, Helen, de 28 anos, Naomi, 26, e Dean, 24, e é casado com Vivian, que conheceu quando ainda morava na Inglaterra. Ele ganha 5 000 dólares por mês e, fora a fama, não vai faturar com sua ovelha clonada. Os lucros pertencem à empresa PPL.

Almas sensíveis — "Sempre me fascinou a idéia de transformar os animais em usinas de produção de hormônios e proteínas úteis para os seres humanos", diz Wilmut. Há uma ironia em ter inscrito seu nome na história da ciência com uma pesquisa prática. Cientistas desse tipo costumam não ser valorizados, em benefício de outros dedicados a resolver os grandes enigmas da natureza. Com seus experimentos, Wilmut não quis responder a nenhuma questão transcendental. Ele pretendeu apenas refinar uma técnica para fazer uma cópia perfeita de uma ovelha. Conseguiu. "O trabalho final dele é absolutamente técnico. É um manual minucioso de como clonar uma ovelha", diz o americano Lee Silver, professor de biologia da Universidade Princeton.

As almas mais sensíveis se chocarão ainda muito com a ousadia dos anjos tortos de jaleco branco e suas criaturas aberrantes. A chamada quarta revolução, a da engenharia genética, está apenas desabrochando. Sigmund Freud dizia que a psicanálise era a terceira grande reviravolta na maneira de pensar da humanidade, depois do darwinismo, que tirou o homem da esfera divina e o colocou ao lado dos animais, e do sistema de Nicolau Copérnico, revelador da verdade de que a Terra não era o centro do universo. A quarta revolução, a revolução de Ian Wilmut, põe a humanidade cara a cara com uma outra dolorida verdade, o indivíduo não é mais sequer único. A ciência poderá em breve produzir dezenas de cópias mesmo do mais egocêntrico dos homens. As três revoluções anteriores cumpriram um ciclo bastante preciso. Causaram repulsa e revolta num primeiro momento. Em seguida, ajudaram a libertar o homem, como só a verdade pode fazer.

Bordado a sério

Maratona de desfiles define o que estará nas ruas e vitrines na próxima estação

Gloria Kalil

Quer andar na moda nesse inverno? Tome nota das peças-chave: um paletó pelo joelho ou até os pés, uma saia ou um vestido longo, algum tricô listrado, uma bota de qualquer comprimento, um terninho justo, meias texturadas para usar com sandálias à Evita e pronto. O inverno está resolvido. Para as noites, um longo fluido, estilo camisola, de decotes muitas vezes vertiginosos. Pode até ressuscitar do baú da vovó alguma estola de pele, daquelas dos bailes do passado. Apesar de absurdo, foram muito usadas nas passarelas.

Quem dispensa os picos do modismo não precisa preocupar-se. A moda da próxima estação não traz mudanças drásticas. A silhueta continua estreita, as formas se amoldam ao corpo, os ombros permanecem pequenos. As calças estão justas. As cinturas, baixas. O longo reaparece com força, assim como as malhas e os tricôs. A comoção fica reservada às despudoradas transparências e ao *nude look*, a imitação de nudez criada pelos tecidos cor de pele. Esse resumo do que será visto nas vitrines e ruas nos próximos meses é a conclusão de uma maratona de oito dias de desfiles encerrada na semana passada, em São Paulo. Foram três dias e nove desfiles do Phytoervas Fashion; cinco dias e 24 desfiles do MorumbiFashion. Nos dois eventos, os mais importantes do setor de moda no país, decretou-se: a roupa do inverno 1997 será sexy e romântica, moderna e usável.

Serenata na sacada — A cor mais vista nas passarelas foi o marrom, que nesta estação pretende substituir o preto. Também aparecem os roxos, todos os tons de verde — do musgo, passando pelo folha, até chegar ao verde-claro —, os bordôs, vermelhos e terra, os dourados e as muitas variações de azul. O romantismo e a sensualidade são os dois temas mais nítidos. Os modelos da

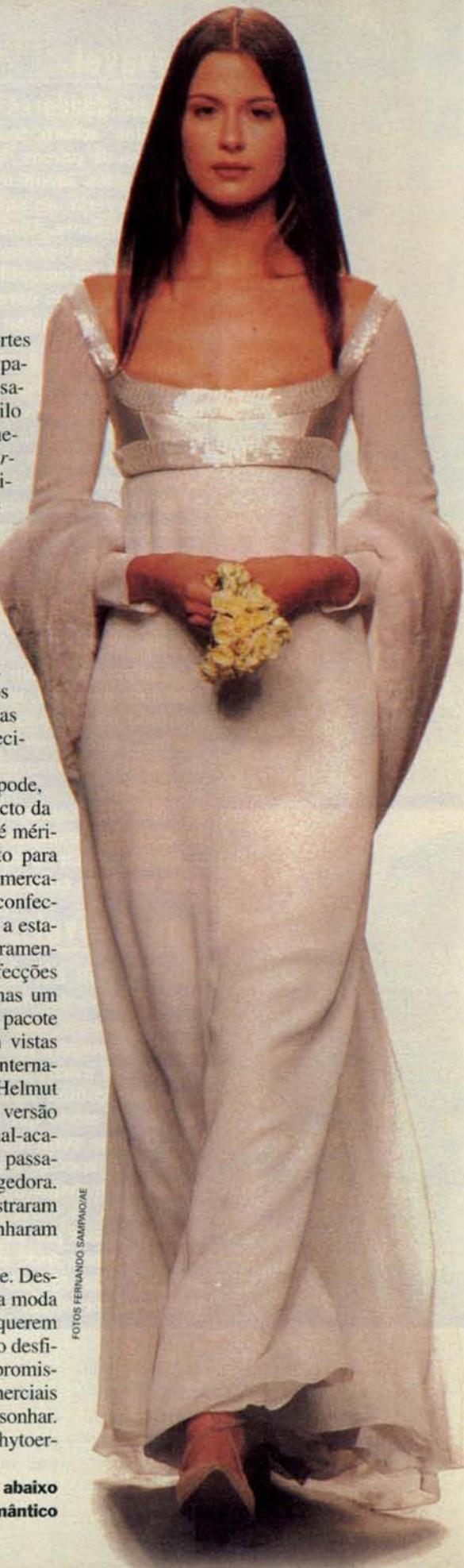
linha império, com seus recortes abaixo do busto, parecem feitos para esperar por uma serenata na sacada enluarada do castelo. O estilo é o mesmo visto nas telas de cinema em filmes como *Rainha Margot* e *Razão e Sensibilidade*. O literário também está presente nos vestidinhos camisolas feitos de tecidos leves para ser usados sob pesados mantos de lã ou de tricô, nas estampas de flores pequenas sobre fundos claros, nas rendas e nos babados. A sensualidade se espalha nas inúmeras transparências, nos decotes e saias assimétricas, nas roupas coladas ao corpo e nos tecidos com cara de molhados.

A facilidade com que se pode, hoje, traçar um panorama compacto da moda que será vista na vida real é mérito do MorumbiFashion, o evento para profissionais que têm o olho no mercado. Nele, as médias e grandes confecções mostram as tendências para a estação, sonhando com vendas e faturamento. O amadurecimento das confecções brasileiras é evidente. Com apenas um ano de diferença entre o primeiro pacote de desfiles e este, já não foram vistas tantas "homenagens" às griffes internacionais do momento — Prada, Helmut Lang, Gucci e Calvin Klein. Na versão anterior, muitas vezes roupas mal-acabadas ou copiadas ganhavam, na passarela, uma visibilidade constrangedora. Desta vez, os profissionais se mostraram mais definidos e suas marcas ganharam identidade. Melhoraram muito.

Com o Phytoervas foi diferente. Destinado a apresentar ao mercado da moda novos e jovens estilistas que querem mostrar seu potencial de criação, o desfile teve roupas sem nenhum compromisso com vendas ou tendências comerciais — só com a liberdade de criar e sonhar. Esse é justamente o objetivo do Phytoer-

FOTOS FERNANDO SAMPÃO/AE

Decote império, com recorte abaixo do busto e brilhos: inverno romântico





Contraste de texturas e de tecidos de vários pesos: o colete de renda vai com cardigã de chenille, a saia leve combina com o couro e também com a gola rulê, o babado enfeita o veludo



Vislumbres de sensualidade: corte assimétrico em jérsei envolto pela estola ressuscitada, a imitação de nudez nos tecidos cor da pele e a blusa de um ombro só, empalçando outra estação



Três caras da nova estação: smoking em versão macacão com decote vertigem e mangas rasgadas, camisolas de alcinhas renovadas pelo decote império e manto bordado

Corpete-biquíni com calça justa e esvoaçante: mistura

Criar é a diferença

No mundo da costura, há os que seguem a moda e os que fazem sua própria moda. Nesse cenário, dois estilistas se destacam como autênticos representantes do segundo grupo. O paraense radicado no Ceará Lino Villaventura e o paulista Alexandre Herchcovitch não seguem as tendências, inventam suas cartelas de cores e não se parecem com ninguém. São criadores de roupas absolutamente originais. Vendem em pequena escala e não se preocupam com o mercado. Podem, e conseguem, destacar-se pelo quesito que mais importa: criatividade. Os desfiles dos dois sobressaíram entre os outros. A maioria foi correta. Alguns foram refinados. Outros, excessivos. Mas apenas eles surpreenderam.

Villaventura é barroco, delirante, exagerado. Seus tecidos, camurças e acessórios são todos desenvolvidos por ele junto à indústria têxtil do Ceará. O resultado é uma mistura de quimonos orientais, figuras dos anos 20, rainhas da floresta, construídas de sedas plissadas, patchwork de flores, transparências, estampas, rendas e peles. Luxuosas, carregadas e nem sempre de bom gosto, suas roupas têm o impacto de um vento quente e forte das matas tropicais.

Herchcovitch é urbano, moderno e rigoroso. Inventa formas, mistura o masculino com o feminino. A cada estação, surpreende pela audácia e pela força. Para o inverno mostrou uma coleção de alfaiataria — blazers, paletós e mantos impecáveis. O azul-marinho sisudo se mistura com peças de náilon fluorescente e com tops de látex coloridos, vermelhos e cinza-chumbo, fechados por zíperes de strass.

As roupas chamam a atenção pelas proporções deslocadas e inesperadas. São calças que se abrem e viram saias, saias que se fecham em balões, aventais amarrados em dobraduras. Volumes desencontrados em perfeito equilíbrio. Laços enormes quebram o rigor com humor e atrevimento. Nos pés, meias fluorescentes rosa-choque e verde-limão e sapatos de pés trocados. Uma coleção sofisticada, elitizada, para poucos. E corajosos.

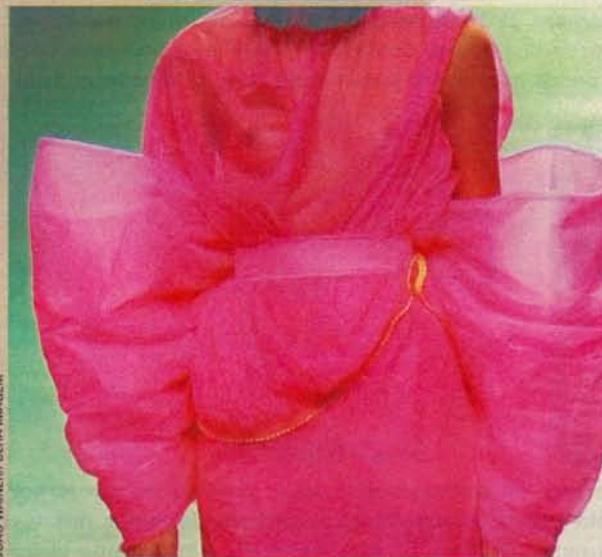


CLAUDIA GUIMARÃES/FOLHA IMAGEM

Herchcovitch:
para poucos



LUIZ PAULO LIMA/AE



JOÃO WAINER/FOLHA IMAGEM



FERNANDO SAMPÃO/OFICINA

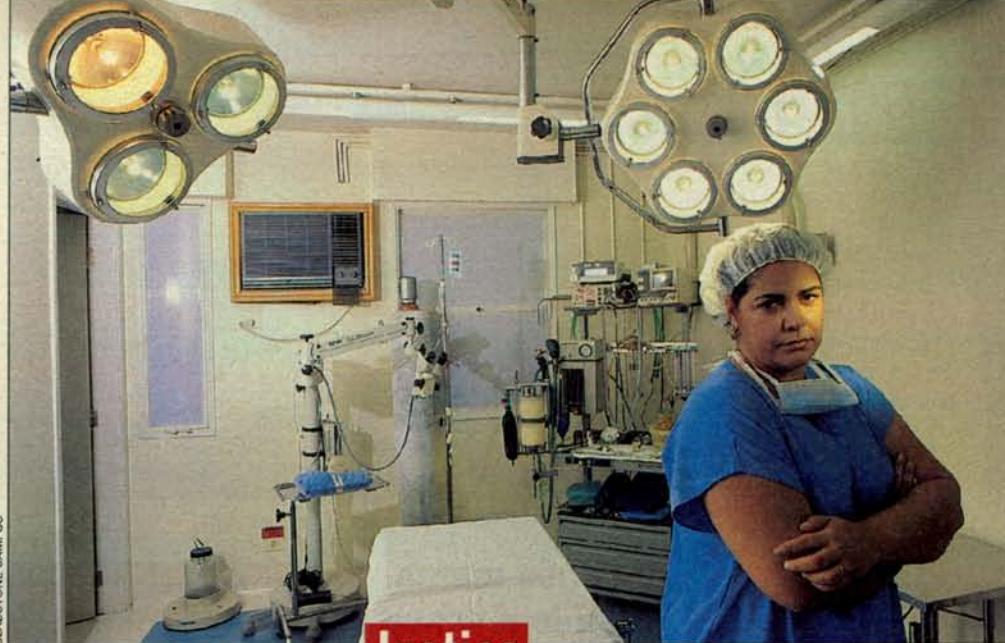
Blusa de látex e a manga laço:
humor e atrevimento

vas. Ele está para a moda assim como os festivais de MPB dos anos 60 estavam para a música. Neles despontaram Caetano Veloso, Chico Buarque e tantos outros. Do Phytoervas, já saiu Alexandre Herchcovitch, o estilista mais promissor do momento, ressurgiram Jorge Kauffman e Walter Rodrigues, enquanto Ronaldo Fraga e Jum Nakao firmaram seus talentos.

Sem chiques — Além de definir tendências, a maratona de desfiles concretizou a profissionalização do mercado de moda. "Organizamos o calendário dos lançamentos de moda no Brasil nos moldes de Paris e Nova York", diz Paulo Borges, o idealizador do MorumbiFashion. "Só conseguimos isso porque o mercado está maduro." Prova de que o mundinho fashion não é mais feito de chiques e excentricidades, ou pelo menos não só disso, aconteceu exatamente a três minutos do início do desfile de Reinaldo Lourenço. Enquanto os cabeleireiros e maquiladores se preocu-

cupavam com os últimos retoques nos modelos e as camareiras corriam entre roupas, cabides e sapatos, o desastre se prenunciou. Num movimento mais brusco, uma das modelos rasgou o vestido. Alexandre Herchcovitch, convidado para fazer sua estréia sobre a passarela no desfile do rival, não facilitou. Do alto de suas botas de salto, materializou linha, agulha e alfinetes, deu alguns pontos e ordenou baixinho: "Não diga nada. Não é hora de o Reinaldo ficar nervoso". A cortina se abriu e o desfile, impecável, começou. A lição: agulhas e alfinetes servem para mais do que cutucar vaidades; são usadas para costurar um ramo de negócios feito de muito trabalho, esforço e dedicação. Além de uma surpreendente solidariedade.

O barroco de Villaventura:
delirante e exagerado



CLAUDIO ROSSI

**Os primeiros suspeitos,
a cirurgia plástica
Ana Helena e o
anestesista Minan:
"Estamos parados"**

Justica

Mera fatalidade

As investigações sobre o que se passou com Claudia Liz eximem todos os médicos

Flávia Varella

O caso está oficialmente encerrado. Na semana passada, o Conselho Regional de Medicina de São Paulo decidiu arquivar a sindicância que apurava o procedimento dos médicos que atenderam a modelo Claudia Liz, após o choque anafilático que a deixou em coma durante três dias, em outubro do ano passado. O CRM considerou que ninguém errou, nem o pessoal da clínica Santé, onde Claudia entrou para fazer uma lipoaspiração e saiu direto para uma UTI, muito menos a equipe do hospital Albert Einstein que a atendeu em seguida. Duas semanas antes, o Ministério Público já tinha mandado arquivar o inquérito policial sobre o episódio.

Agora, não há mais nenhum órgão investigando o que se passou. E o que se passou? Uma jovem de 27 anos, saudável, sofreu um choque anafilático. Não se recuperou na clínica — pelas estatísticas, um azar, já que nove em cada dez pacien-

tes com esse tipo de choque voltam ao normal se socorridos adequadamente — e foi levada ao hospital em coma. Permaneceu assim durante três dias, com prognósticos pouco animadores e exames que indicavam comprometimentos neurológicos. De uma hora para outra, ou pelo menos assim pareceu para quem acompanhava a história toda pela imprensa, a loira de 1,80 metro de altura levantou-se, sorriu e, em mais alguns dias, saiu do hospital.

ANTONIO MILENA



**A modelo: sucumbiu
muito gravemente e
reagiu rápido demais**

Inicialmente se desconfiou que o primeiro socorro dado na clínica Santé não foi adequado e, por isso, a modelo ficou em estado tão grave. Ficaram sob suspeita o anestesista Francisco Minan Neto e a cirurgia plástica Ana Helena Patrus de Souza. Meses depois, em janeiro, um laudo médico sobre o caso dizia que Claudia não ficou em coma no hospital. Como Jorge Pagura, o conceituado neurologista que comandou a equipe médica que a tratou no Einstein, apareceu diariamente na mídia, dando um prognóstico alarmante sobre o estado da modelo, a segunda desconfiança recaiu sobre ele. Pagura poderia ter pintado o quadro com tintas mais negras do que merecia para depois poder dizer "eu salvei" ou, então, "eu avisei". Nas fotografias de corredor do Einstein e de outros hospitais, vários médicos criticaram a vaidade de Pagura.

Pedro Paulo Roque Monteleone, presidente do CRM, diz que o órgão considerou todas essas suspeitas.

Concluiu que não houve infração ética de nenhum dos médicos envolvidos. Também não apontou erro no atendimento. "Ela estava em coma. Pagura apenas deu os boletins médicos diários", concluiu. A médica Ana Helena, redimida pela decisão do CRM, espera agora que sua clínica volte a receber pacientes. "Ficamos parados", conta. No fim, parece que o belo corpo de Claudia é o único culpado do que aconteceu. Reagiu mal à anestesia, sucumbiu mais gravemente do que se esperava e depois melhorou rápido demais.



PAULA VADIA/G. O DIA

Vera Fischer, em cena leve: "Ele bate bem"

Uma surra a trabalho

Vera Fischer, quem diria, acabou na Lapa — região de baixo meretrício no Rio. Vestida a caráter para encarnar a prostituta Neusa Sueli do filme *Navalha na Carne*, a atriz passou madrugadas levando sopapos do cafetão Vado, personagem interpreta-

Gente

do pelo cubano Jorge Perugorría. Não reclamou. Até elogiou. "Ele bate bem", considerou, experiente. Detentora de certo know-how na área, a atriz dispensou laboratório, justificando que a personagem tem muito de si mesma. "Ela é muito romântica e apaixonada. Mas, se fosse eu, vocês já sabem, dava uma de direita e outra de esquerda." O cubano que trate de se cuidar.

Trânsito confuso

O prefeito da cidade de Greenville é louco. Vai adotar a mão inglesa no trânsito. Ele quer todo mundo andando pela esquerda. O alter ego do personagem, o pefelista **Cesar Maia**, prefere a direita. Já o ator petista **Paulo Betti**, que interpreta o alcaide maluco na novela *A Indomada*, gosta da esquerda. Nessa confusão de mãos, o político de verdade só ri. Está adorando a propaganda gratuita. "Se o personagem fizer sucesso, o pessoal do partido vai cair em cima do Betti", provoca o ex-prefeito do Rio. Paulo Betti descontraído: "Do ponto de vista da aparência, dou uma embelezada no tipo".



Maia diante do alter ego: tipo embelezado

PAULO JARES



JADER DA ROCHA

Piekarski e Kelley: elogios à retaguarda

Polonês marca pesado e vence

Marcador por vocação e obrigação, **Mariusz Piekarski**, de 22 anos, que acumula cargos na seleção polonesa de futebol e no Atlético Paranaense, cumpriu sua função melhor fora dos campos do que dentro. Seu time perdeu por 4 a 2 do Brasil. Ele ganhou um mulherão. Piekarski acertou os ponteiros com a miss Brasil 95, **Kelley Vieira**, de 24 anos. A jogada inicial do polonês não foi de craque, mas Kelley cedeu a bola. A miss, que também é jornalista, ao entrevistá-lo, percebeu que ele ria e perguntou ao intérprete do que falava. Eram elogios à sua retaguarda. A comunicação entre o novo casal pode ser confusa, mas Piekarski já pegou o espírito da coisa. "Você look outro menino, casamento outro menino", avisa.



Sharon: mulher na segurança

O pobre manjar da deusa

Quem é essa mulher correndo atrás de **Sharon Stone**? Os maldosos podem morder a língua envenenada. Como homem com cara de mau qualquer estreante em Hollywood tem na segurança, a diva resolveu inovar. Convocou uma ruiva para ficar de olho em suas invejadas costas e apareceu com o novo acessório numa festa. Tem

muito marmanjo se oferecendo até de graça para assumir a tarefa, mas os interessados fiquem avisados: Sharon não é mulher de forno e fogão. Convidada a contribuir com uma receita para um livro sobre as habilidades culinárias das estrelas, ela se saiu com a Maçã do Dia. Abra a geladeira, escolha uma maçã e coma-a, orienta a receita do manjar da deusa.

De filha para pai

Vai ser difícil encontrar um crítico isento do romance policial *A Filha do Senador*, da megaperua **Victoria Gotti**, de 33 anos. A autora é filha de John Gotti, um chefão da máfia americana. Papai está em cana, até o fim de seus dias, condenado por assassinato e extorsão, mas com essas coisas não se brinca. O livro conta justamente a história de um gângster poderoso, mas de muito boa índole. "É pura ficção", garante Victoria, desdenhando a sabedoria de Freud.



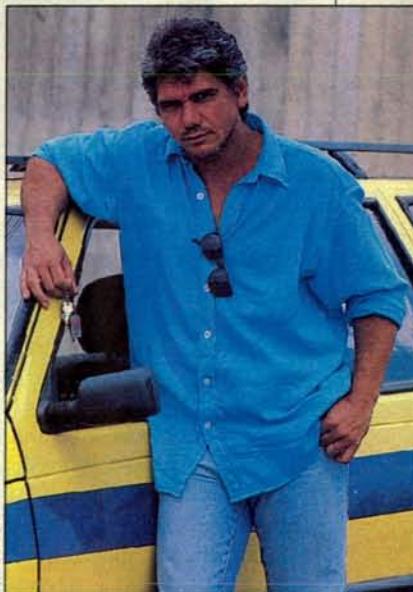
Harrison Ford na Bahia: amarelou e ficou cinza

LUCIANA TANCREDO

uma tempestade, o astro amarelou. Ele pilotava um monomotor quando viu a coisa preta à sua frente. A reação do herói? "É melhor voltar. Se o tempo abrir, podemos voar novamente."

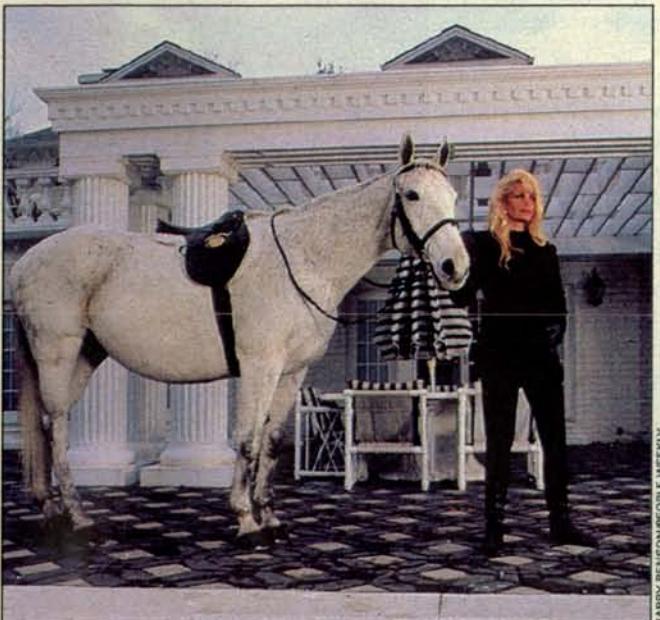
Jackson, o estuprador

De Charles Bronson do sertão a Jack, o estuprador. Para viver o papel de um psicopata que rouba um táxi com o mau propósito de violentar uma passageira, o ator **Jackson Antunes**, de 37 anos, violentou-se. Nas filmagens do curta-metragem *Livre*, de Ralf Tambke, o carro usado na trama foi rebocado para que o ator, que não sabe dirigir, não se enroscasse no volante. Para completar, a equipe ainda teve



PÁULO JAMES

Antunes: violentado



Victoria: lançamento literário de alto risco

Um herói na lama

Incorporar o espírito Indiana Jones só mesmo nas telas de cinema. Nas praias da Bahia, **Harrison Ford**, de 54 anos, foi apenas Harrison Ford. Fez papel de ecologista em reunião de trabalho. Nos intervalos, como se fosse apenas um turista, tomou caipirinha e se embabacou com o rebolado da dança do bumbum. O mais engraçado foi quando se lambuzou inteiro de cinzenta lama medicinal, esticando os cabelos num penteado moicano. Nem nos ares, Ford fez jus aos suspiros que sempre desperta. Diante de

de esquivar-se de um tiroteio, este, sim, de verdade. A experiência parece ter afetado a capacidade de julgamento do ex-Regino de *O Rei do Gado*. "Os taxistas são amáveis", diz, baseado na pesquisa de campo que fez para compor o personagem.

A GRAVAÇÃO NA CABINE

VEJA abriu a caixa-preta do vôo 402 e teve acesso ao diálogo entre piloto e co-piloto

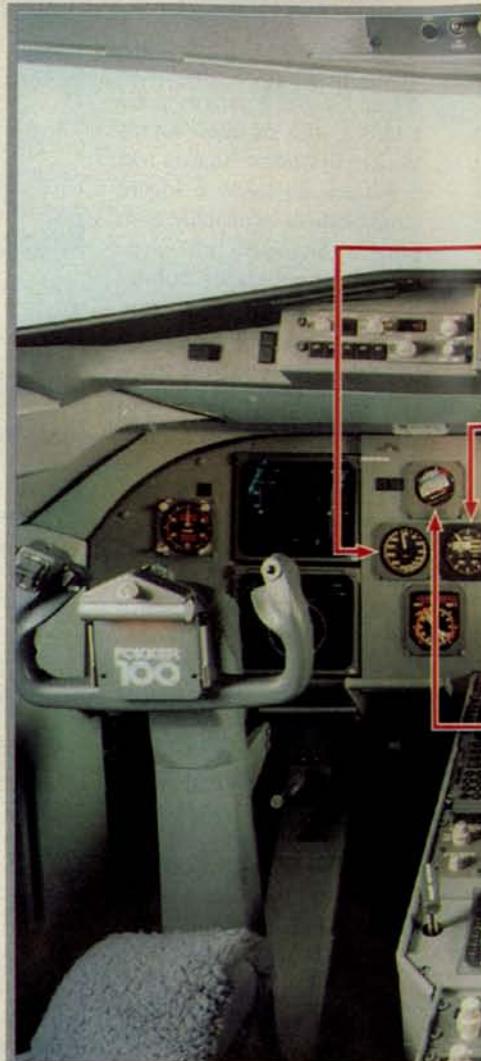
Sandra Brasil

O relatório final da comissão que estuda o acidente com o Fokker 100 da TAM, ocorrido em outubro do ano passado, só deve ficar pronto em abril. As investigações feitas até aqui, no entanto, já permitem reconstituir, segundo a segunda, a tragédia que matou 91 passageiros, cinco tripulantes e três pessoas que estavam no chão quando o avião, de quase 46 toneladas, caiu como um saco de areia a 2 quilômetros do aeroporto de São Paulo. Na semana passada, VEJA teve acesso à íntegra do diálogo entre o piloto e o co-piloto na cabine de comando e ao conteúdo da caixa-preta, que registrou todos os movimentos e o desempenho dos equipamentos do avião. A análise do material aponta para um fato espantoso. A caixa-preta informa que o reversor da turbina direita, aquele que se abriu na decolagem, estava destravado antes mesmo que o piloto subisse as escadas do avião. Mais impressionante ainda: num erro de avaliação comprovado por documentos e testemunhos, o piloto José Antonio Moreno mergulhou o 402 para a morte porque achou que o problema no avião era outro.

A sequência de erros começou quando o piloto Armando Luiz Barbosa, que havia levado o avião de Curitiba para São Paulo, passou o comando a Moreno. Ao conversar com Moreno, Barbosa mencionou: "Há uma pane no auto-

throttle", explicou, referindo-se ao sistema automático de aceleração das turbinas, também conhecido pela sigla ATS. A pane nem foi citada no relatório do vôo porque é coisa à toa. Nada que interfira na decolagem. Com o ATS funcionando mal, bastaria acelerar e desacelerar os motores manualmente, coisa que os pilotos fazem desde o início da aviação. Antes da decolagem, Moreno e o co-piloto, Ricardo Gomes Martins, ouviram três alarmes (*veja quadro ao lado*), supostamente avisando sobre uma falha no ATS. Eles foram solenemente ignorados, justamente pela desimportância do defeito. Chegaram a fazer graça com os alarmes. "Sacaneando logo no início", brincou Moreno. Mas, logo depois de o avião sair do chão, a apenas 13 metros de altura, a alavanca que acelera a turbina direita, o manete, recuou num coice forte por causa da abertura do reversor, batendo na parte traseira do console. Ouviu-se na cabine um ruído metálico: "Clanc!". O motor direito tinha sido bruscamente desacelerado. O manete ficou preso atrás. "P..., travou!" — praguejou Martins. Era um sinal do que estava acontecendo, mas esse sinal foi lido equivocadamente.

Quando o reversor se abre durante o vôo, um sistema de proteção da aeronave faz o manete recuar, num tranco. Foi a maneira que a indústria de aviação encontrou para evitar que, enquanto a turbina boa empurra o avião para a frente, a que está com o reverso aberto trabalhe invertida, empurrando o aparelho para trás. No momento em que o reversor se abre por acidente durante o vôo, o manete trava atrás, e a turbina passa a operar em marcha lenta, com a velocidade do ventilador da churrascaria. "O coice do manete é o sintoma maior de que o reversor está aberto. Qualquer piloto o reconhece. Mas o reversor, que estava maluco, abria-se e fechava-se como um pisca-pisca, e logo voltou ao normal. O manete, então, foi liberado", explica um técnico

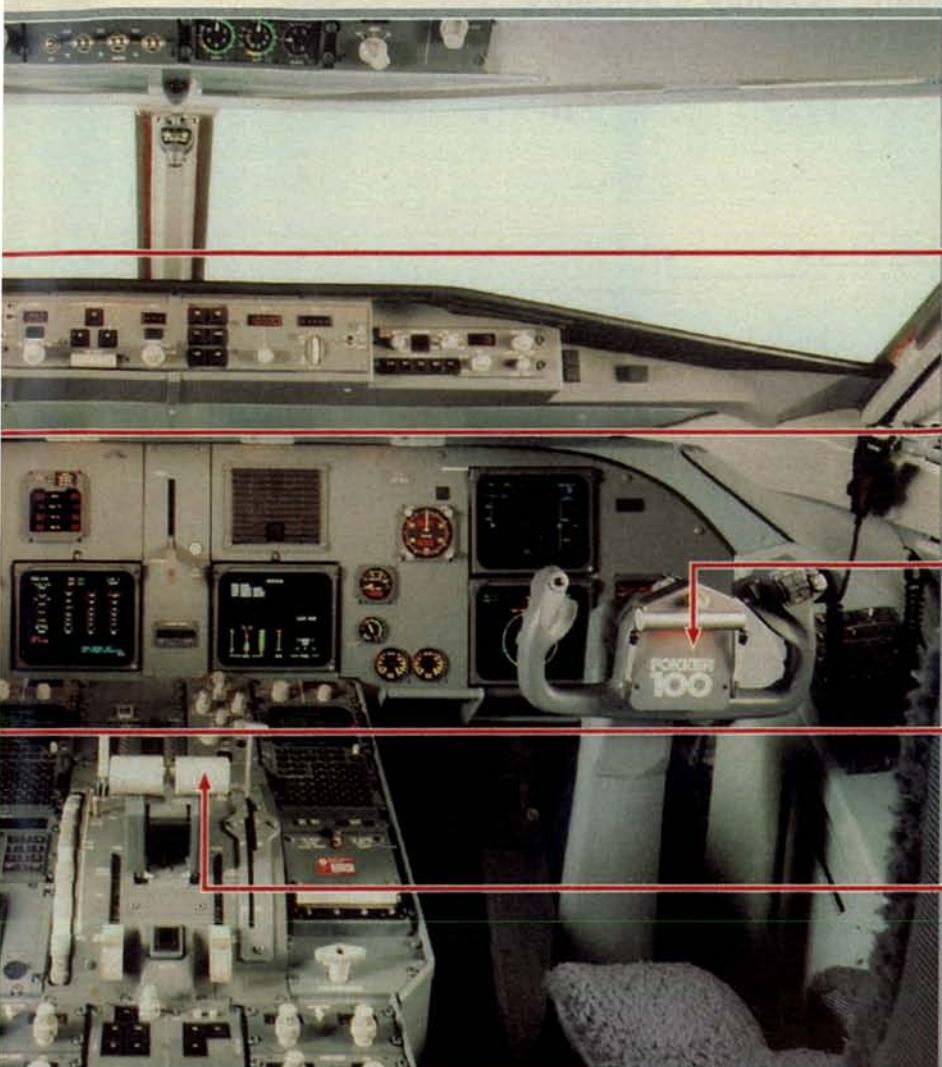


"Travou!"

co-piloto, tentando acelerar a turbina direita

A caixa-preta que registra os diálogos gravou os últimos 59 segundos de conversa entre o piloto e o co-piloto do Fokker 100. Gravou também alguns ruídos. Abaixo, os trechos mais importantes:

Blém! (Ouviu-se na cabine um alarme, quando o avião se dirigia para a pista. A comissão que investiga o acidente não sabe a razão do alarme. Como o avião foi entregue ao piloto com uma pane no sistema de aceleração automática, chamado auto-throttle, defeito de pouca importância, os tripulantes não tinham motivo para preocupação. Por isso, falavam em tom de brincadeira.)



O que mostra a caixa-preta

O que aconteceu na cabine do Fokker da TAM depois da abertura do reversor da turbina

VELOCÍMETRO

Aos 16 segundos de vôo, o avião deveria estar a 360 quilômetros por hora, mas só chegou a 216 quilômetros por hora. Em nove segundos, estaria no chão

ALTÍMETRO

Quando deveria estar a mais de 300 metros de altura, o jato não passou de 66 metros

MANCHE

O manche começou a tremer feito uma batedeira de bolo, indicando que o avião perdeu a sustentação. Não havia mais nada a fazer

NÍVEL

A três segundos do choque, o Fokker inclinou-se 40 graus para a direita, depois a 90 graus. A asa bateu num prédio

MANETES

Assim que o avião saiu do solo, a alavanca que acelera o motor direito recuou violentamente, num coice que produziu um forte ruído metálico. Isso desacelerou a turbina. O efeito se repetiria duas vezes

“Ai, meu Deus!”

comandante, quando o avião perdeu a sustentação

— Sacaneando logo no começo? — comentou o piloto.

— Nem saímos do chão! — respondeu o co-piloto.

— Blém! (O alarme voltou a soar. O avião iniciava a corrida para decolar.)

— Ei, é isso que tá fora, viu? — avisou o piloto. (Suspeita-se de que o comandante se referisse ao aparelho defeituoso, o auto-throttle.)

— Blém! Blém! (O avião corria na pista a 64 quilômetros por hora, quando soou um alarme duplo na cabine.)

— V1 — disse o co-piloto. (O código V1 é usado para informar ao comandante que a decolagem está por começar.)

— Clanc!! (O avião saiu do chão, o reversor da turbina direita se abriu e ouviu-se na cabine um barulho metálico forte, do manete de aceleração direito voltando para trás.)

— Travou! — disse o co-piloto. (O reversor aberto impedia o movimento do manete para a frente. No segundo seguinte, o reversor se fechou e o manete voltou a acelerar. Não por muito tempo. A pane se repetiria por mais duas vezes.)

— Desliga lá em cima. Puxa aqui! — ordenou o piloto. (Tudo indica que estivesse mandando desligar o sistema auto-throttle, para acelerar manualmente. O avião perdia altitude.)

— Desliga lá em cima! Aqui também! — disse o piloto, já em tom preocupado.

(O co-piloto, em voz tensa, informou que já desligara.)

— Tá off, tá off!

(O Fokker perdeu velocidade. O manche passou a tremer. O avião estava fora de controle. O piloto pronunciou, então, a última frase.)

— Ai, meu Deus!

(A gravação termina com um alarme eletrônico, em inglês, avisando que o avião está caindo e que isso não deve acontecer.)

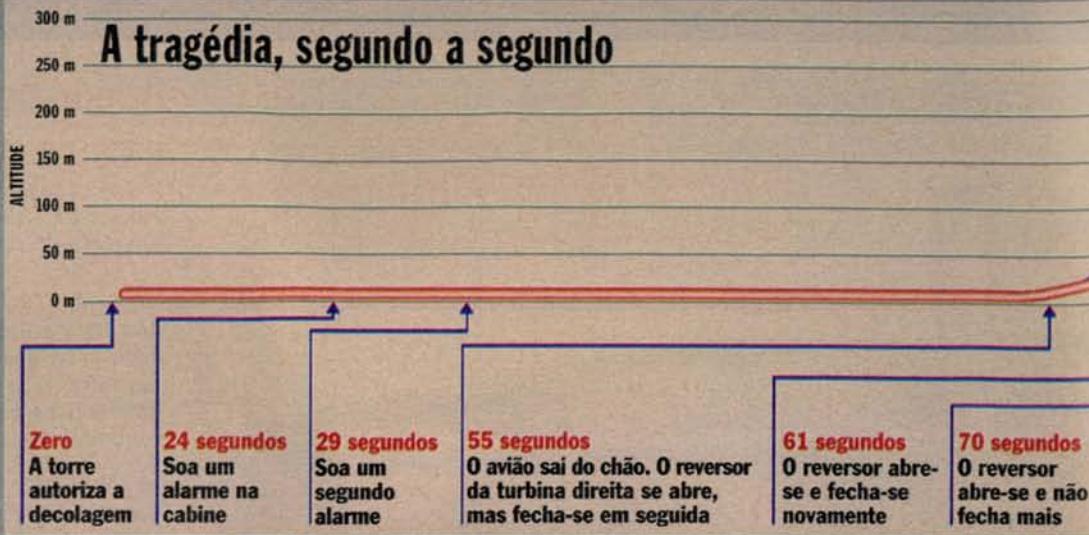
— Don't sink!

co que participa da investigação. Como o problema atingia a aceleração, os dois pilotos agiram como se vissem ali a confirmação do defeito no ATS, o sistema de aceleração automática sobre o qual tinham sido avisados antes do voo. Enquanto Moreno, um comandante experiente, se ocupava em levar o avião para cima, Martins, um co-piloto com apenas 160 horas de voo em Fokker 100 (pouco mais que o treinamento mínimo), lutava contra o defeito. Ao

analisar a caixa-preta, a comissão entendeu que o piloto se distraiu ao tentar auxiliar o co-piloto a solucionar a pane. A cabine do Fokker tem três botões que podem ser usados para desativar o ATS. Tentaram desligá-los, mas a turbina continuou perdendo velocidade. Acredita-se que, irritado, o co-piloto tenha empurrado com força redobrada o manete para a frente, tentando fazer a aceleração manual. Inutilmente. O problema estava em outra coisa. No reversor.

Teleflex — Em 25 segundos de voo, o reversor da turbina abriu-se e fechou-se três vezes. Na última, o cabo que une a alavanca ao motor, chamado *teleflex*, arrebentou, e o reversor ficou aberto. O manche, alavanca que equivale ao volante do avião, começou a tremer como uma batedeira, um sinal de que o jato não se sustentava mais no ar. Segundo os dados da caixa-preta, o avião inclinou-se 40 graus para a direita — o máximo tolerado em viagens comerciais é 30 graus —, depois, 90 graus. Então, bateu.

O cabo do *teleflex* foi recolhido dos destroços para análise, para que se descubra se a causa da ruptura foi o puxa-empurra ou simplesmente um movimento brusco do reversor. Não há dúvida de que o acidente não teria ocorrido se o reversor se mantivesse como deve na decolagem: fechado. Mas já não se discute que os tripulantes concorreram para a queda do avião, segundo os técnicos da comissão. "Todo piloto de jato conhece a regra internacional de que não se resolvem panes a baixa altitude,



"Desliga lá em cima!"

Comandante, tentando consertar o defeito

O certo seria subir, com um motor apenas, até 1 000 pés (300 metros) e, a partir daí, tomar as providências necessárias", diz um dos responsáveis pela investigação. "Era possível decolar com apenas um motor." Mas, para isso, seria preciso que os pilotos deixassem o manete em paz. As investigações, por outro lado, indicam que o erro da tripulação foi apenas um dos fatores que concorreram para a queda.

No seu projeto original, o Fokker 100 previa um alarme triplo (sinal de falha grave) e uma luz amarela no teto da cabine caso o reversor da turbina se abrisse em pleno voo. Mas os engenheiros que projetaram o avião concluíram que, feitas as contas matemáticas, as projeções estatísticas e os cálculos de probabilidades, a abertura do reversor durante a decolagem era impossível. Por isso, o alarme foi programado para só funcionar em velocidade superior a 360 quilômetros por hora. O voo da morte não passou do limite de 261 quilômetros por hora. "Nessa situação, não haveria na cabine nenhum sinal positivo de que o problema era de reversor", observa um piloto da TAM. "Prevaleceu a informação passada ao piloto de que havia um problema com o ATS." Além da falta de sinais, a equipe foi vítima da falta de preparo para lidar com situações inesperadas. Durante os últimos minutos de conversa entre Moreno e Martins, os dois insistem no problema do ATS, sem se preocupar com a possível presença de outra falha. "O diagnóstico é claro. Eles não tinham familiaridade suficiente com a situação de aber-

tura do reversor, ou teriam percebido o problema. E não estavam treinados para agir em situações de crise", sentencia o instrutor de uma companhia aérea americana, que acompanhou e analisou os diálogos da caixa-preta.

Idéia arquivada — Ao procurar as causas de um acidente aéreo, costuma-se pensar em falhas mecânicas, atentados terroristas ou catástrofes naturais, como tempestades ou furacões. Mas, em 65% das vezes, a culpa é mesmo de uma simples falha humana. Não que ela seja comum. Pelo contrário, pilotos de aviões estão entre os profissionais mais especializados do mundo e costumam ser selecionados entre as pessoas com maior talento para reagir com frieza em momentos de tensão. O problema é que, na maioria dos acidentes fatais em que houve erro dos tripulantes, eles não haviam sido treinados para reagir diante de determinado problema. O Boeing 757-200 da American Airlines que caiu na Colômbia em 1995, matando 160 pessoas, bateu numa montanha porque o comandante não sabia ler corretamente os aparelhos do avião. Nesse caso, a falta de treinamento foi a mais primária possível. No caso da TAM, a causa principal foi mecânica, mas a comissão identificou dois problemas no treinamento dos pilotos.

A primeira falha da tripulação foi não identificar o motivo da pane — o problema no reversor durante a decolagem — nem reagir diante dela. "Quase todos os pilotos da TAM começaram em



sor não se abriria, em hipótese alguma, em velocidade abaixo de 360 quilômetros por hora. A idéia do treinamento foi arquivada. A constatação de que a Fokker errou, infelizmente, foi feita da pior maneira possível.

A falta de intimidade com a situação — nunca havia sido registrado um caso em que o reversor se abre, se fecha, se abre, se fecha e se abre de novo — não significava que passageiros e tripulação estavam condenados à morte. Outra constatação feita por membros da comissão foi que piloto e co-piloto não se

minados pelo Centro Tecnológico da Aeronáutica, no interior de São Paulo. Em seguida, passarão por outro check-up nos laboratórios do National Transportation Safety Board, o órgão do governo americano que fiscaliza a segurança nos transportes. Os trinta especialistas que participam da investigação aguardam apenas os resultados da perícia nos restos do avião. De acordo com a caixa-preta, o reversor estava destravado antes da decolagem. O que não se sabe é o que destravou o equipamento. A primeira dúvida é sobre os relés que acionam o reversor. Os membros das comissões trabalham com a hipótese de que um deles funcionou mal. Os exames detectarão se a causa do problema foi defeito de fábrica, fadiga de material ou falha de manutenção. Mas existe uma suspeita ainda mais elaborada. O sistema de relés do Fokker 100 foi reformulado há cinco anos, numa medida para economia de energia elétrica. Como resultado, os técnicos acham que sua confiabilidade pode ter diminuído. É apenas uma suspeita, mas, enquanto os resultados não saem, o Departamento de Aviação Civil ordenou que os aviões que têm o novo sistema — 27, no Brasil — sejam revertidos para o sistema antigo. Essa alteração já foi feita. Por iniciativa própria, a TAM também reforçou provisoriamente o sistema de alarmes.

Acidentes como o do 402 têm efeitos de vários tipos sobre a aviação. Alguns são tópicos. A venda de passageiros da TAM caiu 12% na primeira semana depois da queda do Fokker, suas ações desvalorizaram-se quase pela metade, mas as taxas de ocupação e cotações em bolsa já voltaram ao normal. O tráfego aéreo brasileiro, no total, caiu 6% depois da tragédia. Os efeitos mais notáveis, e permanentes, são sobre a segurança na aviação. Desde a queda do Fokker 100, os pilotos da TAM passaram a adotar um procedimento extra de segurança durante as decolagens. Assim que atingem altitude suficiente, eles recolhem rapidamente o trem de pouso, para melhorar seu desempenho aerodinâmico naquele momento crítico. Com as rodas recolhidas é possível ganhar até 12% na velocidade de subida. "Guardar o trem de pouso não teria evitado a queda do 402, mas poderá ajudar pilotos que enfrentem panes semelhantes no futuro", diz um integrante da comissão que cuida das investigações.



Local da queda do Fokker: pane, inclinação súbita e choque contra prédios

Boeing 737 e foram treinados para enfrentar o defeito naquele avião. Mas, no treinamento do Fokker 100, não se contemplava essa possibilidade", conta um piloto da companhia. Embora nunca tivesse sido registrado um acidente por esse motivo, os pilotos acharam que era necessário e procuraram a direção da companhia aérea. "Eles pediram o treinamento. Decidimos consultar a Fokker para saber se era necessário, e ela nos respondeu oficialmente que não", justifica-se Rolim Amaro, presidente da TAM, exibindo uma carta da companhia holandesa, datada de 28 de junho de 1995. Qualquer que seja o tipo do avião, o treinamento é sempre determinado pela indústria que produz o aparelho. Nesse caso, a Fokker alegou que o rever-

entenderam durante a crise. Nos Estados Unidos, os pilotos das grandes companhias aéreas passam por um curso chamado CRM ("Crew resources management", ou gerenciamento de recursos da tripulação), que ensina piloto e co-piloto a se comportar durante situações de pane. Desde que ele se tornou difundido, o índice de acidentes por falha humana caiu significativamente. Moreno e Martins não tinham esse curso.

Economia suspeita — Até o início de abril a comissão deverá esclarecer os outros pontos obscuros sobre a queda do 402. O objetivo não é encontrar culpados, mas detectar as causas do acidente como forma de evitar que elas se repitam. Os restos do avião estão sendo exa-

OS ÓRFÃOS DO VÔO

Após o choque da tragédia, os parentes das vítimas tentam organizar a vida

Karina Pastore

Aos 7 anos, Ana Luiza já conhece a dor física da angústia. Um nó que vez por outra lhe aperta o peito e que tem um nome. Raymundo De Paulo Roncati, consultor financeiro e pai da menina, viajava para o Rio de Janeiro a bordo do Fokker 100 da TAM. Morreu aos 33 anos. Na volta da escola, naquele 31 de outubro de céu claro, a mãe contou-lhe o que tinha acontecido. Ana Luiza é um dos órfãos do vôo 402.

— Não, mãe. Ele não morreu. Vamos lá buscar o papai e levar para o Einstein — insistiu a menina, dentro do Tempra da família, a caminho de casa.

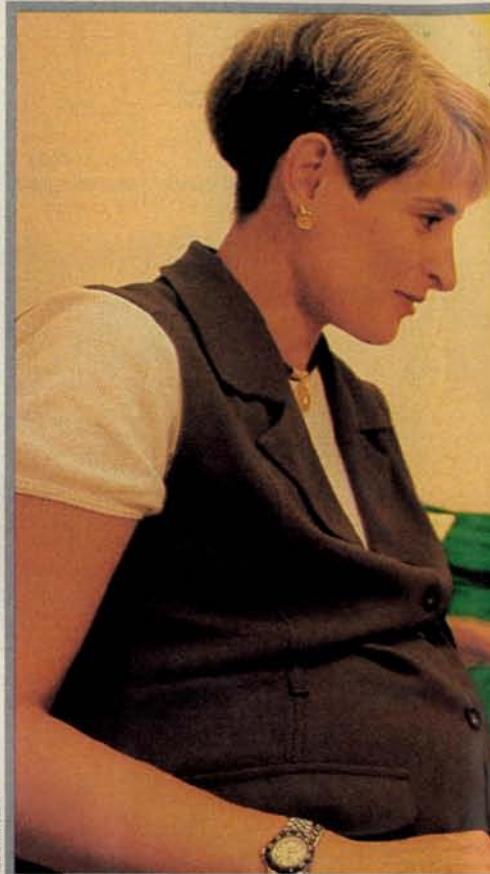
— Não dá — respondeu Vera Roncati, 35 anos, chefe do serviço de fisioterapia do Hospital Albert Einstein, em São Paulo. — Não dá.

Vítima de um eczema tópico, problema dermatológico de fundo emocional, Ana Luiza piorou depois da morte do pai. Antes, a doença estava sob controle. Hoje, a parte de trás de suas pernas está tomada por manchas brancas. “Ela se incomoda muito de me ver chorar”, conta Vera. Num desses momentos, a filha virou-se para a mãe e disse: “Você fala que a gente tem de ser forte”. A fisioterapeuta respondeu: “Ser forte é continuar a vida, mesmo chorando”. Com renda familiar 75% menor, Vera adiou indefinidamente a construção de uma casa nova que planejavam, deve vender o terreno já comprado e pensa em colocar Ana Luiza numa escola mais em conta. Vira e mexe, Vera Roncati flagra-se aflita para chegar em casa e contar ou mostrar alguma coisa a Raymundo.

Como se ele ainda vivesse. A ilusão dura milésimos de segundo. Desde 31 de outubro, Vera e Ana Luiza dormem na mesma cama. “Para mim é bom também”, diz a mãe. “Viro de noite e sinto alguém ao meu lado.”

Pouco mais de quatro meses se passaram. Para muitas das 99 famílias enlutadas, viver ainda requer esforço. A morte de alguém querido sempre faz sofrer. Casos como o da TAM chocam mais pelo horror do acidente aéreo e pela exposição da tragédia à opinião pública. Não se teme a morte de um doente terminal. Lamenta-se, mas ela é certa. Não espanta a morte por velhice. Chora-se, mas ela é previsível. Ofende a morte repentina. Pode ser um acidente de carro, de ônibus ou avião. A interrupção súbita da vida. Ela é incompreensível. Não dá para tirar da cabeça aquela estranha sensação de “acabou”. Em segundos, famílias são destroçadas. Rotinas, cortadas. Planos, desfeitos. “De repente passou um arrastão. Não vi — metade de mim foi embora. Virou um fardo ter de engolir dia após dia”, diz Mariângela Gardinali Moreno, 33 anos, viúva do comandante José Antônio Moreno, 35 anos, piloto do Fokker 100. “Mas não tem jeito: ou fica em pé, ou fica em pé.”

Corpo trocado — Mariângela vomitou por dias seguidos. Perdeu quase 5 quilos num mês. Falava em querer morrer. Na casa dos Moreno, a falta do comandante produziu uma reviravolta. “Nossa vida era em torno das escalas de vôo dele”, lembra a viúva. Quando o comandante estava trabalhando, a mulher cumpria as obrigações domésticas. “Antes, eu tinha pressa para terminar logo o serviço. Hoje, não tenho pressa para mais nada”, diz a viúva. “O que me segura aqui é minha filha.” Brenda, uma garotinha de grandes olhos azuis, tem 2 anos e 10 meses. Com a morte do pai, a menina ficou mais apegada à mãe. Não quer mais dormir sozinha. Resiste a ir à escola. Quando vai, leva uma lancheira decorada com fotografias do rosto do coman-

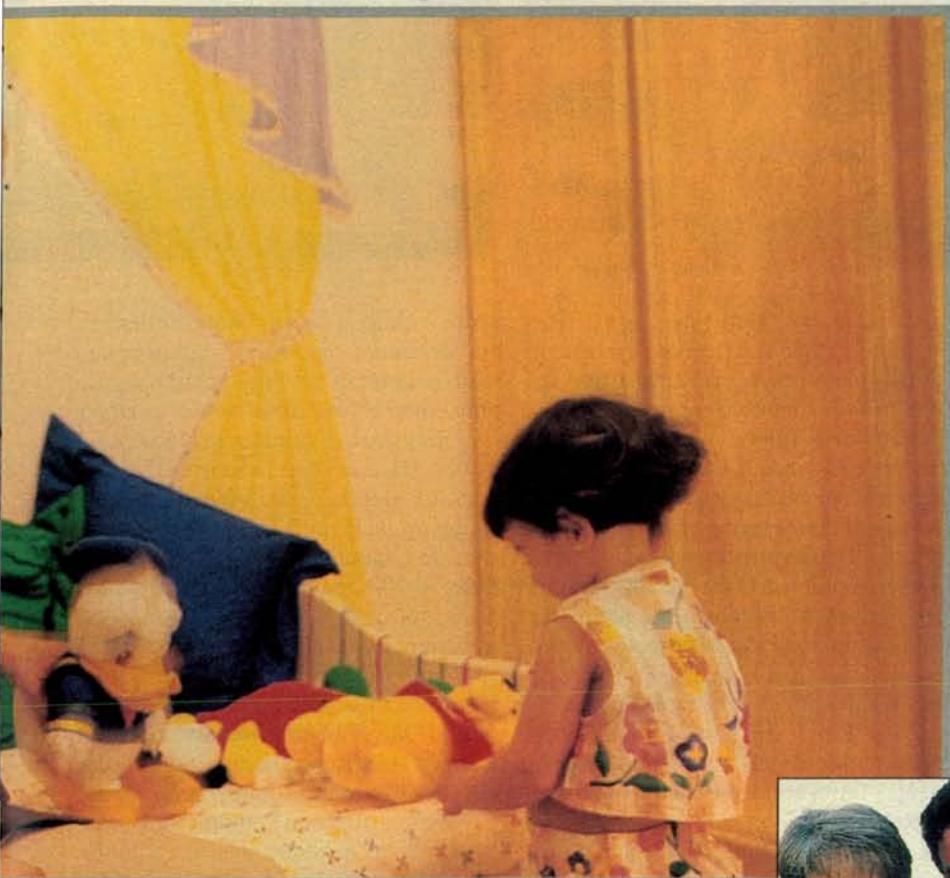


FREDERIC JEAN



GIOVANI PEREIRA

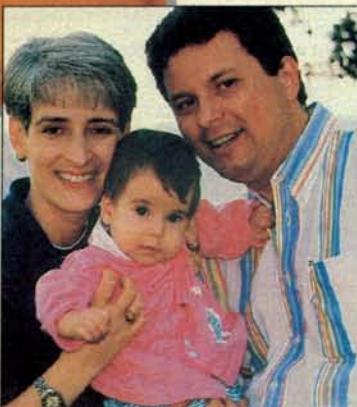
TAM 402



Katia Alecrim e Roberta, de 1 ano e 7 meses, mulher e filha de Henrique Trindade: parto do segundo filho sozinha e raras lembranças do pai morto



Lalaide, viúva do médico Walter Luis Manhães: depois do choque, ajuda financeira do filho e do genro para amenizar a queda na renda familiar, que baixou para um terço com a morte do marido



dante. Até meados de fevereiro, Brenda perguntou muito por Moreno. "Papai do céu precisa dele lá", tentava explicar a mãe. "E de mim, ele não precisa?" De um mês para cá, ela silenciou. Mas é comum perguntar a quem chega em sua casa: "Onde está seu pai?"

A violência do desastre do 402 foi tão grande que, não bastasse a morte, muitas famílias passaram pela demora na identificação dos corpos. Dois dias depois do acidente, na confusão dos reconhecimentos, a relações-públicas Flávia Regina Staut, de 23 anos, foi enterrada no Cemitério da Saudade, no Rio de Janeiro, como sendo a aeromoça Mariceli Pires Carneiro. Sua família vive em Londrina, no Paraná. "A espera foi terrível. Imaginava Flávia enterrada longe. Eu queria minha filha perto de mim", lembra a professora Lúcia Staut, de 50 anos. "Eu já estava pegando qualquer corpo para amenizar o sofrimento da minha família", confessa o empresário Lúcio, de 30 anos, irmão de Flávia. Depois de vários exames e testes que se prolongaram por três semanas, Flávia foi identificada e, desfeita a confusão, enterrada. Na busca do corpo da irmã, Lúcio teve de se afastar do trabalho por todo o tempo que durou a confusão. Acabou demitido do cargo de gerente industrial da empresa em que trabalhava. Na casa de Londrina onde mora a mãe de Flávia, a cama da filha continua intata. A moça dividia o quarto com a irmã mais velha Lucy Ana, estudante de 26 anos. "Às vezes, acordo durante a noite, vejo a cama ao lado vazia e tenho a impressão de que Flávia está viajando", conta a moça.

"Lembro-me então que ela nunca mais entrará em casa sorrindo como sempre fazia."

Rendas menores — Não bastasse o caos emocional, é preciso pensar em dinheiro. De uma hora para outra, lidar com a falta dele. A morte do médico mineiro Walter Luis Manhães fez cair o orçamento doméstico de sua família de 10 000 reais por mês para pouco mais de 3 000 reais. Manhães morreu aos 54 anos. Era professor da Universidade



Mariângela, mulher do piloto Moreno, e a filha, Brenda: estranhando a rotina sem pressa



ANTONIO MILENA

Federal de Uberlândia e sócio minoritário de um hospital particular. Não era um homem rico, portanto, mas levava a vida com folga financeira. Uma pensão de 2 000 reais da universidade garante hoje o grosso do sustento da casa. Há também os 1 000 reais que a viúva, Lalaide, 48 anos, ganha como assistente social da Secretaria Municipal de Saúde de Uberlândia. "Eu antes trabalhava por hobby", conta. "Agora, por necessidade." Não adianta muito. O filho e o genro têm de ajudá-la nas contas domésticas, nos estudos da filha Marcella.

A vida de Katia Alecrim, 33 anos, diretora adjunta do Citibank, era financeiramente fácil. Ela prefere não falar em valores, mas, casada com o economista e engenheiro Henrique Trindade, 32 anos, gerente-geral do cartão Real Visa, tinha uma renda familiar alta. Dos dois salários que ganhavam, um era reservado apenas para o lazer. Viajavam para o exterior mais de uma vez por ano. Jantavam fora. Tinham duas empregadas. Com a morte de Henrique, Katia viu-se obrigada a demitir uma das empregadas e cortar todos os supérfluos. Seu salário paga as despesas fixas da casa. "Não dá para manter o mesmo padrão", diz ela. Voz serena, e adaptando-se devagar à nova realidade, Katia é uma mulher forte. Em 1985, perdeu o pai. Em 1994, seu único irmão foi assassinado durante um assalto no Rio de Janeiro. Em 1995, sua mãe morreu de câncer.

Às sete e meia da manhã da segunda-feira 3 de março, Katia daria à luz a seu segundo filho. Na semana passada, assustava-se com a idéia de entrar na sala de cirurgia sozinha. Há um ano e sete meses, quando nasceu sua primeira

filha, Roberta, Henrique estava lá. Orgulhoso, ainda no centro cirúrgico, foi ele quem deu o primeiro banho na filha. "Eu só tinha o Henrique", diz ela. "Tenho meus filhos, mas eles não me dão retorno ainda." Um mês antes de embarcar no 402, o economista soube que a mulher estava grávida de um menino. "Tenho um casal de filhos, uma mulher e um cachorro", comemorou. Um dia antes, escolhera o nome do filho. Artur, nome de rei como o dele — assim dizia. "Em homenagem a Henrique, resolvi que o bebê terá o nome do pai", diz Katia, que passou a freqüentar o consultório de um psiquiatra semanalmente. Toma antidepressivos. A pequena Roberta quis saber do pai nos primeiros quinze dias. Hoje, só fala dele se lhe perguntam. "Está no céu." "Céu" ou escritório, para ela tanto faz. Não tem noção da perda como Ana Luiza, filha de Vera, a fisioterapeuta, ou Brenda, filha do comandante Moreno. Ao contrário das duas, Roberta dorme sozinha. Katia esforça-se para não deixar que Roberta esqueça Henrique. "Quem é a linda da mamãe e do papai?"

O sonho — Um passageiro do 402 desstoava dos executivos engravatados, de vida financeira estável. Aos 25 anos, Sandro Ferreira era estoquista de uma empresa que comercializa aqueles bips modernos, chamados de pager. Ganha 980 reais por mês. Casado com Nádia Medeiros, 20 anos, tinha um filho pequeno, Johnatan, 3 anos. A família era de Fortaleza. Sandro chegou a São Paulo um ano antes da mulher, em 1994. Arrumou emprego, arranjou uma casa e, depois, trouxe a família. "Fomos começar a viver a vida de casados



JADER DA ROCHA

agora", chora a moça. "Antes, o tempo era de muito sacrifício." Comemoravam a compra de um guarda-roupa, uma cama e uma mesa para a cozinha — 1 300 reais, divididos em cinco prestações. Há vinte dias, a moça foi demitida do emprego de vendedora num shopping paulista. Vive hoje das rescissões de contrato, sua e de seu marido. Dele, 6 000 reais. Dela, 1 500 reais. Nádia foi uma das poucas pessoas que aceitaram os 150 000 reais de indenização propostos pelas seguradoras que representam a TAM (veja quadro ao lado). "Me disseram que um processo contra a empresa demoraria muito", diz ela. "Eu não tenho como esperar." Com o dinheiro, pretende comprar uma casa.

Dinheiro nenhum ameniza a morte de um parente, é evidente. Mas, se não elimina a seqüela emocional, contorna a dificuldade financeira. As seqüelas emocionais, estas encontram alento em coisas que não têm preço. No desejo frequente da professora Lúcia Staut de

Vera e Ana Luiza, a família de Raymundo Roncati: "Não, mãe, ele não morreu. Vamos buscar o papai"





ALBUM DE FAMILIA

A professora Lúcia, mãe de Flávia Staut, com os filhos: corpo trocado no necrotério

sonhar com a filha Flávia. No quepe e no blazer do comandante Moreno que Mariângela mantém guardados no armário. Nas fotografias da lancheira de Brenda. No bebê de Katia que nasce nesta segunda-feira. Nas anotações dos sonhos que o marido de Vera fazia regularmente num caderno tipo espiral. Em 24 de janeiro de 1994, Raymundo Roncati escreveu, conforme constatou a jornalista que assina esta reportagem: "Estava numa residência. Ouço um barulho de jato caindo. Era um Fokker F 100 da TAM. Chega o Omar Fontana e, com esforço, consegue segurar seu avião, que por meio de um processo secreto havia sido miniaturizado. Aliás, aí estava nosso desespero. Como socorrer pessoas do tamanho de uma formiguinha?" Pulou uma linha do caderno e escreveu de novo: "Tive outro sonho, onde eu me encontrava em Paris". ■

Com reportagem de José Edward, de Belo Horizonte, e Arthur Rosa, de Curitiba

A batalha pelas indenizações

Alguns dias depois do desastre com o Fokker 100, advogados das seguradoras responsáveis pela cobertura dos aviões da TAM começaram a procurar a família dos 99 mortos no acidente. A todos ofereciam cerca de 150 000 reais a título de indenização — dez vezes mais do que manda o Código Brasileiro de Aeronáutica. A oferta generosa se justifica. Quem aceita a proposta recebe o dinheiro se assinar um documento comprometendo-se a não entrar futuramente na Justiça com o objetivo de receber indenizações. Até a semana passada, apenas cinco das 99 famílias que perderam parentes no desastre haviam assinado o acordo. Uma delas foi o empresário Pery Igel, pai de Ernesto, morto aos 27 anos. Principal acionista do Grupo Ultra, Igel é muito amigo do comandante Rolim Amaro, o dono da TAM.

Pelas normas aeronáuticas, a morte num acidente aéreo produz uma indenização automática à família, equivalente a 3 500 OTNs. Isso vale, segundo as seguradoras, 14 500 reais. A legislação prevê que, caso se prove dolo ou culpa grave que tenha provocado o acidente, os valores podem subir. A lei não explica o que se entende por culpa grave. Mas os especialistas dizem que pode ser de tudo um pouco: falta de manutenção, erros operacionais, tripulação sem treinamento, indisciplina dos pilotos. "Mesmo se o laudo concluir que o jato caiu por defeito de projeto, ainda assim fica caracterizada a culpa grave da empresa para efeito de indenização", informa o advogado Sérgio Alonso, especialista em direito aeronáutico e consultor do Sindicato Nacional dos Aeronautas.

FOTOS EGERTON NOGUEIRA

Nesse caso, a companhia aérea pode ser acionada pelo Código Civil. A jurisprudência tem ordenado indenizações equivalentes a dois terços do salário ou renda que a vítima teria até os 65 anos. Assim, a família de

uma vítima que seja um executivo de 30 anos de idade com renda de 7 000 reais por mês pode reclamar cerca de 2 milhões de dólares. Para as seguradoras, cada processo perdido desse valor equivale a treze acordos de 150 000 reais. Diante da possibilidade de perder tanto dinheiro, os acordos fazem todo o sentido do mundo. "Foi uma decisão da companhia aérea e nós aceitamos", diz José Rudge, presidente da Unibanco Seguros, integrante do pool de seguradoras que servem a TAM.

Confiança — Até agora, não há uma onda de processos contra a TAM, mas tudo indica que eles vão pipocar em breve. A maioria das famílias espera pela divulgação do relatório sobre as causas do acidente. "Não me interessa se o avião foi ao chão por defeito dessa ou daquela peça", diz uma das viúvas do 402, que espera o relatório para decidir se entra ou não na Justiça. Tudo indica que sim. "Meu marido comprou uma passagem da TAM porque confiava na companhia." O engenheiro Foad Shaikhzadeh, 40 anos, que perdeu o pai, Mohamed, de 64 anos, também estuda processar a TAM e não aceitou fazer acordo com as seguradoras. "O acidente não foi uma fatalidade", afirma. Processar uma companhia aérea não é tarefa fácil, nem um processo rápido. Em média, a Justiça demora dez anos para dar uma sentença definitiva. "Os tribunais têm sido bastante rigorosos nesses casos", explica o advogado Alonso.

A TAM gasta cerca de 10 milhões de dólares por ano com o seguro de sua frota. Por essa quantia, tem direito a uma apólice alta. No caso do jato que caiu, por exemplo, as seguradoras vão pagar todos os gastos e indenizações até um teto de 430 milhões de dólares — 30 milhões para a cobertura do avião e o resto, 400, para despesas provocadas pelo desastre e pagamento de seguro às famílias. Segundo José Rudge, da Unibanco Seguros, já foram gastos até agora 38 milhões de dólares. Aí se incluem o jato e os danos materiais em solo: os funerais, 21 casas, dezenas de carros, a hospedagem dos desabrigados num flat, entre outras despesas.



**qui tem
primeira
Gasolina
Premium
do Brasil.
BR Premium.**

ANTONIO MILENA



Consumo

**Venda da premium
nos postos: 20%
mais cara**

gen. Encaixa-se nesse perfil importados como Renault, Volvo, Audi, Honda, BMW e Mitsubishi, por exemplo. Entre os nacionais, quem tem carro popular esqueça. A gasolina não serve. Somente carros como Omega e Vectra poderiam sentir alguma diferença. "E, se houver ganho, ele é mínimo", diz Pedro Manuchakian, gerente da General Motors.

Mas será que o ganho de potência é significativo mesmo nos importados? No único teste sério feito até agora, o *Jornal da Tarde*, de São Paulo, pôs para rodar uma Mercedes com a gasolina normal e a premium. O carro abastecido com gasolina comum foi de zero a 100 quilômetros por hora em oito segundos e 31 centésimos. Abastecido com a premium, foi de zero a 100 quilômetros em oito segundos e 26 centésimos — uma redução desprezível de cinco centésimos. A velocidade máxima, no entanto, inexplicavelmente caiu de 235 quilômetros por hora com a gasolina comum para 230 quilômetros com a premium. A maioria dos países possui três tipos de gasolina: a comum, a premium (mais possante) e a aditivada (que possui detergentes que limpam o motor). O Brasil só tinha duas. E, diferentemente dos demais países, acrescenta 22% de álcool na composição do combustível. Se esse álcool fosse eliminado da gasolina, os carros ficariam mais possantes. Mas isso exigiria um investimento tremendo para adaptar os carros e deixaria de cabelo em pé o lobby dos usineiros.

Cara de groselha

Técnicos afirmam que a gasolina premium pode não ter a força anunciada

Raquel Almeida

Lançada há duas semanas como o combustível dos combustíveis, capaz de aumentar a potência dos carros, a gasolina premium virou groselha na semana passada. Fabricada pela Petrobrás e distribuída no Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília e Belo Horizonte por empresas como Shell, Esso, Ipiranga, Texaco e BR, a premium custa até 20% mais que a gasolina comum e fez sucesso entre consumidores que pretendiam "envenenar" seus carros. Após o lançamento, no entanto, as montadoras de carro informaram que a premium não gera aumento de potência nenhum nos veículos que fabricam no país. Ainda assim, as distribuidoras seguiam anunciando seu milagre. Na terça-feira, o Conselho Nacional de Auto-regulamentação Publicitária mandou retirar do ar o comercial da Ipiranga. No filme, um carrão importado, supostamente abastecido de gasolina comum, é ultrapassado por uma Brasília, um Fiat 147, um Fusca e até uma Romi-Isetta — todos movidos a premium.

A Petrobrás, que produz toda a gasolina do país, informa que, abastecido com a premium, um carro pode ter ganho de aceleração de 9%. Informada de que as montadoras desmentem o ganho, a estatal admitiu que seus testes foram feitos apenas com carros importados, que representam 6% da frota brasileira. A partir dessa informação, o anúncio pode ser qualificado de propaganda enganosa. Na verdade, a gasolina só funciona com carros especiais. "Para que valha a pena usar a premium, é preciso ter um motor com alta taxa de compressão, ignição eletrônica mapeada e sensor antidetonação", explica Henri Joseph Jr., do laboratório de combustíveis da Volkswagen.



**O teste da Mercedes:
gasolina premium gera
resultados pífios**

Listas suíça

Brasil pode ter gente que perdeu dinheiro na guerra

Durante meio século, o mito sobre a neutralidade da Suíça na II Guerra Mundial permaneceu inabalável. De dois anos para cá, no entanto, ele ficou mais esburacado que queijo suíço. Sob pressão dos governos da Europa e dos Estados Unidos, e de grupos israelitas de vários cantos do mundo, alguns dos maiores bancos do país reconheceram que operaram com o regime nazista e congelaram o dinheiro de contas de judeus. A pressão, que já rendeu um processo bilionário que corre nos Estados Unidos, centra-se agora sobre na extensão dessa colaboração e o número de judeus que foi tungado pelos banqueiros. O Swiss Bank entregou uma lista com 1 640 pessoas que tiveram suas contas congeladas durante a guerra. Dela fazem parte 37 nomes cujo paradeiro final foi o Brasil.

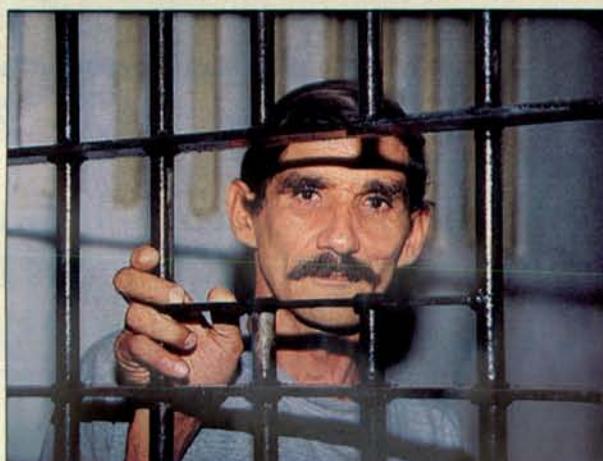
A lista foi colocada na quarta-feira passada no endereço do Centro Simon Wiesenthal na Internet (www.wiesenthal.com). Ela é preliminar, e a idéia é que, com os nomes na Internet, essas pessoas ou seus herdeiros passem informações sobre o assunto ao centro para dar à lista um caráter definitivo. A organização espera também que quem não conste da relação se apresente, de preferência com documentos que corroborem seus pleitos. A relação, até o momento, confunde mais do que esclarece — fato absolutamente normal já que ela foi feita com base em dados coletados há mais de meio século. Ela inclui gente que nem judeu é. É o caso dos Wieldberger, família de suíços protestantes que se radicou na Bahia e cujos descendentes nunca ouviram falar em dinheiro congelado em banco. “Outros podem ter mudado de nome e vai ser difícil encontrá-los”, diz Vera Bobrow, da Federação Israelita de São Paulo. O Congresso Mundial Judeu, uma das organizações que participam das pressões e do processo contra os suíços, diz que a quantia em disputa pode chegar a 30 bilhões de dólares. Os suíços juram que o número é um delírio. ■

Manoel Francisco Brito

Libertado: o mecânico paranaense **Ivan Custódio Nery**. Vítima de estelionato, ele passou 43 dias preso. Seu nome foi confundido com o do réu do processo também chamado Ivan. Dia 25, em Assaí, no Paraná.

Revogada: a condenação por improbidade administrativa de **Lafaiete Coutinho**, presidente do Banco do Brasil no governo Collor. A Justiça havia retirado seus direitos políticos e condenado Coutinho a pagar multa por causa de um empréstimo considerado irregular que ele concedeu à destilaria Caiman, do senador Edison Lobão, em 1992. Dia 25, em Brasília.

Negado: pelo Supremo Tribunal Federal recurso pedindo a anulação



JOELSON LUCAS

Ivan Nery: liberdade depois da confusão

do processo que resultou na condenação de **Guilherme de Pádua** a dezenove anos de prisão pelo assassinato da atriz Daniella Perez. Dia 27, em Brasília.

Divulgada: a nova condenação de **Carlos Alberto Correia** e **José Bernardino Martins** a sete anos de prisão, em regime fechado, por estupro. A pena anterior era de dois anos, por tentativa de estupro, e eles iriam cumprir-la em liberdade. O caso veio a público em junho de 1993, quando a vítima, Maísa Silvana e Silva, publicou um artigo em VEJA denunciando o pouco empenho dos policiais na apuração do caso. Em João Pessoa.

Condenado: o milionário **John du Pont**, de 58 anos. Em janeiro do ano passado, ele matou com três tiros o campeão olímpico de luta greco-romana Dave Shultz. Os dois treinavam juntos e moravam na luxuosa fazenda de Du Pont. O herdeiro da indústria química Du Pont livrou-se da prisão perpétua, mas deverá cumprir pena de vinte a quarenta anos num hospital psiquiátrico. Dia 25, em Media, Estados Unidos.

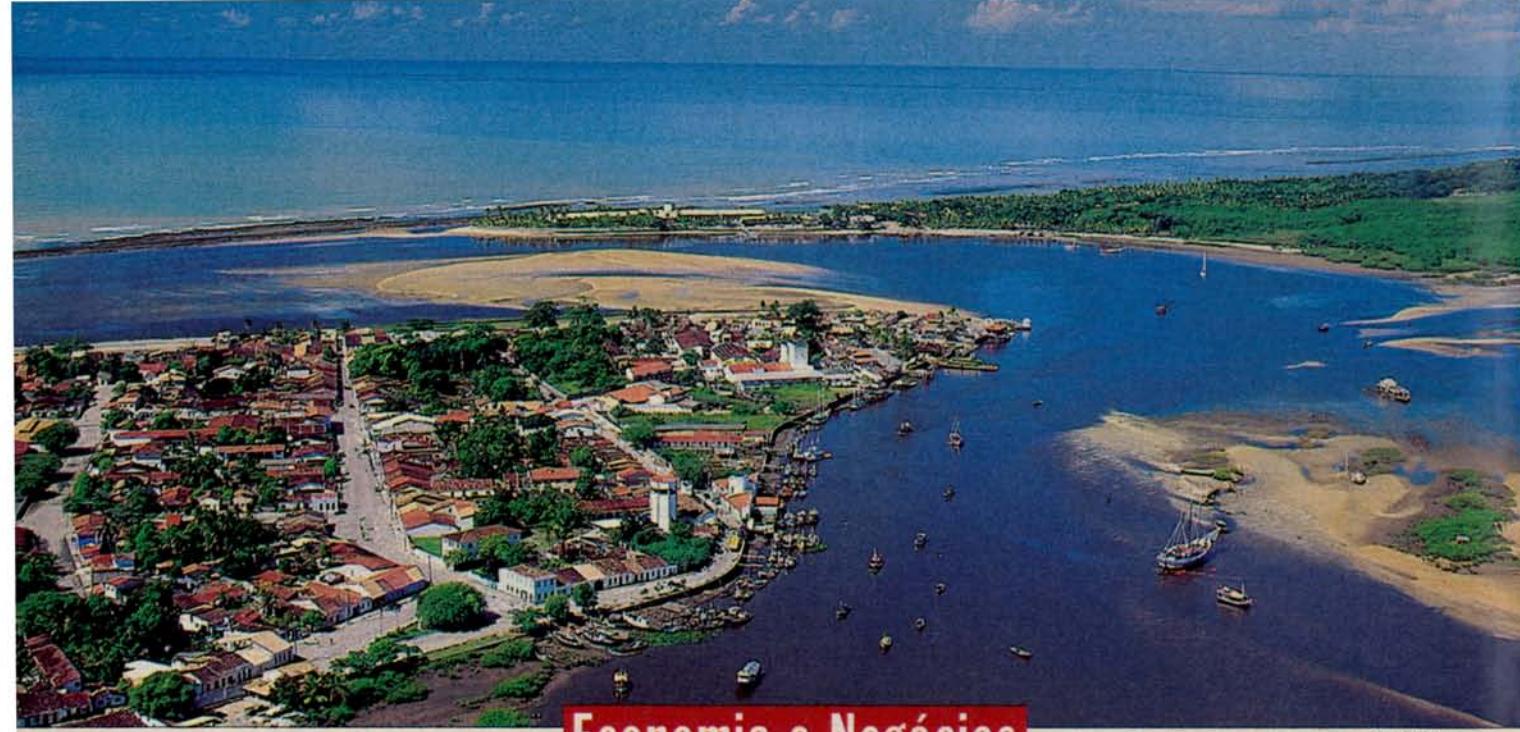
Morreram: o baterista americano **Tony Williams**. Ele tocou com o tecladista Chick Corea e o trompetista Miles Davis nos anos 60 e 70. Dia 23, aos 51 anos, de infarto, na Califórnia.

■ o escritor russo **Andrei Siniavski**. Em 1965, ele foi condenado a sete anos de trabalhos forçados nos campos de prisão soviéticos. Siniavski mandava textos satíricos sobre o regime comunista para publicações estrangeiras. Libertado, foi morar na França, onde publicou vários livros. Dia 25, aos 71 anos, de câncer, em Paris.

■ o designer italiano **Nuccio Bertone**, que fez o desenho de vários carros da Fiat, Ferrari e Volvo. Dia 26, aos 83 anos, de causas não reveladas, em Turim, Itália.

Atacado: por um touro, o cacique **Raoni**, de 72 anos. O líder indígena foi atingido na aldeia onde mora, em Mato Grosso. Raoni sofreu fraturas na mão esquerda e na perna direita e teve de ser levado em um avião da Funai para o Hospital de Base de Brasília, onde foi operado. Dia 28, em Mato Grosso.

Nasceu: **Florentina Evelyn Mariano Silva**, com 49 centímetros e 3,4 quilos. É a terceira filha do palhaço e cantor Tiririca e sua mulher, Márcia. Dia 26, em Fortaleza. ■



Economia e Negócios

SÉRGIO DUTTI

Para fazer as malas

Promoções com passagens, juros menores e prazos mais longos derrubam os preços das viagens turísticas no país

Thomas Traumann

O turista brasileiro recebeu uma boa notícia. A partir desta semana, viajar pelo Brasil está em média 30% mais barato devido a uma série de promoções de baixa temporada envolvendo administradoras de cartões de crédito, companhias de aviação, agências de turismo, hotéis e locadoras de carro. O pacote, anunciado depois de seis meses de negociações promovidas pela Embratur, a estatal responsável pelo turismo, ganhou um empurrãozinho do governo. O financiamento das viagens pelo cartão de crédito poderá ser feito em até 21 vezes. O limite anterior era de doze parcelas. A melhor novidade está no custo desse crédito. Dos 5% reais ao mês, os juros do cartão caíram para a metade. Ainda é muito, comparado com 1,9% mensal cobrado nas viagens internacionais, mas é um bom começo. "Pela primeira vez as empresas estão tentando uma solução conjunta para o turismo", comemora

Caio Luiz de Carvalho, presidente da Embratur. "Pessoas que nem sonhavam viajar por causa dos preços têm agora a sua chance."

As novas condições de pagamento realmente facilitam muito as coisas. Até a semana passada, um pacote de cinco dias de São Paulo até Porto Seguro, no litoral baiano, saía em média 450 reais à vista. A partir de agora, o pacote cai para 350 à vista, ou pode ser dividido em 21 vezes de 25 reais (*veja quadro ao lado*). Ficou mais fácil bancar o passeio, com parcelas que custam o mesmo que dois ingressos de cinema. As empresas de turismo estão fazendo o que é óbvio e já com algum atraso. No período entre as férias escolares, o movimento de turismo no Brasil é muito baixo. Os aviões voam com metade das suas

poltronas vazias, e 70% dos quartos de hotéis ficam ociosos. No entanto, os empresários ligados ao turismo preferiam ganhar os tubos no verão e nas férias de julho e depender das viagens de negócios no resto do ano. Agora, como se tivessem sido iluminados, eles se uniram para não continuar com seus negócios às moscas na baixa temporada. É por isso que essas promoções não valem para os dias de movimento, como

Quatro opções fora das férias

Quanto custarão alguns pacotes de turismo a partir desta semana, depois do acordo promovido pela Embratur*

Porto Seguro (BA) 21 x 25 reais (350 reais à vista)

Beto Carrero World (SC) 21 x 21 reais (300 reais à vista)

Maceió (AL) 21 x 37 reais (515 reais à vista)

Pantanal (MT) 21 x 60 reais (820 reais à vista)

* Partindo de São Paulo, incluem vôos fretados, cinco noites em hotel de classe turística, café da manhã e traslado

Vista de Porto Seguro, na Bahia: cinco dias de sol e mar pelo preço de dois ingressos de cinema por mês

os feriados prolongados de Tiradentes, Semana Santa e as férias escolares de julho. Nesse pacote de facilidades anunciado pela Embratur, algumas medidas já existiam havia anos, como as passagens aéreas com desconto de 45% para idosos. A grande mudança é o pagamento facilitado. "Nós baixamos os juros porque numa viagem o uso do cartão é muito maior", explica o vice-presidente de turismo da Credicard, James Rúbio Jr.

Setor sem prestígio — Todo mundo fala sobre as potencialidades do setor de turismo no Brasil. O país tem 8 500 quilômetros de litoral, praias belíssimas, uma fauna riquíssima na Floresta Amazônica e no Pantanal e cidades históricas importantes como Olinda e Ouro Preto. Mesmo assim, esse é um dos setores mais desprestigiados do país. Viajar no Brasil é absurdamente caro. Uma passagem de São Paulo a Miami custa 700 reais, quase 100 reais a menos do que uma viagem até Manaus. Os serviços no Brasil também são inferiores aos oferecidos em outros países. Tanto que a Embratur vai rebaixar de categoria 88 dos 102 hotéis que hoje ostentam cinco estrelas na porta. O resultado é que, para cada pacote nacional financiado pela Credicard, são vendidos outros dez com destino internacional.

A situação é tão crítica que existe um trocadilho entre os agentes de viagem de que no país não se explora o turismo, mas o turista. É por essa razão que aumenta a cada ano o número de brasileiros que prefere torrar dólares em bugigangas eletrônicas em Miami. Era 1,5 milhão em 1990 e chegaram a 3,6 milhões no ano passado. É uma evasão de dinheiro séria. Estimativas do Banco Central dão conta de que só no ano passado os brasileiros torraram 4 bilhões de dólares no exterior. Em compensação, o país atraiu apenas 2 milhões de estrangeiros, menos da metade do que a Argentina. O pacote anunciado na semana passada não vai resolver essa situação, mas toca no hábito de o brasileiro preferir viajar ao exterior. Especialmente se ele puder conhecer o seu próprio país com preços mais em conta. ■



Rockefeller, o mais rico da História, e Gates, o 31º: fortunas de épocas diferentes

lista dos 100 maiores magnatas americanos. Nessa relação, Bill Gates ficou na 31ª posição, atrás de homens como o comerciante John Hancock, que morreu em 1793 com 350 000 dólares de patrimônio, e do fabricante de salsichas Philip Armour, que morreu em 1901. Uma curiosidade: pessoas ligadas à luta pela independência dos Estados Unidos aparecem na lista. George Washington, o primeiro presidente e grande proprietário de terras, é o 59º da relação. Benjamin Franklin, inventor do pára-raios e embassador da nova república na França, ocupa a 86ª posição.

Fortunas medianas não figuram no ranking. Ficaram de fora Ross Perot, milionário americano que foi candidato a presidente dos Estados Unidos nas eleições de 1992, e Ray Kroc, o criador do McDonald's. Até o século passado, os Estados Unidos eram um país em desenvolvimento, e isso favorecia a criação de fortunas a pessoas que vinham do nada. Hoje, com uma economia madura, ficou muito mais difícil criar impérios. Os milionários são muitos, mas a economia é tão gigantesca que o peso relativo de cada um deles é bem menor do que no passado. Além disso, o valor do dólar desgastou-se com a inflação. Cornelius Vanderbilt, o rei das ferrovias que morreu em 1877 com uma fortuna de 105 milhões de dólares, tinha dinheiro suficiente para comprar várias vezes o Alasca, território vendido pela Rússia aos Estados Unidos em 1867 por apenas 7,2 milhões de dólares. ■

Fortuna

Gates perdeu

Pesquisa revela os americanos mais ricos de todos os tempos

Com 15 bilhões de dólares, Bill Gates, o criador da Microsoft, aparece em todas as listas como o homem mais rico dos Estados Unidos e um dos mais ricos do mundo. Até aí, nada de novo no front. Só que dois pesquisadores acabam de informar que, numa perspectiva histórica, a riqueza de Gates não é tão grande quanto a de alguns magnatas americanos do passado. Esses pesquisadores, Michael Klepper e Robert Gunther, publicaram um livro no qual relacionam as maiores fortunas dos Estados Unidos nos últimos três séculos com o produto nacional bruto do país, em cada período. Segundo esse critério, o americano mais rico de toda a História foi John Davison Rockefeller, que viveu entre 1839 e 1937 e acumulou um patrimônio de 1,4 bilhão de dólares, que correspondia a 1,5% do PNB dos Estados Unidos.

Em proporção, a fortuna de Gates equivale a um sétimo da de Rockefeller, que era chamado de czar do petróleo, por controlar 90% das refinarias americanas. A de Gates, hoje, não passa de 0,2% do PNB. Com esse critério do PNB, os pesquisadores montaram uma

Os cinco americanos mais ricos da História

- | | |
|----|--|
| 1º | John Davison Rockefeller
(1839-1937) - petróleo |
| 2º | Cornelius Vanderbilt
(1794-1877) - transportes |
| 3º | John Jacob Astor
(1763-1848) - pecuária |
| 4º | Stephen Girard
(1750-1831) - finanças |
| 5º | Andrew Carnegie
(1835-1919) - siderurgia |

A. CAIRES

Roger Ferreira

Cotações

Indicadores e indexadores — em %					Rendimento - Variação em %			Projeções BM&F para o mês	
	Nov	Dez	Jan	Acumulado no ano	Últimos 12 meses	Acumulado no ano	Última semana	Índice Bovespa	1,02%
INPC	0,34	0,33	0,81	0,81	8,42	6,88	1,15	Dólar	0,71%
IPC-Fipe	0,34	0,17	1,23	1,23	9,40	11,68	-1,79	Juros	1,66%
IGPM	0,20	0,73	1,70	1,70	9,24	-3,04	-1,23	O Mercado de Ações	
IGP	0,28	0,88	1,58	1,58	9,10	3,07	Ações mais valorizadas durante a semana na Bolsa de São Paulo em %		
IPCA-IBGE	0,32	0,47	1,18	1,18	9,39	69,81	25,41	Cimento Itáu PN	8,26
ICV-Dieese	0,32	0,38	2,12	2,12	10,51	65,28	24,68	Souza Cruz ON	6,74
TR	0,81	0,87	0,74	0,74	9,03	-0,70	Sid. Riograndense PN		
								Sid. Tubarão PNB	5,35

em 28/2/97

Dólar Comercial		Dólar Paralelo		Ouro (BM&F)	TR	CDI	CDB
Compra	R\$ 1,0507	São Paulo	R\$ 1,10	R\$ 12,26	0,7286	25,55%	20,45%
Venda	R\$ 1,0515	Rio	R\$ 1,09	a grama	de 25/2 a 25/3	do ano	do ano

Os Fundos de Ações mais rentáveis*					Os FIF de 60 dias DI mais rentáveis*				
Rentabilidade — em %					Rentabilidade — em %				
No ano até 27/2	No mês até 27/2	No dia 27/2	Valor da cota em 27/2 em R\$		No ano até 28/2	No mês até 28/2	No dia 28/2	Valor da cota em 28/2 em R\$	
Sintese Ações	39,18	14,36	-1,66	4,14	Bradesco Asset M.D.	4,88	2,26	0,04	1,09
CCF-Francial Ações	29,78	13,63	-0,81	1,17	Bradesco Asset M.M.	4,20	2,10	0,04	1,07
Unibanco Blue	26,46	13,08	-1,07	23,29	Credibanco DI	3,39	1,60	0,09	137,31
Lloyds Institutional	25,82	10,62	-1,51	6,49	BBA FIF DI	3,37	1,59	0,09	1,43
Uniações	25,59	11,96	-1,07	190,33	Real Orbis FIF Mix - 60	3,36	1,58	0,09	147,82
Boston Ações	25,00	11,83	-1,24	0,81	Lloyds Performer 60	3,35	1,61	0,09	11,69
Realmais	22,85	8,79	-1,32	0,34	BB-Empresarial 60	3,34	1,57	0,09	1,51
América do Sul Ações	22,45	9,72	-1,03	0,48	BFB DI 60 FIF	3,33	1,57	0,09	142,08
Citiacões	22,30	8,93	-1,44	0,08	Itaucorp II DI 60	3,33	1,56	0,09	1421,95
BB Fundo de Ações	21,14	7,43	-1,10	1,29	Bradesco Empresa DI	3,32	1,57	0,09	1,33

* Os dez fundos mais rentáveis do ano — com patrimônio acima da média da categoria

Os FIF de 60 dias DI mais rentáveis*				
Rentabilidade — em %				
No ano até 28/2	No mês até 28/2	No dia 28/2	Valor da cota em 28/2 em R\$	
Snipe 60	40,76	3,82	NB	1424,97
Volans Índice 60 - FIF	20,18	6,35	-1,65	15,31
BFB Índice 60	15,71	6,30	-0,92	138,44
Marka Derivativos Plus	10,28	4,79	0,22	1,26
Marka Derivativos	6,92	3,21	0,13	1,51
Icatu Multi Market	6,49	3,97	0,23	1,30
CCF - Blue	5,92	1,57	0,09	221,40
Chase Leverage	5,88	2,05	0,15	1,14
Chase Fixed Income	5,69	1,92	0,12	1,76
Chase Profit	5,48	1,82	0,10	1,43

* Os dez fundos mais rentáveis do ano — com patrimônio acima da média da categoria

Os Fundos de Ações Carteira Livre mais rentáveis					Os FIF Renda Fixa de 60 dias mais rentáveis*				
Rentabilidade — em %					Rentabilidade — em %				
No ano até 28/2	No mês até 28/2	No dia 28/2	Valor da cota em 28/2 em R\$		No ano até 28/2	No mês até 28/2	No dia 28/2	Valor da cota em 28/2 em R\$	
Trade	NB	NB	NB	1,16	Snipe 60	40,76	3,82	NB	1424,97
Opportunity Logica - CL	33,63	13,51	-0,61	1,67	Volans Índice 60 - FIF	20,18	6,35	-1,65	15,31
Opportunity Logica II - CL	33,12	13,58	-1,07	1,65	BFB Índice 60	15,71	6,30	-0,92	138,44
Fundo Galileu	32,70	13,35	-1,44	1,32	Marka Derivativos Plus	10,28	4,79	0,22	1,26
CCF-Ações	31,33	13,29	-1,19	73,62	Marka Derivativos	6,92	3,21	0,13	1,51
Itaú Carteira Livre	29,21	13,02	-1,69	1,28	Icatu Multi Market	6,49	3,97	0,23	1,30
BB-Ações Carteira Livre I	27,94	11,22	-1,57	18,75	CCF - Blue	5,92	1,57	0,09	221,40
Unibanco Strategy Fund II	27,93	13,20	-1,29	45,19	Chase Leverage	5,88	2,05	0,15	1,14
Andromeda - Pactual	26,81	14,22	-0,69	4,66	Chase Fixed Income	5,69	1,92	0,12	1,76
Galoxia	26,61	11,45	-1,22	1748,03	Chase Profit	5,48	1,82	0,10	1,43

* Os dez fundos mais rentáveis do ano — com patrimônio acima da média da categoria

* Os dez fundos mais rentáveis do ano — com patrimônio acima da média da categoria



Comentário da Semana

A semana foi de nervosismo nas bolsas de valores de todo o mundo. O motivo é a crítica feita por Alan Greenspan, presidente do FED, o banco central americano, contra a valorização excessiva de alguns papéis. Os investidores estão apreensivos.

No Rio, a bolsa caiu 0,7%, e em São Paulo houve alta de 1,25%.

O ouro valorizou-se 3,07% na semana.

Sede de vingança

Mia Farrow escreve suas memórias e inclui nelas um dossiê contra Woody Allen

Sérgio Augusto

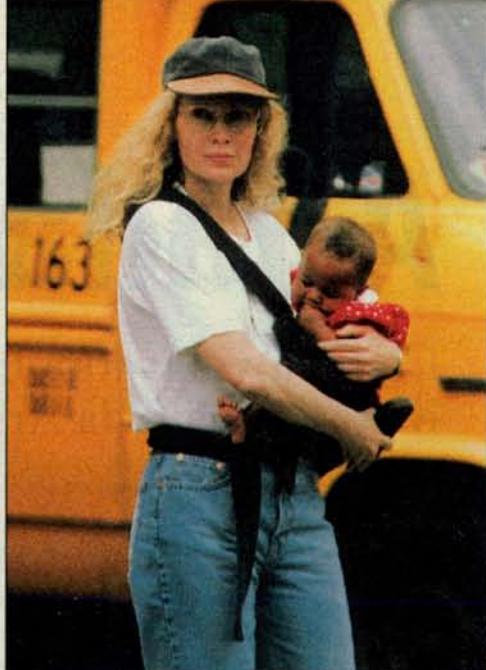
Hollywood, verão de 1990. Durante um embevecido giro pelos arredores onde Mia Farrow passara a infância, em Beverly Hills, Woody Allen comenta: sua vida daria um grande filme. Pelo visto, ela acreditou na lisonja — e tomou as providências cabíveis, escrevendo suas memórias. Se algum dia chegarão à tela, só Deus sabe. Uma coisa é certa: Allen não estará atrás nem diante das câmeras. Até porque, àquela altura, ele talvez já tenha reagido às reminiscências da ex-mulher com uma réplica cinematográfica. Ao menos foi isso o que ele prometeu quando, no último dia 6, *O que Fica pelo Caminho É para Sempre* (tradução de Adalgisa Campos da Silva; editora Objetiva; 256 páginas; 24,80 reais) chegou simultaneamente às livrarias do mundo inteiro, debaixo de um suspense similar ao que precede o lançamento dos filmes do cineasta. Pelo menos fazer marketing Mia aprendeu com ele.

Que tipo de filme sairia de um livro como o dela? Um melodrama, sem dúvida alguma, como aqueles que Jane Wyman e Dorothy McGuire faziam nos anos 40. Para tanto, poderia até dar-se ao luxo de dispensar os cinco capítulos finais, dedicados ao seu affair com Allen, cujo tempestuoso desfecho todos conhecem. O que Maria de Lourdes Villiers Farrow padeceu ao lado dos pais (Maureen O'Sullivan, a primeira Jane do Tarzan sonoro, e o cineasta John Farrow), no claustro de um internato religioso inglês e sob o mesmo teto do cantor Frank Sinatra (seu marido de 1966 a 1968) e do músico André Previn (o segundo, 1970-1979) já daria um filme lacrimogêneo. Com infortúnios para todos os gostos: provações físicas (ela teve paralisia infantil aos 9 anos), privações afetivas (sofreu o diabo nas garras das carmelitas), confli-

tos domésticos (seus pais, católicos à antiga, mantinham um casamento de fachada) e crises conjugais com Sinatra e Previn. Não sem alguns lances cômicos (Mia e seu amigo Salvador Dalí saindo de fininho de uma orgia barroca no Greenwich Village) e aventureiros (o fim do *séjour* místico da atriz na Índia do guru Maharishi Yogi, aquele que até os Beatles enganou, merecia ter sido narrado pelo Paul Bowles de *O Céu que nos Protege*).

Chata de galochas — A atriz, contudo, não parece ter publicado suas memórias pensando na marquise dos cinemas, e sim nas barras de um tribunal. No banco dos réus, o pai de seu último filho natural. (Ela teve três com Previn e só um, Seamus, ex-Satchel, com Allen.) Embora jure que não lavou sua roupa suja por vingança, apenas para defender-se de acusações (louca, desnaturada, mentirosa etc.) lançadas publicamente pelo co-mediate, Mia concentrou nas 100 páginas finais um alentado dossiê contra ele. Além de traer sua confiança, seduzindo-lhe uma das filhas adotivas, a coreana Soon-Yi, e, segundo a atriz, abusado sexualmente de outra, Dylan, Allen revelou-se ao longo de dez anos e treze filmes um companheiro mais problemático do que todos os neuróticos de suas comédias juntos. Não é por espor-te que há trinta anos ele freqüenta o divã de um psicanalista, duas a três vezes por semana. Tarado, pedófilo, egocêntrico, misantropo, inseguro, hipocondríaco (só toma banho sobre um tapete especial contra germes), cruel com os animais e rispi-

do com os pais, o monstro pintado no livro ostenta outra grave imperfeição: esbanja dinheiro como o mais vulgar novo-rico. Como várias dessas acusações têm respaldo de respeitáveis testemunhas, fica difícil descartá-las como aleivosias de uma mulher resentida.



ALEX OLIVEIRA/SYGMA

Mia: abusando da autocomiseração

Trecho

"Soon-Yi não voltou mais para casa nem me telefonou. Para ser honesta, eu não estava preparada para tê-la de volta. Quando, no inicio de maio, pedi que ela me garantisse que não procuraria Woody, ela disse: 'Pare de me pedir coisas', e desligou o telefone. (...) Embora revoltados e enojados, todos dissemos que estávamos com saudade dela e a amávamos."

Quem sempre achou que Mia era uma chata de galochas, do tipo que faz charme e chantagem com sua fragilidade física e emocional, não sairá decepcionado de suas memórias. Ela de fato vomita à menor contrariedade e às vezes abusa do direito de ser autocomiserativa. Sua devoção por crianças miseráveis da África e do Sudeste Asiático é comovente, mas algo de patológico parece ocultar-se por trás de sua fanática vocação para Madre Teresa de Calcutá. Quem sabe ela também necessite de duas a três sessões de psicanálise semanais para superar todas as carências e obsessões que seu complicado relacionamento com o pai parece ter inoculado. John Farrow, morto em 1963 com 59 anos, era um Casanova e teve um caso com a atriz Ava Gardner, quando esta ainda estaria casada com o futuro marido de sua filha, Frank Sinatra, que, por sua vez, além de ter idade para ser pai de Mia, era fisicamente parecido com Farrow. Mamma Mia! Nem precisamos da explicação de Freud.

A fada madrinha

Como a vingadora Evita se tornou o grande mito da Argentina

Paulo Moreira Leite

Pode ser barulhento, estridente e de mau gosto, mas até que faz bem aos ouvidos o bumbo peronista que protesta em Buenos Aires contra o filme *Evita*, de Alan Parker, com Madonna no papel principal. Há a razão estética: o filme é muito ruim. O outro motivo é histórico. Com seu cabelo de perua, discurso de Passionária e guarda-roupa de Imelda Marcos, aos poucos se descobre que Evita Perón se tornou o grande mito da Argentina neste século, fazendo sombra até mesmo a seu marido, o general e presidente Juan Domingo Perón. Quem acha que a humanidade progrediu tanto que está na hora de dispensar os mitos políticos para se concentrar em personalidades reais, sem o enfeite da lenda que consola e da imaginação que embeleza, só precisa olhar para os Estados Unidos.

Embora tenha sido um conquistador incansável, com direito a aventuras já prontas para um filme, como as cenas de amor na piscina da Casa Branca, até agora John Kennedy não mereceu uma superprodução de Hollywood sobre sua passagem pela Presidência americana. A mais conhecida obra a seu respeito, chamada *O Herói do PT-109*, enfocava um episódio de sua atuação na Guerra do Pacífico e não passava de uma peça de endeusamento sob encomenda. Quem acha que o cotidiano de John Kennedy ainda está muito vivo na memória pode perguntar-se por que não se filmou, por exemplo, a vida do casal presidencial Franklin e Eleanor Roosevelt, ele em sua cadeira de rodas, que em vida jamais foi exibida ao público americano, ela sempre em companhias femininas.

Os mitos políticos são como totens, aqueles objetos de culto dos índios americanos em que deuses e símbolos se acumulavam, cujo estudo sempre foi difícil para olhares estrangeiros. Os argentinos só defendem Evita, com patro-

cínio chapa-branca e apoio do vice-presidente Carlos Ruckauf — que convidou a população a promover um ato de “resistência passiva” contra o filme de Parker —, porque o mito é forte e dá a impressão de só melhorar com a passagem do tempo. Quando se trata de Evita, o embarralhamento de verdade e fantasia, lembrança e invenção, revela-se sutil, muito rico e, especialmente, muito espantoso.

Sala de visitas — Ela não foi apenas a menina pobre que chegou mais longe do que qualquer heroína de conto de fadas, saindo de uma vida de necessidade no interior da Argentina para morar em palácio, andar coberta de jóias e casacos de pele, ser recebida com reverência por estadistas, príncipes e até pelo papa. As tragédias de sua existência também sempre foram grandiosas. Seu pai, um estancieiro remediado e pequeno caudilho do interior da Argentina, tinha duas famílias. A de Evita, naturalmente, era a ilegal, a mais pobre, a rejeitada. Mais nova numa família de quatro meninas e um menino, cresceu cercada de mexericos, enxotada por mães zelosas que não permitiam que se aproximasse de suas filhas, apontada na rua daquele jeito feio e cruel como só as crianças sabem fazer, ouvindo comentários sobre a má reputação de sua mãe. (Dona Juana, que os contemporâneos informam ter permanecido bonita mesmo em idade avançada, teve sua primeira noite compulsória graças a um negócio da própria mãe, que a trocou por uma égua.)

A Evita que entrou para a História foi a fada madrinha do populismo latino-americano. Os sindicatos eram como sua sala de visitas. Em seu escri-





Em Buenos Aires, manifestação à porta do cinema: quem estranha o protesto argentino deveria perguntar por que Hollywood não filma Kennedy

tório em Buenos Aires, onde uma multidão de carentes fazia filas imensas, ela recebia os humildes um a um, sentada em sua poltrona, travando diálogos tipo sofá-de-Hebe-Camargo. Com uma ficha na mão, em que constavam nome, endereço, situação familiar e outros dados do infeliz que tivera direito àqueles instantes de felicidade, ela trocava algumas palavras e ouvia o pedido — dentadura, vestido de noiva, máquina de costura, casa própria e até brinquedos.

De morena a loira — Evita fazia isso da manhã à noite. Dormia tarde, depois das 4 da madrugada, às vezes não dormia, porque muito cedo já estava acordada, pronta, arrumada. Tinha um costureiro que recebia modelos de Paris, adaptava-os para seu corpo um pouco esquisito, pois suas canelas eram muito finas, os seios, pequeninos, e a cintura, um pouco grossa demais. Especial era sua pele, muito branca, quase transparente. Essencial era o cabelo. "Toda a história de vida de Evita se reflete em seus penteados. A passagem do encaracolado, recatado ou audacioso para o coque diz mais do que mil discursos", diz a biógrafa Alicia Dujovne Ortiz, autora de *Eva Perón — A Madona dos Descamisados*. Adolescente, Evita tinha os cabelos curtos e morenos. Crescida, tentou carreira no teatro — onde seu desempenho era muito fraco —, no cinema — apenas fraco — e no rádio — razoável —, deixando-os longos e armados. Quando se tornou Chefe Espiritual da Nação, e possuía uma organização de mulheres mili-

tantes que faziam campanhas em bairros distantes e pobres, Evita ficou loira, adotou um coque em forma de banana e depois um penteado mais tradicional.

Já se tornou um desagradável costume pós-moderno estudar personalidades públicas através de aspectos superficiais de sua vida cotidiana, como as roupas, os pratos prediletos, os bens de consumo mais queridos. O maior defeito dessa postura é despolitizar atitudes, banalizar a História, transformar grandes acontecimentos numa conversa de salão. No caso de Evita Perón, a roupa tinha importância de verdade, o penteado, também. Compunha uma figura em que cada brilhante era uma medalha, cada vestido novo, um troféu. Sua mensagem não era assemelhar-se aos pobres, mas diferenciar-se deles, no luxo e na riqueza, e assim ocupar seu lugar, amiga, protetora e vingadora.

Evita vingava-se de quem a esnobara nos tempos em que mal tinha dinheiro para comer nos bares de Buenos Aires, a tal ponto que a cantora Libertad Lamarque se exilou no México assim que se comprovou que os poderes da primeiradama estavam longe de ser apenas decorativos. Como em outros países, também na Argentina era tradição que a mulher do presidente assumisse a LBA local. Empinando o nariz para a atrizinha de fama ruim, as socialites de Buenos Aires se recusaram a colocá-la no posto. Evita foi à força construindo sua própria fundação e buscando recursos junto a seus maridos milionários, em empresas que colaboravam com temor de ser fechadas.

Com uma educação precária, que a fazia falar errado e escrever grosseiramente, Evita tornou-se um mito sem ter tido uma única idéia própria, com um



CORBIS/BETTMANN

discurso que nada mais era do que a repetição enfadonha de chavões sobre justiça social, declarações de fidelidade eterna a Perón e proclamações anticomunistas. O escritor Tomás Eloy Martínez, autor de *Santa Evita*, observa que, se o marido Perón gostava de definir-se como "um humilde soldado a quem coube a honra de proteger a massa trabalhadora argentina", Evita não pretendia mais do que se apresentar como uma versão feminina do mesmo papel, "uma humilde mulher do povo que oferece seu amor aos trabalhadores". Sua primeira aparição na cena política foi numa campanha para auxiliar vítimas de um terremoto. Também foi nessa ocasião que encontrou Perón pela primeira vez, num ato público em Buenos Aires.

No célebre 17 de outubro de 1945, dia em que a História argentina virou do avesso, pois o país dos humildes saiu de casa e não voltou até conseguir libertar Perón, preso por militares incomodados com sua popularidade, sua função foi pouco mais do que uma noiva dedicada ao futuro marido. Na realidade, Evita teve uma vida política que durou apenas cinco anos, desde sua volta de uma viagem à Europa, quando humilhou os franceses fazendo donativos generosos numa nação arruinada pela guerra, mas não se deixou humilhar pelos ingleses. Quando a rainha avisou que não iria recebê-la para o chá, a Dama da Esperança retrucou informando que desistira de visitar o país.

Morta aos 33 anos, de um câncer no útero que demorou a tratar alegando que tinha coisas mais urgentes a fazer, na posteridade Evita tornou-se pioneira

na categoria dos desaparecidos políticos. Embalsamada e recolhida à sede da CGT, a central sindical peronista, ali ficou até que Perón, viúvo, fosse derrubado por um golpe militar. Seqüestrado por oficiais da área de informações que agiam sob controle direto dos altos escalões militares, seu cadáver perambulou clandestino pela Argentina. O coronel responsável pela guarda do corpo enlouqueceu de dar pena, outro oficial que o auxiliava entrou em tamanho estado de perturbação mental que acabou matando a própria mulher, pensando que se tratava de um estranho invadindo um dos esconderijos onde o cadáver fora guardado. Após tantos desastres, o corpo foi enviado às escondidas para a Itália e ali enterrado com nome falso — sendo devolvido a Perón duas décadas mais tarde, quando os militares promoviam um retorno à democracia.

Sentido de nação — O peronismo liberal de Carlos Menem pouco tem a ver com sua origem na História, mas o mistério que acompanha Eva Perón talvez seja mais simples de entender do que parece. Ela saiu de cena em 1952, quando a Argentina vivia os últi-



Perón: com fama de frio, calculista e até molenga, definia-se como "um humilde soldado a quem coube a honra de proteger a massa trabalhadora argentina". O presidente Menem: peronismo liberal pouco tem a ver com sua origem histórica



O tango do argentino doido

Evita (Estados Unidos, 1996), que acaba de estrear no Brasil, é um tango doido. Isso porque o diretor Alan Parker resolveu filmar um musical da Broadway — gênero que, por definição, não tem muito compromisso com a realidade — usando linguagem de documentário. O compositor Andrew Lloyd Webber e o letrista Tim Rice compuseram *Evita*, em 1976, a partir de uma pesquisa superficial. Quem tem noções de música ou História percebeu isso desde a primeira montagem. Sem saber direito o que era tango, Andrew Lloyd Webber fez seus personagens cantar uma estranha mistura de rock

com rumba. O personagem Perón usava um nariz falso — ao saber que o ditador argentino tinha ascendentes indígenas, os encenadores resolveram fazer seu rosto parecer-se com o de um cacique inca. Resumo da ópera-rock: um musical competente, mas para inglês ver.

Afora o nariz postiço, todas as bobagens foram transpostas para a tela. Alan Parker fez uma reconstituição minuciosa, baseada em filmes e fotografias, da Buenos Aires da época e do figurino dos personagens. Com isso, as "licenças poéticas" que aparecem no espetáculo da Broadway acabam ganhando o status de realidade. Daí as reclamações. Há cenas

discutíveis. Mostrar-se, por exemplo, que Eva Perón teria iniciado a carreira radiofônica depois de se tornar amante do cantor de tangos Agustín Magaldi — o que, segundo suas biografias mais apuradas, dificilmente aconteceu.

O que se salva são algumas boas canções. Webber e Rice até compõem músicas interessantes como *I'll Be Surprisingly Good for You*, um dueto de amor cínico em que, em vez de juras apaixonadas, os dois personagens falam das vantagens materiais de uma possível união. Pena que os intérpretes não estão lá essas coisas. O



DAVID NIVIERE/SIPA PRESS



SIPA PRESS

mos instantes daquela fase de sua História que ficou conhecida como A Festa — o salário só crescia, o emprego era abundante, os países desenvolvidos faziam fila para bater às suas portas em busca de divisas, carne e couro. Logo depois, Perón começou a aplicar medidas duras, reprimir sindicatos. Quando voltou do exílio, quase duas décadas mais tarde, em companhia de Isabelita e do bruxo López Rega, foi como um enterro em vida. Nasceu assim, de contingências fortuitas e fatos concretos, a noção de que havia um Perón, o Juan Domingo, que era frio, calculista e até meio molenga, e de que a outra Perón, Evita, era emotiva, corajosa, incapaz de negar-se a um sacrifício.

Os povos não cultivam seus mitos porque gostam, mas porque não conseguem livrar-se deles. Um dos slogans favoritos da organização terrorista Montoneros, dos anos 70, repetia que se Evita fosse viva estaria dentro de sua organização. Na realidade, poucos países da América Latina conheceram um regime tão próximo do fascismo como a Argentina peronista. A imprensa era controlada de perto, os sindicatos eram mobilizados como armas de auxílio direto do governo. Mas a Argentina de Perón também tinha um sentido de nação e de soberania. Falava em integrar os mais humildes, em lhes dar uma dignidade que nunca tiveram. Estrela desse movimento, que é a marcha da História, Evita tornou-se uma lenda difícil de destruir. ■

Madonna como Evita: mitos que se sobrepõem

mostra uma loira ambiciosa fazendo sexo para subir na vida e, mais tarde, posando de vingadora dos deserdados sociais, vê-se na tela Madonna, não Evita. A cantora sonhava em ganhar um Oscar pelo papel. Não foi nem indicada. Com pontos de contato em suas biografias, personagem e atriz tiveram um final diferente. Para muitos argentinos, Evita é uma santa, mas a Academia de Hollywood negou a Madonna a canonização que ela queria.

franzino Jonathan Pryce fracassa por não se parecer com o Perón original — o ditador, na vida real, era corpulento e até gostava de lutar boxe. Antonio Banderas é o canastrão de sempre. A novidade é a voz de taquare rachada. Quem está melhor, até por comparação, é Madonna, que, pelo menos, canta com competência.

O problema, no caso dela, é que um mito se sobrepõe ao outro. Quando o filme

João Gabriel de Lima

Se você
pedir
isso
para os
outros
jornais
vão te
chamar de
folgado.

TALENT



Locais de entrega sujeitos à confirmação.

Receba o jornal no seu escritório
durante a semana e em casa no fim
de semana. Se o seu jornal não faz
isso, é melhor assinar o Estadão.

Assine na Capital:
(011) 858-9000
Demais Localidades:
0800-149000

ESTADÃO
É muito mais jornal.

Promoções
e descontos
do Clube do
Assinante
pra você
que não
faz parte
do Clube
dos
Milionários.

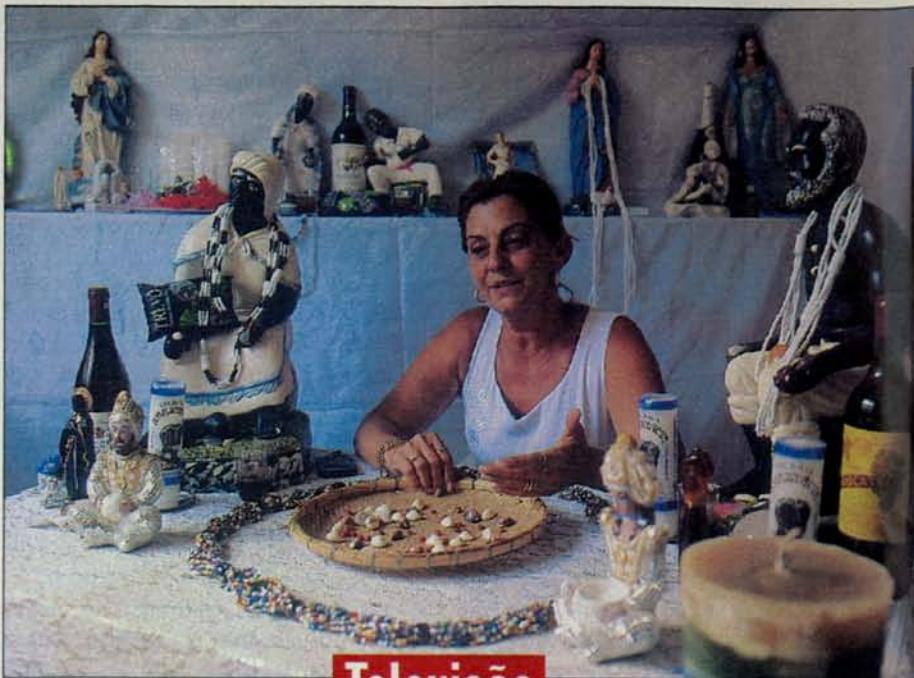
TALENT



Clube do Assinante Estadão: o único jornal que distribuiu em 96, de graça, mais de 30 mil ingressos de cinema, teatro e shows aos seus assinantes. Se o seu jornal não faz isso, é melhor assinar o Estadão.

Assine na Capital:
(011) 858-9000
Demais Localidades:
0800-149000

ESTADÃO
É muito mais jornal.



Televisão

Flagrante forjado

Câmara escondida coloca em questão os fundamentos do jornalismo

Ricardo Valladares

Imagine que você está sentado numa mesa de bar, sozinho, num fim de tarde, quando uma Sharon Stone puxa a cadeira ao seu lado. Ela o convida para tomar um chope, você aceita. Depois de um papo animado, acontece aquilo. No domingo seguinte, sentado diante da TV com a família, você liga no *Fantástico* e assiste a seu próprio desempenho noturno, com gritos e sussurros para milhões de telespectadores.

Ao menos em teoria, qualquer brasileiro ficou sujeito a passar por um constrangimento desse tipo depois que a TV começou a usar um velho recurso: a microcâmera escondida. O *Fantástico*, da Rede Globo, exibido aos domingos às 8 da noite, é o campeão desse expediente. Já foram flagrados pela câmera um médico do Rio de Janeiro que fazia um estranho exame ortopédico numa mulher. Um velho de 70 anos que vendia ouro falso na rodoviária de São Paulo. Uma cartomante de subúrbio que, como qualquer outra em sua profis-

são, fazia mandingas exóticas para que seu suposto cliente não fosse descartado pela amante. O caso da noitada com uma Sharon Stone é fictício, mas a Globo, durante o Carnaval, chegou a pagar a uma mulher opulenta para filmar as cantadas que ela recebia. Os foliões que caíram na armadilha tiveram pelo menos o consolo de não se ver na TV no domingo junto com a família. O programa não foi exibido no Rio de Janeiro, cidade onde se armou a cilada.

Precatórios e padeiro — Na Globo, esse recurso é um sucesso. "Nós iremos utilizar cada vez mais as microcâmeras, em qualquer um dos programas jornalísticos da emissora", diz Evandro Carlos de Andrade, diretor de jornalismo da Globo. "Dos precatórios ao padeiro que estiver vendendo pão abaixo do peso, desde que não viole os direitos de ninguém." As microcâmeras não são exclusivas do *Fantástico*. Já apareceram no *Jornal Nacional*, flagrando um carcereiro que cobrava por fora para facilitar visitas aos presos. Na quarta-feira passada,



FOTOS OSCAR CABRAL

A cartomante Carmem de Souza:
“Sou hipertensa e passei mal ao ver a TV. Invadiram minha privacidade”

no *TJ Brasil*, o SBT colocou no ar pessoas que vendem atestado médico falso no Largo Treze de Maio, ponto de comércio popular em São Paulo.

A Globo tem cinco microcâmaras para fazer esse tipo de reportagem. Quatro do tamanho de uma lanterna de bolso de 6 a 15 centímetros e uma ainda menor, que pode ser embutida em óculos de aro grosso. Elas são compradas nos Estados Unidos por um preço que varia de 1.500 a 3.000 dólares. Se dentro da Globo o recurso é festejado, fora da emissora é polêmico. A questão é: até que ponto a TV tem o direito de filmar uma pessoa sem sua autorização, exibir sua imagem e, muitas vezes, manchar sua honra?

A discussão surgiu nos Estados Unidos. Lá, a câmara escondida virou moda através do programa *Prime Time Live*, da rede ABC. Recentemente, a emissora foi condenada a pagar uma indenização de 5,5 milhões de dólares a uma rede de supermercados. Uma repórter da ABC colocou uma microcâmara dentro de um frigorífico, provando que a loja vendia alimentos com prazo de validade vencido. A denúncia era verdadeira, mas a empresa ganhou a causa na Justiça com o argumento de que houve invasão de privacidade. Jornalistas respeitáveis safram a público em defesa

da decisão. “O veredito desse caso mostra que a imprensa tem de redefinir seus métodos”, escreveu Jonathan Alter na revista *Newsweek*.

Deslealdade — A cartomante Carmem de Souza, 57 anos, mora num casebre na Baixada Fluminense, na cidade de Nova Iguaçu. Viu o programa em que aparecia na condição de charlatã na companhia de seis filhos. Ela, que sofre de pressão alta, teve uma crise hipertensiva. “Isso aqui não é um centro espírita, mas uma casa de família pobre, e eles invadiram minha privacidade”, diz a cartomante. Otavio Rosa de Oliveira é um homem de 69 anos, condenado a dez meses de prisão por estelionato, que estava foragido da polícia. Foi preso logo depois de aparecer no *Fantástico*. A vantagem de voltar a munição de sua câmara oculta para essas pessoas desprotegidas, pobres, é que elas não têm como se defender. De todas as vítimas, apenas o médico João Américo Alvim teve recursos para processar a emissora na Justiça.

Colocada numa reunião ministerial em que se decidem os destinos de um país, a câmara oculta pode ser um recurso legítimo de jornalismo. Mas não é disso que se está falando. A discussão envolve aspectos básicos do trabalho da imprensa, como o compromisso com a verdade, o respeito à pessoa humana. O jornalista que faz uma entrevista e não mostra sua câmara está sendo desleal. Quando esconde sua profissão, está mentindo. A matéria-prima do trabalho jornalístico é a verdade, condição para que se apresente um retrato, o mais rigoroso possível, de um fato considerado relevante. No momento em que se atribui o direito de mentir, um órgão de imprensa passa a interferir na realidade, criando um espetáculo no qual não é possível distinguir, com a clareza necessária, o que é realidade e o que é fruto da intervenção do repórter. Quem garante

que a Sharon Stone iria sentar-se a seu lado se não estivesse apenas a serviço de uma emissora de TV? Criar flagrantes forjados não é uma boa opção para o trabalho da imprensa. ■

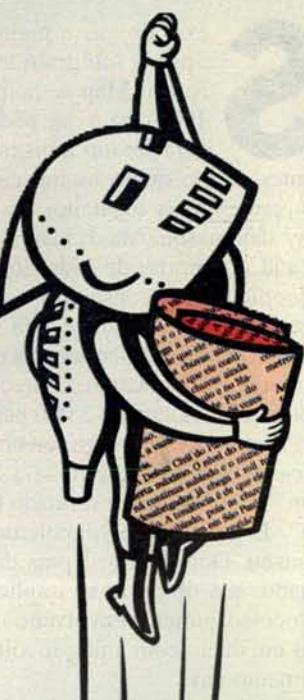


A câmara:
com 6 a 15
centímetros,
cabe dentro
de uma bolsa

Com reportagem de Renata
Amato, do Rio de Janeiro

**Entrega
a jato.
Chega mais
rápido
que boato.**

TALENT



Válido para a Capital de SP. Nos demais locais, em até 48 horas.

**Assine até a meia-noite e
receba já na manhã seguinte.
Se o seu jornal não faz isso,
é melhor assinar o Estadão.**

Assine na Capital:
(011) 858-9000
Demais Localidades:
0800-149000

ESTADÃO

É muito mais jornal.

Ousadia conservadora

Numa exposição, as provocações de Robert Mapplethorpe

Angela Pimenta

Sexo, drogas e muito marketing. O fotógrafo americano Robert Mapplethorpe (1946-1989) fez o que pôde na vida para ser um transgressor das lentes. É ele quem assina alguns dos flagrantes mais explícitos do universo gay sadomasoquista da história da fotografia. Ao morrer de Aids, aos 42 anos, Mapplethorpe conseguiu ser, finalmente, uma celebridade. Era paparicado por marchands, colunistas e colecionadores de Manhattan. O preço de suas fotografias saltara de 2 000 para 15 000 dólares o exemplar. Em seu obituário, o *New York Times* referiu-se a ele como um "esteta de raro e refinado bom gosto". E nem morto Mapplethorpe descanhou. Dois meses depois de ser cremado, sua obra viu-se implicada num processo judicial envolvendo moralistas em duelo com a facção xiita do movimento gay.

Muito barulho por nada. Mesmo tendo sido um demônio pelos temas que escolheu para abordar, Mapplethorpe não passou de um fotógrafo acadêmico, de um flagrante bom-mocismo no que

diz respeito à forma. Sua produção consiste em poses de nus masculinos, femininos, retratos de gente famosa, como artistas de cinema, além de vasos de flores. É o que se vê na mostra que reúne, a partir desta terça-feira, 209 de seus instantâneos, até o dia 27 de abril no Museu de Arte Moderna de São Paulo. Bancada pela Associação Alumni, a exposição, que custou 150 000 dólares, é proibida para menores de 16 anos desacompanhados dos pais. Entre outras imagens, exibe flagrantes de sadomasoquismo, inclusive um auto-retrato de Mapplethorpe se flagelando com um chicote de couro.

Pancadaria — Aluno mediocre do curso de artes do Pratt Institu-

te, onde se revelou um desenhista de algum talento mas um pintor sofível, Mapplethorpe acabou contrabandeando para a fotografia algumas das lições que teve na escola. É justamente nessa estratégia visual que reside o seu conservadorismo plástico. A luz, o volume e a textura da pele de seus modelos, por exemplo, ele tirou da obra de Caravaggio, um mestre da pintura italiana do século XVI. Já entre os modernos, Mapplethorpe copiou poses e situações dos surrealistas Salvador Dalí e Man Ray. Deste último, Mapplethorpe sampleou a maneira de fotografar flores em pleno

desabrochar. "Também no formato quadrado de suas fotos, tiradas com uma máquina Hasselblad, ele foi convencional", diz o crítico Rubens Fernandes Filho. Nem mesmo no universo da fotografia Mapplethorpe foi tão desbravador quanto se crê. Em 1900, o barão alemão Wilhelm von Gloeden clicava nus frontais de rapagões em praias ensolaradas.

Houve quem tivesse visto em Mapplethorpe o soar das trombetas do apocalipse, como o senador republicano Jesse Helms. Foi ele quem, em 1989, processou o curador de uma



Auto-retrato:
expondo
o universo
gay para
chocar e
faturar





Copo-de-leite desabrochando
e um retrato do modelo Ajitto:
inspiração na obra
do surrealista Man Ray e
obsessão por corpos masculinos
de formas perfeitas

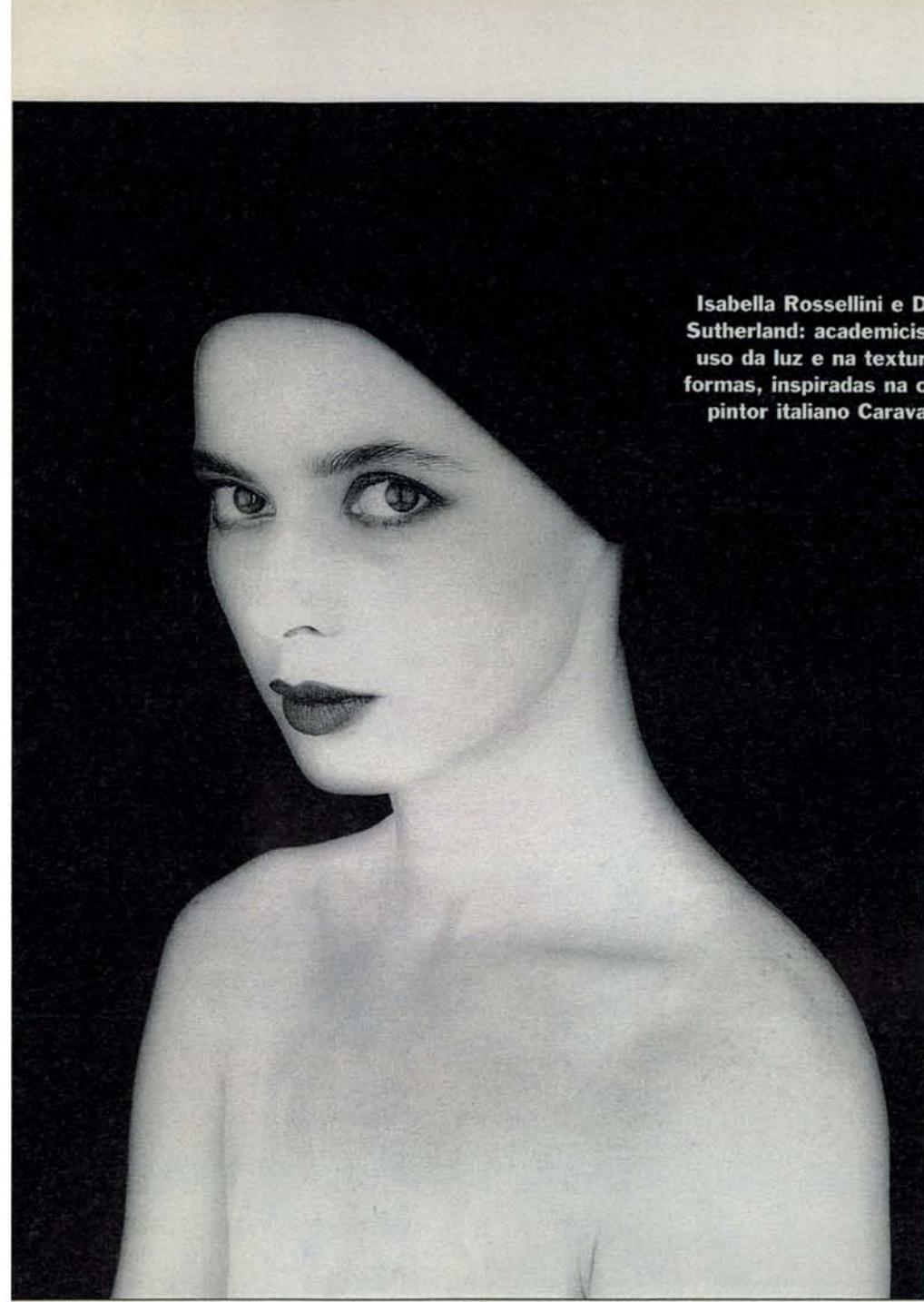
mostra sobre o fotógrafo na Corcoran Gallery, em Washington. O caso acabou não dando em nada, mas rendeu um belo escândalo na mídia americana. Era justamente para chocar a família ianque e faturar mais alto que Mapplethorpe levava a máquina junto com os amantes para a cama. Boa parte do furor causado por sua obra está na própria técnica que escolheu para trabalhar. Como ponderou o crítico australiano Robert Hughes, se, em vez de se retratar masturbando-se com um chicote de couro, ele tivesse pintado a cena num quadro, o choque

teria sido muito menor. O trabalho de Mapplethorpe incomoda justamente pelo caráter documental, que escancara um mundo proibido às chamadas pessoas "normais".

Os apreciadores de sua estética costumam conferir ao fotógrafo o papel de um cronista privilegiado, dotado de uma franqueza única para retratar o mundo gay. Num dos textos clássicos de Freud, *O Mal-Estar na Civilização*, o pai da psicanálise refere-se aos artistas que descem até o mundo das sombras do inconsciente e voltam contando o que viram por lá. Assim, de certa ma-

neira, caberia à arte o papel de desbravar fronteiras, dilatando os limites do gosto estabelecido. Ponto para Mapplethorpe, que, entretanto, também nesse quesito se revelou um fotógrafo discursivo. "Para chocar, Mapplethorpe acabou sendo óbvio, literal. É aí que também está a fragilidade de sua obra", observa o crítico Rodrigo Naves.

Bonitão aristocrata — De seus vários endereços em Manhattan — entre eles, nos anos 70, o lendário Hotel Chelsea, uma espelunca que reunia boa parte dos jovens artistas da cidade —, o pre-



Isabella Rossellini e Donald Sutherland: academicismo no uso da luz e na textura das formas, inspiradas na obra do pintor italiano Caravaggio

ferido de Mapplethorpe ficava no West Village. Nesse loft, o fotógrafo armou seu cenário perfeito. No meio da sala, mandou instalar uma gaiola gigante, onde pôs uma cama coberta por lençóis de cetim negro. Chegado a uma boa sessão de pancadaria durante o sexo — “Prefiro bater a apanhar”, conforme dizia —, o franzino Mapplethorpe produzia freneticamente. Além da câmara, seu arsenal de trabalho incluía correntes, crucifixos, roupas de couro e drogas pesadas.

Ao longo da vida, conforme contou para sua biógrafa, a jornalista Pa-

tricia Morrisroe, Mapplethorpe estimava ter feito sexo com pelo menos uns 1 000 parceiros do sexo masculino. Na juventude, quando resistia a assumir a homossexualidade, ele namorou a roqueira Patti Smith, uma figura esquálida e androgina. De seus amantes homens, fotografou mais de uma centena. Entre os preferidos está o colecionador ricaço Sam Wagstaff, o namorado mais duradouro e de utilidade ímpar para Mapplethorpe projetar-se no circuito das galerias. Wagstaff, um bonitão aristocrata trinta anos mais velho do que ele, pagava

as contas do amigo, além de ajudá-lo a fazer amizades frutíferas. A única frustração de Mapplethorpe foi não se ter tornado íntimo do pintor Andy Warhol, a quem devotava admiração obsessiva.

Nascido no bairro nova-iorquino de Queens, numa família católica de classe média, desde criança Robert se mostrou um peixe fora d'água para os padrões locais. Filho favorito da mãe e rejeitado por um pai severo e distante, ele se enquadrava à perfeição no estereótipo do homossexual masculino. Hippie nos anos 70, um grande marco em sua vida foi a faculdade. Lá provou todas as drogas, deixou o cabelo crescer e começou a namorar rapazes. Na década seguinte, pilotou a carreira com segurança arrasadora, como se administrasse uma empresa. Sua sede de sucesso era tamanha que compareceu ao seu último vernissage, já às portas da morte, de cadeira de rodas, com um balão de oxigênio. Agüentou o calor, o barulho e fez questão de cumprimentar figurões como Richard Gere e David Byrne. Três anos antes, ao saber que tinha Aids, disse: “Espero apenas viver o bastante para a fama”. Conseguiu. ■



Uma programação feita para quem gosta da Itália só podia vir de uma boa pizza.



A DIRECTV™ traz para você, diretamente da Itália, toda a programação da RAI INTERNATIONAL, uma das mais tradicionais e respeitadas emissoras de televisão da Europa. Sempre em italiano, a pro-

gramação da RAI inclui o melhor do jornalismo, shows, óperas, filmes e esportes do país più bello del mondo.

Pagando só uma parcela de R\$159 no seu cartão de crédito e mais cinco de R\$ 99*, ou R\$ 599 à vista*, você recebe, em qualquer lugar do país**, além da RAI, o

melhor da televisão mundial.

São 57 canais, sendo 18 de Pay-Per-View mais dois canais adultos exclusivos, também em Pay-Per-View. E mais: 31 canais de áudio***.

Aproveite e faça já sua assinatura para ter um pouco da Itália dentro da sua casa. Capisce?

LÍDER MUNDIAL
EM TV POR ASSINATURA,
DIGITAL,
VIA SATELITE.



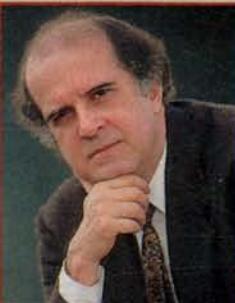
O equipamento necessário para assistir DIRECTV inclui miniparabólica de 60 cm de diâmetro [instalação sujeita a condições técnicas], decodificador e controle remoto disponível nas marcas GE e RCA. O custo da instalação não está incluído no preço, devendo ser pago diretamente ao instalador autorizado. Valor promocional da mensalidade da programação: de R\$ 69,00 por R\$ 53,00. *Mais parcela mensal de assinatura de R\$ 10,00. **Nas áreas cobertas pelo satélite. ***Aguardando autorização do Ministério das Comunicações.

Assine já nas principais lojas de eletrodomésticos, nos instaladores credenciados ou ligue para:

0800-173-700

De 2º a sábado, das 9h às 21h. Domingos e feriados, das 9h às 13h.





Em busca da graça no gramado de Goiânia

Roberto Pompeu de Toledo **Ensaio**

Para a moça que o derrubou no chão, Ronaldinho era Deus, e não apenas um deus da bola

A fé tem futuro? Um episódio ocorrido com o craque Ronaldinho durante a permanência da seleção brasileira em Goiânia, na semana passada, aponta no rumo da falência da religião. Ao final do treino realizado na terça-feira, um punhado de torcedores invadiu o gramado, em busca de contato com os jogadores. Entre eles, uma jovem de cabelos longos e negros, pele clara, vestindo calção negro e camiseta branca, e calçando tênis. O alvo da moça era Ronaldinho, e ao encontrá-lo o impacto foi tão grande que o jogador caiu sentado. Produziu-se então uma imagem extraordinária, captada pelo fotógrafo Paulo Filgueiras e reproduzida na primeira página do jornal *O Estado de S. Paulo* de quarta-feira.

Ronaldinho está sentado no gramado e a moça, caída a seu lado, pendura-se nele. O braço esquerdo dela enlaça o pescoço dele, e parece fazê-lo com força, pois um par de pessoas tenta puxá-la para desembuchar o jogador e não consegue. Em contraste, o corpo da moça parece lasso. Está desabado, metade no chão, metade sobre o jogador. Foi tal o esforço para atingir o seu objetivo que agora a moça se desmobiliza e esvazia. O jogador a ampara, mantendo o braço direito nas costas dela. Que cena é essa?

Resposta: é uma *Pietà*. *Pietà* é em arte, como o leitor sabe, a cena em que se representa a Virgem Maria acolhendo nos braços o corpo morto de Jesus. No caso, trata-se de uma *Pietà* invertida — é o homem que ampara o corpo exangue da mulher. Na mais famosa *Pietà*, a que está na Basílica de São Pedro, no Vaticano, de autoria de Michelangelo, o corpo de Jesus, estendido no colo da Virgem, é representado de maneira dramaticamente inerte, todo abandono, o braço largado, a cabeça caindo para baixo. De forma similar, o corpo da moça, à exceção do braço, que se mantém alerta no pescoço do craque, é todo abandono. É como se

ela experimentasse um transe em que o corpo já não importa. Ela deixou-o de lado porque se transfigurou em puro espírito.

A foto não mostra frontalmente o rosto da moça, mas deixa adivinhar que os olhos estão cerrados e a boca semi-aberta. Para ficar nas obras-primas da arte, o que vem à mente agora é o *Êxtase de Santa Teresa*, de Bernini, obra de 1646, que fica na Igreja de Santa Maria da Vitória, em Roma. O corpo da santa, em vez de pesar, como o de Jesus na *Pietà* de Michelangelo, de tal forma se volatilizou que flutua, nas nuvens. No rosto, os olhos cerrados e a boca aberta traduzem a expressão de quem já decolou deste mundo e encontrou o reino do êxtase, como diz o título da obra — um êxtase que é tão espiritual como físico, a julgar pelo que se conhece de êxtases e expressões faciais. Muitas vezes já se disse que Bernini, nessa escultura, identificou o arrebatamento do espírito ao gozo da carne, o que nos traz de volta a admiradora de Ronaldinho. Que quereria ela do jogador, afinal? Satisfação para o espírito ou para a carne?

Será que ela queria casar com Ronaldinho? Difícilmente. Casamento não deixa de ser um ato racional, que costuma consumar-se só após um período em que se testa se um suporta o outro, embora haja também largo espaço para irracionalidade. Ela queria fazer amor com Ronaldinho? Talvez, mas provavelmente não é tudo o que procurava. Tentemos refazer os passos da moça, naquela tarde, no estádio de Goiânia. Ela vinha de um imenso vazio, quando começou a correr, de uma sensação de ausência de sentido da vida, e disparou em busca da plenitude, da verdade e da luz que identificou em Ronaldinho. Ora, isso é o que ocorreu a São Paulo, ao disparar na Estrada de Damasco, até ser trespassado pela revelação da fé e, assim como a moça caiu na grama, caiu do cavalo. Hoje em dia, o episódio só se repete quando o encontro é com jogador de futebol ou cantor popular. Para milhões de jovens, o mercado de ofertas religiosas não apresenta produto de igual qualidade. Ronaldinho é Deus, para a moça de Goiânia, e não só um deus da bola.



ROBERTO POMPEU DE TOLEDO

Mulher



Tupperware®

Mulher Tupperware. [Da sabedoria popular] S.f. A que tem orgulho de ser mulher. Que é ousada e audaciosa. Contemporânea. Vencedora. Que tem objetivos de vida e luta por eles. Sintonizada com o seu tempo. Que rejeita imitações. Que aprecia o belo e o prático. De todas as raças. De todas as cores.

Linha Direta

Tupperware®

0800-114080

Ligação gratuita

de 2ª a 6ª das 9h às 14h.

Bebida Láctea
Frutas Vermelhas.
Coloque bem
no alto senão
ele bebe tudo.




parmalat
Porque nós somos mamíferos.